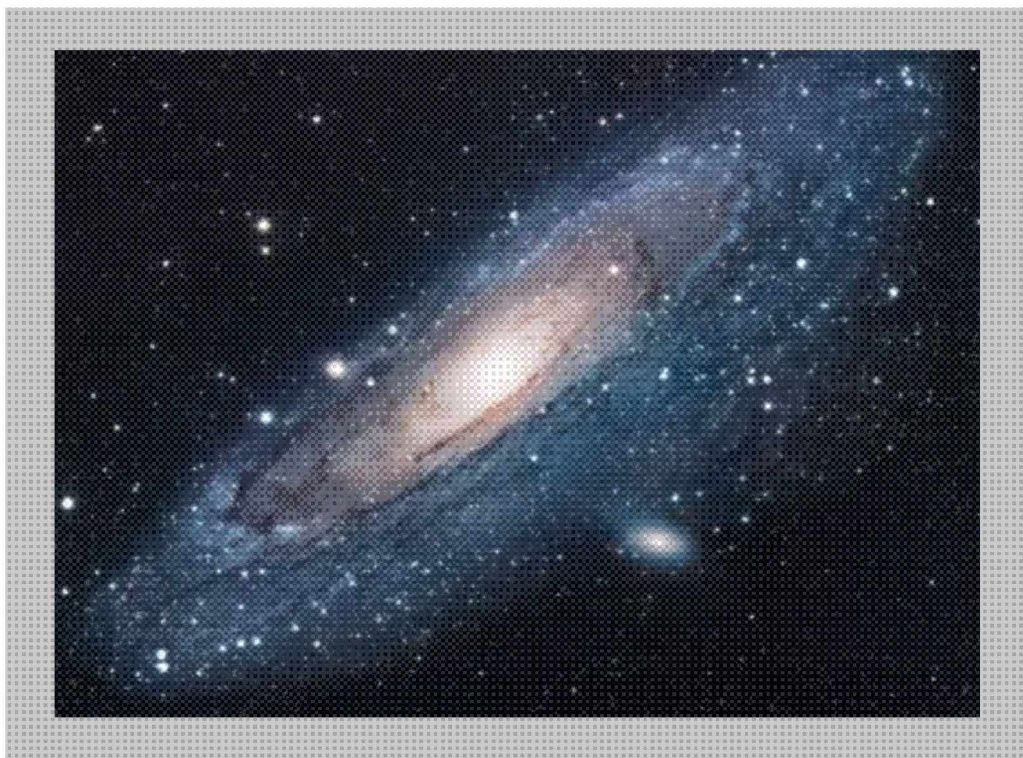


O UNIVERSO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO



APRESENTAÇÃO

Neste livro está exposta uma seleção de temas sobre O **UNIVERSO**. Pois é de grande importância ao buscador conhecê-lo melhor, a fim de compreender a fundo essa aparente manifestação na qual habitamos e coexistimos.

Muito já se foi dito a respeito dos famosos UNIVERSOS PARALELOS, mas sabe-se apenas da possibilidade de sua existência e não do funcionamento de suas leis a fundo, por isto trataremos aqui de expor esclarecimentos e propor indagações referentes a este universo no qual estamos focados.

Este mar de diversidades de universos localizado no cosmos é de uma extensão e quantidades infinitas, e a ciência já vem expondo idéias como a teoria do MULTIVERSO confirmando cientificamente a existência dos vários universos. Entre outras teses a mais, que tratam do desaparecer e do surgimento de universos, tal qual aquelas bolhinhas formadas na água fervente-cosmos, que ao sumir uma bolha-universo- surge outra e também falam do surgimento e desaparecimento simultâneo dos universos. Essas e outras questões merecem um acurado exame pessoal para tentar adentrar na essência do Saber Cristalino da Consciência Cósmica e conhecer a verdade assim como ela É.

Como peregrinos da senda hermética é bom sempre trabalhar o discernimento, para desenvolver a capacidade do correto exame e identificar se o que está sendo dito corresponde como a verdade pessoal ou com a Verdade Maior. E com a recepção consciente do conhecimento, sermos realmente iniciados na ciência "oculta"-reservada- que a muito vem sendo guardada dos olhares profanos, e que nos dias de hoje muito desta ciência já está sendo revelada a luz do momento em que vivemos.

QUEM TIVER OLHOS QUE VEJAM! QUEM TIVER OUVIDOS QUE OUÇAM!...

O Autor

SUMÁRIO

Construção E Destruição	7
A Destruição A Nível Sideral	10
Explorando O Nada	13
Do Finito Ao Infinito.....	18
Em Direção Ao Infinito	21
As Cosmogonias.....	24
Cosmogonias Clássicas Da Antigüidade	28
A Cosmogonia Científica	31
Faixas Do Teclado Cósmico	35
O Universo E O Infinito	38
O Universo, Um Degrau Do Infinito.....	41
O Universo É Som	45
A Natureza Dos Universos.....	48
A Amplidão Do Universo.....	51
A Massa Do Universo	55
O Giro Das Galáxias	58
O Giro Do Universo	61
Os Sete Céus.....	63
Os Sete Planos.....	66
Planos Do Universo	68
A Luz Primordial E Os Planos Do Universo	70
A Complexidade Das Leis Do Universo.....	74
Peculiaridades Do Universo	80
A Manifestação Divina No Universo	83
O Ser E O Universo.....	87
A Inconstância Do Universo	91
A Tumultuada Dinâmica Universal.....	95
A Ordem No Universo	98
O Lado Transcendente Do Universo.....	102
A Consciência No Universo	109
Universos Relativos E Estados Alterados De Consciência	114
A Certeza No Universo	120
Universo Unificado	122
O Monismo E A Isotopia Do Universo	125
Os Universos Paralelos.....	129
Universos Relativos	133
Diversidades De Universos	139
Análise Dos Universos.....	142
O Destino Dos Universos.....	146
Universo - Estado Alucinatório	151
O Universo - Um Estado Mental Alucinatório	154
O Universo - Estado Alucinatório	157

O Paradigma Holográfico Do Universo	160
A Natureza Holográfica Do Universo	163

CONSTRUÇÃO E DESTRUIÇÃO

“DEUS É O COMEÇO,
O MEIO E O FIM”.

PLATÃO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



TEMA 0.917



Basicamente tudo o que temos constantemente mostrado nestas palestras diz respeito à Doutrina Hermética tal como apresentada pela V.:O.:H.:. Tentamos mostrar o quanto os Princípios Herméticos oferecem em termos de entendimento sobre a natureza e dinâmica do Universo. Em quase todas as palestras apresentamos o assunto segundo Princípios Herméticos, tanto os 7 conhecidos quanto alguns outros considerados esotéricos. De início podemos dizer que os Princípios Herméticos não se prendem apenas àquilo expresso na definição de cada um, na verdade eles representam bem mais desde que sempre se fazem presentes em tudo quanto há, seja como causa, existência, e efeitos.

Um bom entendimento dos Princípios Herméticos conduz a pessoa a uma compreensão bem diferente de tudo aquilo que é ensinado por muitas religiões e doutrinas. Se nos basearmos no que esses sistemas ensinam temos que aceitar que, construir é o lado bom e destruir o lado ruim, porém, segundo a visão hermética do mundo, esta afirmação só tem sentido a nível local, a nível restrito, quando aplicado às circunstâncias limitadas; porém quando visto ao nível amplo não é exato, ocorre exatamente o inverso, o bem está mais ligado à destruição do que à construção.

Vejamos a validade do que foi afirmado no parágrafo anterior. O aceitar que o positivo é o construir e não o destruir é uma decorrência do mau entendimento sobre a construção do próprio Universo Imanente. A criação teve origem na Perfeição e se direcionou para a imperfeição, originou-se do perfeito e direcionou-se para o imperfeito. Nasceu do Uno, da unicidade tomou o rumo da multiplicidade.

Erroneamente acredita-se que o universo é algo em construção quando na verdade é algo em destruição, é o desmoronamento da unicidade, a fragmentação do Uno. Trata-se do Um, da Unidade Perfeita fragmentando-se, dividindo-se, desunificando-se.

Na acepção comum quando se fala em construir tem-se a idéia de unir, mas se isto foi bem analisado vê-se exatamente o inverso. A estruturação de algo parte da fragmentação. A estruturação de algo implica em primeiro dividir para depois reagrupar as partes divididas. Podemos ver isso em qualquer tipo de construção, primeiramente o material tem que ser triturado e depois os fragmentos resultantes serem ordenados. Por exemplo, a pedra tem que ser modelada, a madeira tem que ser cortada, para tornarem-se úteis na “construção” de algo. Se

atentarmos bem veremos que naquilo que chamamos construção de algo na verdade não há unificação e sim, apenas, junção, aglomeração de segmentos. As partes daquilo que foi dividido não são unificadas mas apenas aglomeradas, juntadas, justapostas, vindo a formar algo que não é uno.

Podemos ver que dentro da criação a construção, mesmo que seja de uma casa, ou de um objeto qualquer, como, por exemplo, uma máquina, está baseada na fragmentação, na divisibilidade seguida pela justaposição das partes. Por exemplo, para se construir um computador é preciso que primeiro certos elementos sejam desestruturados. O bloco de silício tem que primeiramente ser fragmentado para depois com os fragmentos serem construídos os “chips”. Na verdade o computador não é o resultado de uma unificação mas sim de uma desagregação seguida de uma justaposição de fragmentos. Na verdade faz-se sentir com mais intensidade o Princípio da Descontinuidade pois que no cristal de silício a matéria está muito mais unida do que num “chip”.

○ *Sumum Bonnum* está na origem e não no extremo, por isto podemos dizer que tudo o que conduz ao extremo representa a ação negativa. No princípio, na origem existia o ponto mais perfeito da criação quando se fez sentir o Princípio da Descontinuidade, a partir do que foram ocorrendo fragmentações sucessivas, e como consequência a descida do simples para o complexo, do imperfeito para o perfeito. Mas, graças a isto é que as coisas existentes foram construídas. Eis o lado construtor em ação, mas ao mesmo tempo vê-se que foi lado construtor que gerou a imperfeição.

Agora já podemos entender uma afirmação que, à primeira vista, parece ter um sentido paradoxal: “ *Destruir - extinguir - o efeito construtor representa um ato positivo* ” -. Concordamos com esta afirmação da V.: T. E. M. Destruir o fruto da fragmentação é um ato positivo e não negativo.

Tudo quanto existe no Imanente, em menor ou maior grau, pode ser considerado ruim. Não somos nós apenas que afirmamos isso, pois o próprio *Jesus* disse. “ *Bom é o Pai que está no Céu*”. Se houvessem coisas boas nesse universo *Jesus* não teria unificado a bondade somente no **Pai**.

A criação desse universo imanente a rigor não pode ser considerado um ato de bondade, nem a criação ser algo bom. Essa forma de compreender regeu a compreensão dos gnósticos dos primeiros séculos e que chegou a um excesso entre os Cátaros que abominavam totalmente a matéria.

A volta à origem implica na destruição da fragmentação, o que corresponde à unificação. Em termos de criação, na essência destruir é o aspecto positivo, e não o inverso.

Nesse universo com um todo ainda predomina o lado da fragmentação - descontinuidade -. Apenas em áreas restritas é que ocorre a unificação. Isto pode ser evidenciado desde que se tenha em mente que o universo ainda estará por muito tempo na fase de expansão e expansão é o mesmo que distanciamento da origem, é fragmentação, é desestruturação. A nível mais limitado sente-se a presença da unificação, da força de coesão trazendo tudo para a origem, por exemplo está representado *pela união dos seres em certos momentos de êxtase*, na força da gravidade em ação, no amor em manifestação...

Construir e destruir são condições intimamente ligadas, algumas vezes uma precede a

outra e na maioria das vezes estão intimamente imbricadas, dentro de um contexto destrutivo mais amplo há delimitações construtivas. Exemplo, dentro do contexto maior da criação há inúmeras condições construtivas.

É bom construir a felicidade mas construir a felicidade primeiro, ou simultaneamente, é preciso destruir a infelicidade; construir a paz implica em primeiro destruir a guerra, e assim por diante. Do mesmo modo soe acontecer com inúmeras condições em que a destruição deve preceder a criação. *Criação - conservação - destruição* nem sempre podem ser apresentadas nesta ordem, pois muitas vezes a seqüência é *Destruição - Criação - Conservação*. Por isto a Trimûrti bramânica é apresentada de modos distintos *Brahmâ - Vishnu - Shiva*, ou *Shiva - Brahmâ - Vishnu*.

Concluindo podemos dizer que não se pode sistematizar que a negatividade está representada pela destruição e a positividade pela construção, pois que a construção do mundo imante implicou na existência de todos os tipos de sofrimento.



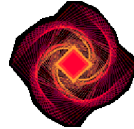
A DESTRUIÇÃO A NÍVEL SIDERAL

“ A MAIORIA DAS VEZES, A VIDA DÁ-NOS
A ESCOLHER ENTRE MALES, E NÃO ENTRE
BENS ”.
C.C. COLLTON



2000 - 3353

TEMA 1.119



Na palestra precedente mostramos o quanto o mal está relacionado com o mundo biológico e nesta veremos que a relação é ainda mais ampla. Segundo o que mostramos naquela palestra vemos que as religiões normalmente deixam de lado a profundidade do tema sobre a presença do mal¹ e se fixam no nele apenas a nível das pessoas, esquecendo que os todos os seres participam da mesma problemática. Como resultado elas falam em desobediência a Deus e coisas assim como sendo a causa de todo sofrimento. Somente algumas religiões védicas é que falam de um nível mais geral de destruição até mesmo atribuindo-a a um dos elementos constitutivos da *Trimūrti*, a Trindade Védica, constituída por *Brahmā* - *Vishnu* - *Shiva* - sendo *Shiva* o responsável pelo aspecto destrutivo do Universo. Também os gnósticos cristãos dos primeiros séculos deram atenção à compreensão do lado destrutiva da Creação afirmando que o mal teve como origem um dos elementos da Trindade Primitiva a que deram o nome de Demiurgo. Algumas linhas gnósticas colocaram o Demiurgo não como um dos três elementos da Trindade, mas sim como o autor da própria criação, mas que seria um aspecto diferente do Supremo Ser. Os gnósticos baseavam-se para assim afirmarem que toda a criação é basicamente má. Na verdade se examinarmos o macrocosmo vemos que a constante é sempre a violência destrutiva. Podemos dizer que no universo tudo é constituído a partir de destruições. Isto é o que pode ser constatado desde as teorias sobre a gênese do universo, entre elas a “Teoria do Big-bang” que diz do colossal explosão que deu origem às manifestações da energia, e daí às galáxias, sistemas solares, enfim o próprio universo físico.

○ que um astrônomo vê na vastidão do espaço sideral é sempre um mesmo quadro constituído por estrelas explodindo com inconcebível violência; irradiações mortíferas projetando-se em todas as direções; buracos negros - “canibais siderais” - “devorando” sistemas siderais inteiros; estrelas hipertrofiando-se e explodindo como “supernova” num holocausto terrível e emitindo irradiações mortíferas em todos os ângulos; ora são impactos de corpos siderais uns contra os outros; impactos de galáxia contra galáxia, de estrelas contra estrelas, de planetas contra planetas, de meteoritos contra planetas destruindo espécies inteiras, como provavelmente aconteceu com a *destruição* dos dinossauros da face da terra, e assim por diante.

¹ Não estamos falando do mal absoluto que não existe e sim no mal relativo, em especial a natureza destrutiva do Mundo Imanente.

O panorama universal de uma forma geral é sempre o mesmo, o da destruição. Mesmo quando um corpo sideral é criado o processo sempre envolve tremendas transformações destrutivas. A astronomia sabe que por mais aparentemente estável que seja uma estrela ela mais cedo ou mais tarde explodirá ou será destruído por um outro corpo sideral, entre eles um “buraco negro”. Na verdade não existe no universo imanente, em lugar algum, quietude e paz. Tal é o quadro do comportamento das coisas existentes em nível sideral.

A destruição e o sofrimento sempre estão presentes em tudo, desde os mais afastados pontos do universo até os mais próximos; desde as estruturas menores até as mais vastas, é sempre a mesma constante, destruição, violência.

Se analisarmos bem veremos que a própria estruturação do mundo imanente se baseia na destruição, pois o que era Uno se fragmentou para que se tornasse possível a estruturação dos sistemas siderais mediante explosões de fogo.

Mesmo em se considerando a volta à unidade, ela se baseia em uniões destrutivas, pois as coisas para se unirem têm que ser absorvidas por outras e nisto sempre o processo se repete, destruição, destruição, e mais destruição, caracterizando a atuação de Shiva. Por isto este mundo é também chamado de Mundo de *Shiva*.

Mesmo dentro da conceituação relativa do mal e do bem, ainda assim não é possível se conceituar a existência de uma ação sequer que não seja má, pois mesmo quando uma ação dá prazer para um ser, ela leva sofrimento a outro. O bem é como que diretamente proporcional ao mal. Para que se tenha um tanto de prazer é necessário igual quantidade de mal, ou seja, o que um ser tem de prazer é o quanto um outro tem de sofrimento. Um animal que se satisfaz com uma alimentação é o tanto que a preza tem de sofrimento.

“Assim como e encima é também em baixo” isto é o que preceitua um dos Princípios Herméticos. Por isto é que no tocante ao aspecto destrutivo da criação aquilo que ocorre a nível de macrocosmo é idêntico ao que ocorre a nível de microcosmo. Mesmo no íntimo dos átomos o processo destrutivo ocorre tal como nos corpos siderais. São partículas penetrando núcleos atômicos, fragmentando tudo, explodindo, estabelecendo combinações instáveis e liberando partículas que irão penetrar e destruir outros átomos, liberando raios X, raios gama, portanto formas energéticas destrutivas; liberando sub-partículas que irão disseminando destruição em seu caminho.

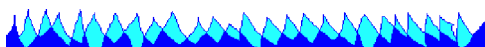
A física fala de vida média dos átomos, os átomos radioativos são instáveis e em menor ou em maior tempo eles se decompõem. Mesmo os átomos considerados estáveis, são passíveis de serem atingidos por outras partículas como consequência se desestabilizam e explodem. O processo neste caso também é idêntico ao que ocorre no Cosmos.

Isto leva a indagação: Onde está a paz, onde o bem, onde a interação harmônica, a não violência? Os gnósticos diante disto afirmavam que o universo é uma obra do Demiurgo, força representativa do mal. Chamavam o criador de Demiurgo, o qual criou uma obra essencialmente má. No universo as coisas vão do mal para o mal. Aquilo que chamamos de “bem” nada mais é do que uma tentativa de atenuar o mal, mas em nenhum momento e em nenhum lugar ele impera. Sabemos que o mal e o bem são pólos de uma mesma coisa, mas o que causa espécie é a predominância absoluta de uma das polaridades, a do mal.

Muitos místicos diante desse tema chegaram a admitir a existência de uma bipolaridade

universal, ou seja, a existência simultânea de dois universos em polaridades opostas, o universo do mal e o universo do bem. Dois universos relacionados, porém distintos, sendo um o universo demiúrgico e outro o universo divino. Assim sendo podemos indagar: O que fizemos para nós termos que viver no universo do demiurgo?. Na verdade essa explicação somente distancia ainda mais a indagação do porque sofremos, a transfere do mundo imanente para o mundo transcendente apenas.

Quando vista por este ângulo a existência das pessoas juntamente com o seu mundo parece se tratar de uma imagem virtual criada por um ser, por um programador cósmico e sendo o mais sério é que haja a possibilidade do programador não esteja conseguindo desativar o programa. Esse assunto tem sido abordado até mesmo em filmes de ficção. Felizmente isto não parece ser a única possibilidade porque há como explicar esse tremendo paradoxo, talvez o maior de todos, dentro do conceito Unista da Existência.



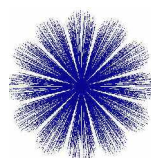
EXPLORANDO O NADA

**“O HOMEM COMUM FALA, O SÁBIO
ESCUTA, O TOLO DISCUTE”
SABEDORIA ORIENTAL**



2002 - 3355

TEMA 1.380



Na tentativa de desvendar a origem do universo físico, a ciência tem especulado a respeito do que existia antes, ou sobre a fonte original. Durante muito tempo foi dito que ele teve origem do “nada”, mas isto leva à indagação: O que é o nada? - A esse respeito vejamos o que nos diz a ciência atual sobre aquela condição chamada de “*nada*”. Assim transcrevemos um excelente artigo que situa o pensamento dos físicos quânticos, escrito pelo comentarista científico Manoel Barbosa, publicado com o título de Tecnologia do Conhecimento no jornal Diário de Pernambuco em 1995.

A inesgotável riqueza do nada:

“O ‘nada’ - ou os vazios quânticos - é uma das principais preocupações da ciência, atual. No ‘nada’, desconfiam os cientistas, parece está a matriz do Todo. Ou de tudo. Ou do universo material em que vivemos. ‘O vazio está cheio de alguma coisa que não é matéria’, define Henri Laborit, biólogo francês conhecido pelo seu materialismo radical e a intolerância com as tendências místicas de alguns cientistas. No vazio quântico há tudo e nada, ao mesmo tempo. Alguns físicos simplificam a questão e dizem que no vazio/nada há ‘informação’ assim pensava o brasileiro Mário Schemberg. Laborit considera essa definição insuficiente e dá uma explicação mais elaborada para o conteúdo do ‘nada’: ‘Variações de campos elétricos provocados pelo epicentro da matéria e que persistem quando a matéria já lá não está’. Outro físico, David Bohm, fala de ‘ordem implícita’. Ele quer dizer: a matéria está implícita no ‘nada’ - no vazio há pré-forma; é o molde invisível do molde visível - que somos nós e as coisas. Beneviste, pesquisador francês, provou que a matéria tem memória. Realizou experiências mostrando que, quando a matéria deixa de existir num ponto, ficam os vestígios. Até água deixa esses vestígios - ou memórias. As experiências de Benveniste foram testadas em vários laboratórios e os resultados comprovaram a afirmação, à primeira vista fantástica².

² De início as conclusões de Beneviste foram muito criticadas, e ele até mesmo afastado dos meios científicos. No entanto muitos pesquisadores silenciosamente deram continuidade ao trabalho daquele cientista, chegando às mesmas conclusões e até mais. No Brasil na UNICAMP este assunto em sido pesquisado com muita seriedade e as conclusões comprovam o que Beneviste afirmou com relação à água.

Burr e Sheldrake, dois biólogos, dizem ter identificado ‘campos de vida’, ou campos morfogenéticos. É mais ou menos como a “ordem implícita” de Bohm no reino biológico: cada organismo teria uma pré-forma da qual os genes seriam apenas mensageiros materiais. Esse conceito também é chamado de ‘modelo organizador biológico’. Einstein, no seu intuicionismo avassalador, pensou ter identificado no universo essa força invisível contida no ‘nada’ - a ordem implícita de Bohm - e a incluiu num sistema conhecimento como ‘constante cosmológica’. Desacreditada - e até repudiada pelo próprio Einstein, depois - a constante foi recentemente reabilitada com as descobertas do Telescópio espacial Hubble. Aliás, com a não descoberta, pois o Hubble não detectou a chamada ‘massa invisível’. Essa massa era a explicação dada pelos astrônomos para ocorrências cósmicas inexplicáveis pelo volume de massa visível. Ou seja: a massa detectável no universo não bastaria para produzir o próprio universo. Deveria haver massa oculta e que constituiria 90% de todo o cosmos. O Hubble demoliu essa crença e pôs no seu lugar uma explicação parecida com a constante cosmológica. A de que há alguma coisa muito poderosa no “nada” dando origem ao todo - e muitos até a estão chamando de Deus. Para o físico inglês Stephen Hawking isto não é novidade. Ele já vem falando da ‘mente de Deus’ para justificar o comportamento da matéria que volta para o “nada” pelas goelas dos insaciáveis buracos negros e atravessa a barreira do tempo”.

Vemos, então que a própria ciência, com embasamento matemático, nega a existência de um “nada absoluto”, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações” além do Universo. Este pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente os orientais, habituados à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “nada quântico” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior Criador.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado, e mesmo daquilo que ainda não foi criado, existe ao menos como “informação” na citada “Inesgotável Riqueza do Nada”, pois ali tem tudo e tem nada. A ciência tem usado outras expressões para indicar o que transcende o mundo das partículas constitutivas do universo detectável. Para isto usam muitas expressões, entre elas: “Pré-forma da forma” ou “Ordem Implícita” de Bohm, ou “Modelo Organizador”. Essas expressões são irrelevantes porque nomes específicos não modificam as conclusões o que importa é que além da estrutura da matéria existe uma fonte de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas como pensamento e consciência, indagado também se o próprio pensamento também é feito do “nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a consciência é o próprio “nada”. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neurofisiologistas, e biólogos têm tentado em vão identificar a substância mental e a sede da consciência. Ai surge uma outra dúvida: a consciência é uma propriedade apenas do ser humano ou os animais, e a própria matéria, também a tem? No caso, a consciência - como a mente - seria algo especial, substrato do Todo, ou apenas produto de interações neuro-químicas de um organismo? Isto para a ciência ainda é um mistério

insondável embora que para o místico seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio Poder Superior. O que também queremos enfatizar é, mesmo que tudo isto sejam reações da própria matéria biológica, ainda assim o potencial já estava implícito na origem. Desta forma todas as reações dos seres vivos nada mais são do que exteriorizações implícitas na fonte da própria energia que originou todo o universo, portanto não se tratam de algo inerente ao mundo objetivo, de algo gerado pela matéria, mas sim apenas de algo manifestado através dela.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernética) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isto chegar a ser possível, a questão está respondida dentro da conceituação mística; *“Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente, desde que se trata de um Poder que inunda todo cosmos”*.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John Mc Carthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como se tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que não está distante o tempo em que elas serão dotadas até mesmo de paixões e sentimentos.

Ao místico não causará espécie se isso vier a acontecer, desde que tal coisa não invalida a idéia da existência de um Poder Superior, bem pelo contrário, será um reforço à idéia de que existem manifestações de algo absoluto, presente em todos e em tudo. Se tal vier a ocorrer, uma máquina dotada de inteligência a mencionada qualidade não será algo inerente à máquina e sim a algo manifestado através dela, algo que procede da *“Inesgotável Riqueza do Nada”*, do *“Vazio que está cheio de alguma coisa que não é matéria”*, daquele chamado *“Vazio Quântico”* - denominações dada pela ciência -. Isto é básico na metafísica espiritualista que considera a consciência como sendo um dos aspectos do próprio “nada”, e se manifesta onde quer que exista algo, e segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo ela se manifesta de uma forma numa pessoa humana, de uma outra num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina, desde que tudo é mente no universo, portanto tudo tem consciência.

A teologia se divide em duas correntes: Dualista e Monista. As religiões que podem ser consideradas monistas estritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imanente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará, causa esta que tanto está no universo quanto fora dele, e assim sendo totalizando exatamente o “nada”. O dualismo considera a existência de distintas coisas no universo, mas isto vai em oposição ao que a ciência tem como certo, a existência da criação a partir de um ponto único, o mesmo que afirmam muitas religiões, em especial aquelas que derivaram dos Vedas.

As religiões místicas, predominantemente orientais, falam de um Deus metafísico. É o Deus das religiões orientais, Deus dos filósofos, tanto que chamá-lo de Deus pode ser considerado um engano por não se tratar de um “ente” mas um “princípio”. É o princípio do ser imutável, ao mesmo tempo em que é, também, a fonte de todo o porvir, a fonte de toda atividade, o UM do qual procede toda multiplicidade, e que na China é chamado ***Tao***, o “Caminho”, na Índia de ***Brahmân***, o imutável, e em algumas doutrinas ***Poder Superior***, ou o “Deus de Spinoza” o ***Uno***, o que não depende de nada, livre de sentimentos e paixões, que está dentro, que é infinito, conteúdo e continente de tudo quanto há.

A ciência, com embasamento matemático nega formalmente a existência de um “nada” absoluto, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações”

além do Universo objetivo detectável. Este pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente os orientais, habituados à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “*nada quântico*” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado e mesmo daquilo que ainda não foi criado, existe ao menos como “informação” na citada “Inesgotável Riqueza do Nada” pois ali tem tudo e tem nada. A ciência pode chamar de a “pré-forma da forma” ou “ordem implícita de Bohm”, ou “modelo organizador”, mas nomes não causam diferença alguma, o que importa é que lá está uma fonte uma de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas tais como pensamento e consciência, indagado também se o próprio pensamento também é feito do “nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a consciência é o próprio nada. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neurofisiologistas e biólogos têm tentado em vão, identificar a substância mental e a sede da consciência. Ai surge uma outra dúvida: a consciência é uma propriedade apenas do ser humano ou os animais, e a própria matéria, também a tem? No caso, a consciência - como a mente - seria algo especial, substrato do Todo, ou apenas produtos das interações neuro-químicas de um organismo? Isto para a ciência ainda é um mistério insondável embora que para o místico seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio Poder Superior - Deus Inefável.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernéticos) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isto chegar a ser possível a questão está respondida dentro da conceituação mística; “*Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente desde que se trata de um Poder que inunda todo o cosmos*”.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John McCarthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que em mais duas gerações elas serão dotados até mesmo de paixões e sentimentos.

Numa máquina dotada de inteligência esta não será algo inerente à máquina e sim a algo que apenas se manifesta nela desde que, se tudo faz parte da “*Inesgotável Riqueza do Nada*”, do “*Vazio que está cheio de alguma coisa que não é matéria*”, daquele chamado “*Vazio Quântico*” - denominações dada pela ciência-. Isto é básico na metafísica espiritualista que considera a consciência como sendo um dos aspectos do próprio “*nada*”, ou, indo mais longe, ela é o próprio “*Nada*”, ou Poder Superior - termo religioso - que se manifesta onde quer que exista algo e segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo a consciência se manifesta em tudo quanto existe, mas de uma forma peculiar em cada coisa; de uma forma numa pessoa humana; de uma outra maneira num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina. Já dizia Hermes, “*Tudo é Mente*” ou como as doutrinas védicas afirmam “*O Universo é Mental*”. Sendo assim, desde que tudo é mente no universo, logo tudo tem consciência nas devidas proporções.

As religiões que podem ser consideradas monistas estritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imanente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará, causa esta que tanto está no universo quanto fora dele, e assim sendo totalizando exatamente o “nada”.

No primeiro livro que editamos falamos de psicólogos e de consciência celular. Na época da primeira edição essas afirmativas eram consideradas heréticas, mas hoje é a própria ciência, em especial cientistas adeptos da física quântica, que isto. Este livro está mais direcionado àquilo que está por trás do miasma, e isto nos leva a analisar com detalhes as propriedades do intelecto, da memória e do pensamento, o que será feito em um outro capítulo. Alguns metafísicos, filósofos, e cientistas indagam se o pensamento também é feito do “*nada*”? Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - ela é o próprio “*nada*”. Indagam o que é o pensamento e em que ele se diferencia da consciência.

Como mencionamos antes, os neurofisiologistas e psicólogos têm em vão tentado identificar a sede da consciência, sem que até agora hajam chegado ao menor indício de sua localização. Mas, podemos afirmar que sejam quais forem as circunstâncias, a consciência e assim também todas as qualidades inerentes à mente, pré-existem, isto é, antecedem à forma, pois que antes de qualquer estrutura tudo já estava implícito no ponto gênese do universo. Como não existiram dois pontos de origem, então não se pode negar que tudo quanto há e se manifesta de alguma forma, já estava reunido numa só condição - ponto primordial da criação - conforme o Big Bang (Fiat Lux) que se desdobrou em miríades de coisas. Houve uma fragmentação colossal atingindo não apenas da energia, mas também todas as condições imateriais existentes. Embora isto seja um mistério insondável para a ciência oficial não o é para os pensadores metafísicos e místicos.

Analisando esse tipo de questionamento, o neurofisiologista Kant Klavans chama a atenção para uma dessas características, a “*prioceptividade inconsciente*” que se refere ao modo como o corpo sabe como cada uma de suas partes ocupa um espaço. Seguindo essa idéia muitos biólogos preocupam-se com outra questão.





TEMA 0.568



No nível dos nossos estudos já não devem existir dúvidas de que todas as coisas do universo são frutos de polarizações. Coisa alguma se manifesta diretamente se ela não estiver polarizada; é necessário que o Um polarize-se no Dois e manifeste-se no Três, esta é a lei.

Em palestra anterior dissemos que as Faces do **Poder Superior** não obedecem aos Princípios Herméticos. Queremos, porém, fazer inicialmente algumas considerações a respeito dessa afirmativa, pois alguém pode indagar: O amor, por exemplo, é uma Face do **Poder Superior**, e vemos diversas gradações de amor; há, de um lado, o ódio e do outro o amor, e isso não é uma polarização? - Na realidade os Princípios Herméticos são Cósmicos, são inerentes ao próprio **Poder Superior** mas o que queremos mostrar que eles só polarizam-se quando se manifestam. Sem alguém para amar o amor existe mas não se manifesta. Quando ele manifesta-se se polariza só aparentemente pois na realidade a polarização não é do amor em si mas da do nível de sua manifestação nas pessoas.

Pelo que dissemos, as qualidades do Poder Superior trazem em si o potencial de todos os Princípios Herméticos mas não os manifesta diretamente desde que eles só se apresentam através da criação. Aquilo que dá origem ao reflexo não se polariza diretamente mas sim indiretamente como resultado da polarização do “espelho”. Na realidade a polarização não ocorre no que é refletido, nem mesmo a imagem refletida se polariza mas sim o espelho. O amor reflete-se em diferentes graus na pessoa mas não é ele que se polariza e sim a própria pessoa.

A polaridade decorre do maior ou do menor grau de reflexão, em outras palavras, das qualidades do espelho. Suponhamos uma luz pura refletindo-se num espelho puro. Em tal condição a Luz reflete-se plenamente, enquanto que num espelho embaçado ela reflete-se menos. Entre esses dois extremos podem existir muitos estados intermediários.

Assim acontece com todas as “qualidades”, Faces do **Poder Superior** que parecem polarizações mas na realidade são estados dos “espelhos”. Por outro lado, desde que tanto os “espelhos” quanto os “reflexos” têm uma mesma origem, temos que admitir que essa origem esteja de acordo com os princípios herméticos.

O mesmo acontece com os demais Princípios Herméticos. O amor, não vibra, mas faz as pessoas vibrar. O índice de vibração não é uma qualidade direta do **Poder Superior** e sim da

coisa que vibra, mesmo que ambas tenham origem naquela. Assim podemos dizer que a vibração é uma manifestação indireta do **Poder Superior**. Este criou as coisas e as estas vibram. Não nos alongaremos muito nesta análise, deixamos que o discípulo o faça, que analise cada um dos princípios herméticos dentro deste contexto e por certo compreensões bem interessantes ocorrerão.

A Luz em essência não vibra, quem vibra ³ são as coisas nas quais ela se reflete.

Agora analisemos o que acontece com as coisas diante da luz, ou seja, dos espelhos diante da luz. Num espelho límpido a luz reflete-se bem e em um maculado dá-se o inverso. Também, se o espelho estiver distante da luz o reflexo apresenta-se esmaecido, se estiver próximo reflete-se melhor, mais intensamente, a imagem virtual apresenta-se bem mais próxima da imagem real. Nisto vê-se uma manifestação e como tal uma polarização mas na realidade não é a luz que está se apresentando polarizada e sim o seu reflexo em decorrência única das condições do espelho.

A treva poderia ser considerada como um reflexo da luz em um espelho infinitamente manchado e infinitamente distante. Numa tal condição, na superfície daquele espelho nenhuma imagem seria refletida; mas a condição “infinitamente distante” e “totalmente manchado” não existe desde que não pode haver mais de um infinito; por isto podemos dizer que há limites quanto ao índice de mancha do espelho e quanto à distância entre o espelho e a luz. Daí podermos dizer que, por mais distante que esteja e por mais maculado que seja o espelho, ainda haverá um nível mínimo de reflexão. A imagem refletida está sujeito a ser de qualidade muito inferior mas mesmo assim ainda é uma imagem da origem.

Agora queremos dizer que aquela imagem muito esmaecida não é um polo oposto da imagem real; não é uma polaridade do objeto em si mas um reflexo. Há uma polaridade de reflexo, isto é, da imagem virtual, mas não da imagem real. Quando se observa uma imagem num espelho (imagem virtual) ela não é uma polaridade do objeto (imagem real). Conforme a qualidades do espelho a imagem pode ser bem nítida ou bem esmaecida, mas essas duas condições são polaridades do reflexo e não do objeto, desde que o objeto refletido está fora do espelho. Assim sendo, em se tratando da Luz, quando ela é percebida estas qualidades não são frutos de sua polarização. As diversas formas com que se nos apresentam resultam apenas da limpidez do espelho e da distância que este estiver situado da sua origem. Se a fonte estiver muito distante ou se o espelho estiver maculado a imagem será proporcionalmente tênue.

Na prática o que acabamos de dizer é o que acontece também em se tratando da construção de telescópios refletores. Há uma exigência muito grande quanto às qualidades do espelho refletor de um telescópio. Exige-se que o espelho do instrumento seja de excelente qualidade, que se apresente com o máximo possível de polimento, de limpidez, e que seja de grande diâmetro. Quando mais polido melhor ele reflete. Quando maior o seu diâmetro mais ele “aproxima” o objeto. Um telescópio com um espelho refletor de 2 polegadas, por exemplo,

³ Queremos esclarecer que a ciência determina até mesmo a frequência vibratória da luz. Mas a ciência refere-se a um nível de luz que misticamente é conhecida como claridade. Estamos falando da Luz primordial, da luz consciência, da luz pureza, da Luz como **Poder Superior**. Mesmo a luz claridade, essa que a ciência mede a frequência vibratória, sempre apresentou características deveras peculiares que a ciência ainda não entendeu. Diz a ciência que a luz comporta-se hora como partícula e hora como onda. Isto é verdade, embora a ciência até hoje ainda não conseguiu explicar o porquê disto. No momento riremos que isto é decorrência de uma sucessão de manifestações do “NADA” e de só “SER”; do ser espelho num momento e reflexo no outro sucessivamente. No futuro quando houver sido transmitido um mais elevado nível de conhecimentos talvez venhamos escrever uma palestra especialmente direcionada à compreensão dessa peculiaridade.

capta imagens distantes apenas alguns milhões de anos luz, enquanto que um de 4 metros é capaz de detectar corpos celeste a bilhões de anos luz.

As pessoas são espelhos da Consciência Cósmica, da Luz Primordial; quanto mais pura for à pessoa mais nitidamente ela reflete Deus em si e quanto mais próximo⁴ estiver em qualidades mais perfeita será a imagem divina na pessoa.

Na realidade nós somos espelhos construídos a partir do **Poder Superior** e refletimos as qualidades do Dele, neste caso os “espelhos” e as imagens têm uma mesma origem. De um modo geral podemos dizer que isto é o mesmo que um espelho vendo a sua própria imagem refletida.

O que afirmamos no parágrafo anterior pode ser constatado praticamente com uma singela experiência. Coloquem-se dois espelhos um diante do outro e ver-se-á que cada um refletirá a imagem do outro se formando assim uma sucessão infinita de imagens. Daí a conclusão, um espelho que reflete a si mesmo conduz ao infinito e infinito que é o **Poder Superior**.

Se tivéssemos uma acuidade infinita de percepção, com esta simples experiência veríamos o Infinito, ou seja, veríamos o Poder Superior. Se não o vemos na experiência é porque a nossa percepção só permite a visualização de algumas dezenas de reflexos simultâneos. Também podemos perceber que a experiência nos leva a um nível do infinitamente pequeno, a um nível em que o reflexo não mais tem forma e conseqüentemente também não mais ocupa espaço. Aquele raciocínio que já usamos para mostrar algo infinito, conhecido como O Paradoxo de Zenão apresentado como uma corrida entre o corredor grego Aquiles e uma tartaruga⁵. Segundo a proposição do filosofo grego Zenão jamais um dos espelhos refletiria a imagem final, isto só seria possível no Infinito. O quadro refletido por cada espelho cada vez iria tornado-se menor, à cada reflexão a imagem iria diminuindo seguidamente até atingir o Infinito. É claro que a percepção visual não permite ir muito longe nessa observação, mas o processo pode ser seguido pela mente. Entendemos que a imagem torna-se cada vez menor; e por menor que seja uma imagem ela ainda poderá ser refletida e gerar uma outra menor ainda. É um processo que somente cessa no infinito, exatamente em nível do Poder Superior, origem de tudo. É fácil se entender que a origem da imagem é no Infinito e Infinito é o Poder Superior, logo Ele é a origem. Neste nível a imagem não tem dimensão e nem ocupa espaço algum. Pois na medida em que ela vai se tornando menor igualmente vai ocupando menos espaço e chegando a Infinito ela não tem dimensão alguma pois não ocupa espaço algum.

Nesta palestra demos uma visão preliminar sobre o assunto que no futuro por certo teremos condições de nos aprofundarmos bem mais, contudo o que mostramos permite que o discípulo através da meditação sobre este assunto tenha condições de chegar a níveis de compreensão jamais por ele imaginado.

SALUTIS IN OMNIBUS PUNCTIS TRIANGULI !



⁴ Próxima não diz respeito à distância física e sim à qualidades.

⁵ Já descrevemos isto em palestras anteriores.

EM DIREÇÃO AO INFINITO

“TUDO É DEUS, TUDO É DEUS!
O MAIS SÃO NOMES...”
JUNQUEIRA FREIRE.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F. R. C



TEMA 0.574



Em temas anteriores buscamos mostrar que a redução das dimensões e distancias conduzem ao infinito, ou melhor que o Infinito pode ser pressentido com uma introjeção, como um mergulho para dentro, um cair eterno para dentro de si mesmo. Na realidade pode dar-se o inverso, uma extrojeção, um expandir eterno.

A astrofísica, partindo da hipótese do *big-bang*, diz que se não houver massa suficiente no universo para deter a expansão então ele pode ser considerado um sistema aberto e assim sendo todo o material nele existente se expandirá eternamente. Deste modo chegará um momento em que os astros terão se afastado tanto entre si que nenhum será mais visível da terra. Então as noites serão totalmente escuras, o céu também escuro, pois os astros estarão tão afastados entre eles que não mais serão percebidos, por exemplo, por uma pessoa que estiver num deles. Esta idéia é válida, mas desde que o observador também se expanda numa mesma proporção a expansão em nada afetará a percepção, o aspecto da abóbada celeste continuará sendo a mesma independentemente de haver ocorrido a expansão.

Se houver massa suficiente, diz a astrofísica, o universo que na fase atual ainda está em expansão chegará um momento em que a força gravitacional será anulada e então terá a inicio um processo inverso, uma fase de contração até voltar ao ponto inicial do big bang. De este expandir e retrair numa sucessão é que foi escolhido o nome *big-bang* (tipo ping-pong), para o processo. Corresponde exatamente à referência hinduista de “Respiração de Brahma” ou a “Noite e o dia de Brahma”.

Não são apenas os místicos, também os cientistas defrontam-se com as duas situações, a da expansão e a da contração que conduzem ao Infinito. Na realidade a ciência defronta-se com certa dificuldade para entender isto ,mas pelo raciocínio místico não é difícil chegar-se a um bom nível de entendimento através de exemplos, muitas vezes, simples, como o que fizemos com relação à escada e aos degraus.

Esta hipótese da expansão infinita tem as mesmas implicações que a que fizemos nos dois derradeiros temas, apenas que neste caso trata-se apenas do sentido inverso daquele antes estudado. Ali falamos da aproximação “*ad infinitum*” e agora estamos falando da expansão “*ad infinitum*”. De tudo o que foi dito com relação à diminuição é válido em sentido inverso para a

expansão.⁶

Pelo que foi dito vemos que o infinito pode ser percebido em dois sentidos. Na verdade não podia deixar de ser assim pois que estando ambos os casos no infinito onde tudo é centro, no infinito não existe periferia pois isto implicaria na existência de um limite e como tal tratar-se-ia de algo finito. No Infinito só existe centro, qualquer ponto é sempre centro. Também não pode haver o “para frente” ou “*para trás*”; o “para a direita” e o “para a esquerda”. Qualquer ponto sempre é o centro do infinito.

Pelo que acabamos de dizer podemos ver porque a consciência e todos os atributos do **Poder Superior** - sendo Este infinito - estão em toda aparte e podem ser encontrados em qualquer sentido. Daí a existência do caminho da mão esquerda e o caminho da mão direita. Dissemos, em palestra anterior, que para nós há muito mais dificuldades no giro inverso que constitui o caminho da mão esquerda, embora isto seja apenas uma dificuldade presente no mundo relativo. Naturalmente, se estamos num mundo relativo devemos procurar nos harmonizar com ele. Se o mundo em que vivemos tem um giro, então devemos procurar nos harmonizar com o sentido desse giro. Seguir em harmonia com o giro da natureza, com o giro universal as coisas tornam-se menos difíceis, pois é mais fácil “remar a favor da correnteza”, como diz o provérbio, do que contra ela. Isto é válido para nós desde que somos seres relativos integrantes de um mundo também relativo. Qualquer caminho pode levar ao Infinito porém se vivemos num sistema relativo, num dos degraus da escada infinita, neste caso tudo se torna mais fácil se seguirmos o sentido harmônico com este mundo.

Mas, em termos de infinito, os caminhos são indistintos, ou melhor, eles não existem, pois, como já dissemos antes, não existe direita nem esquerda, para cima ou para baixo, por não existir nele espaço, a não ser como um potencial. Ora, já vimos na palestra anterior que aquilo que se diz ser um *potencial* não deixa de ser algo manifestavel desde que é o limite de percepção do ser quem determina algo ser *potencial* ou *efetivo*. Algo que para um ser é apenas potencial para um outro pode ser algo.

Dissemos que dois espelhos muito juntos, para nós eles têm apenas o potencial de reflexão mas para um ser de mínimas dimensões que seja capaz de se situar entre eles, então o que para nós é um potencial para aquele ser não o é, e sim algo efetivo.

Vimos que dentro da criação não se pode chegar a espaço zero, portanto no infinito. Quer pela aproximação, quer pelo afastamento vemos que jamais esse ponto é atingido. Isto nos conduz à admissão da inexistência dele como algo.

Estamos cada vez mais próximo de perceber que o Infinito é apenas uma condição mental, ou seja ele é essencialmente mente contido na própria criação. Podemos pressentir não existir o infinito como algo, mas apenas como mente, como consciência, a qual quando se manifesta, sempre está em algum nível de criação.

Disto pode surgir uma indagação seguinte: neste caso não houve início da criação. Deste universo que vivificamos sim, mas a criação é eterna nunca teve princípio e nem terá

⁶ A expansão e retração do universo podem ser facilmente entendidas tomando-se como exemplo um projétil atirado para cima. De início os fragmentos da explosão afastam-se em decorrência da força expansiva, mas depois eles acabam caindo pela ação força da gravidade. Se a força de gravidade não for suficiente para neutralizar a força expansiva prevalecerá e os fragmentos não voltam a cair. Isto é o que acontece no lançamento de um foguete, além de uma determinada aceleração ele acaba por não cair e continua se afastando do ponto de origem

fim, pois o nada deixa de ser nada quando algo é criado, assim sendo a criação é perene.

O Poder Superior para se tornar manifesto teve que criar, o que equívale a dizer limitar-Se para poder perceber-Se. Assim, ao imaginar se Ele cria a descontinuidade pois somente através dela é que o Infinito que é Ele próprio torna-se então algo efetivo.

Vamos usar um exemplo prático que por certo facilitará a compreensão. Suponhamos uma bola contínua, maciça até o infinito. Assim sendo ela não teria, por certo, dimensões quaisquer, e por isso não haveria nem o dentro da bola e nem o fora dela. Somente quando ocorre a fragmentação, a desunificação, é que se entende o Paradoxo de Zenão. Somente pela descontinuidade é que ele pode ser explicado e entendido, pois é quando se percebe o infinito na divisão sucessiva de algo.

Essas situações que estamos estudando são de uma sutileza bem grande, por isso não são fáceis de serem mostradas em linguagem falada ou escrita. Sendo assim é pois necessário que o discípulo ao lê-las procure mais do que entender as palavras escritas procure sentir o que está sendo mostrado, procure a compreensão pelo sentimento e não pelo entendimento.

Todo aquele que deseje adentrar níveis superiores de consciência deve não apenas ler uma única vez estas palestras em que estamos falando de Infinito; é preciso lê-las várias vezes e meditar no que está sendo tentado ser mostrado, para que o assunto possa ser visto como um sentimento. Somente havendo certo domínio sobre tudo isto que expusemos é que se torna possível e entendimento de níveis ainda mais elevados de compressões sobre a natureza do Poder Superior.



AS COSMOGONIAS

“ O DIABO É O PRÍNCIPE DAS TREVAS, A
CARICATURA DE DEUS; ELE SÓ PODE
AGIR POR INTERMÉDIO DO HOMEM QUE
SE DEIXA CARREGADO EM SUA ESTEIRA”.
GEORGE D. SMITH

1 9 9 6



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0521



Na realidade dentre em um imenso número de culturas desde aquelas existentes num em épocas imemoriais até a atualidade, existe a concepção da existência de poderes opostos, o poder do mal e **Um Poder do Bem**.

Ambos os poderes foram descritos de formas as mais diversas segundo cada época e cultura. Em algumas palestras vamos fazer um estudo comparativo entre diversas doutrinas especialmente aquelas que mais diretamente exerceram influências sobre as religiões e doutrinas atuais.

Como o homem julgava que independia dele as intempéries, as catástrofes, as doenças, etc., que hes determinavam sofrimentos, o mal; e por outro lado as boas colheitas, a fartura, a saúde, a felicidade, o bem; por certo haveriam poderes controladores exteriores. Assim foi que já nos mais primitivos grupos humanos estabelecia-se a dualidade MAL / BEM. Tudo aquilo que ele sentia não ter controle sobre atribuía ou a um “demônio” ou a um Deus que evidentemente tinham características transcendentais.

O homem primitivo, sentindo que os dois poderes transcendiam-lhe, e mesmo ao mundo material, procurou de alguma maneira estabelecer um meio de fixar o transcendental no material. Assim, como ele era dotado essencialmente de mente objetiva, procurou então concretizar o transcendental graficamente por meio de imagens, desenhos e símbolos, rituais e, ao mesmo tempo estabelecendo, uma forma de diálogo com aqueles poderes através de preces, encantamentos e outras formas de expressão da fé. Só bem mais tarde surgiram formas de expressão da fé de natureza subjetiva, idéia de poderes transcendentais abstratos, que careciam de concretizações. Na realidade grande parte da humanidade é dotada de mente objetivista, requerendo, portanto, formas representativas. (Vide tema 087). Assim sendo o homem procurou definir formas para os poderes envolvidos na criação criando-se o panteão de símbolos, desenho e imagens representativas de legiões de demônios e de deuses.

As cosmogonias desde tempos imemoriais vêm estabelecendo formas para as forças

envolvidas na criação do universo. As descobertas pré-históricas já mostram a preocupação que o homem primitivo tinha em representar demônio e deuses, além de símbolos de fundo religioso.

Enquanto as pessoas dotadas de mente concretista⁷ procurou definir formas para demônios e deuses, por outro lado aqueles que eram capazes de entender através do pensamento abstrato, em vez de elaborar formas, procuraram definir qualidades. Assim as grandes discussões filosóficas foram em torno da natureza de demônios e divindades e não do aspecto deles.

Sem dúvida um dos mais discutidos temas no campo religioso diz respeito à natureza satânica e isto é uma decorrência de que em todas as tradições de todos os lugares e épocas haja menções à força negativa.

Os teólogos e filósofos desde a mais distante antigüidade vêm procurando definir, e analisar o significado do mal e do bem e sobre as conclusões tiradas estabeleceram inúmeras doutrinas-se com uma grande variedade de descrições a respeito do poder negativo.

Na realidade existe um número grande de religiões que têm noções bem elementares a respeito do poder negativo, como acontece com diversas culturas primitivas. Muitas religiões são riquíssimas em variedade de demônios, como acontece com o as inúmeras seitas existente no Tibete e em outros países do Oriente. Ali há religiões que praticamente nomeiam um demônio para cada atitude negativa da existência, Isto acontece não apenas nas religiões primitivas mas também naquelas oriunda de povos acostumados a meditações profundas. Isto é exatamente o que acontece com o Lamaísmo e outras religiões do Oriente. À primeira vista parece uma incongruência um povo altamente habilitado à meditação, que vivem uma vida inteiramente dedicada ao lado místico, altamente intelectivas, tenham uma tremenda profusão de deuses e demônios em seu Panteão. Seria de se estranhar que pessoas vivendo em monastérios em constante meditação deixassem de ter noções elevadas sobre a natureza do mal e do bem no universo.

Bem antes de a Civilização Ocidental conhecer detalhes sobre os princípios da Teoria da Relatividade, das leis que regem inúmeros fenômenos do universo, sobre a origem da criação a partir de um ponto (Teoria do Big-Bang) já algumas seitas do hinduísmo e o Bramanismo falavam disso clara e detalhadamente; enquanto que simultaneamente falavam também da existência de legiões de demônios e deuses representados pelas mais diversas formas, incluindo formas animais. Isto parece uma incongruência tremenda, mas na realidade o que acontece é que, tem que ser levado em conta o lado exotérico e o esotérico daquelas religiões. Como a massa inculta de mente objetivista tem grande dificuldade em assimilar uma idéia abstrata, então foram feitas concretizações dos conhecimentos abstratos, surgindo um grande número de objetivizações das forças da natureza em seus múltiplos aspectos.

As religiões ocidentais criticam muito as orientais exatamente pela multiplicidade de demônios e deuses mencionados por estas, mas na realidade o pensamento esotérico das doutrinas orientais está bem além das das ocidentais. Nem ao menos se pode estabelecer metas

⁷ No tema 087 mostramos que há duas formas básicas de compreensão, uma que necessita de uma objetivização, que a idéia tem que ser expressa por algo concreto, objetivo, e uma outra que prescinde disso, podem entender sem abstratamente, sem que haja necessidade da expressão de formas.

de comparação entre o pensamento oriental e o ocidental no que diz respeito à natureza das forças que existem no universo.

Mesmo diante da existência de um elevado número de cosmogonias existentes no passado e no presente é evidente que todas elas de uma forma ou de outra envolvem a dualidade satanás (demônios) e (deuses) Deus. A existência desse dualismo é inerente basicamente à criação, é fruto do conflito oriundo da diversidade que se apresenta diante da vida na terra. É a diversidade que resulta de um conflito universal, da idéia de uma luta entre a destruição e a criação, a fragmentação e a unificação. Não se pode ter dúvidas que a humanidade em todos os seus níveis se defronta à cada momento com a polaridade mal / bem, sofrimento / prazer. Daí a idéia de duas forças operando dentro da criação.

As polêmicas que vararam milênios não diz respeito propriamente à existência ou não das duas forças mas sim da natureza de cada uma delas e de como elas se manifestam e atuam. As religiões não foram criadas para provar ou não a existência dos dois princípios opostos do universo mas sim para mostrar como esses dois princípios atuam sobre os seres, explicar como eles vieram a existir, como o mal entrou no universo, bem assim como a pessoa deve proceder para se libertar do julgo do lado que não lhe convém. Em outras palavras, as religiões, como o próprio nome indica, tem como objetivo ensinar meios através dos quais o espírito pode restabelecer a religação à sua fonte de origem, a maneira de unificar aquilo que está fragmentado transformando-o de maneira tal que possa ocorrer a volta ao UM.

Outro ponto que grande número de cosmogonias apresenta diz respeito à uma luta perene entre os poderes opostos do universo. A afirmativa da existência de conflito universal entre as forças básicas tem sido apresentado de inúmeras maneiras e que fazem parte de histórias e lendas dos povos das mais diferentes épocas. Vale salientar que os mitos que descrevem o conflito pertencem não apenas aos sistemas religiosos clássicos e esclarecidos mas também às comunidades primitivas de todas as eras. Falam todos de uma guerra entre as trevas e a Luz, entre a destruição e a Criação e isto está presente na mente humana desde um passado imemorial.

A idéia de luta dos dois princípios resulta da lei da polaridade, os dois fatores opostos são pólos opostos e como tal tendem a se anularem mutualmente. Assim sendo, os diferentes povos, tinham em mente que sendo o mal e o Bem princípios opostos naturalmente eles deveriam estar permanentemente procurando uma forma de aniquilação para o extremo oposto. Haveria corrido desde o início uma luta entre os opostos, luta aquela que ainda continuaria existido até o presente que se entenderia no futuro por tempo ignorado.

Os pensadores, filósofos e teólogos, vêm há muito tentando definir e analisar o significado do mal e do Bem, mas antes mesmo do surgimento de definições o conceito da existência de uma luta entre a destruição e a criação indubitavelmente influenciou a maior parte das religiões e das teorias filosóficas.

As conseqüências das experiências resultantes das duras forças da natureza fez com que os homens as encarassem como sendo elas muito mais poderosas do que eles próprios, e foi exatamente isso que fez com que povoassem o mundo com espíritos do mal que tentavam lhes causar danos, males e sofrimentos. Assim é que as figuras representativas de demônios têm uma existência bastante longa na história e na mente humana. Em busca de proteção os homens voltaram-se para os “bons espíritos”, ou, mais freqüentemente, para o maior deles,

Deus, o qual, segundo era entendido, com certeza lutaria por eles. Por outro lado, o maior dos adversários do maior espírito do Bem era então concebido como sendo o autor de toda a maldade que assediava o mundo.

Até certo ponto parece que este raciocínio está correto mas na realidade as implicações que dele resultaram são inúmeras e que geraram as mais acaloradas discussões e ocasionaram os mais veementes dissídios religiosos, ocasionaram heresias, dissensões, condenações, guerras e extermínios de milhões de seres humanos através dos séculos.



COSMOGONIAS CLÁSSICAS DA ANTIGÜIDADE

“ SE OS OLHOS PUDESSEM VER OS DEMÔNIOS
QUE POVOAM O UNIVERSO, A EXISTÊNCIA SERIA
IMPOSSÍVEL”.
TALMUD, BERAKHOTH.

1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.522



Desde a mais remota antigüidade o homem tem se preocupado a respeito de como o mal teria entrado na no mundo. Como tentativa de explicar isto existem muitos mitos que pertencem não apenas às grandes religiões, mas também aos povos primitivos. Mesmo as sociedades dos dias atuais incluem uma história sobre um ser muito perverso que teria entrado neste mundo para destruir todo o trabalho do Ser Bondoso que o criou. Parece que os seres humanos em todas as eras e em todos os lugares têm pelejado de maneira incessante procurando explicar a maneira como uma maldade tão grande conseguiu entrar num mundo feito e governado por um Ser Supremo que tem sido objeto de adoração.

Como pode a miséria e a maldade haver surgido num mundo feito por um Deus de amor? Por isso a idéia de um inimigo dos deuses e dos homens é bastante antiga e muito difundida. O problema de como o mal teria entrado no mundo tem sido alvo de estudos e discussões, constantes de mitos da teologia e da filosofia, e que tem sido é uma das grandes fontes de dúvidas religiosas .

As religiões ocidentais assimilaram de algumas civilizações antigas taram as idéias que apresentam sobre origem do mal e do bem dos poderes das trevas. São, portanto, três essas fontes, como veremos depois. Todas as religiões cristãs foram basicamente influenciadas pela religião Judaica, e esta, por sua vez, recebeu grande dose dos ensinamentos da Babilônia, da Pérsia e do Egito.

Os Hebreus viveram muitos anos em escravidão no Egito e na Babilônia. Naqueles período incorporam parte dos ensinamentos sagrados do Egito⁸, que vieram a constituir o lado esotérico da religião hebraica. Do cativo no Egito eles herdaram conhecimentos doutrinários que posteriormente veio a receber o nome de *Cabala*. Esse contexto doutrinário só veio assim ser denominado muitos séculos depois, no início do Judaísmo a Cabala existia apenas como ensinamentos esparsos cuja fonte houvera sido o lado oculto da religião egípcia, ou sejam, os ensinamentos de Toth (incorretamente conhecido pelo nome de *Hermes Trismegistus*) que os trouxera da Atlântida. Em suma, a religião judaica da qual originaram-se grande parte dos conceitos cristãos atuais teve como fonte não apenas a religião egípcias mas também a

⁸ Moisés foi um iniciado numa das Escolas de Mistérios do Antigo Egito.

abilônica e Persa.

Na Babilônia havia um mito dualístico a respeito da origem do mundo e que ficou conhecido como a “*Epopéia da Criação*”. Ela narra que a criação teve início a partir das “profundezas primordiais” e fala do nascimento dos “*deuses da luz*”. Essa história dá ênfase à luta entre os “deuses da Luz” e os poderes das trevas. “*Bel-Meridach*”, o deus-herói, responsável pela Terra, vivia em combate mortal com Tiamat, o Dragão do Caos. O Dragão, representava a força que tentava destruir a ordem reinante no Universo, era o opositor do Deus Criador. Se Tiamat não fosse derrotado ele reduziria toda a ordem mundial ao caos e ao nada. Mas Bel-Meridach acabará sendo o vencedor.

Diz Joan O’Grady⁹:

“Os mitos e simbolismos predominantes na Babilônia influenciaram bastante os textos do povo judeu. Palavras e imagens vinculadas aos símbolos babilônicos podem ser encontrados no Velho Testamento. O que encontramos de mais óbvio neste sentido é a imagem de Leviatã, o Dragão, ou o monstro. “naqueles dia, punira Yaveh, com a sua espada dura, grande e forte, a Leviatã, serpente escorregadia, a Leviatã, serpente tortuosa, e matará o monstro que habita o mar”(Isaías 27,1) Foi a partir de símbolos como este que nasceram as imagens formadas mais tarde ao redor do conceito de um ser maligno, o provocador da desordem e do caos.”

Na cosmogonia babilônica os dois princípios são indefinidos quanto à origem, mas deixa claro que o lado do mal - Tiamat - será derrotado. O mal para os babilônios não tivera começo mas terá fim.

Outra cosmogonia que muito influenciou o Judaísmo e que contribuiu fundamentalmente para a estruturação do esoterismo judaico, foi a dos persas.

Foi na Pérsia que surgiu uma teologia inteiramente baseada nas forças oponentes do mal e do Bem que influenciou sobremaneira o cristianismo. O dualismo existente na religião persa exerceu sobre os judeus uma influência que durou muitos séculos pois a própria história bíblica de um paraíso onde surgiria o mal e de onde uma “divindade” foi expulsa encontra paralelo na lenda da queda dos anjos bem como na no mito clássico da desobediência de Adão

A religião dos persas, o *Mazdeísmo*, é tido como havendo sido criada por *Zarastro*¹⁰, mas na realidade ela é anterior ao período em que Ele esteve na terra. Na realidade *Zarathustra* foi o grande reformador da antiga religião Persa, o *Mazdeísmo*. Segundo as versões comumente aceitas, ele viveu na região oriental da Pérsia, por volta do século VII a.C. e foi Ele quem reformulou o complexo panteão da antiga religião Indo-persa.

Historicamente conhecem-se poucos detalhes da vida de *Zarathustra*, mas no decorrer dos séculos diversas “lendas” foram incorporadas à sua vida. Conta-se que, tendo alcançado a praia após atravessar um misterioso rio ele encontrou-se com um rei, Vishtapa, o qual foi convertido à fé. Ele é tido como autor vários milagres extraordinários, todos baseados de forma significativa em êxtase e iluminação. Existe tamanha semelhança entre a vida de Jesus e a de *Zarathustra* que pessoas menos informadas chegaram a dizer que os judeus atribuíram a Jesus

⁹ Joan O’Grady - “The Prince of Darkness - Publicado na Grã-Bretanha por Elment Books Limited - Longmead, Shaftesbury, Dorset, 1989

¹⁰ Zoroastro é a forma grega de denominação de *Zarathustra*. Na realidade o termo Zoroastro é generico como , por exemplo, Faraó. Assim houve muitos Zoroastros, sendo Zaratus o derradeiro da série.

os milagres praticados por Jesus, e que os Judeus haviam tomado ciência deles quando do cativeiro do povo Judeu na Babilônia.

Entre os gregos *Zarathustra* é citado como um mago inspirado a quem foi atribuído toda espécie de revelações gnósticas e de uma antigüidade fabulosa. A tradição sempre viva dos “parsis” faz dele uma espécie de “Deus” terrestre. Os ensinamentos mais autênticos da doutrina de *Zarathustra* encontram-se nos “gâthâs”(hinos) do Avesta, livro sagrado do Zoroastrismo.

A antiga forma da religião dos Persas, o *Mazdeismo* antecede a vinda de *Zarathustra* e na realidade foi este quem modificou o pensamento constante naquela doutrina.

Vejamos agora o que basicamente diz o *Mazdeismo*: Desde o começo do mundo existira *Ahura Mazdah*, ou *Ormuz*, que persa antigo quer dizer “Sábio Senhor”. Esta Divindade persa é o onisciente criador da Luz, da Terra e de todas as coisas boas. Vive no céu cercado de todas as coisas boas. Cercado de seis “*Amescha Spenta*”, forças que representam as Emanações da Divindade Suprema, ou sejam, Anjos a Serviço do Senhor.

Analisando-se com atenção os atributos de *Ahura Mazdah* percebe-se que Lhe é atribuído grandes poderes mas que mesmo assim estes são um tanto limitados desde que ele competia intensa e constantemente com uma divindade oposta, *Ahriman*, o deus do mal, tendo este poderes iguais ao de *Ahura Mazdah*, obrigando os homens à ter que fazer uma escolha consciente.

Segundo o *Mazdeismo* o mundo natural teria surgido do “*Senhor da Sabedoria*”, *Ahura-Mazdâ* (*Ormuz*, ou *Ormazd*), o “*Ser Espiritual Primordial*”. Este espírito orientador vivia produzindo o bem de maneira constante, mas sofria restrições por parte de seu próprio irmão gêmeo, o espírito do mal, *Arimã*. Os dois tiveram uma mesma origem, mas *Arimã* acabou sendo banido pelo espírito do bem, e agora vive no Inferno, de onde invade o mundo como o princípio do mal, o arquidemônio.

Aquela doutrina afirmava que o espírito do mal já teria existido no Cosmo desde o princípio, sendo dotado de forças criativas negativas, capazes de produzir as trevas, a sujeira e a morte. O espírito do bem, por outro lado, seria a essência da verdade e da lei. A história do mundo é a história do conflito entre *Arimã* e *Ormuzd*, mas são, respectivamente, os homens e os demônios que têm de realizar a luta no mundo que representa apenas o “campo de batalha” daquela peleja. O homem encontra-se na posição central daquela problemática e sua alma é o objeto da guerra. Por ser o homem dotado de livre-arbítrio ele torna-se acessível ao espírito do mal, apesar dele poder recorrer a *Ormazd* em busca de auxílio.

A essência de *Arimã* era a falsidade, enquanto a de *Ormuz* era a verdade. Foi esta concepção de um conflito eterno entre duas forças opostas que constituía a base central da própria religião da Antiga Pérsia. Este conceito exerceu grande influência sobre a doutrina judaica e consequentemente em todas aquelas que desta tiveram origem..

Na realidade o *Mazdeismo* era somente um dualismo parcial, pois para ser completo teria que afirmar a existência de dois princípios eternos. Na realidade aquela religião preconizava que chegaria um dia em que Orzmud vencerá *Arimã*, e sendo assim não são princípios independentes e eternos.

Como veremos na próxima palestra *Zarathustra* colocou ordem no *Mazdeismo*, e veremos que o pensamento dele não é exatamente como tem sido apresentado durante séculos.

A COSMOGONIA CIENTÍFICA

"IGNORO POR QUAIS RAZÕES SURTIU O UNIVERSO, E NUNCA
O SABEREI TENHO. PORTANTO, QUE RENUNCIAR A FAZER
DESSA QUESTÃO UM PROBLEMA CIENTÍFICO OU INTELECTUAL"
C.G.JUNG



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1984 - 3337

TEMA 0.065



Nos cultos, mitos e lendas de todos os povos vamos encontrar a estória da criação. Afirmamos que a origem do Cosmos jamais poderá ser acessível, em toda a sua plenitude, à mente humana enquanto esta não se purificar e se cientificar plenamente. Embora a origem do Cosmos seja um mistério inacessível, mesmo assim é possível saber a respeito da origem do Universo.

Em algumas dessas palestras estamos mostrando parte da cosmogonia mística tal como o nosso intelecto é capaz de compreender. Atualmente os astrofísicos estão procurando estabelecer a origem do universo, e a hipótese mais aceita é a do “grande átomo primordial”, inerente à Teoria do Big Bang. Segundo ela, todas as coisas e a energia existente no universo estavam concentradas numa só unidade, que chamam de "ovo cósmico". Em dado momento aquele "ovo" explodiu. Aquela unidade sensacional se desagregou numa explosão fantástica. Do esfacelamento foi ejetado um colossal volume de energia colossal. Porções de energia começaram a se afastar entre si e, na medida em que se afastavam, foi ocorrendo condensações formando galáxias que continuam ainda a se distanciarem num processo que poderá um dia, parar, ou não parar.

A ciência chegou a esse ponto para explicar a origem do universo atual. Este é o seu horizonte, mas surgem outros horizontes ainda mais distantes, inatingidos pelos conhecimentos da ciência atual. Ela não sabe o que havia antes e isso é um enigma científico. Por outro lado a metafísica mística sabe perfeitamente o que originou a "explosão" cósmica e o que havia antes, isso é o que revelaremos depois.

Após a explosão do "ovo cósmico", formaram-se as galáxias que começaram a se afastar umas das outras em tremenda velocidade. A ciência também indaga sobre o que virá a acontecer num futuro remoto. Se a velocidade de afastamento das galáxias estiver diminuindo chegará um momento em que elas pararão de se afastar e então, em decorrência da força gravitacional reverter-se-á o movimento e elas se aproximarão em velocidade crescente até voltar a recompor o "ovo cósmico" – Big Crash – quando então nova explosão ocorrerá e assim

o processo se perpetuará. Por isso é que esta teoria é chamada de "Teoria do Big Bang". Mas, para que assim aconteça é preciso que no universo exista uma quantidade X de massa suficiente para gerar o índice preciso de gravidade para condicionar o processo. Nesse caso, se diz que o Universo é "fechado". A esse processo o hinduísmo dá o nome de "Respiração de Brahma".

Se a quantidade de massa do universo não atingir aquele valor, então o afastamento se perpetuará, o universo será considerado "aberto", e o afastamento se perpetuará.

Para entenderem o que ocorrerá se o universo for do tipo fechado, pensem numa explosão em que os fragmentos são atirados para cima em velocidade decrescente. Chegará um momento em que a velocidade de afastamento desde o ponto da explosão cessará totalmente e então os fragmentos tenderão a cair, retroceder até o ponto de origem.

Evidentemente, sob certo ponto de vista, aquela explosão foi o princípio universal da quase totalidade das coisas existentes, mas a grande maioria daquilo que foi criado permanece indetectável, por se apresentar em fase UM¹¹. Dessa maneira, segundo a ciência oficial, foi como ocorreu a criação do nosso universo. Na realidade, de certa forma, aquilo aconteceu, mas não foi o primeiro e nem será o último acontecimento cósmico criativo. Também não é verdade que a energia que dali foi emitida estivesse presente numa estrutura, por isso é melhor dizer que houve uma "eclosão", um afloramento, de uma espetacular quantidade de energia a partir de um ponto onde aparentemente nada existia.

O que vamos revelar agora é inédito, tanto para a ciência, quanto para muitos místicos. Aquele gigantesco átomo primitivo não era o Cosmos absoluto, apenas um bloco energético colossal contendo todas as formas possíveis de energia, mas apenas neste universo, portanto já era algo "criado" (Emerso do seio da Consciência que também é denominado de "A Existência Negativa". Comparável com um ilimitado oceano: "Grande e Sereno Oceano" da essência básica RA/MA, no qual uma grande manifestação vibratória ocorreu. Na realidade, essa analogia, usando como exemplo um oceano, é apenas para melhor entendimento do processo, mas que, embora ajude na compreensão, ainda assim não é precisa porque na Existência Negativa não se pode falar volume por verdadeiramente se tratar de um ponto matemático, portanto de algo adimensional, de algo sem massa e conseqüentemente, de peso por não existir algo para impor uma pressão gravitacional. Assim ocorreu no início da atuação de RA sobre MA gerando eclosão imensa que a ciência chama o Big Bang.

O Universo se expandiu, e ainda continua a se expandir, a partir daquele ponto e que irá até um limite imposto pela quantidade de massa nele existente. Ele se expande pela força da grande explosão, mas depois se retrairá pela força gravitacional, até tudo voltar à situação primitiva. Isso é o que os indianos chamam a respiração de Brahma.

Aquela explosão nada mais foi do que o ponto do Cosmos em que a Essência – MA – entrou em vibração. Foi onde se fez sentir a ação do elemento ativo RA sobre o elemento passivo MA fazendo surgir a PRIMEIRA LUZ, fonte inicial da Creação.

Aquilo que a ciência chama de "*explosão do ovo cósmico*" corresponde precisamente a criação desse universo. Na realidade aquela "explosão" não foi tudo, foi como se apenas uma bolha surgida na "superfície" de um "oceano", crescesse e explodisse.

¹¹ Assunto inerente ao estudo dos números: Livro Sexto.

Para quem admite que um Ser Supremo tudo criou é evidente que aquele gigantesco "ovo" resultou da vontade do Dele. Se aquele colossal átomo foi criado por ELE, então, perguntamos: Como isso aconteceu? Certamente foi pela ação da vontade consciente do PODER SUPERIOR.

Afirmamos, sem sombra de dúvidas, que a Consciência Cósmica empregou o poder do querer sobre o princípio eterno, sobre a Essência (meio básico = MA) para a formação do universo. (É bom esclarecer que expressões como meio básico, essência, etc. não atendem bem ao sentido que queremos dar, porém nenhuma outra palavra se enquadra perfeitamente no sentido exato da coisa).

Voltemos agora àquela analogia em que comparamos a “Essência” com um grande oceano cósmico onde nada acontecia, onde apenas havia: Consciência, Elemento Ativo, e um meio passivo de manifestação – *Fohat*.

"No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz e a luz existiu..." Bíblia - Gênesis - cp. 1

Naquele momento da criação ocorreu a eclosão da luz, algo passou a vibrar, algo pôde então ser detectado. Algo se tornou passível de ser detectado na "superfície" daquele "Oceano". A Consciência, expressão do Ser Supremo, então, se infundiu na criação para se conscientizar objetivamente de tudo o que ali ocorreu e que viria a ocorrer. Para a Consciência no Ser, fragmento da Consciência Cósmica, se consubstanciar e vivificar a criação. Como podemos perceber a Consciência precede à formação do universo.

Existe uma outra hipótese cosmogônica bem interessante e que é também citada pela ciência oficial. Trata-se de uma teoria, proposta pelo cosmólogo e astrônomo Fred Hoyle, que põe em dúvida a teoria do Big Bang. Hoyle afirma que a criação não se processou a partir de uma "explosão". Ele acredita que ela está se fazendo sentir a cada instante nos espaços siderais. A cada momento estão se formando partículas atômicas que vão gradativamente se organizando em átomos de hidrogênio, que por sua vez se unem formando "nuvens", que se aglomeram, se condensam, e acabam formando os corpos materiais do universo. Num certo sentido a Teoria de Hoyle, denominado “Teoria da Criação Perene”, em parte é verdadeira, pois a criação do universo não correu apenas a partir daquela explosão, como veremos depois.

Quemos revelar que a "explosão" citada pela ciência não ocorreu apenas uma vez. Ela já ocorreu antes da formação desse universo, e com certeza também ocorrerá depois. É possível que outros universos estejam se formando agora. Isso pode ser comparado com uma superfície líquida em ebulição em que há uma sucessão de bolhas se formando, e cada bolha representando um universo sendo criado.

Assim, os universos como que “flutuam” no seio da Essência a que tanto está presente no íntimo dos universos, quanto naqueles “locais” que se pensa serem vazios. Um universo sempre é interpenetrado pela essência, por isso o Infinito está contido no finito e vice-versa.

O que referimos acima é importante porque existindo MA, até mesmo entre nos espaços

"vazios" das unidades constitutivas de um Universo, é possível a formação constante – criação perene – em certos pontos dentro do universo. Assim, dentro do próprio universo existem pontos menores de criação. A criação, portanto, não ocorre somente quando de uma daquelas eclosões que a ciência denomina "Explosão Big Bang" e que oferece o manancial maior de energia. Dentro de um Universo como existe Consciência, RA e MA as criações continuam a se sucederem em intensidade menor que aquela inicial. Isso responde pela afirmação de Fred Hoyle na Teoria da Criação Perene.

Já dissemos que o universo faz parte do Cosmos repleto de Essência básica, e que é um fenômeno local no seio da *Essência*. A “explosão” inicial foi como uma bolha, mas que em volta dela outras bolhas se formam e, por sua vez dentro de cada bolha também se formam outras bolhas menores. É exatamente assim que acontece. Dentro do universo a energia inicialmente formada, progressivamente vai diminuindo de frequência e formando coisas, mas paralelamente níveis menores de energia vão surgindo em eclosões menores e seguindo a mesma evolução. Assim é que a criação continua a se fazer sentir a partir da união dos dois princípios cósmicos.

○ Universo como um todo se formou a partir da grande explosão e está ainda se estruturando, mas paralelamente ele continua a se complementar de duas maneiras: Pelas "explosões" secundárias que ocorrem constantemente dentro dele, e pela “Criação Perene”. Há locais, geralmente entre galáxias, onde surgem "jatos" estupendos de energia. A ciência ainda não sabe explicar perfeitamente de onde provém aquele fabuloso volume de energia que parece surgir do nada. Ela tenta explicar aquilo de diversas maneiras, mas sem bastante convicção quando diz que aqueles espetaculares jorros de energia são reações atômicas, etc., embora não diga qual a fonte daquela estupenda quantidade de energia emergente. Na realidade, os locais em que aquele fenômeno ocorre geralmente são núcleos de galáxias que a ciência chama "galáxias ativas", “galáxias de Seyfert”, ou mais comumente “quasar”, etc.

Na verdade tratam-se dos locais em que dentro do universo a Essência está sendo transformada em energia. São os pontos em que os dois princípios cósmicos, que entremeiam as coisas já existentes no universo, pontos em que RA/MA, estão se unindo e dando origem às criações complementares, dentro da criação maior.

Corresponde àquilo que a Cabala menciona como a transformação do *Mundo da Emissão* – Atzilut – para o *Mundo da Criação* – Beryah.

Assim, em todo o Universo estão ocorrendo eclosões de imensos blocos de energia que em seguida irão seguir o caminho da estruturação das coisas até chegar ao nível da matéria comum. Isso pode ser aceito como uma "explosão secundária" quando a quantidade de energia é muito grande, mas sem sempre é assim porque em quantidades mínimas o processo também acontece. São miríades de pontos de criação que não são maiores que simples átomos. Neste caso estamos diante daquilo que Fred Hoyle chama de Criação Perene.

“A criação perene é a criação contínua de novas coisas a partir de coisas antigas.”

FAIXAS DO TECLADO CÓSMICO

“ OS HOMENS OCULTAM UMA VEZ POR
PRUDÊNCIA O QUE POR VAIDADE MOS -
TRAM DEZ VEZES. ”
CONFÚCIO.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



1995

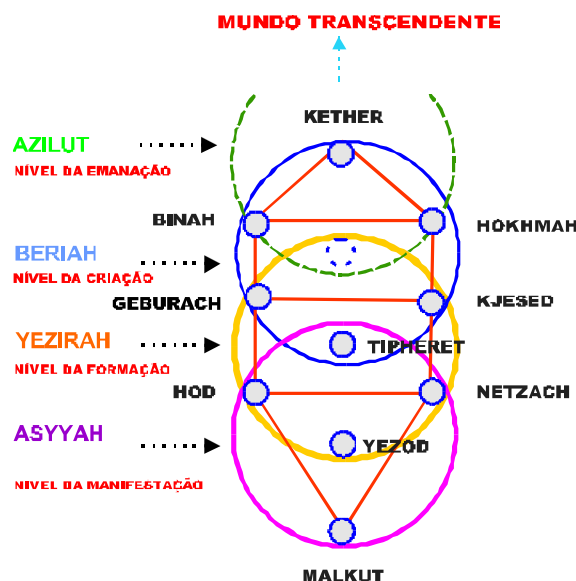
TEMA 0390



Os Rosacruzes costumam representar o Princípio de Vibração de Hermes por um enorme *teclado* de um piano cósmico. Realmente essa representação simboliza bem a representação da Natureza do Universo, ela serve para mostrar que nesse mundo quase tudo é vibração, ou seja, cada coisa se manifesta por um nível próprio da vibração, e sendo assim, tudo quanto há nele pode ser representado em um “*Teclado Cósmico*”.

Devemos salientar que a primeira manifestação vibratória ocupa a frequência mais elevada possível. Na medida em que ela vai diminuindo, os diversos elementos constitutivos do universo vão se tornando manifestos. Enquanto as vibrações mais elevadas compõem os elementos mais sutis da natureza, as menos elevadas estão integram os mais densos.

Já mostramos pelo esquema da “*Árvore da Vida*” a existência de quatro níveis de estruturação: O *Divino Azilut* – Nível da Emissão; o *Divino Beriah* – Nível da Criação; o *Divino Yezirah* – Nível da Formação; e *Divino Asiyah* – Nível da Manifestação.



Hoje, graças aos progressos da Física, é muito mais fácil se ter compreensão sobre a

natureza das coisas do universo do que no passado quando o conhecimento científico estava sob total domínio da Conjura do Silêncio.

Evidentemente é a diminuição de vibração que determina a natureza física das coisas, mas isso acarreta uma possibilidade de erros. Se as coisas, de uma forma lata, são tanto mais elevadas quanto mais alta a vibração, então as piores coisas, as mais negativas do universo seriam aquelas cujas vibrações constitutivas fossem as mais baixas. Realmente não é dessa maneira, existem coisas que têm vibração bem baixa e que nem por isso são inferiores a outras de vibração mais elevadas. Por exemplo; o som audível pelo homem vai de 16 c/s até 30.000 c/s isso não quer dizer que som seja inferior a um elétron que vibra muito mais alto, cerca de 10^{27} c/s.

Mostraremos agora como na realidade a diminuição da vibração reflete um grau de inferioridade. No “Teclado Cósmico” não é uma frequência única que reflete algo, e sim faixas. Por exemplo, ondas de radio não ocupam uma só frequência e sim certo número delas; as ondas sonoras vão de 16 ciclos por segundo até 30.000 ciclos (para a audição do homem); as cores ocupam uma faixa; as ondas de rádio, outras, e assim por diante. Por isso as radiofrequências são citadas como ondas curtas, ondas médias, ondas longas, microondas, etc. indicando as faixas dentro das quais se situam as vibrações específicas de cada estação.

É bem importante que se tenha isso em mente para que não seja avaliada a evolução apenas pela frequência vibratória. Além de uma faixa determinada, a natureza de uma coisa passa a ser outra. Além de um limite a frequência deixa, por exemplo, de pertencer à faixa de radio para pertencer à de outra coisa. Assim acontece com as cores, a matéria, o espírito, etc. O espírito é energia vibrante e há uma faixa de frequência que lhe corresponde. Não é uma frequência única, mas sim uma faixa que vai de certo limite a um outro e além e aquém desses limites começa a faixa de alguma outra expressão de existência.

Temos que considerar que quanto mais baixa é a frequência mais densa, mais inferior é a coisa, mas isso só é valido dentro de cada faixa. A luz azul é mais elevada que a vermelha, pois dentro da faixa vibratória das cores o azul tem frequência mais alta. O som agudo, por ter frequência mais elevada que o grave tem mais penetração, é superior. Assim também dentro da faixa correspondente à existência espiritual os mais envolvidos vibram mais baixo que os mais desenvolvidos, mas isso não indica que se possa comparar evolução espiritual com som ou coisa assim. As faixas tornam as coisas heterogêneas, de natureza diversa.

Isso que afirmamos é significativo, pois se não fosse assim poderíamos dizer que o som audível que vai de um nível vibratório mais baixo, de 16 c/s seria inferior a uma coisa qualquer como, por exemplo, a uma onda de rádio, ou a um espírito. Não é assim, na realidade a categoria das coisas ocupam faixas de frequências e não frequências únicas. Somente dentro de uma faixa é que se pode dizer que aquilo que tem uma frequência menor é inferior ao que tem frequência maior. Pela ilustração 1, podemos dizer que não se pode comparar *A*, *B*, *C*, *D* um com outro, pois cada faixa corresponde a diferentes categorias de coisas.

Conforme a ilustração 1 pode dizer que X seja inferior à *Y*, pois dentro de uma mesma faixa (B) a frequência de *X* é menor que a de *Y*, mas não podemos afirmar que B seja superior à A.

Admitamos que A seja a faixa vibratória dos sons e que C seja a da matéria. Por estar num nível mais baixo dentro da escala cósmica de vibrações mesmo assim A não é inferior a B.

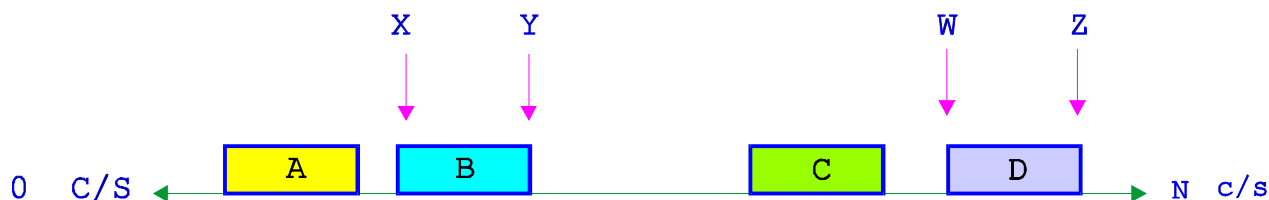


Ilustração 1

Se A fosse à faixa dos sons e B a da matéria densa isso não indicaria que som fosse algo inferior à matéria.

Se considerarmos D como a faixa vibratória dos espíritos, um que vibre em nível de W é menos desenvolvido que um outro que vibre em nível A, mas não que sejam superiores à X ou à Y.

Cabe agora salientar que as coisas podem ser perfeitas dentro de sua própria faixa. A matéria como matéria pode ser perfeita, as cores podem ser perfeitas como tais, os sons também, e assim por diante. O grau de perfeição das coisas deve ser medido dentro faixa própria e não em nível do “teclado” como um todo. Dentro de cada faixa algo é tanto mais perfeito quanto mais elevada for a sua vibração, assim mesmo tem que se considerada a relatividade de tudo. Por isso se deve sempre indagar: superior em relação à que? - Com que finalidade algo é considerado inferior ou superior?

A matéria, dentro do Teclado Cósmico, é inferior ao espírito, está num nível mais baixo, mas isso não é indicativo de uma qualidade inferior. Matéria é matéria e espírito é espírito, coisas que entre si não podem ser comparadas; por serem heterogêneas não se pode determinar qual a superior e qual a inferioridade. Algo pode ou não ser perfeito naquilo que é.

Num certo sentido sim, mas não de uma forma geral, pois matéria constituída de partículas e entre elas sabemos que o elétron vibra a 10^{27} c/s, portanto extremamente acima do som que audível que vai de 16 c/s a 30.000 c/s. Assim a matéria seria algo muito superior evolutivamente muito superior ao som. São faixas diferentes, portanto coisas diferentes que não podem ser comparadas.

Assim já podemos entender melhor, porque um espírito com vibração mais baixa é considerado inferior a um outro com de vibração mais alta, pois como espíritos eles fazem parte de uma mesma faixa, de uma mesma categoria. A vibração, como assinalador de nível, somente é válido dentro de uma faixa vibratória específica. Além ou aquém de determinados limites o nível vibratório passa para outra faixa correspondente a uma outra coisa, portanto a algo heterogêneo que por isso não permite comparação.



O UNIVERSO E O INFINITO

“O NADA É UM INFINITO QUE NOS ENVOLVE. DELE
VIMOS, PARA ELE VAMOS; O NADA É O IMPOSSÍVEL
E O CERTO; NÃO SE CONCEBE E, NO ENTANTO, EXISTE.
ANATOLE FRANCE”

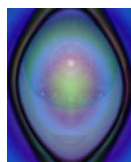
1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.572



No desenvolvimento deste trabalho estudamos progressivamente várias situações e chegamos algumas vezes a falar da “*criação*” e do “*fora da criação*”. Dissemos que a **Força Superior - Deus** - está contido no universo, por conseguinte, dentro da criação, e sendo assim Ele seria apenas uma projeção de um **Poder Superior**, de um **Poder Supremo, Absoluto e Infinito**, existente além da própria criação. Falamos no universo como uma coisa finita existente no infinito que é o *Nada*. Falamos de uma condição que transcende à criação. Mas, a partir desta palestra já temos condições de mostrar que não se pode falar num universo finito.

Embora a ciência, astrofísica, limite o universo vamos ver que essa limitação é apenas uma condição relativa. Da maneira como temos levado à frente o estudo metafísico do Cosmos queremos dizer que ainda se trata de um estudo preliminar, apenas algumas bases para a compreensão de tudo o que temos que aprender no caminho da cientificação.

Da maneira como expusemos a criação até agora faz parecer que existem duas condições integrantes do Cosmos: o Universo e o *Nada*. Neste ponto já podemos dizer que embora o Universo seja derivado do *Nada* ainda assim não se tratam de duas coisas e sim de uma só. Isto é o que estamos iniciando a estudar a partir desta palestra.

De antemão, em alguns temas, mostramos indícios de que o Universo está contido no *Nada* tanto quanto o *Nada* está no Universo, mesmo que em alguns momentos tenhamos as expressões *Imanente* e *transcendente*. Na realidade estas expressões prestam-se apenas para explicar algumas situações particulares, quando na verdade elas não devem ser generalizadas, usamos mais como um meio de entendimento do que como uma condição precisa.

Demos a entender que o universo seria como que uma projeção do *Nada*, mas na realidade ele vem a ser o próprio *Nada*, como veremos depois.

Um dos *Princípios Herméticos* diz que o Universo é *Mente*. Na realidade aceitar isto é muito difícil para uns e um tanto mais fácil para outros, mas na verdade entender o como isto é possível, e mesmo sentir como uma realidade, evidentemente não é fácil. A fim de se chegar a esse sentir se faz preciso antes uma preparação prévia adequada. Somente através da meditação, especialmente feita com o auxílio dos princípios cabalísticos, da D.R.D., e de

alguns sistemas metafísico-religiosos elevados. Somente uma pessoa com um bom desenvolvimento espiritual e afeita à meditação sobre a natureza do Universo pode perceber e sentir com clareza o que significa UNIVERSO MENTAL. É necessário um nível de desenvolvimento espiritual além do comum das pessoas. Sentir que tudo é mente, que por mais sólido e objetivo que algo pareça ser mesmo assim trata-se apenas de um artifício da própria Mente Cósmica. Pretendemos, passo a passo, mostrar o que significa Universo Mente, não apenas mostrar como um entendimento apenas mas especialmente fazer sentir ser isto algo mais, perceber não pelo entendimento mas sim pelo sentimento.

Em algumas palestras falamos da natureza descontínua do universo, falamos que entre os as ínfimas partículas constitutivas da matéria existe MA. Dissemos em alguns dos primeiros temas que MA permeia tudo quanto há, que existe fora daquilo que chamamos criação tanto quanto na própria criação. Uma partícula constitutiva da matéria (criação) ou qualquer tipo de manifestação da energia (criação) trata-se de MA vibrando segundo um determinado índice. Por outro lado entre as partículas existe o vazio, não o vazio absoluto, mas sim o vazio naquele sentido expresso pela física quântica, exatamente o que os místicos denominam de Nada - o imanifestável - que, por sua vez, exatamente o mesmo MA com a diferenciação apenas de não estar em vibrando (não criação), pois se estivesse tornar-se-ia manifesto (criação).

Na palestra anterior vimos que as polaridades jamais se encontram a um nível zero e que o universo (criação) na realidade é apenas um produto das polaridades. Ora, se estas não se anulam, consequentemente o universo jamais se extinguirá. A recíproca é também verdadeira, ele nunca teve início e nem terá fim. Isto é uma contradição ao que temos falado até agora. Na realidade o que vamos mostrar não contradiz o que já temos explicado mas ampliará a compreensão a respeito daquilo que é o Infinito.

Até agora viemos falando do universo como algo limitado, aliás como a própria astrofísica vem afirmando. Mas, pelo que descrevemos nos derradeiros temas temos que considerar que o universo é infinito desde que ele é constituído por polaridade e que duas polaridades jamais se anulam segundo o paradoxo de Zenão. Se eles aproximam-se infinitamente, portanto não havendo um ponto de transição a partir do qual se possa dizer aqui termina o universo e começa o Nada consequentemente as duas coisas são uma só.

Essa condição de um universo inextinguível leva necessariamente à condição de infinito. Da maneira como que viemos estudando, o infinito seria transcendente ao Universo. Mas se o próprio universo também é infinito, então estamos diante de dois infinitos, o que é uma impossibilidade. Haveriam dois infinitos o “infinito criação” e o “infinito nada” neste caso nem um e nem o outro seria infinito.

Pelo que acabamos de dizer a conclusão a que se chega é que tanto o Universo quanto tudo o que está fora dele constituem tão somente uma única e mesma coisa. Em outras palavras, não existe por não ter sentido algum o “fora do universo”. O infinito está no próprio universo e este naquele. Vemos que a aproximação das polaridades é como um cair para dentro de si mesmo eternamente, por todo infinito. Neste caso a criação é o próprio **Poder Superior** introjetando-Se eternamente.

As doutrinas nos ensinam que no **Poder Superior** há o potencial de tudo. Esta é a base do TAO, simbolicamente expresso pela figura do Tai Gi. Mas, o que significa a expressão “em potencial”?

Na realidade o universo é infinito o limiar que estabelecem para ele diz respeito ao limiar de percepção. A fim de entendermos melhor isto, voltemos aos “espelhos”. Vimos que teoricamente dois espelhos podem se aproximar progressivamente atingindo um ponto em que para um determinado observado coisa alguma pode ser refletido. Mas tal só acontece em virtude do observador não poder se colocar entre eles. Mas, se o observador estiver sofrendo uma redução segundo o mesmo índice de aproximação dos espelhos, então ele sempre pode se colocar entre os dois espelhos e neste caso jamais deixará de haver reflexos.

Já podemos dizer que o universo finito é apenas uma condição imposta pela limitação do observador. Se o observador colocar-se diante do Poder Superior ele é eterno, mas se colocar-se fora Dele então tudo se apresenta finito.

Malkut só pode perceber até *Kether* de sua própria Árvore, mas *Malkut* pode estar em todas as árvores acima e abaixo. O dó central da escala é o mesmo nas oitavas inferiores e superiores. Dois espelhos podem delimitar uma oitava de dó a dó da oitava seguinte, mas podem haver N oitavas nas quais ele está presente em todas elas. Um mundo embora contenha N árvores dentro de si mesmo assim ele constitui-se por si mesmo uma árvore geral. Aquilo que chamamos de mundo, de universo, pode ser representado por uma imensa árvore dentro da qual estamos mas que não é a única totalizadora de todas.

Segundo a D.R.D. o universo pode ser considerado como as reflexões entre dois espelhos. São como dois espelhos refletindo um imenso número de imagens que chamamos de universo, que chamamos de Creação. Mas, mesmo em nível de universo, ele é uma árvore que não é a única. Em nível de infinito as árvores são também em número infinito e o universo é apenas delas, é como um degrau de uma escada. Portanto não é certo se admitir que o universo seja a escada inteira. Trata-se de uma escada infinita mas qualquer dos degraus são inegavelmente finitos. Não existe escada sem degraus também não existe degrau sem escada. De igual forma não pode existir reflexo sem espelho e nem espelho sem reflexo. Pode até existir o espelho mas ele só se comporta como tal se houver algo a ser nele refletido.

Concluiremos esta palestra neste ponto, bem mais tem que ser dito mas vamos fazê-lo em outra palestra para que se possa meditar bem sobre tudo que exposto, desde que se trata de algo que para ser percebido requer um nível adequado de compreensão. Não adianta ir adiante se ainda houver dúvidas quanto ao que foi tratado neste tema.



O UNIVERSO, UM DEGRAU DO INFINITO

“DEUS É COMO O VENTO QUE PASSA: SENTÍMU-LO
EM TODA PARTE E NÃO O VEMOS EM LUGAR ALGUM
J. NORMAND



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F. R. C



TEMA 0.573



Na palestra anterior começamos a estudar que o Universo, a criação não é algo à parte do Infinito. Comparamo-lo a um degrau de uma escada, dissemos que aquele degrau pode ser perfeito como tal, mas que não é completo como escada; mas, que ao mesmo tempo não pode existir escada sem degraus, sendo assim uma coisa é simplesmente o aspecto do outro, mas não algo independente.

Transportando-se este raciocínio para um sistema de árvores da vida interligadas podemos dizer que uma “árvore” pode ser completa para um determinado fim, mas mesmo assim ela não pode ser totalmente independente, e que o sistema como um todo não pode existir sem as árvores. Mesmo faltando apenas uma delas na linha principal todo o sistema será inviável. É como uma corrente em que cada elo é completo como tal, mas a corrente não pode prescindir de qualquer um dos elos intermediários. Se numa corrente de comprimento infinito fosse retirado um ele sequer a corrente deixaria imediatamente de ter natureza infinita.

Dissemos que o universo como um todo pode ser representado por uma “árvore” ou pelos reflexos entre dois espelhos. Sendo assim pode-se indagar sobre o tamanho da “árvore universal”, pode-se indagar sobre a distância entre os dois espelhos que delimitam aquilo que chamamos universo, mas na realidade tratam-se apenas de indagações a respeito da localização dos dois espelhos refletores através dos qual a consciência objetiva e instrumental detecta como universo.

Num universo representado como um degrau de uma escada, pergunta-se qual o tamanho desse degrau, onde ele começa e onde termina para como tal poder ser considerado finito. Não existem delimitações desde que o degrau pode ir aumentando “ad infinitum” e também diminuindo “ad infinitum”, sendo assim ele jamais chega a desaparecer totalmente. Pode-se tornar inviável como degrau para um ser, mas não para um outro de dimensões diferentes. Admitindo-se que tanto o degrau quanto a pessoa podem simultânea e proporcionalmente aumentar ou diminuir, tem-se que admitir tratar-se de condições inerentes ao próprio infinito. Não poderia ser de modo diferente, pois na realidade não existem limites de separação desde que o infinito é uma continuidade. O que faz nos parecer delimitações do universo são na realidade delimitações de percepção. Há limites para um determinado “tamanho” de ser, para um determinado nível de percepção, apenas.

Os espelhos, sabendo-se que eles podem tanto se aproximar quanto se afastar “ad

infinitum” da mesma maneira que o observador também pode aumentar ou diminuir, tudo se resume no seguinte: O universo é tão somente a manifestação de um aspecto do infinito. Em outras palavras, tudo é o próprio Poder Superior mostrando-se em todos os níveis possíveis para todos os graus possíveis de consciência. Como consciência é uma só e é Ele mesmo, então a criação é Ele mostrando-se para Ele mesmo.

Pelo que dissemos conclui-se que a “árvore do universo” pode ser considerada como algo limitado apenas em nível do relativo.

Um degrau pode ser completo apenas quanto à função de degrau, neste caso ele é limitado e conseqüentemente relativo. Relativo porque o sentido de completo é em função de determinados parâmetros que atendam à condição de degrau. O Infinito não pode ser completo porque se o for tem limites e tudo aquilo que tiver limites perde a condição de infinito.

Temos que admitir que a “árvore do universo” é apenas uma entre infinitas outras que constituem o Cosmos.

Já temos condições pelos nossos estudos de perceber que cada “Árvore” atende à determinadas condições; que cada uma tem características próprias diferenciadoras. É exatamente isto o que faz com possa ser considerada como uma árvore particular. Cada “árvore” tem suas peculiaridades, suas leis, seus princípios, mas todas elas em algum nível integram-se compondo o Infinito. Desta forma a “Árvore da criação”, a “Árvore do Universo” tem suas características próprias, tem suas leis e princípios. São leis inerentes a esse nível e nele manifestam-se os Princípios Herméticos, como a vibração, a polaridade, o gênero, a cronologia, o espaço, etc.

Pelo que está sendo estudado e compreendido nas palestras mais recentes sente-se que, num sentido o universo é contínuo e ilimitado, e noutro é o inverso. Sabemos que praticamente tudo nele é limitado, mas intrinsecamente detém o ilimitado.

O Cosmos é ilimitado, mas quando Ele manifesta-se como “árvore” da criação apresenta-se como limitado, onde prevalece a descontinuidade, onde se faz presente o Paradoxo de Zenão. Na realidade temos que considerar que *limitação* é uma condição que não pode estar fora do Infinito, assim sendo é na criação que o Poder Superior “vê” de Si mesmo a descontinuidade, a manifestação dos como Princípios Herméticos, etc.

Se for exatamente o princípio da vibração quem caracteriza a estruturação das coisas num sistema sêptuplo, base constitutiva das “árvores”, como poderiam existir outras árvores além desta? Se for a vibração quem estabelece a diferença entre o *Nada* e o Universo, entre os níveis cósmicos de *Eyn Sof Aur* e o nível universo de *Kether*, como podemos entender que acima de *Kether* existam outras “árvores”.

Em palestras bem anteriores deixamos algumas vezes a indagação sobre qual seria a máxima vibração que deu origem à criação. Na realidade, quando falamos de criação estamos falando de algo que pode ser representado por uma ampla “árvore”, e todas aquelas condições mencionadas como Princípios Herméticos são características próprias dela. Tudo indica que o sistema de árvores é algo inerente ao nível de universo, além dele tudo indica não ser, mas mesmo assim seja o que for está ligada a esta grande árvore, pois *Kether* está unido à *Eyn Sof Aur* constituindo-se um sistema ainda mais amplo, mas não necessariamente constituído de “árvores”.

Em Ayn não existe vibração, portanto coisa alguma do que temos no Universo pode existir lá, a não ser como potencial. Não pode existir porque tudo aquilo que denominamos “coisas” existentes são resultados de vibrações e onde não existir vibração elas não existem.

Vamos pensar na escala musical. Uma vibração vem se modificando, quando ela atinge determinada frequência há a manifestação de som. São algumas oitavas que são classificadas como som; em limites abaixo e acima não são mais som. Mas isto é pura convenção determinada apenas pelo limiar de percepção auditiva, pois se o ouvido fosse mais apto perceberia outras oitavas e nesse caso o limite que chamamos de som seria ampliado. O que queremos dizer é que na realidade não existe um nível de separação na vibração e sim na percepção. É ela quem determina os limites.

Ao nível Cósmico acontece o mesmo, há um nível em que surge a vibração e consequentemente a criação, mas o limite separativo é puramente em nível de percepção, e por certo como não se trata de percepção objetiva e sim subjetiva, logo é a mente quem estabelece os limites de ser percebido ou não como vibração. Assim podemos chegar mais perto do entendimento do porquê ser o universo apenas mental.

A criação é a percepção mental do sistema de “árvores” que existe como potencial em Ayn. É um finito dentro do infinito e vice-versa, por isto podemos encontrar o Infinito dentro do próprio finito. Por isto não se pode dizer que sejam duas coisas diferentes e que, portanto tratem-se de dois infinitos.

A criação é apenas a manifestação de oitavas, que têm suas características próprias como todas as oitavas o têm, mas que é parte de uma continuidade infinita.

Vamos exemplificar melhor, o som audível cobre algumas oitavas do “teclado” cada oitava tem suas características próprias, mas não se pode dizer que uma oitava seja finita desde que a seguinte é a sua própria continuidade.

Assim sendo, o universo, como imagem refletida em espelhos, é estabelecida pelo limiar perceptivo. Tudo depende do observador “caber” ou não entre os espelhos. O limite é aquele em que o observador não pode situar-se entre os dois espelhos, então se diz que os espelhos têm apenas em potencial a capacidade refletir até o infinito e não no sentido prático. Diz-se que em potencial eles podem refletir até um limiar infinito, para isto bastando afastarem-se ou aproximem-se infinitamente também. A partir de certo ponto a reflexão deixa de ser algo efetivo para ser apenas um potencial. Mas isto é convencional, porque, desde que o observador também possa se “afinar” para caber entre os espelhos a reflexão não será apenas um potencial e sim algo efetivo. Disto termos que admitir que o limite sempre seja relativo ao observador¹² e não ao espelho. Quando algo se situa aquém ou além da capacidade do observador, ou quando os espelhos estão tão aproximados ou tão afastados que se incompatibiliza com o observador, então se diz que os espelhos têm apenas o potencial de refletir.

Potencial não pode ser uma forma de inexistência que num dado momento tornas-se existência; na realidade ele é a própria coisa, porém num limiar que extrapola os limites da percepção do observador. Assim sendo é que todos os potenciais existem no infinito. O que não existe é um limiar inerente às coisas e sim inerente à consciência observadora. O limiar

¹² É claro que além de certo ponto o sentido do termo observador deve se ter como “consciência” e não como estrutura

comporta-se como algo que estivesse sempre implodindo, caindo sobre si mesmo, mas que sempre pode ser efetivo e não potencial desde que a consciência observadora o acompanhe, evidentemente.

Por tudo isto que dissemos pode-se concluir que “*o universo*” e o “*fora do universo*” não se constituem duas coisas e sim dois limiares apenas; em outras palavras, finito e infinito são apenas diferenciações inerentes estabelecidas apenas pelo limiar de percepção mental.



O UNIVERSO É SOM

“ À MÚSICA CABE TRANSMITIR VERDADES
ETERNAS E INFLUIR NO CARÁTER DO HOMEM
VISANDO TORNÁ-LO MELHOR ”.
DAVID TANE



1998-3351

TEMA 0.864



Temos mostrado que todas as coisas existentes no universo estão interligadas em um dos níveis de uma seqüência denominada “Seqüência Sétupla”. Nisto consiste o principal elo da unificação das diversas formas de existência

A filosofia dualística tem feito um grande mal ao ser humano no tocante ao seu desenvolvimento espiritual pois o individualiza e sem dúvida alguma a individualização plena determina a predominância egóica que tantos males gera. O pensamento dualístico condiciona o egoísmo, pois faz com que a pessoa deixe de se sentir parte integrante de todas as outras.

A pessoa analisa-se assim: Eu sou eu pois sou separado desde que tenho vontade própria, tenho sensações próprias, tenho um corpo que não está ligado a qualquer outro, e assim por diante. Mas isto nada mais é que uma decorrência das limitações perceptivas. Como exemplo podemos citar que não se pode avaliar uma floresta quando se percebe somente uma árvore. O mesmo pode ser dito com relação aos seres em geral e o homem em particular. No exemplo da floresta a unidade de cada árvore existe mas ela não é de forma absoluta. Se a árvore tivesse discernimento humano ela julgar-se-ia independente, não aceitaria ser parte de um algo maior, a floresta - . Naturalmente uma árvore não está totalmente integrada a um sistema maior que é a floresta e sim parcialmente, mas isto não faz com que cada uma possa ser considerada como algo independente. Assim também o ser pode humano poder ser visto como entidade isolada mas apenas até certo nível, além do qual se trata de um todo uno.

Já afirmamos em temas iniciais que tudo quanto há resulta da vibração de um “meio básico” que chamamos de MA e cuja manifestação no mundo inerente se expressa como Fohat.

Na verdade a vibração é uma condição que se faz presente em quase tudo o que existe no universo imanente constituindo todas as coisas que há. A vibração não somente constitui quanto integra as mais diversas formas de existência. Trata-se de algo único por isto é que existe o efeito de ressonância. Qualquer alteração na vibração de uma estrutura se faz presente em toda criação desde que o universo é uno. Naturalmente nisto tem que ser considerado o grau de intensidade da ressonância, mas podemos dizer que embora a ressonância vá atenuando-se na medida em que o evento vai se afastando na escala vibratória mesmo assim a ressonância atinge o nível zero.

Agora queremos chamar a atenção para o seguinte: Sempre que existe uma vibração ela não pode ser considerada como princípio isolado, outros princípios se fazem presentes,

especialmente o do *movimento* e *ritmo*. Afim de que isto possa ser devidamente compreendido devemos ter em mente que existe certa diferença entre vibração e movimento. Basicamente quando se fala de vibração esta é condicionada a certo ritmo, mas devemos salientar que o movimento pode ou não ser rítmico¹³. Por isso o Hermetismo faz distinções e considera separadamente o *movimento* e *vibração*.

Dentro do mundo imanente toda vibração pode ser considerada como sendo movimento mas a recíproca não é verdadeira, nem todo movimento pode ser considerado vibração.

Agora vamos definir o que vem a ser um som. Podemos dizer que som é a percepção sensorial do movimento, da vibração. Sem dúvida alguma onde há movimento há som e como no universo imanente nada está parado, logo, o som está sempre presente em tudo. Se ele não é percebido é por falta de uma devida acuidade sensorial ou da carência de um aparelho ou órgão capaz de detetá-lo além ou aquém de determinados limites.

A criação teve início com a vibração, com o movimento, consequentemente com um som. Esse som é mencionado por inúmeras organizações. Os orientais associam ao



OUM

Tudo é OM, a variação da frequência vibratória é o que diferencia uma coisa da outra, assim sendo podemos dizer que qualquer modificação do som equivale à alguma alteração nas coisas.

Tudo quanto há, em menor ou em maior grau, depende da vibração portanto depende do som. Na realidade não é do som pois que som é um efeito do movimento - vibração - Sendo assim melhor se dizer que depende da vibração.

A vibração Cósmica é a origem e a base de toda a matéria e energia existente no universo.

O OM é a forma mais primordial, mais pura e menos diferenciada do som cósmico, fruto do primeiro movimento. Como analogia podemos dizer que o som OM assemelha-se ao arco Íris que é um desdobramento cromático emergente de um raio branco, uma apresentação em diversas cores. O raio aparentemente é incolor mas encerra todas as cores emergentes. O mesmo podemos dizer do som OM, ele é *um* só as que se diferencia em incomensurável número de manifestação.

O som primordial desdobra-se em tons e de diferentes frequências e assim sendo podemos dizer que o som cósmico está presente em diferentes combinações por todo o universo. Está presente em todas as substâncias e formas, em distintas combinações vibratórias e ao mesmo tempo constitui as próprias substâncias e formas. Segundo a combinação dos tons cósmicos presentes em determinada área de espaço assim surge a natureza da substância naquele determinado espaço.

¹³ Mesmo um movimento aleatório, se for considerado a nível infinito, também tem que ser ritmo. Considerasse-o aleatório porque dentro de um período determinado ele não apresenta padrão algum de repetição, mas prolongando-se ao infinito o ritmo se fará presente. Isto é um dado bem sutil mas que a pessoa pode chegar à entender perfeitamente se tomar em consideração o sentido de infinitude. No infinito a mais remota probabilidade tem que se repetir e sendo assim aquilo que chamamos de aleatório, ou mesmo de caos não pode existir.

O universo pode ser comparado com uma caixa de ressonâncias. Podemos dizer que o universo é um imenso oceano de ruídos, de sons, e sem dúvida alguma todos os seres estão ressoando mutuamente. A ressonância de um som é mais intensa naquilo que estiver mais próximo da origem desse som. As leis físicas inerentes à música mostram isto claramente. Um som qualquer tem resposta ressonante características em determinadas coisas, as estruturas ressoam em menor ou em maior intensidade segundo certos princípios, e podem ser harmoniosa ou não. Isto é importância pois como decorrência resultam estados negativos ou positivos.



A NATUREZA DOS UNIVERSOS

“DOIS EXCESSOS, EXCLUIR A RAZÃO,
E ADMITIR APENAS A RAZÃO”
BLAISE PASCAL



2003-3356

TEMA 1.453



No Tema 1.396 estabelecemos uma comparação entre aquilo que o Hermetismo há milênios afirma sobre o que existe além da criação, e o moderno conceito científico sobre a Teoria das Cordas. Agora vamos nos aprofundar um tanto mais neste assunto, pois tem grande significação em termos de percepção.

A doutrina secreta dos antigos egípcios citava a essência primeva sob dois Atributos de Deus denominados de RA e MA. Também o Hermetismo afirma que o Cosmos é constituído por unidades de consciência dispôs em linhas que vibram e que e nos pontos de ressonância há então a ocorrência de uma partícula. Portanto, a ciência não usa a expressão “linhas de consciência”, mas sim de “cordas” – Teoria das Cordas – cuja constituição ela não determina embora afirme que vibram e, como acontece com toda vibração, ocorrem pontos de ressonância. Exatamente são tais pontos que se manifestam como partículas constitutivas do conteúdo energético do universo. Desta forma o nosso universo seria fruto de pontos de ressonância da vibração das cordas.

A Teoria as Cordas, assunto recente proposto pela ciência atual, nada traz de novo para o Hermetismo, esta diz o mesmo apenas com diferença apenas no tocante aos nomes. Aquilo que a ciência chama de “cordas” as doutrinas místicas elevadas chamam “linhas de consciência”¹⁴.

A ciência nem sequer tem idéia do quanto de “cordas” existem, assim também as ciências herméticas ignoram o número de “linhas de consciência”, apenas afirma que a sua vastidão é inconcebível, tudo indicando que tenda ao infinito porque sendo o Cosmos infinito e como a sua constituição perceptível se compõe de consciência distribuída em linhas, conseqüentemente o “campo” deve ser tão vasto quanto o próprio Cosmos.

Tudo o que compõe a estrutura do universo é registro da consciência, pelo que a Consciência é considerada a base essencial única de tudo quanto há. Registro da existência.

Na verdade não se sabe como aquilo que chamam de “unidades de consciência” está organizada, mas para efeito didático, baseada no que os videntes percebem, podem ser consideradas em uma disposição em “linhas”. Na realidade os grandes videntes percebem o mundo como uma colossal rede de linhas luminosas distribuídas em paralelo, havendo

¹⁴ Castaneda, citando Dom Juan, chama de “filamentos de luz”.

incontáveis locais em que elas se aproximam constituindo-se tais locais a manifestação de algo. O nosso universo seria o aglomerado maior, composto de incontáveis aglomerados menores, dentro do aglomerado infinito de linhas. Podemos dizer que dentro do aglomerado maior que caracteriza o nosso universo – aglomerado primário – existem “pontos” de maior índice de aproximação – aglomerados “secundários” que sucessivamente vão se escalonando gerando outros menores e permitindo a manifestação das distintas coisas, desde galáxias até átomos.

O que afirmamos nos indica que o universo conhecido é um aglomerado de linhas dentro de algo mais vasto, e contendo em si outros menores constituindo as coisas.

Se o nosso universo é um aglomerado de linhas de consciência dentro de um campo infinito, então é plenamente viável a existência de N aglomerados, conseqüentemente de N universos. Pergunta-se então, será que este universo que consideramos nosso, integra todas as linhas de consciência (todas as cordas existentes), ou existem linhas que não fazem parte dele? - Tudo faz crer que ele é integrado apenas por uma parte da totalidade de linhas (do número infinito de linhas de consciência.). Isto dá margem à existência de outros universos, em concordância com o que a cosmogonia atual também vem aceitando, ou seja, a existência de N universos distintos ¹⁵. Se nem ao menos sabemos de coisas essenciais em nossa volta, por que nos preocupamos tanto no que diz respeito à existência ou não de outros universos? Não vamos ficar estudando somente a metafísica daquilo que nos cerca, mas também não queiramos ir além desse nosso universo.

Este universo é constituído por um conjunto de “linhas de consciência” integrantes de um infinito campo de linhas similares que, em essência, correspondem àquilo que o Hermetismo chama de MA. MA quando vibra gera as linhas, o que equivale dizer, manifesta a consciência da qual se origina tudo quando há. Portanto, tudo reside nos posicionamentos das linhas, e como tudo o que existe depende da confluência das linhas, então tudo o que existe, mesmo as ilusões, incluindo-se passado, presente e futuro podem ser detectado sob a forma de linhas factíveis de serem percebidas em condições especiais.

O mundo que percebemos, mesmo o nosso momento de agora, não é mais que uma detecção de determinada configuração das linhas de consciência. É a posição em que o foco mental está “direcionado”.

Salientamos que estamos usando palavras de nível dualístico, pois não existe vocabulário para expressões de existência em nível de unismo. Assim, quando falamos de posição, de lugar, de registro, de sintonia, visamos apenas criar uma imagem passível de entendimento, mas que na verdade não é exatamente assim. Temos que estabelecer analogias com as coisas que estamos acostumados a vivenciar para ser possível se ter uma idéia da existência em nível fora da multiplicidade.

Aquilo que chamamos de aqui, de agora, disso ou daquilo, nada mais é do que percepções em nível de um determinado patamar do registro da consciência, do “lugar” na consciência em que a mente está sintonizada. Não somente as coisas, mas até mesmo o tempo que vivenciamos em dado momento é meramente uma questão de posicionamento do foco mental.

¹⁵ Mas isto pode ser considerado, como normalmente se diz a respeito das coisas que não levam a nada, uma discussão bizantina. Essa expressão vem do Império Bizantino, quando os teólogos católicos discutiam coisas se so menos importância, tais como: Quantos anjos cabem n cabeça de um alfinete.

Todas as realidades coexistem, tudo quanto se possa conceber já existe, mas por certo não estão arrumadas como formas, ou figuras, e sim como um banco de registro. As religiões dizem que tudo já existe na Mente de Deus. Isto é correto, tendo em vista que o que elas denominam de Deus o Hermetismo denomina de Consciência Cósmica.

Na verdade pela linguagem científica da Teoria das Cordas cada evento reflete um ponto de ressonância das “cordas”, o que no Hermetismo é dito que reflete um aglomerado de linhas.

Os ensinamentos de Dom Juan abordam com propriedade esse assunto, como uma diferença, não é o deslocamento do ponto de aglutinação quem determina o tipo de percepção, mas sim quem assinala o estado mental apto a detectar outros níveis de percepção. As palavras de Dom Juan, tais como estão transcritas por Carlos Castaneda faz parecer que a percepção de outras realidades é provocada pelo deslocamento do “ponto de aglutinação”, mas a verdade é o inverso, é o ponto de focalização da mente quem condiciona a posição do ponto de aglutinação. Em outra linguagem, o Hermetismo diz que o ponto de aglutinação não é um ponto de comando, mas sim um reflexo do nível de posicionamento do ponto focal da mente. O ponto de aglutinação retrata o deslocamento do ponto focal da mente, mas não é ele quem leva a mente para distintos pontos da consciência.

Dom Juan, quando pretendia que Castaneda visualizasse outros níveis de percepção, batia num ponto ao nível do omoplata direito de seu discípulo – ponto de aglutinação – , mas este procedimento apenas servia para levar o seu estado mental a um nível de vibração adequado fora do comum, àquele que ele chamava de “segunda atenção”. O ponto de aglutinação apenas era um referencial demonstrativo de que a mente havia se deslocado de sua posição habitual, mas não era através dele que ocorria o tipo de percepção propriamente.

A posição assumida pelo ponto reflete o ponto que a mente estiver focalizada diante do registro de consciência.



A AMPLIDÃO DO UNIVERSO

"FELIZ DE QUEM É CAPAZ DE COMPREENDER
AS CAUSAS DAS COISAS."
VIRGÍLIO.

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO

1775 (3328) - 1993

T E M A 0.1 3 9



Em nossas palestras já estudamos alguns aspectos da criação, da origem dos espíritos, algumas características da evolução e do desenvolvimento espiritual, e chegamos até a linhagem dos animais e do homem em especial. Também citamos outras linhagens de outros planos de consciência, como o "mundo" dos seres que são citados como elementais, gênios, fadas, gnomos, etc. Pela “árvore da vida”, mostramos a situação de diversas linhagens de consciências que convivem com os seres humanos aqui na terra, embora que pertencentes a outras linhas evolutivas.

Pretendemos dar uma visão sucinta que vá desde o micro-cosmos até o macrocosmos para que se possa ter uma visão de todos o Cosmos mesmo que de uma forma bem parcial. Somente assim poderemos saber o porquê estamos aqui e por que existimos como seres, assim como a maneira de prosseguirmos na missão cósmica visando a reunificação com o Poder em toda sua plenitude.

Estudamos alguns aspectos do Antes da Criação do Universo", do "Oceano de MA" (= Nada, o lado imanifesto do Poder Superior).

A nível de Macrocosmo falamos dos Eons, do Fiat Luz, do desdobramento das vibrações da Luz gerando o universo. Dissemos da possibilidade de outros universos que foram, estão e serão criados além deste.

A nível de Microcosmos vimos alguns aspectos da natureza dos animais em geral e do homem em particular, quer no que diz respeito à sua natureza espiritual quer à sua natureza biológica.

Iremos sucessivamente estudando outros aspectos do Cósmico, dos universos, de outras dimensões da mente universal. Veremos várias manifestações conhecidas e desconhecidas do Poder Superior. Estudaremos muitos aspectos do comportamento do ser humano, dos seres entre si e das suas interações com o universo. Estudaremos algumas daquelas forças que mantêm a vida e que impulsionam as manifestações de vida, quer biológica quer outras que a quase totalidade dos humanos nem sequer suspeitam que existam. Em alguns momentos abordaremos aspectos do Macro cosmos e em outros aspectos do micro cosmos, para podermos mais facilmente entender muitas das coisas que compõem a AMPLIDÃO DO COSMOS.

A problemática que nos envolveu como espíritos está representada pela "Queda" mos-

"bolhas" podem estar constantemente se formando. Podemos dizer que para o nosso grau de desenvolvimento espiritual não é muito fácil se saber o que, e o como, a existência neles se apresenta. Por isso vamos no ater mais àquilo que existe da Imensidão do nosso Universo.

Voltemos a nossa atenção para a Árvore da Vida. Na fig. 1 onde vemos representado quatro estruturas secundárias (4 árvores) unidas através de Kether. Essa figura simbolizaria quatro derivações da criação apenas. Mas não são somente quatro as localizações possíveis. Kether tridimensionalmente pode se unir à N Árvores e cada uma delas constituindo-se uma "dimensão existencial". Por sua vez cada um dos sephirot de cada "árvore" pode ser desdobrado em N Árvores secundárias tendo o sephirot considerado como o Kether. Por exemplo, Binah de uma árvore pode ser o Kether de uma outra e assim sucessivamente. Na árvore principal Malkut representa a matéria densa e portanto é o sephirah mais inferior, mas quantas e quantas árvores estão contidas na matéria densa cada uma dela representando algo! assim sendo, o Universo é uma fantástica rosácea constituída de um numero assustador de Árvores secundárias.

Quando estudamos alguns Temas de Cabala vimos que outra linhagens existenciais, como Génios e coifas assim estão representados por árvores secundárias unidas à uma outra Árvore" hierarquicamente superior. Isto nos leva a ter uma imagem bem diferente do Universo. Ele não é uma estrutura linear e sim como uma incomensurável "colmeia" com mundos e mais mundos interligados e muitos deles se apresentam de uma maneira espetacularmente diversa deste que consideramos o nosso mundo e que estupidamente julgamos ser único e principal. São mundos em que nem a razão, nem a lógica, e nem qualquer um dos valores que consideramos importante têm qualquer sentido lá. Não se trata do Mundo Astral, este também segue uma lógica diferente (Vive temas: A razão e a Lógica no Universo, Ações em planos superiores de consciência) mas linearmente faz parte da nossa "Árvore".

Assim podemos dizer que tudo isso que a ciência considera Universo, sistemas e mais sistemas, bilhões e bilhões de galáxias, miríades de mundos materiais, tudo é parte da "árvore" à qual pertencemos. Características deveras curiosa, formas de existência extremamente diversificadas, um número que a nossa mente se nega a entender de espécies vivas, condições existenciais ainda insuspeitas para o homem, mas mesmo assim tudo isso é o nosso universo, uma das árvores ligadas a Kether, ao Criador. A partir de uma das Árvores teve origem aquilo que temos dito a respeito dos espíritos que se envolveram e que habitam a terra para se desenvolverem. É a árvore que deu origem a tudo aquilo que a nossa percepção objetiva permite ser detectado, mas não podemos dizer se os rumos tomados dentro desse lado da criação são idênticos em todos os rincões dos incomensurável número de corpos celestes. A natureza, as leis, os princípios físicos, com certeza são os mesmos mas a problemática espiritual pode ser altamente diversificada. Por isso afirmamos que a problemática que estudamos sobre a "queda só homem" na realidade diz respeito à uma parte insignificante do contexto do universo detectável, mas nem por isso deixando de ser importante porque é a problemática que nos envolveu e da qual estamos pelejando para nos desenvolver.

Em tema anterior dissemos que as leis físicas dentro do universo detectável são sempre as mesmas pois dizem respeito a "mundos" constitutivos de uma mesma árvore, dissemos que o "fluxo" do tempo neles é o mesmo. Por isso não há planetas em que o "fluir do tempo" se processe de forma diferente daqui, tudo dentro do que preceitua a Teoria da Relatividade.

Contudo, o mesmo não é válido para outras linhas da criação. Quando tivermos feito alguns estudos adequados à compreensão precisa veremos alguns aspectos daquilo que é possível existir em outros planos de consciência, veremos algo a outros mundos inerente a algumas "árvores" concomitantes à nossa. Mas, para tanto mister se faz um certo número de conhecimentos básicos que até o momento ainda não passamos em nossos escritos.

Assim apresentaremos uma série de palestras em que a natureza do ser humano é revelada com certos detalhes pouco conhecidos mas que são de importância básica para o entendimento de aspectos mais altos do Macro cosmos. Estudaremos características essencialmente biológicas e psicológicas de fundamental importância.



A MASSA DO UNIVERSO

“NÃO DUVIDES: ONDE TROVEJA UM FATO,
RELAMPEJOU ANTES UMA IDÉIA”
J. NIEVO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F. R. C.



1998 - 3351

TEMA 0.794



Segundo o pensamento atual da ciência expresso pela Teoria do Big Bang, o universo como um todo teve início a partir de um ponto adimensional de onde teve início um processo de expansão resultando num afastamento de todas as formações siderais. Isto corresponde ao Fiat Lux citado por algumas religiões, e que evidencia os ensinamentos herméticos sobre a descontinuidade na criação.

A ciência diz que o universo teve um princípio, teve um ponto que se expandiu e continua se expandindo, embora ela ainda não tenha condições de afirmar se tal expansão perpetuar-se-á ou se chegará um momento em que começará a haver um processo inverso - contração - até tudo voltar ao ponto inicial.

Segundo algumas doutrinas, em especial o bramanismo, o processo de expansão é reversível e que isto se repete assim eternamente, ou seja, existe um processo de expansões seguidas de contrações sucessivas. No Bramanismo tal processo é citado pelas expressões “Dia e noite de Brahma”, ou a “Respiração de Brahma”.

A ciência em seu nível atual afirma que o efeito expansivo vem sendo freiado pela gravidade, mas que só será detido se no universo criado houver massa suficiente capaz de “gerar a força de gravidade necessária para neutralizar a força expansiva e em seguida trazer de volta a ao ponto inicial, processo este denominado de Big Crunch. Para que haja tal reversão se faz necessário a existência de uma determinada quantidade de matéria - massa - contudo, o que se descobriu dessa quantidade até recentemente atende apenas à uma pequena fração do quanto necessário.

Tudo o que a astrofísica registrou até agora em termos de massa no universo foram as galáxias composta por uma número inconcebível de sois e imensas quantidades de nuvens de gases, mas isto tudo não chega a atender nem ao menos 10% da quantidade precisa para a retenção da expansão.

Há muito tempo os cientistas suspeitavam que a imensa área escura do espaço, que os leigos entendem como vácuo, na verdade é ocupada por um tipo de matéria escura formada por partículas tão minúscula que nem ao menos refletem a luz. A esse conteúdo do espaço “vazio” a ciência tem chamado “matéria escura”, nome que decorre de tratar-se de algo que tem massa,

mas que não reflete a luz.

A matéria escura não é perceptível diretamente por não emitir luz ou outras radiações conhecidas somente podendo ser detectada de forma indireta. Mas, mesmo somando toda a matéria escura calculada, ainda assim o total preciso para a ocorrência da regressão da expansão ainda está muito distante do valor preciso. Tudo o que se detectou até agora ainda não ultrapassa a casa dos 20%.

Se o valor da massa crítica não for atingido, o universo pode ser considerado um sistema aberto e conseqüentemente sua expansão será eterna, não será iniciado o processo de contração. Mas, se assim fosse contrariaria o que algumas doutrinas afirmam sobre a expansão-contração do universo.

Existe entre as inúmeras partículas constitutivas do universo imanente uma categoria delas denominada de *neutrinos*. Esse nome decorre de tais partículas serem destituídas de carga elétrica, sendo por isto consideradas eletricamente neutras. Até recentemente a ciência afirmava que os neutrinos não tinham massa, mas ao mesmo tempo diz que o mais vazio espacial é repleto de neutrinos em deslocamentos. Mas recentemente a ciência vem comprovando que os neutrinos têm massa, apenas que por serem de tão diminutos, até bem pouco tempo, sua massa ainda não havia podido ser detectada.

Trabalhos recentes no campo da física vêm demonstrando que os neutrinos têm massa. Sendo assim a massa total do universo será suficiente para deter a sua expansão, daí podermos dizer que não está longe o dia em que haverá coincidência entre o que dizem as algumas escolas iniciáticas e religiões com as afirmações da ciência dialética.

Na fase atual a ciência já afirma: “ *O vazio está cheio, em vez de vácuo, o espaço é uma matéria negra que tem massa* ”.

A ciência está dando os primeiros passos no caminho que leva à admissão de que o imenso espaço vazio na realidade está repleto de matéria. Isto já era esperado a fim de completar o conteúdo do universo, mas o problema é que ninguém sabia dizer que tipo de matéria invisível era essa, mas agora o mistério começa a ser decifrado a partir da admissão da existência de massa dos neutrinos.

Esse preâmbulo visa mostrar o que está por detrás desse processo segundo o enfoque místico. Em nosso trabalho temos mostrado e repetidamente falado que todo o Cosmos é UNO, que existe uma aparente fragmentação compondo a criação. É milenar o conhecimento de que as coisas existentes sempre se manifestam em 7 níveis básicos e que elas estão separadas num ou noutro nível, pelo que dão a impressão se serem formas independentes, totalmente separadas uma das outras. Temos afirmado que na realidade não o são porque existe um nível em que elas permanecem unidas.

Numa palestra recente afirmamos que por não atingir todos os sete níveis a fragmentação plena não inexistente, conseqüentemente a união persiste num dos demais níveis e é exatamente esse nível que permanece unindo as coisas e atuando como uma força elástica. Naquela palestra dissemos que num futuro talvez não muito distante a ciência chegará à conclusão de que a força de gravidade nada mais é do que essa força elástica que unifica as coisas.

Se as coisas não se mantivessem em unificação parcial, se elas fossem totalmente independentes por certo não haveria gravidade e tudo permaneceria sob uma forma totalmente caótica., sem quaisquer ordenações ou direcionamentos ordenados.

No processo da expansão muitos níveis estão em processo de afastamento, exatamente os níveis mais densos, os mais baixos da seqüência sétupla, mas outros níveis persistem unidos e são eles que “seguram” as coisas entre si aparentando uma força inexplicada que a ciência chama de força de gravidade.

O objetivo principal dessa palestra é mostrar que a ciência está se aproximando de uma compreensão unificadora quando já admite que o “espaço vazio” segundo os seus conceitos anteriores já não tem sentido, desde que o abismo sideral intergalácticos na verdade está repleto de repleto de neutrinos.

Os neutrinos são partículas tão pequenas que interpenetram os átomos sem quaisquer dificuldades e atravessam o espaço existente entre as partículas intra-atômicas só colidindo com alguma delas em raríssimos casos, pois que o próprio átomo é algo muito vazio para o neutrino. Comparando-se um átomo com o sistema solar ver-se-á que índice de espaço “vazio” existente entre uma partícula e outra é muito maior do que aquele existente entre os planetas. O espaço existente entre um elétron e outro, ou entre um próton e outro, se for comparado com o existente entre um planeta e outro se constata ser aquele muito maior. Um neutrino passar entre uma partícula e outra é como um grande meteorito passar por dentro do sistema solar e que só muito raramente atinge dentro do sistema planetário. Milhares de meteoritos e cometas podem passar por entre os planetas sem atingi-los. Só muito raramente um meteorito de expressivo tamanho atinge algum planeta, o mesmo acontecendo com relação a um neutrino e uma partícula intra-atômica, portanto, um neutrino representa para a partícula atômica o que um meteorito, ou cometa, representam para o sistema solar. Os espaços intra-atômicos existentes são mais do que suficiente para darem passagem a um número inconcebível de neutrinos simultaneamente.

Como a desproporção entre “espaço vazio” e o ocupado pelos corpos celestes detectáveis é tremenda mas se este estiver cheio de neutrinos, por certo, a massa oculta será mais do que suficiente para inteirar aquele valor preciso que tornará possível a fase de contração.

Diz a ciência: “Se a massa , ainda não medida ,for considerável, os neutrinos podem no conjunto exercer uma força gravitacional capaz de diminuir a velocidade d expansão do universo iniciada no Big Bang”.

Na realidade os neutrinos ainda não correspondem ao nível de unificação de todas as coisas, não conferem ao universo uma condição de unidade, mas já permite que a ciência admita serem eles um elo entre todas as coisas existentes. Na realidade a unificação está além do nível dos neutrinos, pois mesmo os incomensuravelmente diminutos neutrinos ainda são corpúsculos, portanto, fragmentações. Nos neutrinos ainda existe a fragmentação, pois que ainda tratam-se de partículas mesmo que incomensuravelmente pequenas, e no verdadeiro nível de unificação não existem mais corpúsculos, existe apenas uma essência única e indivisível.



O GIRO DAS GALÁXIAS

“ VERDADE E ROSAS TÊM
ESPINHOS”.
H. G. BOHN



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



TEMA 0.919



Na palestra 916 falamos a respeito do giro do universo e nesta daremos prosseguimento ao estudo desse aspecto do universo.

Admitindo-se que o Universo gira então cabe ser feito a seguinte indagação: O Universo gira em torno de que? - Isto é algo bem importante pelas implicações que envolvem, razão pela quais os místicos de todos os tempos dedicaram-lhe atenção especial no sentido de saber qual o centro do universo em torno do qual se processa o giro.

A ciência vem identificando centros de galáxias e que, via de regra é ocupado por um “buraco negro”; mas o que estamos estudando nesta palestra não diz respeito ao centro das galáxias e sim o centro do Universo em torno do qual as próprias galáxias giram, ou seja, “eixo” em torno do qual o universo como um todo gira.

Um dos grandes enigmas da astrofísica é saber por que as galáxias giram de uma forma paradoxal. Uma galáxia em espiral deveria girar no sentido da direção dos braços mas na verdade o giro é no sentido oposto. Na fig. 1 as setas mostram o sentido do giro desta galáxia. Vemos que isto contraria a tendência natural seria girar no sentido inverso das setas.

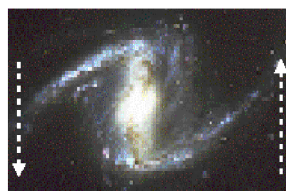


Figura Erro! Argumento de opção desconhecido.

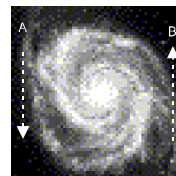


Figura Erro! Argumento de

opção desconhecido.

Na fig. 2 a seta A indica o giro real desta galáxia, mas o giro lógico seria no sentido indicado pela seta B. É possível que as galáxias girem no sentido esperado mas que giro do universo supere o giro individual ocasionando esse resultado. Nossa hipótese é: aquilo que aparenta ser um giro inverso possivelmente trata-se do giro do universo e não propriamente o da galáxia. O aparente giro inverso das galáxias resulta da associação de sistemas giratórios acoplados, quando um gira num sentido o outro gira em sentido oposto.

Uma galáxia gira em torno de uma estrutura de sua própria natureza, normalmente um Buraco Negro.

Sabe-se que cada planeta gira em torno de si mesmo (= rotação); que por sua vez ele gira em torno do seu respectivo Sol (= translação); que os sistemas solares giram dentro da galáxia; que por sua vez também gira em torno do seu próprio centro; que as galáxias organizam-se em grupo formando os chamados “grupos locais”¹⁶ e que cada grupo local gira em volta de um centro comum de gravidade; que os grupos giram dentro das galáxias; que por sua vez giram em conjunto em torno de um centro comum de gravidade dentro da galáxia; que os grupos de galáxias formam o universo que gira em torno de seu próprio centro.

É sobre esse centro em torno do qual tudo gira que estamos desenvolvendo esta palestra.

- 1 - Giro do planeta em volta de seu centro (movimento de rotação);
- 2 - Giro do planeta em volta do sol (movimento de translação);
- 3 - Giro dos sois dentro da galáxia;
- 4 - Giro da galáxia em torno de seu centro;
- 5 - Giro da galáxia em torno do centro comum do grupo local;
- 6 - Giro do aglomerado de galáxias dentro do universo;
- 7 - Giro do universo.

Vimos sumariamente os giros em nível do macrocosmo não podemos dizer que não é diferente no Microcosmos. Os átomos giram e igualmente as partículas e sub-partículas que os constituem.

Não poderia ser diferente pois no Principio do Movimento baseia-se a própria expansão do universo. Sem esse movimento não poderia haver a descontinuidade porque a descontinuidade, por mais ínfima que seja, requer um proporcional afastamento das partes e, naturalmente, qualquer afastamento implica em movimento. Vejamos que toda expansão se faz presente a força centrífuga (= fuga do centro) e esta é movimento em giro.

Aparentemente existem dois tipos de movimentos: o retilíneo e o curvilíneo. Na verdade a própria física relativística mostra que a reta não existe dentro do universo, pois sendo o espaço curvo qualquer segmento de reta tende se curvar. Einstein atribuiu isto à gravidade mas podemos dizer que em especial isto é uma decorrência do giro do universo. Tudo dentro do universo é curvo, portanto a reta e consequentemente o movimento retilíneo somente pode assim ser considerado a nível muito limitado. Mesmo assim é considerado porque um segmento muito pequeno o índice de curvatura é tão ínfimo que em sentido prático pode ser desconsiderado.

O movimento reto é anômalo, assim como as formas angulares, isto porque tudo o que está diretamente ligado à perfeição é curvo como resultado do giro do universo. Numa linguagem esotérica podemos dizer que tudo o que não for curvo está mais ligado ao lado negativo da natureza – lado do afastamento do centro.

Para concluir queremos falar sobre a causa do giro de tudo quanto há. O universo expandiu-se a partir de um ponto, mas continuou a existir um elo de ligação (seqüência sétupla). Um afastamento, um movimento em que permanece uma linha de ligação promove um giro. Como exemplo: algo que movimenta-se em torno de um centro o movimento tende a ser circular. O elo único mantém tudo unido a um ponto em torno do qual tudo orbita. Se não

¹⁶ Por exemplo a nossa galáxia faz parte de um sistema com cerca de 16 galáxias, entre as duas galáxias conhecidas pelo nome de Nuvens de Magalhães, a Galáxia de Andrômeda, e mais algumas.

houvesse esse elo de ligação, então poderia haver movimento retilíneo, mas como há a persistência do elo de união então não tem como o movimento no universo deixar de ser circular. A própria expansão condiciona o giro de tudo quanto há no universo imanente.

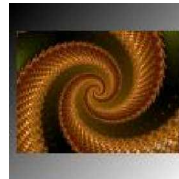


O GIRO DO UNIVERSO

“ A MENTIRA É VELOZ MAS A VERDADE
NÃO TARDA EM ALCANÇÁ-LA ”
PROVÉRBIO



TEMA 0916



Na palestra anterior falamos sobre alguns dos principais giros existentes e dissemos que o universo como um todo gira, até mesmo os chamados “buracos negros” giram. A indagação precisa é: O universo gira em torno de que? - Resposta em torno do Grande Sol de Abraxas, fonte de toda a energia cósmica de cada universo.

O giro do universo já foi estudado pela ciência, mas ela chegou à conclusão de que tal movimento não existe, mas isso acontece em decorrência da não consideração de certos parâmetros.

Outra referência que fizemos na palestra anterior é os Antigos Iniciados afirmavam sobre a bipolaridade do universo, e da existência de um universo gêmeo deste; e que os dois giram em torno de um centro gravitacional comum e em sentidos opostos. A ciência nem sequer sonha com isso, mas é uma verdade até há pouco tempo somente do conhecimento dos Iniciados de elevado grau e que agora está sendo divulgado por algumas Ordens Tradicionais.

A ciência nem ao menos aceita que o universo gira porque ela se baseia em cálculos físicos incompletos. Ela nega o giro do universo, baseado no princípio físico que mostra que tudo aquilo que gira tende a apresentar um achatamento nos pólos. Há um som residual do Big Bang que presente em todo o universo e que pode ser medido medindo-se o efeito deveria ser constatada diferença da frequência sonora conforme a medição fosse feita no sentido ou do equador do universo. Mas acontece que a medição do ruído de fundo do Big Bang não evidencia uma apreciável modificação do efeito Doppler que deveria existir caso houvesse o esperado achatado nos pólos - eixo de rotação - decorrente do efeito do giro. Na verdade a ciência não evidencia a diferença na frequência do Efeito Doppler por não levar em conta a massa imensa daquilo que ela chama de matéria escura e também os neutrinos. Se esses dois elementos forem considerados a ciência chegaria a evidência da rotação do universo.

Na verdade é esse movimento que promove a expansão do universo. O Princípio do Movimento está em tudo, onde ele não estiver presente há um desmoronamento unificador, pois prevaleceria aquele “puxão” efetivado pelo elo remanescente da sequência sétupla, a respeito do qual já falamos em outras palestras.

Se o Universo não girasse, ele “cairia” sobre si mesmo si mesmo. Esse giro representa a força centrífuga que mantém as coisas afastadas uma das outras e que se contrapõe à “Força”

de Gravidade, conforme já estudamos em outra palestra.

Uma indagação válida é: O Universo gira em torno de que? - Isso é algo bem importante e que desde época remotíssima falava-se desse ponto central do Universo. Trata-se do chamado Grande Sol de Abraxas ¹⁷; ponto de emanção do fogo que tudo domina e concede vida. É o *limite* entre o *Imanente* e o *Transcendente*.

Abraxas é a forma da manifestação original de Deus dentro da Criação. “*Sua energia está oculta, mas é inerente a cada átomo, portanto uma forma Onipresente. Em toda vastidão do espaço não há lugar em que a Força Original de Abraxas não esteja presente*” - Nuctemeron.

Na verdade ignoram-se quantos universos existem, mas algumas doutrinas tradicionais, entre estas o hermetismo, afirmam que eles se apresentam em duplas. Nesse caso vale salientar que os dois universos não ocupam lugares diferentes, não é fácil se entender isso, mas mesmo assim, queremos dizer que eles têm um elemento em comum que é o espaço, em outras palavras eles existem num mesmo espaço.

Considerando a duplicidade universal, conforme dissemos na palestra anterior, enquanto um gira para um lado o outro o faz para o lado oposto e essa situação até terminar o ciclo de expansão ao atingir o *limite* quando então se dá o movimento inverso. Há o *limite* que estabelece o ponto a partir do qual o processo se inverte. O *limite* não pode ser ultrapassado de forma alguma. No que estamos dizendo está presente um dos grandes segredos cósmicos, o porquê do limite não poder ser ultrapassado, pois se trata de um Princípio Imutável do Universo.

Esse sistema simbolizado pela dupla hélice justifica muitos paradoxos existentes na criação, entre eles o porquê o aumento da entropia não levará tudo ao caos. Enquanto num dos universos a entropia aumenta no outro diminui proporcionalmente.

O equilíbrio cósmico resulta desse sistema binário de manifestação e nisto o equilíbrio de manifestação do **Poder Superior**. São as Suas duas faces manifestas, faces opostas, bem verdade. Meditem muito sobre o que acabamos de dizer, pois altíssimas compreensões certamente advirão, desde que se trata de algo extremamente elevado. “*Vejam aqueles que têm olhos para enxergar*”, os mistérios da Natureza Divina são penetráveis, mas não entregues gratuitamente. É preciso o desejo de penetrar nos mistérios e o pedido sincero feito através do esforço e do sentimento de querer saber.

Acreditamos que este Tema poderia ser apresentado apenas pelo parágrafo anterior porque, por certo, ele diz mais do que o que é dito inúmeros livros existentes.



¹⁷ Vide temas 414 - 418 - 421 - 424 - 430 - 434 - 554 - 662

OS SETE CÉUS

“ O SER NUNCA EXPERIMENTA O INFERNO
QUE TANTO TEME, A MENOS QUE ESCOLHA
EXPERIMENTAR”



2000 - 3353

TEMA 1.248



Já falamos que Deus pode ser percebido pela pessoa basicamente em sete níveis, estabelecidos a partir de uma série de qualidades que parecem específicas, mas que na verdade é apenas aspecto de Um Único Supremo Ser. Este ser contém tudo quanto há, é a mente individuada que o separa numa série de qualidades às quais se atribuem as condições de Deus. Segundo os níveis da criação tal como é entendido pelas doutrinas tradicionais, Deus pode ser situado em sete níveis, mas isso não indica que as qualidades do Deus de um nível excluem as qualidades dos demais, apenas cada um transpõe determinadas qualidades que existem no Inefável. O Deus de um nível se apresenta diferente do de um outro nível apenas por decorrência da apreciação que é feita Dele.

Na verdade as conceituações a respeito de Deus não se referem ao como Ele quer se apresentar, mas sim ao como a pessoa quer percebê-lo. São quatro os tipos de imagens possíveis. Uma é aquela que a pessoa passa de si mesmo pelo seu querer, a que de como ela quer ser vista. A seguir tem a imagem que ele crê que é; a terceiro a que o observador faz; e a quarta a verdadeira imagem. As imagens de deus aceitas pelas religiões enquadram no terceiro grupo.

Os deuses são simplesmente delimitações de qualidades de um único manancial.

Considerando-se pelo prisma da criação se podem perceber sete níveis distintos de Deus, mas sobre outros ângulos existe uma infinidade deles. Para se ter um deus basta juntar algumas qualidades que a pessoa considera divinas, atribuí-las a um ser, ou a uma forma, e então está particularizado um deus. Por esta razão é que tão grande número de deuses existiram em todos os tempos e lugares; um para cada tribo, um para cada raça, um para cada religião, e até mesmo um para cada pessoa.

Deus das religiões, mesmo o das mais tradicionais, não são mais que delimitações de qualidades desejáveis, não mais que isto, mas mesmo assim as pessoas têm aquelas qualidades tão fortemente incorporadas aos seus códigos que, ao infringir alguma delas sente cair sobre si o peso da culpa. Ela assim escolhe o inferno que tanto teme. Alguém jamais experimentará o inferno a menos que escolha experimentá-lo através da desobediência aos paradigmas, aos códigos aceitos.

que dissemos quanto ao “inferno” pode igualmente ser dito quanto ao “céu”. A pessoa cria o “céu” que tanto deseja quando obedece aos códigos que são aceitos como certos. Nesta condição ela não tem conflitos.

Agora vamos fazer algumas considerações peculiares. Vamos iniciar com aquele pensamento de M. Gabriel: “*O bem quem sabe é quem o recebe*”. Assim o céu de cada um é o cumprimento daquilo que a pessoa considera certo. Uma mesma atitude pode ser considerada má para uma pessoa e boa para uma outra e disto resulta que tanto o inferno quanto o céu são condições muito pessoais. Não se pode, portanto, estabelecer isto da seguinte forma: aqui está o céu e ali está o inferno. Ele não está em parte alguma, mas ao mesmo tempo está em toda parte onde quer que exista um ser que os considere e que possa se sentir culpado. Por isto se diz que o inferno e o céu estão dentro de cada um. O que é deveras interessante é que o céu de uma pessoa pode corresponder ao inferno de outra, e vice-versa.

A pessoa pode ter a vida mais reprovável possível segundo o ponto de vista de uma outra, mas se ela não estiver em conflito com aqueles valores, então ela não se sentirá culpada, não terá conflitos, viverá no céu. Ela é um habitante da Nona Câmara. Por isto concordamos quando as religiões dizem que as crianças por serem inocentes não podem ser consideradas culpadas. Isto é correto, o inocente por não ter ativo um código ele não o infringe, conseqüentemente não sente culpa e, assim ele não sofre pelo que fez ou deixou de fazer. Tudo o que um inocente, ou um insano, fizer nem é errado e nem certo, simplesmente é. Um insano pode estar respondendo pelo que já fez, mas não está sendo punido pela culpa do que estiver fazendo.

Como tudo é Uno, como tudo é Deus, então todas as qualidades são Divinas, mesmo aquelas que as pessoas consideram como piores. Todas as qualidades existentes podem então ser agrupadas em relação à criação e o são em sete níveis, três deles relativos ao mundo imanente.

No nível mais inferior das qualidades existentes agrupam-se aquelas consideradas satânicas e no mais elevado as qualidades divinas, mas, pelo que já foi dito, vê-se que tudo isto não passa de conceituações relativas a muitos fatores, entre eles a compreensão, o entendimento da pessoa. Se não existe o errado separado do certo em nível da Inefabilidade, então uma pessoa pode achar certo o que uma outra acha errado. Desta forma alguém pode achar certas as condições tidas como satânicas, e se o seu código dita que aquilo é certo, o errado é fazer o inverso, mas se ela fizer o inverso se sentirá culpada, sofrerá, estará criando o inferno dela. Por outro lado, se agir de conformidade com o código adotado, então não sentirá culpa e estará criando o seu próprio céu.

Colocando-se as qualidades numa escala decrescente vê-se que o nível mais inferior tanto pode ser um inferno, como um céu, a depender do código de cada um. Este é um dos sete céus citados por algumas doutrinas. Vivendo de conformidade com as qualidades distribuídas nos sete níveis pode-se então falar de sete céus, isto a nível grupal, pois a nível pessoal existem tantos infernos e tantos céus quanto forem as compreensões.

Diziam os Gnósticos que Jesus depois da ressurreição continuou ensinando os mistérios maiores durante 11 anos, mas somente chegou a ensinar até os mistérios do quarto céu¹⁸. Isto equivale a dizer que Ele somente chegou a dissertar sobre os códigos da quarta câmara.

Diante de tudo o que foi dito nesta palestra a pessoa pode indagar se um espírito que teve atividades consideradas diabólicas está no “inferno” ou no “céu”. – Isto depende. Como

¹⁸ Só haver chegado a ensinar até o quarto mistério não foi por limitação dos conhecimentos de Jesus mas sim pelas dos discípulos de aprenderem mais além.

“inferno” e “céu” na verdade são estados conceituais, estados de harmonia ou de desarmonia com os códigos, podemos então dizer que se a pessoa se sentir culpada pelos seus atos ela sentir-se-á no “inferno” do contrário sentir-se-á no “céu”. Se a pessoa estiver sem conflitos com as coisas que outros consideram diabólica ela estará vivenciando um estado de “céu” e o deus dela em todos os sentidos é satã para os demais.

Do que foi dito resulta uma outra indagação: Se um existir satânico permite viver no céu o que importa então a pessoa ter uma vida considerada diabólica por outros? – Basicamente este estado pode se apresentar com duplo aspecto. Se a pessoa tiver conflitos com o seu código por agir satanicamente, então ela viverá no “inferno”, mas se não tiver conflito algum resultante desta situação, viverá no “céu”. Basicamente o que conta nisto é o transgredir ou o não transgredir o código individual.

Mas em tudo isto há um ponto que merece ser considerado. Os códigos que conceituam o mal, o errado, são muito fortes por estarem muito arraigados na mente das pessoas, mesmo daquelas que têm “vida diabólica”. Assim sendo, aquele que faz um pacto com o demônio está se associando a um estado mental de intensíssima potência, mesmo que para muitos tal ser não exista. Por um lado ele está tolerando, mas no seu íntimo possivelmente esteja se condenando por infringir um código demasiadamente intenso. Temporariamente ele pode não ter conflito por tal pacto desde que estabeleça que aquilo é certo. Mas determinados códigos podem prevalecer potencialmente, por serem muito marcantes eles podem permanecer inativos mas não extintos. Eles se não forem extintos, se estiverem apenas suprimidos, eles permanecerão um momento para se fazer sentir, e assim sendo mais cedo ou mais tarde estará sujeito a ser reativado. Enquanto a pessoa estiver agindo de acordo com o código ela pode estar bem, mas quando o código que dita ser aquilo errado voltar a se fazer sentir, em se tratando de um paradigma de grande poder, a conseqüente culpa será tremenda. Por isto é que aquele que faz um pacto de tal tipo leva muitas encarnações para se libertar. Mesmo que não se trate de um pacto com um ser real, e sim com um código, quanto ao resultado não há diferença alguma. Para anular a ação seria preciso a extinção plena e permanente do código, e isto não é fácil de se processar.

Agora queremos ressaltar um outro ponto que fala alto, o remorso. Remorso não leva à libertação, assim como não conduz à purificação. O que significa um remorso? A negação de uma atitude que feriu um paradigma. Assim a pessoa enquanto tiver remorso não volta a desobedecer aquele paradigma, e assim fazendo não será atingida pela culpa do fazer de novo, mas não estará liberto da autocondenação de haver cometido uma infração. Somente quando não sente culpa está pura naquilo, mas não está liberto do código, até mesmo porque quando se tem remorso é porque se tem culpa e quando se tem culpa é porque se violou preceitos de algum código. Remorso é indicio de forte poder de um código. O ser quando abandona um código não mais sofre coisa alguma relacionada com ele, pois se sofrer é porque não está liberto, quanto muito está contido. Nem ao menos se pode dizer que está acomodado. Com remorso o estado não é de céu, mas de inferno. Libertar um ser do remorso é atenuar a culpa, e isto equivale retirada do seu código o sentimento de culpa por algo feito ou deixado de fazer.

○ “inferno” é o mais baixo dos sete níveis de “céu” e satã o mais baixo aspecto dos sete níveis de Deus. Isto o choca? – Lembre-se de que tudo é Deus, e de que todas os nossos conceitos são apenas nuances da mente. O Universo é mental.



OS SETE PLANOS

“NÃO PODES VER A DEUS;
MAS PODES CONHECE-LO
PELAS SUAS OBRAS.”

CÍCERO



2000 - 3353

TEMA 1083



(Conversando com o meu Mestre)

Esta palestra será uma das menores desta série, pois tem por finalidade apenas clarear a compreensão sobre um ponto que tem gerado muitas incompreensões.

O estudo teosófico muitas vezes apresenta-se difícil exatamente por não dar ênfase às diferenças existentes entre mundos, globos e planos¹⁹. Cremos que já falamos o suficiente sobre *globos* e *mundos*, mas ainda precisamos falar um pouco mais sobre os *planos*.

Nesta serie de palestras temos falado pouco dos *planos* exatamente porque estamos estudando o processo evolutivo que diz mais respeito a planetas, globos, linhagens, raças e civilizações.

Globos são seqüências sétuplas ligadas à evolução física de um planeta, enquanto que *plano* diz respeito à seqüência sétupla da natureza energética. Os *planos* são para as coisas o que os *mundos* são para o universo.

Os globos vão aparecendo progressivamente na medida em que o planeta vai fisicamente se transformando, de ígneo para o gasoso, para o fluido, para o sólido e vice-versa. Os sete globos não estão presentes quando do início da evolução de um planeta, no que diferem dos planos que sempre estão.

Uma pessoa, por exemplo, têm planos, mas não tem globos, o mesmo acontecendo com anjos, devas, gênios e elementais.

Apresentamos aqui um teste para a determinação do grau de compreensão dos discípulos. As linhagens biológicas têm sete corpos, incluindo-se o corpo material, como então se completa a seqüência sétupla dos anjos, devas, gênios e elementais desde que eles não têm corpo físico? Se ficou bem entendido o que são as linhagens, a resposta é bem fácil. Trata-se de um estudo muito bonito, de algo que abre um novo portal para a compreensão do universo. O máximo de auxílio que pretendemos oferecer é dizer que o método mais fácil para encontrar a

¹⁹ Nos livros esses termos muitas vezes têm sentido comum, por isso nestas palestras convencionamos separá-los a fim de dirimir possíveis confusões quanto ao sentido do assunto exposto.

solução é através do esquema da “Árvore da Vida”. Também podemos dizer que se chegando à solução, a unicidade de tudo quanto há torna-se algo muito claro, assim também o Princípio Hermético do Mentalismo, vale por isso tentar...

Todas as coisas têm sete planos que no ser humano são denominados de “corpos sutis”. Por menos evoluído que a pessoa seja ela possui todos os sete corpos sutis, mesmo antes da sua individuação eles já estão presentes nela, assim como, por mais evoluída que ela seja eles persistem, mesmo que exista uma grande diferença entre uma e outra condição.

Embora os sete corpos sutis estejam presentes em qualquer pessoa, o nível de atividade deles varia muito. A pessoa é tanto mais evoluída quanto mais elevado for o plano sutil predominante nela. Num ser pode predominar um plano menos, ou mais elevado e isto é uma decorrência direta do desenvolvimento espiritual. Na pessoa pouco evoluída predomina mais o plano material, mas numa outra pode predominar o mental, o buddhico, etc.

Pelo que dissemos, se pode entender que o *plano* assinala o grau de desenvolvimento espiritual da pessoa, enquanto que o *globo* assinala o tempo de desenvolvimento físico de um planeta. Queremos dizer que um planeta tanto tem sete globos quanto sete planos, pois tudo quanto há tem sete planos, mas nem tudo têm sete globos.

Na pessoa o desenvolvimento espiritual reflete-se no seu campo energético, ou seja, é indicador do plano de evolução. Por sua vez, num planeta os planos basicamente são apenas campos energéticos, mas naturalmente neles se fazem sentir as atividades dos seres. Por isso é que mesmo nos planetas os planos também mostram o grau de desenvolvimento espiritual da sua humanidade. Desta forma os planos de um planeta, além de assinalar a sua própria natureza física, também podem ser considerados egrégoras planetários resultantes da somatória dos graus dos seres que nele existem.



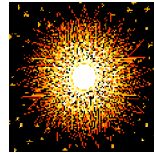
PLANOS DO UNIVERSO

"PERDOA SEMPRE AOS OUTROS,
NUNCA A TI PRÓPRIO".
PUBLÍLIO SIRO

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO FRC.

1994

TEMA 0154



Em diversas palestras falamos da gênese do Universo e sempre ilustramos a Creação com o esquema da "Árvore da Vida". Na palestra "NA IMENSIDÃO DO UNIVERSO" dissemos que existe a probabilidade de que outras linhagens de existência podem existir, que a "Árvore" a que pertencemos talvez não seja a única. Dissertamos sobre uma problemática que nos atingiu e que algumas religiões referem-se como "A Queda dos Espíritos". Preferimos usar o termo "O Envolvimento dos Espíritos" desde que o espírito na realidade em essência não caiu, ele é puro e, portanto divino, mas apenas houve um envolvimento da luz. Vários mantos de imperfeição se tornaram surgiram na medida em que o espírito foi se afastando da Lua.

Não podemos dizer o número de linhagens que devem existir no Universo, porém com certeza há um número incomensurável delas.

É possível que dentro de todos os padrões que caracterizam uma pessoa humana, seja a terra o único palco onde esta possa existir, mas isso não invalida a assertiva de que um inconcebível número de outras formas de existência inteligente possa existir. Recentemente, por meio de análise em computadores programados com o maior número possível de variáveis individualizadoras, características, da pessoa humana revelou que mesmo admitindo-se a existência de trilhões de planetas a vida humana, exatamente com as características que conhecemos, não poderia estar presente em mais de um planeta. Se assim for é possível que somente a terra seja o lar do ser humano tal como o conhecemos, mas deixando claro que a vida existe em todo universo e que ela pode se manifestar de forma inteligente num incomensurável número de formas e de lugares na amplidão do universo. Não é preciso que a vida seja exatamente em um tipo idêntico ao nosso organismo.

A *Consciência Superior* é a própria vida e como Ela está presente em todos os pontos do universo, conseqüentemente podemos dizer que a vida é onipresente onde quer que exista, ou que venha a existir, alguma forma de criação na amplidão do universo, contudo não é obrigado que ela se apresente apenas nas formas biológicas que conhecemos.

O universo é tão grande que por certo miríades de lugares existem onde as mais diversas formas de vida se fazem presente. A vida é muito maleável, ela se manifesta nas mais diversas condições. Vemos que na própria terra ela está presente até mesmo dentro de estruturas sólidas, até mesmo em níveis tremendos de pressão, em cavernas aonde não chega à luz direta do Sol, crateras de vulcões ativos, etc. A ciência está muito distante do de saber quantas formas de vida se fazem presente na terra. Isto nos mostra que a vida como que se adapta as mais díspares

condições.

Em temas anteriores falamos dos *Gênios da Natureza*, falamos de *Fadas*, *Gnomos* e outras forças conscientes existentes. Também falamos do *astral* e dissemos que algumas doutrinas se referem á três planos de existência: O Plano Material, O Astral Resplandecente e o Astral Superior, enquanto que a Teosofia e as doutrinas védicas citam 7 planos. Na realidade essas divisões não modificam a natureza do universo quer se considere três, cinco, sete, nove ou **N** planos, pois, na realidade, aqueles planos são por sua vez divididos em outros sub-planos e assim por diante. Via de regra, as divisões são baseadas nos atributos de cada plano. Grosso modo, se pode considerar um só plano, ou três, ou sete, o que importa é que saibamos que esses planos se desdobram em um número muito grande de sub-planos.



A LUZ PRIMORDIAL E OS PLANOS DO UNIVERSO

"NADA NO UNIVERSO É INSIGNIFICANTE"
J. F. VON SCHILLER

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO frc.

TEMA 0.157



Estudamos alguns aspectos do **UM** em palestra anterior e vimos em linhas gerais algumas das particularidades do **Continuum da Luz Primordial**, comparamos informações da Bíblia, e de algumas outras doutrinas, com aquilo que diz a ciência oficial a respeito da primeira fase da criação do universo. Mostramos que a Luz, tal como a conhecemos, na primeira etapa da criação. Realmente a **Verdadeira Luz**, aquela a que se referem os sistemas místicos, não é a simples claridade e sim algo bem mais elevado. A luz visível – claridade – já é fruto da **LUZ PRIMORDIAL E SUTIL** – *Fohat* – que cuja primeira manifestação na criação compreende o “Grande Sol Central de Abraxas” que inunda todos os espaços entre as coisas que existem naquilo que a ciência chama de Universo.

Na Expansão do Universo se fez sentir uma *LUZ* e não apenas uma claridade, também conhecida pelo nome de *LUZ UNIVERSAL*, a mais poderosa manifestação de poder estruturador – “energia” Universal.

Se percebêssemos o Universo em sua essência, se o víssemos como ele é em sua natureza íntima e não como ele se nos apresenta, por certo, o que se perceberia seria um *continuum de energia*, um “*oceano ilimitado de energia*” e em tal “oceano” inúmeros “grumos”, inúmeros “pontos” de condensação, em que energia se “compacta”, se condensa onde a vibração primordial se modifica. Nesses pontos é que as coisas existem como tais. Assim é que dependendo da vibração uma fantástica quantidade de coisas existem. São as estruturas dentro da criação e que em essência são cintilações de consciência.

Mudando os parâmetros em qualquer desses “grumos” de energia, mudando as frequências pressente-se que aquilo se transforma, muda, se tornando algo diferente. Se todas as vibrações de uma coisa mudarem ela modifica-se em sua totalidade, transforma-se totalmente em algo diferente, e se apenas parte das vibrações se modificarem haverá modificações parciais conforme seja afetado padrão vibratório.

Tudo isso que a ciência chama de universo, ou seja, a matéria detectável, é apenas uma estruturação resultante da combinação de certo número de frequências, ou seja, de um aglomerado de frequências. Mudando uma delas, algo muda dentro desse “grumo” e mudando-se o conjunto a natureza do “grumo” muda também. Isto quer dizer que as coisas podem ser transformáveis dentro do universo pela modificação da vibração e que o próprio universo pode mudar se mudarem os parâmetros de organização da energia. É uma determinada forma de

organização da energia que faz com que o universo seja tal como o conhecemos.

No que acabamos de afirmar é que se baseia a Alquimia²⁰. Os alquimistas trabalharam sobre pequena parte da matéria, estabeleceram um processo muito limitado diante da Grande Alquimia Universal. Ouro é ouro porque algo – energia – está vibrando num determinado padrão; chumbo é chumbo por igual motivo, e assim por diante. Se de alguma forma se for convertida a vibração do padrão chumbo pelo do padrão ouro sem dúvida alguma o chumbo se transformará em ouro e vice-versa.

Nas citadas palestras revelamos que o processo alquímico afeta não apenas a matéria, mas o próprio indivíduo. O ambiente do santuário alquímico conduz a pessoa a um contacto com uma realidade maior, leva a pessoa a vibrar num nível mental capaz de transformá-la como pessoa. Mas em um grau bem mais alto a transformação pode não ser apenas em características psíquicas, emocionais, comportamentais, mas pode chegar mesmo que haja transmutação física do próprio indivíduo.

Se a pessoa conseguir mudar sua estruturação vibratória pode se transformar em outra coisa. Assim como um corpo metálico chumbo pode se ter transformado em um corpo metálico ouro, assim também uma estruturação somática orgânica pode se transformar em outra.²¹

Crendices populares de todos os recantos do mundo falam de pessoas que em determinadas situações se apresentavam como feras, como corvos, como lobos e coisas assim. Isto à primeira vista parece lendas ridículas. Há um adágio popular que diz assim: "Onde há fumaça há fogo". Isto é válido para quase todas as "lendas", alguma coisa na realidade serve de base para certas lendas e as que acima mencionamos não fogem à "regra". Isto parece produtos de do pensamento de mentecaptos, mas não é bem assim. Filosofias e religiões sérias falam dessas coisas. Pessoas que foram proeminentes na história da humanidade operaram coisas assim. Jesus multiplicou pão e peixes. Seria isto uma mentira?- Certamente não. Ele em certa ocasião disse : "O que eu faço vós podereis fazer". Se essas palavras de Jesus forem verdadeiras, e se é verdade que ele disse isso, por certo há maneira de se transmutar coisas seja do mundo material quer sejam do mundo biológico, que coisas orgânicas quer inorgânicas.

A partir da *Luz Primordial* muitos "mundos" podem existir dentro do universo a que pertencemos que podem ser representados por uma sucessão de "Árvores da Vida". A única condição é que para pertencerem a este universo eles tenham pontos de contacto ao nível de algum dos *sephirot* (Palestra 154, 157).

Assim os "planos astrais" de tais mundos não são os nossos, pertencem à uma outra "árvore". Um mundo nada mais é do que um conjunto imenso de níveis vibratórios que em seu

²⁰ Temas relacionados com a Alquimia: "A Alquimia", A "Alquimia na natureza", "O Misticismo Alquímico".

²¹ Nesta palestra estamos começando a trazer revelações verdadeiramente perturbadoras, para algumas pessoas. Seria até bom que elas não fossem verdades mas na realidade o são. Sabemos que o comum das pessoas não suportam a aceitação do que temos para revelar e que . Entendemos perfeitamente isso porque não foi fácil para nós aceitar tudo isso quando nos foi revelado. Não são coisas perigosas já que não estamos ensinando métodos através dos quais uma pessoa não devidamente preparada possa chegar a ter domínio sobre tudo isso. Estamos citando apenas mistérios da natureza mas não revelando os segredos relativos ao como se atingir certos alvos. **Na senda mística se mostra o caminho mas é a própria pessoa quem aprende a caminhar por ela. Assim somente aquele que estiver preparado recebe diretamente da fonte cósmica cristalina o modus faciendi inerente aos processos.** Citamos para que a pessoa possa examinar, pedir para entrar no conhecimento, pedir para receber o conhecimento dos Mistérios da Natureza". Não se pode pedir para saber algo que nem ao menos se tenha conhecimento da sua existência. Disse Jesus: "**Pedi e abre-se-vos-á**, porém também Ele disse: "**Mais será cobrado de quem mais foi dado**". Saber coisas envolve uma grande responsabilidade. A simples citação leva a duas situações: Ou a pessoa aceita como premissa e procura descobrir se é ou não uma verdade, ou simplesmente não aceita e considera o informante uma pessoa com a mente repleta de fantasias. Mesmo que assim seja o dever de quem sabe é ensinar a quem esteja no lugar de poder receber. Na realidade informados da existência de "grandes mistérios na natureza", mas o entendimento e muito mais da a capacidade de operar em tais níveis é dado pela inspiração intuitiva ou por revelações em estados especiais de consciência.

conjunto difere do nosso. Vale salientar que existe ressonância vibratória dentro daquilo que existe num determinado mundo e assim é um tanto fácil uma modificação vibratória transformar as coisas, promover uma "passagem de um plano para outro especialmente em pontos de batimento de ondas. Apresentamos em alguns temas sobre a certeza de que existe aquilo que a Alquimia diz ser possível, a transmutação das coisas.

Também pode haver transposição de uma coisa para um outro plano para um outro mundo, para um outro astral daqueles mundos desde que tal coisa seja passível de existir no mundo considerado. Vamos exemplificar: Se o ferro, que tem uma vibração que lhe caracteriza como tal, for passível de vibrar num outro mundo, ele pode ser desmaterializado aqui e re-materializado lá, mas se lá a vibração corresponde a ferro não for possível de ser estabelecida por certo ali jamais haveria ferro. Em suma, há mundos em que uma determinada coisa não pode existir por ser a sua vibração incompatível com aquele tipo de mundo. Temos exemplo disso mesmo aqui, no mundo em que existimos. O *teclado cósmico de vibração* tem uma imensa gama de faixas de ondas em que nada é detectado nelas. Tudo é vibração porém no Teclado das Vibrações existem muitos "vazios", como veremos em temas futuros. Nem tudo é ressonante com o nosso mundo, com a nossa árvore.

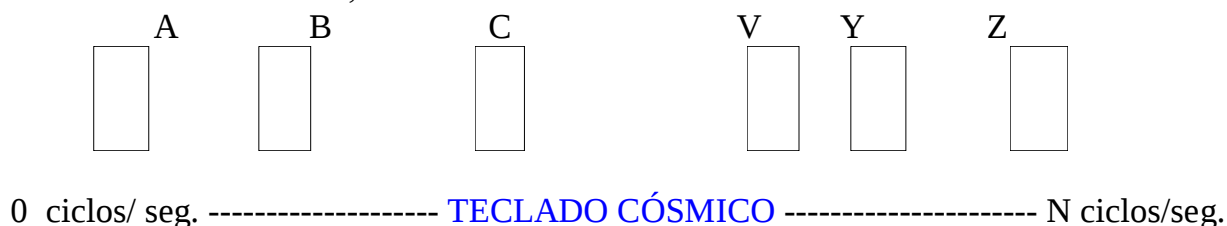
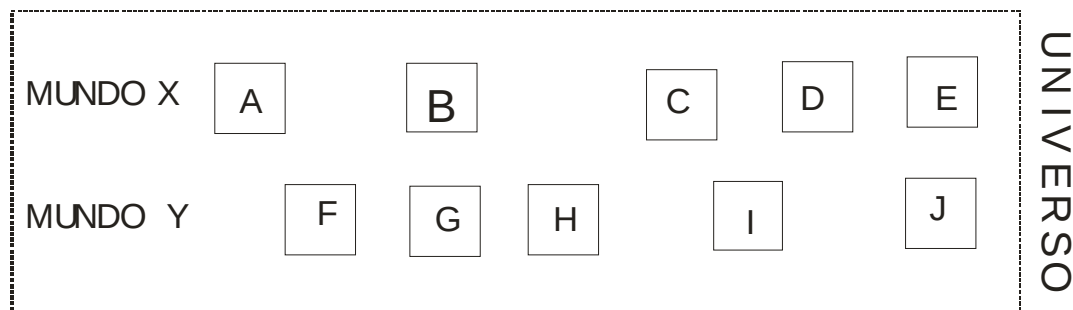


FIG. 1

A = SOM
 B = ONDA DE RÁDIO
 C = ELEMENTOS QUÍMICOS
 V = CORES
 Y = RADIAÇÕES
 Z = ESPÍRITO

Como podemos ver, existem muitas "lacunas" no teclado. Da menor frequência até a maior somente algumas faixas são ocupadas por manifestações registradas por nós. Ignora-se o que significam aquilo que existe nas frequências intermediários. Exatamente são essas frequências que constituem outros mundos com outras coisas totalmente desconhecidas para nós.



Aqui estão representados dois mundos, X e Y mas que pertencem a um mesmo universo, porque têm algumas condições em comum. Algumas situações representadas em X também o são em Y, (B e G – E e J por isto são considerados apenas planos de um mesmo universo). Há condições comuns aos dois, e há condições que não o são, por isto podem ser considerados mundos ou planos distintos, mas integrantes de um mesmo universo. Exemplo, mesmo que algo estivesse vibrando como A no mundo X ele não seria detectado – não se manifestaria – no mundo Y. Esses dois mundos têm existências paralelas, mas como há faixas comuns, conseqüentemente são passíveis de intercâmbios.

No universo existe um número muito grande de mundos, não sabemos quantos existem, mas podemos afirmar que não são poucos. Cada um tem sua realidade própria, e cada um é tão real quanto o outro. Na verdade para quem está num determinado mundo o outro parece ser "etéreo", mas não o é para quem estiver lá, e a recíproca é verdadeira. Mesmo que a matéria não seja como esta onde convivemos, a do nosso dia a dia, mesmo assim para quem estiver num daqueles planos ele é tão concreto quanto este o é para nós.

Quando falamos de "mundo" estamos nos referindo a linhagem de coisas, linhagens de seres e planos diversos entre os quais aqueles que chamam de plano astral. Na verdade não são “Árvores da Vida” independentes, mas sim interligadas com a nossa.

Por certo que existem árvores totalmente independentes, separadas desta em que existimos, mas neste caso trata-se de um outro Universo, de uma outra criação, conforme estudamos em temas anteriores quando tratamos da Criação a partir do Nada, dos Universos Paralelos.



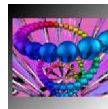
A COMPLEXIDADE DAS LEIS DO UNIVERSO

“ NUM ESTADO, A MULTIDÃO DE LEIS É O MESMO
QUE GRANDE NÚMERO DE MÉDICOS: SINAL DE
ENFERMIDADE E FRAQUEZA”.
VOLTAIRE


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C.

1995

TEMA 0.405



Pergunta-se o porquê das coisas serem tão complexas e difíceis no mundo material, o porquê do desenvolvimento espiritual ser tão lento e cheio de percalços. Como veremos, isto é uma decorrência do envolvimento do espírito have-lo levado a viver num mundo do *sétimo nível* (sétimo a partir da origem que é UM), razão pela qual a terra é um dos lugares mais difíceis de se viver no universo.

Pela fig.1 vemos o desdobramento do universo em sete níveis, em que o primeiro deles é o Mundo da Luz, mundo da Perfeição Divina.

Cada nível tem suas leis físicas assim como leis dos homens. No nível inferior há um imenso número de leis, pois além das leis naturais existem também as leis morais, sociais, econômicas, religiosas e N outras categorias de leis e regulamentos chegando a um ponto tal em que até mesmo um indivíduo isolado ou grupo de indivíduos estabeleçam suas próprias leis.

O mundo parece ser um imenso sistema de coisas independentes, mas na realidade isso é apenas na aparência pois tudo está unido em algum ponto da cadeia da *seqüência sétupla*.

Na medida em que o desenvolvimento se faz no sentido ascendente as coisas vão se unificando, vão se tornando menos complexas, com menor número de leis e consequentemente com menores complexidades e dificuldades.

A criação é sinônimo de divisão, de separação, de desunificação, de descontinuidade. No absoluto tudo é contínuo, não há divisões, ou seccionamentos, ou descontinuidade alguma. Quanto mais inferior for o plano maior será a descontinuidade, maior será o número de leis naturais, maior a complexidade das coisas.

Aparentemente as coisas parecem separadas quando na realidade não o são. Visando uma melhor compreensão do que estamos analisando tomemos como analogia o seguinte: Suponhamos um lago parcialmente congelado, com os blocos de gelo dispersos, e cada um com características de formas próprias. À primeira vista os blocos de gelo podem parecer unidades distintas mas se analisarmos melhor veremos que a distinção reside apenas ao nível do gelo; ao nível da água congelada é que podem ser considerados como coisas separadas.

Num segundo nível tanto os blocos de gelo quanto a água líquida são uma mesma coisa, pois quer os blocos quer a água do lago são uma mesma coisa. Neste segundo, o da água líquida, não existem diferenças entre os blocos de gelo e nem entre estes e o meio em que

flutuam. Só aparentemente, num primeiro nível é que os blocos parecem-se distintos, blocos com formas e algumas características comuns, mas num segundo plano tudo é uma só coisa, simplesmente água.

Vejamos uma outra condição. E em se tratando de blocos de gelo em dois lagos distintos eles não são coisas separadas? - Neste caso não são eles coisas distintas? - Na realidade seriam coisas distintas em um primeiro e em um segundo nível (água sólida e água líquida) mas não em um terceiro, pois neste eles continuam unidos desde que os dois lagos estão unidos pelo vapor de 'água da atmosfera. Trata-se de água unindo água ao nível de vapor e assim nesse terceiro nível os blocos de gelo continuam também unidos, são uma coisa só. Assim segue-se nos demais níveis²² num ou noutro tudo se une, tudo se torna uma coisa só.

Agora percebamos o seguinte: Nem todas as leis que regem os blocos de gelo são aquelas mesmas que regem a água líquida e nem todas as que regem a água em vapor. Cada nível tem suas leis físicas específicas.

Na natureza espiritual também isto é válido, cada plano tem suas próprias leis físicas, éticas e morais.

O espírito só em parte se afastou do UM pois em algum da seqüência sétupla embora a ELE continue ligado. Essa ligação é que faz com que tudo tenda a voltar ao ponto inicial. Poderíamos usar como analogia um elástico esticado em que os extremos, mesmo estando afastados entre si apresentam uma força no sentido de fazer voltar à posição inicial. No universo também tudo é assim, embora afastadas e diversificadas todas as coisas sofrem um impulso de volta ao início, uma força centrípeta dominante.

Essa força centrípeta no universo se manifesta sob as mais diversas formas; hora como simpatia, hora como afinidade química, hora como identificação, hora como amor, hora sexualidade, etc.

Tudo impulsiona as coisas a unirem-se mas nem sempre elas o fazem num plano superior de existência.

O conhecimento a seguir foi trazido ao Ocidente a partir do Esoterismo do Sufismo, uma das doutrinas guardiães dos ensinamentos da TRADIÇÃO.²³

Temos mostrado que em decorrência da natureza trina do Universo na realidade o Um, o Dois e o Três são apenas UM.

Ao nível do UM só existe um princípio, uma lei e consequentemente apenas um nível de complexidade. Ao nível do UM só existe a possibilidade do binário, *sim* ou *não*, *presença* ou *ausência*, *permanecer* ou *polarizar*, *coesão* ou *dispersão*, *continuidade* ou *descontinuidade*, permanecer um ou tornar-se *múltiplo* (= fragmentar-se) .

Vemos, pois que neste primeiro nível só há *uma*, apenas *uma* possibilidade de errar. Não existem mais que uma opção, somente há uma possibilidade, a de sair do perfeito no sentido do imperfeito. Algo que é perfeito somente tem uma possibilidade, a de se afastar da perfeição.

A manifestação só se torna possível pela polarização e neste caso ou a criação se polariza tornando-se imperfeita ou permanece perfeita mas consequentemente imanifesta.

²²Tudo no universo existe em sete níveis. Assim podemos dizer que existem também sete aspectos da água além dos três citados; alguns dos quais a ciência ainda não tomou conhecimento.

²³ Assunto divulgado por P.D. OUSPENSKY baseado nos ensinamentos de Gurdjieff, mas vem da Tradição através dos Sufismo.

Antes de se polarizar só existe uma força atuante, uma só lei e após se polarizar já existem duas.

Agora vamos nos reportar à própria origem do universo. Na *Trindade* inicial, antes de haver polarização, existiam apenas três forças, três leis, três possibilidades; cada LUZ uma lei, perfazendo um Universo com 3 leis apenas. A cada elemento da Trindade o *potencial de ser* e o potencial de *não ser*, portanto uma possibilidade de duplicação para cada lei. Desta forma no terceiro nível são possíveis apenas seis leis ($3 \times 2 = 6$) resultantes duplicação das *três leis*. Mais uma duplicação faz com que se forme um quarto nível. No quarto nível a duplicação leva a doze possibilidades e assim por diante até que no sétimo nível o número deles são 96. (Vide Fig. 3).²⁴

Muita confusão existe em torno desse número (96). Há estudiosos que afirmam ser este o número de dificuldades, o número de possibilidades de erros existente no Universo. Na realidade não é bem assim, 96 representa apenas o número de leis atuantes no sétimo nível da criação e não de complexidades ou de dificuldades existentes²⁵.

Este número, revelado ao Ocidente por Gurdjieff, baseado nos ensinamentos dos Sufis, diz respeito apenas às leis do sétimo nível, esse em que os espíritos em desenvolvimento estão encarnados.

Na origem não houve duplicação e sim projeção. A PRIMEIRA LUZ da Trindade não se *duplicou* por polarização e sim se *projetou* como **TRÊS** constituindo uma **TRINDADE**. Sendo perfeitas as **Luzes da Trindade** elas estavam na condição de *não polarização*. Fora desta condição somente existia uma outra condição, a de polarização e conseqüentemente deixarem de ser perfeitas. Por isso a maneira descrita pelos Sufis, e transcrita no Ocidente por Gurdjieff, se inicia somente depois da Trindade, ao que leva ao número 96.

Na realidade o UM se duplicou mas não como polaridade e sim como projeção de si mesmo. As qualidades não se polarizaram, o UM se apresentou com todas as suas características de maneira TRINA, como TRÊS.

Como algo só pode ser conscientizado pela polarização e como na Trindade não se trata de polarização do UM²⁶, conseqüentemente Ela não é passível de ser diretamente conscientizável.

Somente a partir do Segundo e do Terceiro elementos da Trindade é que houve polarização, conforme apresentamos no esquema representado pela na Fig. 2 e que leva ao número 127. Este é realmente o número de possibilidade básicas no sétimo nível.

Um nível de apenas 127 leis existem, porém no que diz respeito ao número de dificuldades, de possibilidades de erros a coisa passa a ser diferente pois a progressão não é linear, não é aritmética e sim exponencial.

²⁴ Gurdjieff cita 98 leis pois começa a contar duplicações somente a partir da Trindade. Até a Trindade não haviam propriamente polarizações, a Tríade Superior era UM, por isso não se manifestava. Somente quando a polarização teve início a partir da Trindade foi que as possibilidades de erros começaram a ocorrer.

Há sistemas que consideram a projeção já a partir do UM (Fig. 2) mas isso não é verdade. O desenho apenas serve para mostrar esse tipo de desdobramento do número de leis para as possibilidades de erros se eles houvessem tido início no UM. Neste caso o que vale é a progressão geométrica e não a aritmética com peso 7 conforme a fig. 2.

²⁵ O número de leis físicas da natureza se apresentam em número bem maior mas na realidade todas derivam de uma dessas 96 fundamentais

²⁶ Em Temas anteriores falamos em polarização a partir do UM mas em termos de vibração isto só ocorrer a partir do segundo nível, pois as vibrações do UM, DOIS e TRÊS (Trindade) não são diferentes..

○ desdobramento no que diz respeito às possibilidades de erros, às dificuldades com que se defrontam os seres no sétimo nível, se processa em “Árvores”, como decorrência da propriedade das vibrações de se estruturarem em oitavas (sete) o que gera um número imenso de possibilidades.

As “árvores” multiplicam-se e com elas as dificuldades. Temos dito que dentro de cada *sephirah* existe uma outra “árvore” e assim sucessivamente. Essa estruturação está graficamente representada pela fig.1.

○ que mostramos na fig. 2 é o desdobramento linear a partir da Trindade e que diz respeito apenas às leis da natureza, enquanto na fig. 1 está representado o desdobramento sétuplo e que diz respeito não às leis e sim às dificuldades. Portanto trata-se das possibilidades de erros, o desdobramento das possibilidades de erros. Como vemos não se trata de desdobramento na razão 1:2 e sim 1:7. Em decorrência disto nos planos inferiores a complexidade torna-se imensa.

Desta forma os primeiros (Fig. 1) *sephirot* geram cada um uma “árvore” de sete, portanto na primeira fase já são $7 \times 7 = 49 + 7$ (além da original). No segundo desdobramento $49 \times 7 = 343$ e no sétimo nível chega-se ao imenso número de 823.543 complexidades, de possibilidades de erros.

Tudo neste mundo material está sujeito a esse número, cujo valor numérico é 7. Forma-se um verdadeiro labirinto em que o caminho de volta é deveras difícil pois existe um imenso número de desvios possíveis. Na realidade vemos isso no dia a dia, as pessoas trilham um caminho certo e de um momento para outro toma um rumo totalmente impróprio.

Os mentores espirituais da humanidade vêm à terra com a finalidade de estabelecer normas que facilitem o regresso, em outras palavras, para ensinar o caminho através do qual o espírito possa sair desse labirinto enorme que é a existência no mundo denso (sétimo plano). A misericórdia Divina sempre está se fazendo presente não perdoando faltas, não anulando a LEI DO MERECIMENTO, mas dando meios de orientação para o desenvolvimento espiritual.

○ espírito envolvido quando na terra vive num autêntico labirinto tal como vivenciou o Príncipe Teseu no labirinto da Ilha de Creta quando teve que se defrontar com um monstro, o Minotauro, citado na Mitologia Grega. Para vencer o animal e conseguir sair do labirinto Teseu teve que contar com o amor de Ariadne (“misericórdia”) que lhe deu um novelo de linha por meio da qual ele pode encontrar o caminho de volta.

Os mensageiros de Deus encarnam na terra com a missão de dar aos espíritos em desenvolvimento a orientação precisa no caminho de volta, a maneira de sair do emaranhado de desvios que constituem o “labirinto” da existência no sétimo nível da criação.

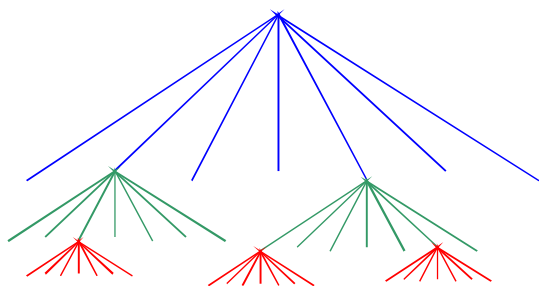


FIG.1

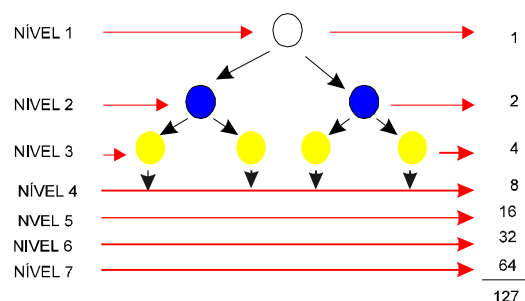


FIG. 2

Pela fig.1 podemos sentir o emaranhado que se forma nos níveis mais baixos. O espírito como que fica perdido por lá sem saber como voltar e mesmo sem sequer perceber o quanto está envolvido e distanciado da sua origem, ignorando até mesmo que diante de si se apresentam um imenso número de desvios através dos quais ele está sujeito a penetrar e à cada vez mais se distanciar da origem.

Nesse nível as dificuldades são muitas, a complexidade das coisas torna-se tremenda com espantoso número de possibilidades de erros .

A Cabala diz que na Criação um *sephirah* foi gerando o seguinte, e cada um se desdobrando em outras “árvores” sucessivas. Assim sendo, pelo “Raio da Criação” percebe-se que um plano foi gerando o outro (fig.2) , duplicando o número de leis ²⁷ e multiplicando por sete as possibilidades, as de dificuldades ante as quais o espírito encarnado está sujeito a se envolver.

Pelo Raio da Criação podemos ver que todos os mundos estão interligados e as influências passam do superior para o inferior e vice versa. “Assim como é em cima é embaixo”. Todas as coisas no Universo estão ligadas assim como as leis e as complexidades. Quanto mais afastado da origem mais leis existem e muito mais ainda possibilidades de desvios, por isso é tão difícil a transformação do espírito pois ele tem diante de si uma enorme quantidade de variáveis. Ao Nível do primeiro mundo apenas há uma variável, é a do *não ser*. Deus só tem diante de si uma possibilidade, a de deixar de ser Deus; se é perfeito só tem a possibilidade de ser imperfeito. Diante de SI só tem um sentido, o sentido da imperfeição, não para onde subir. Não existem caminho a não o de descer.

²⁷ Os Sufis citam o número para as leis no plano material mas na realidade são 127. Mas, este número não corresponde a níveis de complexidade e sim ao numero de leis.

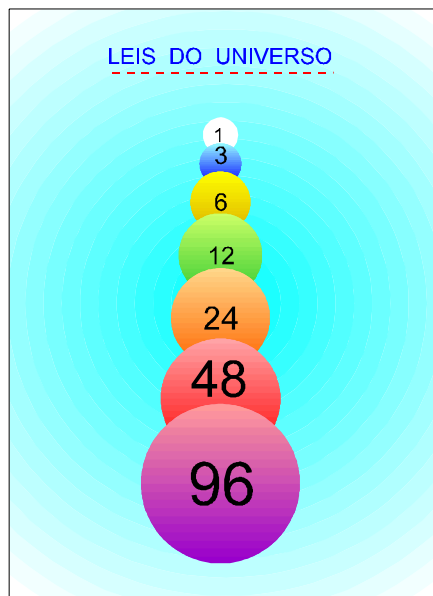


FIG. 3

Com este Tema mostrarmos sucintamente o porquê das dificuldades do desenvolvimento espiritual bem como a interligação que existe entre tudo o que está presente dentro da DESCONTINUIDADE.



PECULIARIDADES DO UNIVERSO

“DEUS É TRANSCENDENTE A TODAS
AS SUAS OBRAS, MAS ESTÁ IMANENTE
EM CADA UMA DELAS”.
HUBERTO ROHDEN



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1 9 9 8 - 3 3 5 1

T E M A 0.8 2 7



A condição da permanência de um elo de união entre tudo quanto há fará com que no futuro coisas que atualmente são tidas como fantásticas e por isso considerada meros devaneios ou fantasias da mente dos autores de ficção científica, tornem-se viáveis e mesmo de utilização simples e corriqueiro. Mas primeiro se faz necessário o conhecimento de algumas peculiaridades do Universo Imanente segundo uma visão monística.

Vamos iniciar esta palestra lembrando o que dissemos numa outra palestra bem anterior, quando mostramos que o espaço existe como uma decorrência da descontinuidade relativa²⁸ que faz com que o universo imanente exista como um conglomerado de coisas distintas. Então, falamos que se todos os aparentes vazios existentes, quer aquele que existe no espaço sideral, quer no interior dos próprios átomos e outras partículas ainda menores, ter-se-ia algo como se fosse uma bola totalmente compacta. Dissemos que naquela bola²⁹ haveria a *onipresença* porque algo que ocorresse num ponto qualquer dela imediatamente se faria sentir no todo, isso porque não haveria meios intermediários a serem percorridos. Haveria, portanto, instantaneidade em tudo e conseqüentemente a existência de um estado de onisciência. Não havendo espaço a ser percorrido, não havendo interstícios a serem vencidos, tudo seria conhecido no mesmo instante de uma forma totalmente abrangente, portanto coisa alguma ficaria oculta. Em tal condição o nível de união seria tão íntimo que qualquer comunicação seria instantânea em conseqüência de não existir distância alguma entre uma parte e outra. (Em tal condição, na verdade nem se pode falar de “parte”, haveria somente o que é definido como um ponto matemático, ou seja, um ponto sem dimensão alguma).

Antes da criação do universo imanente era destituído de tempo cronológico e de espaço, em outras palavras, o universo transcendente existia como “Um Nada” segundo qualquer condições que a mente humana possa conceber. Tal condição pode ser exemplificada pela bola absolutamente compacta de que falamos antes. Nela não existira tempo cronológico, pois que

²⁸ Dizemos “relativa” porque a descontinuidade não é total, desde que pelo menos em um nível ela não se faz presente.

²⁹ Na verdade não se trataria de uma bola, mas sim de um ponto adimensional.

nenhuma ação necessitaria dele para se fazer sentir sucessivamente e não havendo distâncias não haveria o “aconteceu” e nem o “virá a acontecer”, portanto nem passado e nem futuro.³⁰, só haveria o “É”. Qualquer ato simplesmente seria sempre presente, pois não havendo distancia a ser percorrida não haveria consequentemente tempo cronológico para efetivá-lo.

Uma bola totalmente compacta, sem qualquer espaço intermediário intrinsecamente existente, seria totalmente “una”, e sendo assim qualquer evento ocorrido num ponto aprsentar-se-ia no todo e em um só tempo, pois a bola é um só ponto em um só tempo. O absolutamente cheio seria o mesmo que o absolutamente vazio, e naquele vazio não haveria necessidade de tempo para algo se propagar. Por exemplo, o tocar numa parte seria o mesmo que tocar no todo³¹.

Condição totalmente oposta é a que existe em tudo que houver descontinuidades, mesmo que parciais, pois qualquer mensagem tem que passar de um fragmento para outro sucessivamente o que obviamente requer espaço e de tempo. Tanto mais espaço e tanto mais tempo se faz preciso quanto maior forem o número de fragmentos ou quanto mais níveis as fragmentações estiverem envolvidos no processo.

Vale salientar que quanto maior for o número de fragmentos tanto maior deve ser os valores de tempo e espaço. Por exemplo, uma ocorrência em algo que estiver fragmentado em 6 níveis necessita de mais espaço, e naturalmente também de mais tempo, para a informação do evento se efetivar, do que outro que estiver fragmentado no nível 5, e assim sucessivamente, zerando ao nível UM.

Pelo que dissemos entende-se que o tempo cronológico é uma decorrência da fragmentação, do Princípio Hermético da Descontinuidade. Na realidade isto acontece, pois os Princípios Herméticos todos estão interligados e existe uma interdependência entre eles. A fig.1 mostra isto. Nela está assinalado o ponto inicial da criação como o ápice de um cone invertido. O Universo Imanente é o conteúdo do cone, e o cone limitante é elo da seqüência sétupla. A ciência reconhece que o universo tem um diâmetro entre 10 e 15 bilhões de anos luz. Além desse limite existe o nada infinito. Há, portanto, algo que estabelece a fronteira entre esse nada e o universo imanente o infinito. Esse nada, ou infinito, ou o elo unificador da seqüência sétupla que permanece. Na figura ele está representado pela “parede” do cone, mas queremos salientar que esse elemento unificador não apenas reúne todas as coisas creadas, mas também as permeia e, ainda mais, ela é a essência constitutiva de todas elas. Em suma, o elo unificador delimita, permeia, e constitui toda a manifestação cósmica.

³⁰ Também não haveria presente. Presente é uma condição que não existe. Isto veremos em outra palestra futura.

³¹ Estamos falando em parte visando unicamente um entendimento figurativo, pois na verdade naquela “bola” não haveriam partes, nem pontos distintos.

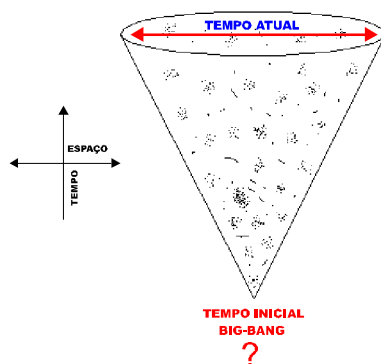


Figura Erro! Argumento de opção desconhecido.

Podemos ver pela figura que se não houvesse pelo menos um elo de coesão os fragmentos não permaneceriam unidos integrando o universo, tudo se dissiparia “ad infinitum”, portanto tudo voltaria ao infinito, ao Nada. O Inefável não poderia se manifestar, sempre estaria Nele mesmo de forma imanifesta.

Vale salientar que esse meio limitante, nesse elo intacto da sequência sétupla, não se faz sentir tempo cronológico algum. Este só existe no que se fragmentou, na constituição de todos os elementos da criação. O meio limitante permanece UNO, sem vínculo algum com os Princípios Herméticos, portanto nele não se fazem sentir nem o espaço e nem o tempo cronológico. É importante que isto seja bem examinado porque é um conceito que em outra palestra poderá explicar coisas que a ciência ainda não tem conseguido fazer, a não ser por meios conceitos matemáticos de alto nível.



A MANIFESTAÇÃO DIVINA NO UNIVERSO

"DEUS CONHECE O UNIVERSO
ATRAVÉS DA MENTE DO SERES"

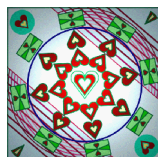


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1977 - 3330

TEMA 0.052



Uma das proposições místicas que oferece maior dificuldade para ser compreendida e, conseqüentemente ser aceita, é aquela que diz respeito à perfeição da Essência Anímica do ser e a sua natureza divina.

Se a alma humana é uma partícula de Deus, por qual razão o homem é um ser tão cheio de imperfeições, tão frágil e tão cheio de paixões? - E' difícil a aceitação de que a Consciência Superior sábia e infinita exista no plano material constituindo a essência anímica do homem.

A razão da presença da Consciência Divina em cada forma de existência é fácil de ser compreendido desde que conheçamos a natureza da mente e o sentido da manifestação perfeita expressa na Lei do Triângulo.

Aquilo que chamamos seres imperfeitos na realidade não deve ser considerado assim porque na natureza não existe algo imperfeito. Tudo no mundo é um ângulo inerente à matéria e esta é uma das probabilidades do universo.

A consciência sábia e infinita da divindade assume a condição unitária nas miríades de formas de existência para explorar todos os ângulos da criação, para DEUS VER A FACE DE DEUS em toda sua plenitude. Em essência somos "tentáculos" da Consciência Cósmica. As diversas formas de existência são animadas por fragmentos da Mente Cósmica que se expande por todo o universo como detectores especiais em cada nível de existência.

As frações de consciência de todas as formas de existência (não apenas as dos seres vivos) integram uma consciência mais ampla que é Consciência Cósmica. Assim, podemos dizer que a Consciência Cósmica se difunde por toda parte afim de que o Supremo Criador conheça sua imensa obra que constitui a Sua própria natureza.

A mente humana, em base não é diferente da Mente Divina, portanto. Nos atributos mentais os seres humanos apresentam-se características através das quais é possível se conhecer um pouco da Mente Cósmica, isto porque a mente dos seres é função daquela partícula divina que existe em cada forma de existência. Existem incalculáveis números de mentes, mas a Consciência é uma só.

Quando analisamos algumas características da mente humana, na realidade estamos analisando parte da Mente Cósmica. Assim podemos ter conhecimento de certos atributos

ligados à Partícula Divina.

Desde que existe uma Partícula Divina em cada um de nós, evidentemente aquela partícula deve se expressar de alguma forma e, evidentemente, ela faz isto e assim é que se torna possível se conhecer alguns atributos da Divindade a partir da nossa própria natureza. Se nem ao menos somos capazes de conhecer a natureza íntima das coisas é natural que jamais possamos conceber a Divindade Suprema enquanto não nos unificarmos, contudo é possível termo ciência de algumas frações Dela e de parcialmente sentirmos alguns dos Seus atributos.

Indagar o porquê de a Partícula Pura ter de encarnar a matéria é como indagar do por que da valiosa e rara platina tem que descer até a condição de um filamento de uma lâmpada elétrica para que a luz elétrica se faça presente, ou a eletrônica possa existir. Essa analogia singela nos ajuda a entender o porquê da Partícula Divina teve que descer para que a Consciência pudesse se manifestar ao nível da matéria densa.

A citada "Queda do Homem" é realmente uma forma de mergulho da Partícula Divina perfeita e pura até o nível material inferior, porém é esse revestimento material da Partícula quem permite que a natureza material do universo se torne conhecido. É o que permite a exploração do mundo material em todas as suas possibilidades, o conhecimento de todas as probabilidades que o mundo material pode oferecer, interagir com a matéria e senti-la como matéria propriamente.

A CONSCIÊNCIA DIVINA requer a conscientização objetiva da obra criada, tal como nós necessitamos disto quando "criamos" alguma coisa. "ASSIM COMO É EM CIMA É EM BAIXO" (Hermes Trismegistus).

A CONSCIÊNCIA CÓSMICA requer que o Universo seja uma Manifestação “Perfeita”, partindo da idéia (Idealização = Mentalização Divina) para a Realização da Obra (Criação Divina) até a observação (conhecimento). Isto é feito por meio das miríades de mentes individualizadas, das consciências “unitárias” que inundam a obra criada, e por último o retorno sob a forma de conhecer até consciência plena.

Sem a consciência nas partes a criação não seria conscientizada pelo Todo como uma manifestação perfeita segundo a Lei do Triângulo.

A Consciência do Todo teve a “idéia” mental do Universo (= mentalização) representado pela primeira ponta do triângulo; executou a obra idealizada (criação), representado pela segunda ponta; e continua conhecendo a Grande Obra que ainda não está concluída. Nem todas as probabilidades foram evidenciadas, nem todas as facetas das reações da matéria ainda foram esgotadas, por isto a observação, o registro sensorial da grande obra, continua sendo feito por meio das infinitas formas de existência, por meio das consciências unitárias que inundam toda obra criada. Graças às infinitas percepções das formas de consciência que se espriam de uma forma fabulosa, o Cósmico vem tomando conhecimento pleno da obra universal, completando o triângulo das manifestações perfeitas.

Analisemos agora uma Consciência Plena Universal e estabeleçamos algumas analogias entre Ela e a Consciência Fragmentar dos seres.

"ASSIM COMO É EM BAIXO É TAMBÉM EM CIMA"

A consciência individual é uma ínfima parcela da Consciência Cósmica, porém de idêntica natureza. Por isto o que é próprio da consciência limitada nos seres é uma réplica

infinitamente menor da Consciência do Todo. Como isso se constitui uma verdade já temos a possibilidade de compreender muitos pontos obscuros referentes à nossa natureza íntima. A Mente Cósmica criou o Universo, este é, portanto a Sua obra material, a realização de uma mentalização, o fruto de uma criação mental do Todo. Mas como a consciência limitada no homem requer a realização daquilo que idealiza, assim também a Mente Universal realizou a sua obra e quer vê-la diretamente.

Agora vejamos alguns versículos iniciais do livro Gênese:

Cap. 1 v 10 ... E ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu Deus que era bom ...

Cap. 1 v 12 ... e nela conforme a sua espécie.. e viu deus que era bom...

Cap. 1 v 18 ... para fazer a separação entre as trevas e a luz e viu Deus que era bom...

Cap. 1 v 21 ... e toda ave de asas conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom...

Por estas citações bíblicas vemos que Deus creava³² e via, em outras palavras idealizava, realizava e conhecia. Eis o Triângulo indicando que mesmo a **Consciência Maior** mentaliza, realiza e conhece (conscientiza-se objetivamente).

Evidentemente Deus no momento da criação tinha consciência de sua idealização, daquilo que criou e irá criar, mas não de forma objetiva.

Devemos ter em mente o que nos ensina a Cabala. “O Ser Supremo desdobra-se em dois: uma parte inacessível e incognoscível - o Deus abscondito; a outra parte dinâmica e auto-revelada - o Deus da experiência diária religiosa”. Do Criador (o Deus absconditus) coisa alguma se pode afirmar; nem mesmo se pode determinar a possível forma da sua existência. Este Deus oculto representa a Divindade do NADA. É chamado En Sof, que, literalmente, significa o “infinito”.

“En Sof é tão ocluso pela força do NADA que não chega a ser mencionado na Bíblia, não pode ser adorado em orações e nem é passível de contemplação mística. O Deus mencionado nas Escrituras não é senão a revelação do Deus oculto, apenas uma manifestação dessa Divindade em nível de mundo dual. O Deus existente é manifestação do Deus oculto”.

O processo de criação descrito na Bíblia representa um momento secundário da criação. Existe um nível anterior, que em que a Consciência Cósmica imersa no NADA, através de um impulso partido de seu próprio interior, transforma-se na Divindade existente, no Deus exterior. É somente após esse processo de auto-revelação do Deus oculto, que se inicia a formação do mundo.

O movimento inicial é descrito no Zohar, numa passagem altamente mística. É a concentração de energia num ponto luminoso do NADA que possibilita a quebra do confinamento de En Sof. Começa, então, o processo da “*emanação*”. Uma *emanação* é algo que “brota” da sua fonte, diferente, portanto, da criação, produto de um Creador que está fora

³² Sempre usamos o verbo “criar” como sinônimo de originar, e “criar” como sinônimo de cultivar, de cuidar, de assistir. A mãe cria o filho quando lhe dá origem e o cria quando o alimenta e orienta.

daquilo que emana. Emanação é mais um desdobramento do que uma “produção”. A Teoria da Emanação é algo que serve para explicar a origem de todas as coisas, mas a sua importância para os Cabalistas não é bem essa e sim caracterizar a passagem da divindade oculta, de uma fase apenas anterior à outra, a manifesta.

Quando o Universo foi idealizado por Deus Ele de imediato inundou tudo que foi criando com fragmentos de sua própria consciência. Infundiram-a em todo o universo como partículas de sua mesma natureza dando vida aos seres humanos, aos animais, aos vegetais e a uma infinidade de outras formas de existência que por certo devem existir.

Cada uma das formas de existência é um dispositivo adequado para a sintonização de determinadas frequências, para a apreciação e interpretação de determinadas facetas das coisas, desde as mais insignificantes até as mais completas, culminando tudo isto com a conscientização global.

Deus idealizou o Universo (mentalizou) e através de leis efetivou a criação (realizou) e para a execução da conscientização perfeita Ele vem conhecendo tudo através das expressões de consciências fragmentarias das incontáveis formas de existência.

Por isto afirmamos:

DEUS CONHECE O UNIVERSO POR MEIO DA CONSCIÊNCIA DOS SERES.



O SER E O UNIVERSO

“ O SER NÃO É APENAS UMA UNIDADE
NO UNIVERSO, MAS UMA UNIDADE DO
UNIVERSO”

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO

1976 - 3329

TEMA 0.322

Inicialmente temos que admitir como premissa uma condição que tem sido demonstrada verdadeira. As doutrinas místicas ensinam desde um passado bem remoto, e a ciência oficial ultimamente também vem admitindo que todos os processos biológicos, quer sejam eles da esfera somática quer da psíquica, parecem ocorrer segundo as leis da mecânica ondulatória e da Teoria Quântica.

Talvez, o fator que mais tenha influenciado as ciências oficiais para a aceitação deste princípio haja sido as pesquisas no campo da parapsicologia que, na tentativa de explicar certos fenômenos como a telepatia, por exemplo, aventou a idéia de que esta, bem como outros fenômenos parapsicológicos, provavelmente se processariam por meio de ondas semelhantes às de rádio. Na prática não foi possível provar isto, razão pela qual novas teorias surgiram, contudo, se a ciência oficial não conseguiu provar que certos fenômenos psíquicos se processam por meio de ondas hertzianas. Mas, por outro lado, também não ficou demonstrado qualquer impossibilidade de existir algum outro tipo de transmissão, pois as experiências só serviram para provar que aqueles fenômenos não são detectáveis nos comprimentos ondas comuns das emissões de rádio, mas deixando em aberto a possibilidade de outros tipos diferentes de ondas. Podemos afirmar que ondas hertzianas são ondas restritas a determinadas faixas vibratórias do Teclado Cósmico, mas em outras faixas não é impossível que ocorram outros tipos de ondas transmissíveis.

A falta de detecção de inúmeras bandas de frequências é justamente a razão pela qual a ciência oficial ainda não evidenciou que todos os fenômenos de natureza parapsicológica, como a telepatia, a metagnomia, a telergia, etc., se processam segundo os princípios da mecânica ondulatória.

Em resumo: As emissões relacionadas aos processos parapsicológicos podem não se processar dentro das faixas de ondas hertzianas comuns, porém elas são indubitavelmente emissões ondulatórias.

Em temas anteriores salientamos que as leis comuns da fisiologia não justificam inúmeros fenômenos comuns, especialmente aqueles que envolvem algumas condições psíquicas, e citamos especialmente aquele exemplo de um paciente quando sob estado de condicionamento hipnótico ao ser tocado por um estilete frio poder desenvolver uma bolha com todas as conseqüências e características daquela produzida por uma queimadura comum. Fizemos ver noutra palestra que isto não seria possível de acontecer mediante qualquer processo conhecido da fisiologia animal atualmente estudado.

Em decorrência deste fato atribuímos a causa daquele fenômeno à integração entre a

consciência individual da célula e a consciência do indivíduo. Mas, mesmo assim, ainda nos resta saber como ocorre a interação entre a consciência do indivíduo e a células.³³

Podemos afirmar que no ser multicelular há dois tipos fundamentais de vias de interação.

Num primeiro tipo estão aquelas vias conhecidas da fisiologia como via nervosa (impulso nervoso), e a via humoral (substâncias veiculadas até a região pela circulação dos líquidos no organismo).

Num segundo grupo, que a ciência desconhece, situam-se os fenômenos relacionados com a interação entre as individualizações de consciência. Na realidade esse tipo de interação não se processa por qualquer via e nem mesmo por emissão ou vibração de qualquer espécie, como veremos na palestra seguinte.

Em resumo podemos dizer que um ser tem absoluta necessidade de manter uma interação perfeita entre as partes e o todo, do contrário surge um estado de desarmonia orgânica que se manifesta sob a forma de doenças, quer somáticas, quer psíquicas, conforme abordamos em outra palestra. Mas a integração vai muito além daquela que existe entre a parte e o organismo físico.

Um dos grandes erros que o homem tem cometido permanentemente é situar o ser vivo isoladamente no mundo, tornando-o uma unidade no universo quando na realidade ele é uma unidade do universo.

Somente nos últimos tempos tem-se ouvido falar de que os seres (animais e vegetais) vivem integrados a outros sistemas e a outros seres formando os chamados sistemas ecológicos.

Um sistema ecológico é por definição um sistema de inter-relacionamento dos seres entre si, e entre eles e o meio ambiente através de atividades biológicas. Porém, cabe-nos afirmar que os sistemas ecológicos clássicos, embora fundamentais, ainda não são tudo, são limitados em número de elementos, e de vias de interação. Num sistema ecológico clássico são levados em conta poucas espécies, quanto em realidade ele é imensamente mais amplo em unidades e a interação entre os seres é extremamente profunda e praticamente infinita.

A interação não se processa somente no que diz respeito às atividades ambientais, a ação direta de um ser sobre outro, quer facilitando quer dificultando as sobrevivências recíprocas. Há uma gama bem mais sutil de interdependências entre os seres que se processam numa faixa bem mais difícil de ser pesquisada.

Enquanto os ecologistas somente analisam o inter-relacionamento ao nível das relações biológicas clássica, há outro campo praticamente inexplorado, bem mais amplo e que considera relações holísticas abertas, pois os seres interdependem-se não somente no plano somático, objetivo, mas também no plano psíquico e bem além deste, conforme estudaremos na palestra seguinte.

Já vimos no tema “INTERAÇÕES PSÍQUICAS” que os seres possuem diversos canais por meio dos quais eles estabelecem comunicações recíprocas, quer em nível consciente, quer inconsciente. Disto decorre uma consequência interessante: Se muitas coisas que parecem surgir de dentro de nós, por exemplo, um pensamento ou uma idéia, pode ter origem exterior e

³³ Na realidade Consciência é uma só em todo o Cosmo. Há como que setorizações desta consciência, as individualizações são delimitações da Consciência única, delimitações que podem ser de uma forma lata considerado isolada, personalizadas, mas mesmo assim ainda existe um elo interligando todas as pretensas unidades.

por isto o que percebemos é apenas a detecção inconsciente de uma emissão pelas vias extra-sensoriais, então, como sabermos aquilo que é próprio de nós e o que é captado de fora? - Como saber se algo que aflora à nossa consciência objetiva procedente de um nível inconsciente de nós mesmos ou de fora? - Evidentemente não é muito fácil separar as duas coisas, por isto muitos erros decorrem exatamente do julgar que aquilo que aflora como sendo mensagens exteriores ser na realidade elaborações pessoais e, por outro lado em outros momentos se deixar de dar importância às percepções intuitivas exteriores por julgá-las idealizações e devaneios pessoais.

Outro ponto que devemos estudar diz respeito à integração das unidades que compõem um organismo.

Se a consciência manifesta a nível celular pode se integrar a consciência do organismo do qual faz parte sem ligação material contínua, por qual razão consciências que não pertençam ao copo físico do indivíduo não podem também estar permanente, ou temporariamente, integradas entre si? ³⁴Esse tipo de indagação existe porque nem ao menos se conhece os limites daquilo que chamamos indivíduo.

Por muitas vezes pensadores fizeram a seguinte indagação: Qual o limite do corpo humano? - Onde ele começa e onde termina? - Seria a epiderme o limite externo? Ou seria ele determinado por tudo aquilo que vai além da pele, como a aura e de outros campos energéticos que existem em torno do corpo físico?

Uma serpente detecta o ser vivo não por suas características físicas comuns, mas pelo seu campo de calor graças a um dispositivo próprio para a detecção do campo constituídos pelas irradiações infravermelho emitidas pelo calor do corpo. Para a serpente, portanto, um ser vivo é algo muito mais volumoso do aquele que vemos. Portanto o limite de um mesmo corpo não é o mesmo quando percebido por uma pessoa ou por uma serpente. Sendo assim onde termina o corpo? Ninguém pode saber e por isto não pode ser dado uma resposta à indagação feita.

Se alguém dissesse que o corpo do ser vivo pode ser limitado até aquele ponto onde o seu calor se faz presente, isto é, até o limite do seu campo infravermelho, abriria um campo para especulações muito intrincado. Para uma pessoa o limite do corpo de um ser vivo é a pele ou no máximo os pelos dele. Por outro lado para uma serpente é o limite da irradiação infravermelha; para um “vidente” e para alguém que analise uma fotografia Kirlian aquele limite é o da aura.

Atualmente se sabe que o ser emite não somente calor ou irradiações que formam a aura, mas também ondas telepáticas e uma gama imensa de outras irradiações ainda não evidenciadas pela ciência oficial. Considerando-se que para quem detectasse aquelas faixas de frequências seria outro, temos necessariamente que admitir ser a rigor impossível estabelecer o limite definitivo de um ser qualquer. Somente se pode estabelecer limites se concomitantemente for estabelecido em que condições for feita a sua determinação.

Vejamos agora outro ponto importante. Quando é que se pode dizer que um ser interfere diretamente sobre outro? - A primeira resposta poderia ser: Quando o atinge fisicamente? Para um ser interferir fisicamente noutro se faz preciso que ultrapasse o limite físico considerado, isto é, a pele. Mas, como vimos antes, se o limite não é realmente a pele, indagamos então se

³⁴ Quando falamos de consciências individualizadas na realidade falamos de níveis, pois em essência consciência é uma só.

algo que atinja aquele limite invisível está ou não atingindo ou havendo algum tipo de interferência. Se duas pessoas estão próximas entre si de modo que as ondas de calor de uma se misture com as de outra, há certamente uma interferência ao nível do campo infravermelho, não é certo? Numa multidão, por exemplo, ao nível do campo infravermelho todos os seres estão como que englobados formando uma só estrutura. Neste caso uma serpente detectaria o conjunto como uma coisa só. Se transportarmos esse raciocínio para as demais radiações o que obteremos? - Certamente um ser coletivo...

Nesta palestra visamos mostrar que o ser encarnado não pode a rigor ser delimitado. Toda delimitação é estabelecida segundo o nível de percepção do observador.

A INCONSTÂNCIA DO UNIVERSO

" O UNIVERSO NÃO É APENAS MAIS
ESTRANHO DO QUE NÓS IMAGINAMOS,
ELE É AINDA MAIS ESTRANHO DO QUE
QUE PODEMOS IMAGINAR "

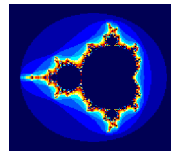


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1984 - 3337

TEMA 0.067



Na palestra "O QUE É REAL", e em outras da mesma série, falamos das dificuldades de conceituar o que é ou não é real pois vivemos num mundo de constantes transformações, onde tudo se comporta de maneira tal que nada pode ser considerado absolutamente real. Aonde tudo, por mais estável que pareça sê-lo, se modifica em frações de segundo.

Neste universo, cada coisa tem um limite próprio de transformações, muita coisas se transformam numa velocidade incrível, enquanto outras o fazem num ritmo extremamente lento, mas, de uma forma ou de outra uma coisa nunca é aquilo que estamos vendo.

Quando fitamos o céu noturno vemos miríades de estrelas aparentemente fixas; noites seguidas e meses a fio ele parece sempre o mesmo, mas na realidade não é isto o que acontece, pois cada estrela é uma visão de certa época. Em decorrência das estrelas situarem-se a distâncias variáveis e enormes entre si, e como a luz de cada leva muitíssimo tempo para chegar até a terra, acontece que a sua imagem num determinado momento não representa aquilo como ela é naquele momento e sim como era quando a sua luz partiu, muitas vezes, a centenas de milhares de anos. Realmente o que vemos dela é a imagem do que foi há muito tempo passado. Quando fitamos o céu, diz a astronomia, muitas estrelas que vemos já pode haver deixado de brilhar. Uma determinada estrela já pode haver se fragmentado, se colapsado e desaparecida, mas como a imagem do momento do desaparecimento ainda não chegou até a terra então a imagem que se tem é como se ela continuasse ainda a brilhar.

Que ilusão fantástica para a mente objetiva é aquela constituída pela imagem dos astros distantes! Como nos enganamos pensando que o cenário celeste que desponta diante de nossa visão corresponde a uma realidade!

Mas não é apenas com referência ao céu que nos deparamos com um cenário enganador. Mesmo aqui, em torno de nós, também tudo é uma simples aparência.

A realidade objetiva é apenas um padrão de apreciações, é o resultado daquilo que fica limitado pelo limiar dos nossos sentidos físicos. A visão, por exemplo, fornece à mente unicamente o conjunto de vibrações que os olhos podem detectar, mas isto não indica que somente aquilo que é detectado constitui toda a complexidade de um objeto. Assim, concluímos que a realidade subjetiva se altera fundamentalmente conforme o volume de

percepções e ainda, que ela é dinâmica e não estática.

A realidade objetiva de alguma coisa é sempre parcial, nenhuma pessoa pode senti-la completa. A realidade para cada um é o resultado de conscientizações parciais baseadas em percepções fragmentares do objeto em si, com o que no intelecto é formado um conceito.

Nesta palestra nos aprofundaremos um tanto mais na análise do problema referente à irrealidade das coisas, especialmente do universo, e veremos que este é algo extremamente inconstante. Aquilo que subjetivamente para nós é uma realidade nada mais é do que o resultado de certas reações psíquicas baseadas nas informações provenientes do mundo objetivo através dos sentidos físicos, e de uma série de processos mentais como o raciocínio, a memória, etc.

Diante de um fenômeno qualquer a mente elabora uma conclusão baseada em certos fatores que são parciais e às vezes deformados, mas que passam a serem admitidos como reais. Na verdade não passam de dados fragmentares e incompletos, desde que se variando aqueles fatores variam simultaneamente o tipo de realidade.

Uma floresta é verde para as pessoas com visão dentro dos padrões comuns, mas basta uma alteração no órgão visual como corre com o daltônico, para que aquela sensação passe a ser de vermelho. Então, a floresta é verde ou é vermelha? Como a maioria das pessoas a percebem como verde e somente uma minoria, os daltônicos, a percebem como vermelho acastanhado, se diz que na realidade ela é verde e não vermelha, mas se os daltônicos fossem maioria por certo se diria exatamente o contrário.

Como podemos ver, a realidade subjetiva é algo muito relativo, e é função de dois grupos de condições: De condições externas – aquelas que são levadas à mente parcialmente pelos sentidos físicos – e de condições internas – as elaboradas no próprio cérebro pelos processos psíquicos.

A realidade subjetiva, a realidade padrão, aquela que é aceita como sendo a do mundo real, é tão falho, tão suscetível de incertezas, que não se pode dizer se tratar de uma realidade objetiva.

Temos falado vezes seguidas que no universo tudo é vibração e que o ser humano percebe tão somente pequenas parcelas delas. O nosso mundo é aquilo que compreende percepções particulares de poucas faixas, de pequenos segmentos da faixa total de vibrações.

Como analogia singela podemos dizer que a faixa de vibrações seria como um rio e as partes que detectamos seriam algumas ilhas ao longo dele. Uma "ilha" seria a faixa correspondente às vibrações que constituem a matéria densa; outras, às manifestações sonoras; outras, as manifestações luminosas; outras, as manifestações sensoriais, etc.

Portanto o que é o nosso universo objetivo senão a somatória de algumas partes da faixa total de vibrações? Por esta razão não se pode duvidar da existência de outros universos individuais, de outras "ilhas" de vibrações, diferentes das que constituem o nosso. Ante esta eventualidade, necessariamente também temos que aceitar que existem fenômenos incomuns que acontecem nas faixas inesperadas do "teclado cósmico" de vibrações.

Também já comentamos anteriormente que qualquer manifestação vibratória somente se torna perceptível quando há detecção, quando há ressonância, sintonia, ou batimento de onda.

Estamos envolvidos, por exemplo, em ondas vibratórias de rádio, de televisão, etc. sem que nos demos conta da existência delas de forma direta. Isto acontece porque não dispomos de detectores sensoriais em nosso organismo para registrá-las. Porém, mesmo que nada sintamos isto não quer dizer que elas não existam, tanto é assim que por meio de dispositivos artificiais adequados, o rádio receptor, isto é perfeitamente possível.

Acreditamos que todos compreenderam que um universo nada mais é para a nossa consciência do que a imagem mental de uma série de faixas de ondas, exatamente aquelas que são detectadas sensorialmente. Sendo assim indagamos à razão pela qual não possam existir outros universos ocupando outras faixas de frequências. Seriam universos encaixados nos espaços em que não aparecem algo no teclado cósmico de vibrações, mas isto acontecendo somente por não dispormos de detectores adequados.

Neste ponto queremos precisar que na palestra anterior mostramos como probabilidade que a partir da Existência Negativa se formou este universo e que no seio da imanifestabilidade teoricamente é possível que outros universos se formem simultaneamente, que se formaram antes deste, e outros que se formarão depois. Nesta palestra vamos falar de outros universos, mas num sentido diferente. Falaremos no sentido de mundos pessoais, de modelos individuais de universo.

O que é um universo para nós? - É apenas o conjunto de tudo o que existe para a nossa consciência. O nosso mundo é a matéria comum que detectamos pelos órgãos dos sentidos, mais as emanções luminosas, sonoras, odoríferas, e as radiações diversas que nos atingem. Com tais elementos o intelecto constrói um modelo que chamamos de universo. Mas, todos estes elementos, incluindo a própria matéria, são uma única coisa, vibração.

Representando-se por uma semi-reta a escala das vibrações (eixo das vibrações), desde as de mais baixas frequências até as de mais elevadas, cujos limites em ambos os sentidos desconhecemos, teremos a seguinte representação:



Fig. 1 (Nosso Universo)

Vejamos agora outras probabilidades. Com certeza podemos afirmar que esses tipos de modelo devem existir, bastando que se veja que os seres vivos da terra têm os mais diversos e variados níveis de percepção. Existe seres que percebem determinadas faixas, outros que percebem outras e assim por diante. Na palestra anterior falamos da percepção infravermelho das serpentes, da percepção do tipo radar dos morcegos, etc.

De certa forma o nosso universo é somente a soma destas faixas de vibrações mencionadas na fig. 1 e mais algumas outras que perfazem tudo aquilo de que temos consciência. O mais que possa existir, mas que não detectamos, e que por isto não temos consciência, é como se não fizesse parte do universo.

Este mundo que nossa damos conta é este grupo de faixas vibratórias e vale citar que elas ocupam praticamente quase um nada do eixo das vibrações do teclado cósmico cujos extremos tendem para infinito. As lacunas que existem são em numero imenso, existem muito mais "lacunas" do que faixas detectáveis.

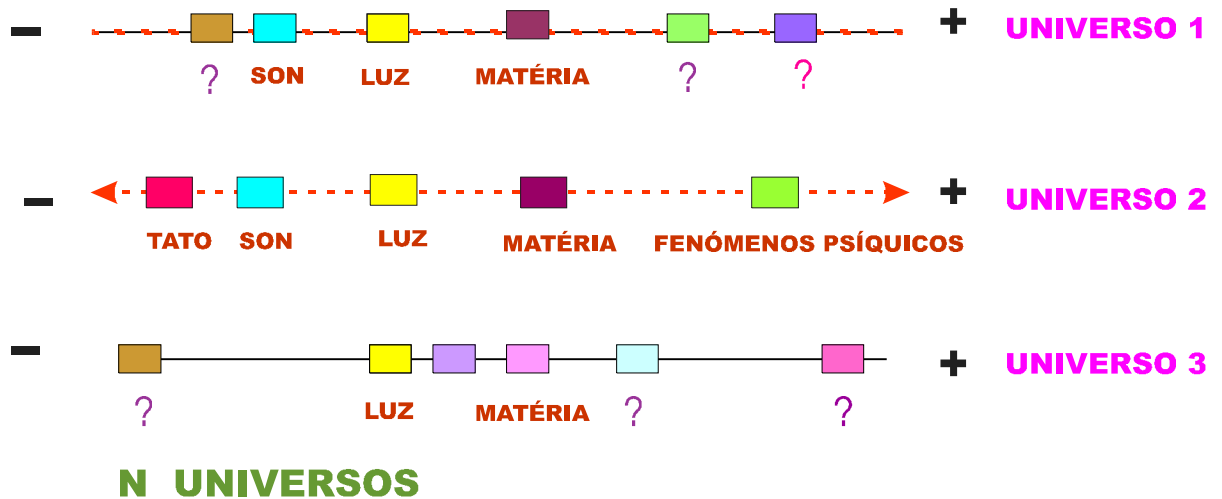


Fig. 2

A Fig. 1 representa um universo, mas pela fig. 2 vemos como podem existir "N " universos. Perguntamos então, por que eles não existem? - Na verdade eles existem, apenas nós é que não os detectamos, por isto eles são como que inexistentes para nós. Como citamos acima os animais provam isto.

Tais universos podem existir despercebidamente. Somente serão evidenciados quando forem utilizados detectores adequados para sintonizá-los em suas próprias frequências. Não sabemos quanto deles existem, mas por certo eles podem existir enquanto tiver espaço na faixa de vibrações e ainda mais, considerando-se as possibilidades de combinações entre diferentes faixas o número com certeza é extremamente elevado.



A TUMULTUADA DINÂMICA UNIVERSAL

“ Ó HOMEM QUE TANTO CONFIAS NO
MUNDO, JÁ REFLETISTE NOS ENGANOS
QUE NELE EXISTEM?
SÃO BERNARDINO DE SIENA



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998-3351

TEMA 0.803



Quando fita-se o firmamento numa noite calma de céu limpo percebe-se o gracioso piscar das estrelas, além disso, aparentemente coisa alguma muda, o cenário é quase o mesmo noite após noite, existe nele paz e quietude. Algumas “estrelas” só de forma quase imperceptível mudam de posição, algumas se forem observadas noites seguidas. Somente algumas vezes é possível perceber-se algum risco luminoso no céu marcando a trajetória de algum meteorito. Mas, toda essa calma é só uma aparência, pois em verdade as transformações são de magnitude inconcebível, são vórtices tremendos de radiações, estrelas que ejetam matéria em volume colossal para o espaço; as vezes estrelas que explodem como supernovas, nuvens incomensuravelmente grandes de gases bruxuleando em turbilhões indescritíveis. Estrelas que nascem, estrelas que se conservam, e estrelas que “morrem”; buracos negros “devorando” sistemas solares inteiros...

Idêntico panorama é o que se observa no tocante à própria terra, quer seja a nível microscópico, quer seja a nível macroscópico, tudo é transformação, é nascer, viver e morrer, seres devorando seres... sangue, suor e lágrimas. São queixas e mais queixas... pelo que disse Joaquin Setanti: “*No mundo o número de queixosos é igual ao número de homens*”. Ou, como disse o irreverente Voltaire: “*O mundo é um enorme templo dedicado às discórdias...*”

Segundo a astrofísica tudo começou por uma explosão tremenda a partir de um ponto do qual toda a energia existente foi instantaneamente ejetada e cujos fragmentos afastam-se uns dos outros numa desordenada carreira, podendo ou não um dia parar e voltar ao ponto inicial, repetindo-se o processo de modo inverso Ou como diz o Bramanismo: O respirar de Brahmâ, ou o dia e a noite de Brahman. Esse respirar, contudo é tremendamente tumultuado em seu íntimo. Hora, são galáxias inteiras “atropelando-se” mutuamente, corpos celestes chocando-se entre si.

A ciência não descarta a possibilidade de que exista um número imenso de planetas habitados e que já haja ocorrido e ainda vai acontecer muitas vezes destruição total e instantânea de planetas inteiros, incinerados por estrelas supernova que explodem

astronomicamente próximo.³⁵

Na realidade nem mesmo na intimidade dos átomos existe quietude alguma, desde que ali também ocorrem modificações sucessivas; são núcleos que se desestabilizam e explodem, são átomos que emitem sub-partículas que atingem outros átomos e os destroem, ou que emitem radiações incompatíveis com a vida biológica.

Nenhum ser biológico conhecido tem condições de sobreviver no espaço sideral, assim sendo podemos dizer que no universo são poucos os locais susceptíveis de darem guarida as formas de vida biológica, e ainda assim tendo que se defenderem de uma tremenda quantidade de fatores adversos. Desde a vida intra-uterina, desde o ovo até o nascimento, e desde o nascimento até a morte biológica os seres têm que estar tentando as mais diversas formas de sobre-sistência precária.

Diante de tudo isso, como podemos admitir que exista paz na criação? Onde, pois, está a quietude, a paz, o verdadeiro amor?

As sociedades humanas desde os primórdios de sua presença vivem se delapidando, competindo sem uma razão de aparente. Mesmo que se admita uma razão para a instabilidade em torno do homem e outros seres dotados de espírito em desenvolvimento, de haver uma culpa implícita nele para que passem por tamanhas vicissitudes, mas por que isto também se repete desde seres biológicos mais rudimentares, desde o próprio átomo até as estrelas, as galáxias, ou mesmo o universo em sua totalidade? Pode-se até dizer que os homens merecem toda essa ambiente turbulento em que vive mas porque o panorama é sempre o mesmo?

Diante desse cenário de terror será justo afirmar-se que o universo é uma obra boa, segundo nossa forma de entendimento? Caso a resposta seja negativa, cabe uma segunda indagação. Qual, então, dos aspectos do Inefável foi invocado para a criação? Que Poder se fez sentir?

Por que tudo no universo é assim, eivado de destituições? - Exatamente porque na própria criação estão presentes e em ação as duas polaridades, aquela que se chamam de demoníaca e a aquela que chamam de Divina.

Segundo rela a cosmologia hebraica no início da criação houve uma desobediência dos Anjos, ou seja, de seres, que segundo essa doutrina, eram puros, e que se revoltaram contra Deus, se tornaram impuros e foram expulso do céu. Na realidade, como temos demonstrado, se esses anjos existiam na criação eles já não podiam ser puros. Admitindo-se que a pureza absoluta só pode existir no Absoluto, então se houve polarização ela só pode ter ocorrido para baixo. (Vide tema 802). Se houve polarização, então, por mais puros que os anjos fossem eles já haviam se distanciado um tanto do Inefável, já estavam imersos na dualidade do mal e do bem, tornando-se assim possível a desobediência e a revolta contra o Superior.

Também se chega à mesma conclusão tendo-se como base a cosmologia gnóstica do início do Cristianismo em que algumas escolas falam do Demiurgo e outras de Sophia, integrantes da Trindade Suprema e que desobedeceram gerando a criação do mundo material. Assim quer hajam sido os anjos de Deus que desobedeceram, quer o Demiurgo, quer Sophia, conclui-se que neles já estava implícito a capacidade da desobediência, ou seja, já fazia parte

³⁵ A estrela Alfa da constelação do Centauro, situada há 3.4 anos luz do sistema solar, se viesse a se transformar numa supernova, toda a vida na terra seria eliminada. (Não fiquem temerosos pois Alfa Centauri não é uma candidata a supernova, embora isto seja possível de acontecer em sistemas distantes...)

deles a capacidade de manifestar qualidades que, segundo a maneira de julgar dos homens, pode ser chamado de inferioridades, ou algo assim, mas que, ante a relatividade do mal e do bem, com certeza não se pode afirmar tratar-se de uma desobediência no sentido de algo mau ou bom. Acreditamos as duas condições podem ser aceitas com um ou outro sentido dependendo apenas do objetivo e da intencionalidade do ato.

Algumas doutrinas falam de um mundo criado bom e que houve uma desobediência, os anjos revoltaram-se contra Deus perdendo o paraíso, e que a partir daquele incidente surgiu o mal. Neste caso a desobediência situa-se dentro da criação, mas já estava inerente nos seres que desobedeceram. Eles apenas optaram por um dos lados de sua própria natureza. Por outro lado, podemos perceber que a própria criação não é uma coisa que possamos definir como boa, segundo os valores humanos, em decorrência da presença do mal em todos os momentos e lugares. Sendo assim a criação foi um mal e neste caso a causa situa-se fora dele, portanto na própria Transcendência.

De onde partiu o mal, de dentro ou de fora da criação? É possível ter sido de fora desde que, conforme já mostramos, em todo o universo só se vê o predomínio da força destrutiva. Mesmo na construção sempre se faz presente a destruição. Formam-se sistemas solares, constroem-se N coisas na natureza, mas em tudo sempre está presente a destruição. A semente tem que rebentar para nascer, a fêmea tem que sofrer para parir, todo nascimento em qualquer que seja o lugar envolve um tanto de sofrimento, de destruição. Isto nos leva a acertar de que não somente a terra, mas todo o universo imanente é um lugar infernal.

Não é fácil as pessoas, mas por certo não é impossível, aceitarem o que temos afirmado nas derradeiras palestras, mas naturalmente a não aceitação prende-se aos tabus impostos pelos diversos sistemas sociais e religiosos em inúmeras encarnações. Não é fácil se romper com elos milenariamente incutidos. Mas, antes de negarem o que estamos dizendo primeiro busquem para si mesmos uma resposta para o seguinte dilema. Sendo o Absoluto, o Inefável, Deus em seu mais supremo aspecto a perfeição como pode algo existir perfeito que não seja Ele próprio. Qualquer coisa que ocorra se for perfeita trata-se da própria perfeição, portanto é a própria pureza. Algo mais perfeito do que a perfeição absoluta é impossível, portanto qualquer ocorrência nesse sentido tem que ser para baixo. Disso conclui-se que tudo o que tem origem no Deus Supremo - Inefável - sempre ocorre no sentido da imperfeição, pois não pode subir mais aquilo que já está no pico supremo.

Evidentemente que estamos mencionando não diz respeito a imperfeição dentro dos limitados conceitos humanos. Dentro do mais elevado conceito humano o Criador do Universo é puro e perfeito, mas em nível de Absoluto Supremo não o é. Oxalá já pudéssemos ao menos nos aproximar tais qualidades ao Grande Arquiteto do Universo...



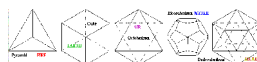
A ORDEM NO UNIVERSO

“ONDE HÁ ORDEM, ONDE HÁ COMBINAÇÃO,
HÁ UMA CAUSA QUE ORDENA E COMBINA;
O CASO NÃO EXISTE”.
JAIME BALMES



2003 - 3356

TEMA 1.448



Tudo no Universo obedece a um padrão de ordem³⁶. Até mesmo naquilo que a ciência chama de “caos”, ainda prevalece certo nível de ordem. O universo não é, de forma alguma, uma desordenação. Mesmo sendo ele uma ilusão ainda assim a própria ilusão obedece a um padrão de ordem.

Somente em nível do “É” se pode dizer não existir ordenação tal como conhecemos, isto porque em tal nível não existem coisas para serem organizadas (ordenadas). No “É” não existe ordenação, mas existe uma ordem implícita, conseqüentemente a ordem de todas as ordens. Se for feita uma análise cuidadosa se percebe, mais que uma ordenação o “É” é uma ordem em nível absoluto. Prescinde-se de ordem porque nele não existem elementos para serem ordenados, o que existe é a ordem de ser Um.

No Transcendente, como não há coisas não há conseqüentemente o que ser ordenado, mas há a ordem absoluta. Enquanto isto, no mundo imanente, composto por miríades de coisas e condições, tudo está devidamente ordenado, mesmo que pareça ser o contrário. “*O que é está em cima é como o que está em baixo*”, diz o Princípio da Correspondência. Portanto, se a ordem existe implícita no “É” ela também se faz sentir divisionariamente do mundo ilusório da descontinuidade. O que não estiver ordenado não subsiste, pois se o Um é a ordenação suprema, então tudo o que dela fizer parte tem que ser ordenado. Mesmo que em muitas circunstâncias pareça não haver um padrão de ordenação na verdade isto não é verdade.

Mostrando a ordem implícita no universo, um grande físico da atualidade afirmando não haver o acaso disse: “*de uma explosão em uma sucata de ferro jamais resulta um automóvel montado*”. Sabemos que resulta algo cuja ordem não é um automóvel, ou outro objeto qualquer. Assim se vê que a própria desordenação traz implícito um padrão de ordem.

É pela existência das leis físicas que o universo se ordena. A própria criação, quer a consideremos realidade ou ilusão, tanto na sua origem quanto sua evolução obedece a um padrão de ordem determinado pelas leis físicas regentes.

Quer consideremos um átomo, quer um sistema estelar, sejam partículas ou corpos, sempre se faz presente um perfeito sistema de ordenação, estruturadas órbitas, os movimentos sincrônicos, etc. Mesmo que se considere a condição de um corpo celeste quando sai de órbita,

³⁶ Nesta palestra falaremos de ordem no sentido organizacional.

ainda assim o que ocorre é uma mudança de padrão de ordenação, mas não uma desordenação plena, pois a condição estabelecida tende a se estabilizar de uma outra forma. E, grau maior um sistema pode até de esfacelar, mas mesmo assim isto acontece segundo leis físicas que são manifestações de padrão de ordenação. O mesmo acontece no mundo subatômico, os elementos químicos reagem segundo um padrão de ordem que chamam de afinidade química.

As interações físicas das partículas e subpartículas obedecem a um padrão de ordenação. Mesmo uma explosão nuclear, em muitos aspectos os efeitos podem ser previsíveis, e conseqüentemente os resultados. São resultados previsíveis, até mesmo matematicamente equacionados. Os efeitos causados no ambiente também podem ser previsíveis até um ponto em que se conheçam os parâmetros envolvidos. Os resultados podem ser imprevisíveis, mas não casuais.

“Com ordem e tempo, descobre-s o segredo de tudo fazer, e fazer bem” – PITÁGORAS.

Uma explosão nuclear, por exemplo, determina muitas conseqüências, mas em grande parte elas são matemática e fisicamente previsíveis. A reação em cadeia, à emissão de energia e as devastações ambientais, podem ser determinadas, o que não for não é fruto do acaso, mas sim da falta de dados. Bastaria isto para mostrar que não se trata de algo aleatório, fora do âmbito de uma ordem. Os danos causados, em parte são previsíveis, mas podem ocorrer danos imprevisíveis, contudo não refletem desordem, e sim algo indeterminado em conseqüência do desconhecimento da totalidade dos parâmetros envolvidos.

Até mesmo o que chamam de aleatório obedece a uma lei. Para o nosso intelecto, o aleatório se apresenta quando são desconhecidas as leis regentes do acontecimento.

Condições as mais dissociativas que se possam conceber são apenas ilusoriamente tidas como desordens. Ao nível do macro o universo parece ser algo caótico, dissociativo, mas o aspecto desordenado resultado da falta de dados para que possa ser determinado o resultado advindo. Podemos dizer que o universo é imprevisível como resultado da limitação da mente em perceber todos os parâmetros envolvidos e isto pode gerar uma falsa aparência de desordem.

Examine-se o universo e se verá que em tudo existe uma ordem implícita, o casual simplesmente não existe. Em grau mais alto, se pode dizer que esta afirmativa resulta de tudo ser *Um* e como *Um* não poder haver desordenação. O *Um* tem que ser ordenado, ou melhor, tem que ser a própria ordem absoluta. Todas as condições de desordenação são baseadas em apreciações limitadas, deformadas, incompletas, e tudo isto é mente. Também a existências de coisas e condições para serem desordenadas, e como tais são frutos da mente, coisas não existem fora da mente. Desordenações só existem nas manifestações da mente.

“A ordem é a primeira lei do Céu...” ALEXANDRE POPE

Qualquer evento que ocorra dentro de idênticas condições tem inexoravelmente um mesmo resultado. Uma explosão de um artefato caseiro, por exemplo, o resultado parece ser diferente, mas isto ocorre assim porque as condições dos dois artefatos não são exatamente iguais, e é isto o que determina resultando diferentes. Mas, dois artefatos hipoteticamente iguais inexoravelmente o resultado do seria também inexoravelmente igual. Sempre os resultados são diferentes por não existem coisas iguais, sempre há alguma diferença, pois se

não houvesse algo diferenciador as duas coisas seriam apenas uma. A diversidade de coisas, o número incomensurável de coisas existentes são frutos de diversificações. Assim, podemos dizer que a diversificação é algo inerente à existência das coisas (Princípio da Descontinuidade). Sem diversificação não existem coisas, e como coisas não existem, logo a diversificação é apenas uma ilusão estabelecida pela mente.

A mente gera limitações assim como modificações práticas para a manifestação da ordenação. Isto se faz presente tanto no campo físico, quanto econômico, social, etc. Uma nação que não tivesse uma constituição; uma sociedade que não tivessem normas sociais baseadas em preceitos éticos e morais ela poderia ser considerada caótica, mas ainda assim aquele caótico obedeceria a um padrão de ordem.

Um padrão de ordem pode ser transformado em um outro e isto é exatamente o que fazem os legisladores ao estabelecerem normas regentes, ao instituírem leis para o estabelecimento de um padrão mais conveniente ao atendimento de diversas situações.

Se cada pessoa agisse sem obediência a um padrão de ordem social, a ordem resultante seria aquela que é impropriamente chamada de caótica. Por isso é importante que se viva de acordo com o padrão de ordem comum para que possa existir uma interação entre todos.

Na verdade um padrão de ordem estabelecido pode mudar de conformidade com a conveniência do grupo, mas enquanto perdurar é bom ser obedecido. Não é preciso que se enfatize que o respeito e a obediência à constituição, às leis sociais, familiares, e até mesmo religiosas são de grande importância, mesmo que em essência sejam apenas convenções estabelecidas por alguma razão.

Mesmo que em essência ética e moral não tenham aquela significação que as religiões impõem, ainda assim são condições fundamentais para a manutenção de um padrão de ordem. Nenhuma pessoa, nenhuma nação, ou mesmo a humanidade como um todo não tem como se desenvolver sem um padrão de ordem social.

Existem doutrinas que dizem que se pode fazer o que bem se quiser. Na verdade em termos pessoais isso pode até encontrar razão de ser, mas isto em nível de sociedade humana leva ao desastre. Pensem numa sociedade em que cada um fizesse o que bem entendesse, por ser um direito de cada um ser *liberto pra fazer o que quiser fazer*. Se tal acontecesse a sociedade ruiria, coisa alguma conseguiria se manter. Por isso um respeitável Mestre disse: “*Somente através da Ordem e da doutrinação reta é que chegaremos à cientificação.*”

A moral e a ética, por si mesmas, não é significativa além do nível de normas fundamentais ao estabelecimento de um padrão de ordem. Por elas mesmas não são importantes desde que se trata de normas mutáveis com o tempo e com o lugar. A moral e a ética mudam de lugar para lugar, de época para época, portanto são condições amplamente relativas. A importância dessas condições reside no estabelecimento de uma ordem social, familiar e, conseqüentemente individual. Não se pode fazer o que se quiser fazer, embora cada um seja liberto para isto. Se o fizer sem dúvidas advirão conseqüências, não em nível espiritual mas sim em nível de ordem estabelecida como leis dos homens. Por infligir leis a pessoa sofre conseqüências muitas vezes drásticas. Ela pode ser punida perante a sociedade através dos organismos controladores da ordem oficial constituída, tais como o poder político, policial, e da justiça, sem contar com o mais grave que é a possibilidade de violação de algum código

pessoalmente aceito e cuja consequência é a prisão cármica.

Tudo isso acontece tendo como base mais fundamental a violação de uma lei da existência do mundo imanente, que é a lei e a ordem.



O LADO TRANSCENDENTE DO UNIVERSO

“ É MAIS FÁCIL ENCONTRAR DEUS DENTRO DE SI DO QUE NO MUNDO EXTERIOR”.

SANTO AGOSTINHO:



2002-3355

TEMA 1.382



Perde-se na névoa do tempo a indagação sobre a natureza do homem, sua origem, o porquê de sua existência e seu destino final. É milenar a indagação, de onde viemos e para onde vamos. Tudo teria vindo de um nada absoluto? - Estas são indagações de âmbito filosófico-metafísico cujas respostas eram dadas pelos teólogos constituindo-se tema básico de todas as religiões e posteriormente à mesma temática passou a ser um campo de indagação da própria ciência.

○ filósofo francês, René Descartes, durante grande parte de sua vida, especulou tanto sobre a natureza da existência que chegou a ponto de duvidar dela própria, o que o levou a uma afirmativa que veio se tornar clássica: “*Penso, logo existo*”. A partir daí Descartes vendo que não lhe era possível chegar a uma compreensão satisfatória sobre a natureza íntima das coisas preferiu analisá-las tão somente ao nível do mensurável. Assim, ele procurou direcionar suas especulações para o lado prático e experimental das coisas. Na obra “*Discurso do Método*” disse que uma ciência só vale pelas contribuições que dá à vida, assim como a mecânica reduz o esforço humano, ou a medicina ajuda à manutenção dos modo de pensar inaugurado por corpos.

○ Descartes teve imensa repercussão, quer na filosofia, quer na literatura, a partir de meados do século XVII. Foi nesse sentido que o pensamento de Descartes passou a influenciar decisivamente os pensadores e pesquisadores no sentido da utilização prática do pensamento. Assim nasceu o método cartesiano, afastando a ciência da metafísica e direcionando-a unicamente para a natureza objetiva, estabelecendo uma visão da vida, e de tudo que a cerca, direcionada unicamente para o lado material, reforçando o positivismo de Kant, Condorcet, e Saint Simon. O pensamento cartesiano se fez sentir mui intensamente na nossa ciência atual através dos escritos de Augusto Conte, pai de um movimento filosófico que nega toda conotação mística para os fenômenos naturais.

Este sistema funcionou a contento enquanto a ciência era ainda incipiente, mas a própria pesquisa de caráter dialético, segundo o próprio método cartesiano, levou a própria ciência a um patamar no qual ela não podia mais permanecer ignorando o lado metafísico da existência. A física, em decorrência dos próprios resultados da experimentação em nível do

comportamento das partículas, teve que se afastar um tanto do cartesianismo.

Até bem pouco tempo os cientistas afirmavam que a ciência detinha toda uma base para decifrar todos os mistérios da natureza, e que dentro de algum tempo haveria um sistema capaz de explicar tudo por via experimental. Mas, já há algum tempo, através da própria pesquisa e análises matemáticas este conceito vinha sendo minado. A partir de certo ponto, das observações efetuadas sobre o comportamento físico das partículas constitutivas da matéria, a ciência não mais se sentiu capaz de afirmar coisa alguma como certeza. Isto pode ser evidenciado desde o momento em que foi aceito o “*Princípio da Incerteza de Heisenberg*”, a partir de onde começou a tomar vulto a Teoria Quântica. A partir daí houve grande desenvolvimento da ciência no que diz respeito ao conhecimento da estrutura física e da natureza íntima da própria matéria, no comportamento das partículas, na mecânica quântica e ondulatória, na matemática infinitesimal, na matemática do caos, e outros ramos da ciência.

Embora o cartesianismo ainda predomine no seio da ciência, já se sente o estabelecimento de uma mudança radical nessa forma de pensar, pois a Teoria Quântica, assim como as afirmações da Cosmogonia atual, endossada por grandes gênios da ciência, em especial os “físicos quânticos”, está sendo direcionado para especulações metafísicas e reintrodução do conceito de Deus, como uma Mente Suprema, a origem uma de toda a existência. O que é curioso, enquanto o próprio método cartesiano está conduzindo as especulações no sentido de uma consciência única, que muitos cientistas até ousam chamá-la de Deus, por outro lado as religiões clássicas que sempre se preocuparam com Deus agora estão tomando um rumo inverso, procurando explicá-lo em nível de pensamento dialético.

Talvez, se não for o mais importante, pelo menos é o mais citado físico da atualidade, o inglês Stephen Hawking, ocupante da cadeira que foi de Isaac Newton na Universidade de Cambridge, e que não é um religioso, em um livro de divulgação publicado em 1988 e intitulado “*Uma Breve História do Tempo*” diz: “*Se chegarmos a uma teoria completa, com o tempo ela deverá ser compreensível para todos e não só para um pequeno grupo de cientistas. Então, toda a gente poderá tomar parte na discussão sobre por que nós e o Universo existimos... Nesse momento, conheceríamos a mente de Deus*”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, um outro grande físico e matemático inglês Paul Davies, escreveu uma obra de divulgação científica intitulada “*A mente de Deus*” (1992) em que afirma com convicção que tudo no cosmos revela intenção e consciência. Diz: “*Acredito que as leis naturais são engenhosas e criativas, facilitando o desenvolvimento de riqueza e de diversidade na natureza. A vida é apenas um aspecto disso. A consciência é outro. Um ateu pode aceitar essas leis como um fato bruto, mas para mim elas sugerem algo mais profundo e intencional*”.

Na última década um grande número de físicos-teólogos vem abordando esse assunto em dezenas de livros semelhantes àquele, entre eles John Polkinghorn, titular do Departamento de Física de Cambridge, que depois de 15 anos de carreira acadêmica brilhante se afastou das atividades naquela Universidade e se ordenou pastor anglicano havendo então começado a escrever livros de “*cristianismo quântico*”. Quando interrogado do porquê de haver abandonado a sua função como físico ele respondeu: “*Não abandonei a física porque estava desiludido com ela, muito pelo contrário, continuo acompanhando o assunto com o máximo interesse. Só não faço mais pesquisa científica. Mas, boa parte dos meus livros consiste em tentar ensinar física quântica aos leigos*”. Continua dizendo: “*Acredito que precisamos de*

ambas as perspectivas, a científica e a religiosa, para compreender esse mundo admirável em que vivemos”.

Diz o jornalista científico José Augusto Lemos em artigo publicado na revista não científica brasileira “Sapir Interessante” na edição de janeiro de 1001: *“Alguma transformação radical deve ter ocorrido para que a crença em Deus, assunto que havia se tornado tabu em laboratórios e universidades renasça com tanta força. Cem anos atrás, a ciência se projetava como a própria imagem do progresso e da civilização em afirmações como estas: Decifrar todos os mistérios da natureza era só uma questão de tempo.... ninguém necessitava mais de fantasias como ‘providência divina’. Conceitos desse tipo - e entidades sobrenaturais em geral - passaram a ser considerados ou uma infantilização neurótica (Freud), ou um meio de as classes dominantes subjugar os pobres e oprimidos (Nietszche e Max)”.*

Diz Polkinghorn: *“As teorias mostram que existem imprevisibilidades inevitáveis espalhadas por toda a natureza. Não acho que isso deva ser interpretado como uma infeliz ignorância de nossa parte e sim como sinal de que os processos físicos são muito mais abertos do que a mecânica de Newton sugeria. Quando falo ‘abertos’ estou querendo dizer que existem outros princípios causais em ação, acima e além das trocas de energia que a física descreve”.*

O ilustre jornalista José Augusto Lemos no artigo “Deus Existe?” prossegue: *“A partir da descoberta da Lei da Gravidade Newton praticamente criou toda uma nova disciplina, a dinâmica: nada menos que as leis que governam todo o movimento dos corpos no Universo e sua interação. Graças a ela tornou-se possível prever medidas de tempo, espaço, peso com exatidão inédita - e, assim, nasceu uma visão batizada de ‘determinismo’”.*

Um século depois de Newton, foi a vez do físico escocês James Clerk Maxwell descrever a maneira como a luz se propaga em ondas e Maxwell descrever as bases de uma outra força universal igualmente determinante: o eletromagnetismo. O primeiro definiu o comportamento da matéria, o segundo explicou o da energia. Com esses dois princípios causais, como Polkinghorn os chama, estava criada a ilusão de que os mecanismos da natureza estavam desvendados.

O Prof. Ricardo Galvão, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo diz: *“O determinismo nos fazia acreditar que, conhecendo as condições iniciais de um evento ou sistema, poderíamos prever toda sua evolução futura, mas ainda no final do século XIX, o francês Henri Poincaré inaugurou a ‘matemática do caos’, tocando no problema de que essas condições iniciais nunca são bem conhecidas: sempre existe um grau de imprevisibilidade.”*

Ai, veio a mecânica quântica introduzindo o conceito de que é impossível conhecer simultaneamente a posição e o movimento de uma partícula. É o chamado “Princípio da Incerteza de Heisenberg”, que derrubou de vez aquela atitude científica do tipo “conhecemos tudo e podemos prever o futuro”.

Foi justamente o princípio da incerteza que fez Einstein, como protesto, emitir uma de suas mais famosas frases: *“Deus não joga dados!”*. A imprevisibilidade quântica era demais para até ele mesmo aceitar. Einstein, como se sabe, falava muito de Deus - até o dia em que lhe perguntaram se ele acreditava mesmo em Deus. *“Acredito no Deus de Spinoza, que se revela na harmonia e na ordem da natureza, não em um Deus que se preocupa com os destinos e as ações todos os seres humanos”*. Respondeu o criador da Teoria da Relatividade, citando o

filósofo holandês do século XVII para quem Deus e o Universo seriam a mesma “substância”.

O americano Allan Sandage, um dos astrônomos mais respeitados mundialmente, hoje com 74 anos, foi ateu até os 50 anos. Sua conversão ao cristianismo veio de repente, provocada pelo simples desespero de não conseguir responder, só com a razão, às perguntas como “por que existe algo em vez de nada?”. Diz ele: *“Foram meu trabalho e minha pesquisa que me levaram à conclusão de que o mundo é muito mais complicado do que pode ser explicado pela ciência”*. *“Só através do sobrenatural consigo entender o mistério da existência”*. Continuando ele diz: *“A ciência torna explícita a incrível ordem natural, a interconexões em vários níveis entre as leis da física e as reações químicas encontradas nos processos biológicos da vida. Por que os elétrons têm todas a mesma carga e a mesma massa? A ciência só pode responder a questões bem específicas, do tipo ‘o que’, ‘quando’? e ‘como’? O seu método de investigação, por mais poderoso que seja, não pode responder ao ‘por quê?’”*.

Vê-se a combinação da matemática e da teologia, que começou com Pitágoras caracterizando a filosofia religiosa na Grécia antiga na Idade Média, e chegou à modernidade com Kant. Tanto em Platão quanto em Santo Agostinho, São Tomaz de Aquino, Descartes, Spinoza e Leibniz há essa ligação íntima entre religião e razão, entre aspiração moral e admiração lógica do que é atemporal.

Continua o comentário do ilustre jornalista José Augusto Lemos: *“Um outro grande passo nesse sentido, que procura ver uma causa única por detrás de tudo o que existe, recebe hoje um forte impulso com as mais incríveis descobertas relacionadas com a Teoria do Caos... Essa nova geometria, até então oculta na natureza, só apareceu na década de 60 a partir de estudos das variações climáticas realizados pelo meteorologista Esward Lorenz e submetida à análise por computador pelo matemático Benoit Mandelbrot, que levaram ao estabelecimento do estudo dos fractais”*. O que os fractais mostram - e que, para alguns adquire um caráter de revelação divina - é que processos aparentemente irregulares tais como a ramificação de uma árvore, ou o recorte geográfico de um litoral, seguem um desenho padrão que obedece a uma fórmula matemática que pode ser deduzida. Mais ou menos na mesma época - começo dos anos 70 - um físico chamado Fritjof Capra estava na praia quando teve uma espécie de êxtase místico provocado pela visão das ondas em sincronia com sua respiração. O resultado dessa experiência consta do livro “O Tao da Física” que explora todos os paralelos possíveis entre a física quântica e as principais religiões orientais: hinduísmo, budismo e taoísmo.

Em livros e artigos de cientistas atuais vêm mencionando a existência de um mundo gerados fora do espaço tempo e no qual está a semente de tudo quanto constitui este plano objetivo que vivenciamos. Os próprios pais da mecânica quântica - Werner Heisenberg e Niels Bohr - falam sobre as semelhanças entre suas descobertas e a filosofia contida nas milenares tradições religiosas orientais.

Entendemos perfeitamente porque muitos dirão que este nosso trabalho não pode ser considerado de caráter científico. Por certo serão críticas válidas desde que o que vamos afirmar não se trata de proposições passíveis de comprovação experimental; praticamente tudo nele se baseia apenas em aspectos metafísicos. Mas, hoje a ciência de vanguarda não sabe mais onde acaba o experimental e começa o metafísico. Na verdade as mais elevadas proposições atuais da física e da matemática se situam num patamar altamente especulativo. A ciência não admite facilmente qualquer análise além de limites que constituem suas fronteiras. Mas, aquele que deseja conhecer a causa primordial do sofrimento não pode se limitar apenas ao mundo

objetivo, ele tem que fazer incursões num nível além do mundo material. No passado era preferível silenciar um pesquisador sobre certos temas para não ser acusado, na melhor das hipóteses, de sonhador. Mas a ciência atual está sendo forçada pelas evidências detectadas através do próprio método experimental, especialmente da chamada “*Física de Alta Energia*”, ou “*Física de Partículas*”, além da “*Cosmologia*”, que tem feito incursões num plano existencial de alta transcendência para muito além da natureza objetiva das coisas, a se considerar o Cosmos como uma expressão de consciência ou mesmo de algo com atributos de um ser vivo. Neste sentido surgiu uma variante da Teoria do Big Bang que recebeu o nome de Teoria do Biocosmos³⁷.

Muitos renomados físicos têm, através de artigos livros, expostos idéias sobre múltiplos assuntos cuja origem situa-se fora do mundo objetivo, sem que sejam acusados de visionários, como acontece com o físico Frank Tipler que lançou um significativo livro intitulado “*The Physic, of Inmortality* (1994)” no qual ele afirma a ciência pode e deve ser utilizada para provar a existência de Deus, como princípio criador, organizador, onisciente, onipotente, etc. Esta afirmativa feita em nível de física é algo, que podemos dizer, se tratar de uma versão muito radical, contudo há decênios Spinoza já dissera o mesmo em nível de especulação filosófica, e vários pensadores em nível metafísico. O que Tipler diz em seu livro é compartilhado, mesmo que com mais cautela, por John Polkinghorn e Paul Davies, e com certa veemência por outros cientistas que apóiam o “Princípio Antrópico” - a mais surpreendente teoria dos últimos tempos que estuda como o caos gera ordem e como todo o Cosmos conspira a favor da existência de vida como um dos atributos divinos dotados de consciência e intenção.

O Princípio Antrópico postula que o Universo foi criado da maneira que percebemos para ser observado por criaturas inteligentes - ou seja, nós mesmos - e que é essa consciência que seleciona uma realidade concreta entre todas as possibilidades quânticas. São essas “possibilidades quânticas” quilo que David Bohm chama de “Ordem Implícita”. Isto é idêntico ao que as doutrinas místico-religiosas (A Tradição) chama de “Eterno Agora”, ou simplesmente de “é”. Equivale a expressão antiquíssima que diz que Deus criou o mundo para que nele pudesse ver a si mesmo.

Quando citamos o Princípio Antrópico queremos salientar que ele foi apresentado em 1973, não por um místico, ou guru, mas sim por um cientista respeitadíssimo Brandon Carter. Na verdade se trata de um cientista de vanguarda no campo da física atual.

No desenvolvimento da nossa proposição aqui expressa vamos buscar a causa essencial da “*angustia existencial*” fora do mundo objetivo, partindo da premissa de que em tudo quanto há sempre se faz sentir uma expressão de consciência e que ela não é apanágio do ser humano e nem mesmo do mundo objetivo. Trata-se de algo transcendente que se manifesta na natureza como uma condição imanente.

A teoria mais aceita para explicar a origem do Universo a partir da explosão de uma bola de energia³⁸. Para alguns astrofísicos isto nada mais representa do que uma manifestação de energia sem intencionalidade alguma, mas para outros, há uma conotação intencional. Muitos cientistas atuais vêem no processo um sinal de uma criação intencional e inteligente,

³⁷ Sobre essa teoria foi lançado recentemente no Brasil um livro de divulgação, intitulado: “*BIOCOSMOS - o Universo Vivo*” - Léo Villaverde - Edt. Cultrix, 2000

³⁸ Os místicos desde remota antiguidade citam isto denominado de “Ovo Cósmico” a partir do qual ocorreu o chamado “*Fiat Lux*”.

entre estes o próprio astrônomo que batizou esta teoria com o nome de Big Bang, o inglês Fred Hoyle. Em defesa da intencionalidade diz ele: “*Uma explosão num depósito de ferro-velho não faz com que pedaços de metal se juntem numa máquina útil e funcional*”.

Partindo-se da premissa de que houve um momento em que o universo objetivo teve início, chega-se à indagação do que teria existido antes do Big Bang? Os físicos são unânimes em dizer que é impossível saber.

Desde que se considere que tudo tem uma única origem a indagação sobre o que existiu antes é irrelevante, pois a ignorância sobre a origem das coisas é que gera os mistérios, e enquanto existir mistérios intransponíveis para a mente humana, idéias de divindade não só sobrevivem, como proliferam até que encontrem explicações lógicas. Quando Stephen Hawking fala de uma “*teoria completa*” que nos permitiria conhecer a “mente de Deus” ele está se referindo à busca principal da física no século XX, a um modelo que unifique a Teoria da Relatividade, que explique o movimento dos corpos celestes, e a mecânica quântica que descreve o outro extremo - energia e matéria na dimensão subatômica.

Como vemos, as bases da ciência cartesiana estão sofrendo tremendos abalos. Hoje os cientistas em sua totalidade já não mais admitem que esse mundo em que objetivamente vivemos - que chamamos de *mundo imanente* em contraposição a um aspecto transcendente - seja eterno, que não haja tido um começo. A partir daí diversas teorias cosmológicas têm sido apresentadas, sendo a mais conhecida, como já mencionamos, a do Big Bang, mesmo que ela já esteja sendo em parte posta de lado em detrimento de outras mais satisfatórias. Mas, praticamente todas elas são concordes em que este universo teve origem a partir de um ponto matemático (adimensional e atemporal) no qual estava potencialmente contido tudo quanto há. Tenha-se isto em mente, pois é algo muito importante no desenvolvimento do que será exposto neste livro.

Perde-se na névoa do tempo o quando o ser humano começou a indagar sobre a origem do universo. Por certo um grande número de hipóteses existiram, desde aquelas elaboradas por culturas indígenas, até as mais sofisticadas e atualizadas baseadas em modelos matemáticos e físicos que envolvem renomados cientistas como David Bohm, Einstein, Lemaitre, Gamow, Fred Hoyle, Friedman, Joseph Silk, Stephen Hawking, Steven Weinberg, Heisenberg, e outros considerados físicos do mais alto nível científico.

Embora a teoria do Big Bang ultimamente venha sendo criticada por algumas correntes de cosmólogos, mesmo assim ela é ainda a mais aceita. O professor de Astronomia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, Joseph Silk, diz: “*Nem o mais entusiasmado defensor da cosmologia do Big Bang poderia afirmar que ela explica tudo o que precisamos saber sobre o universo. O modelo do Big Bang não diz o que aconteceu antes do instante inicial da estruturação do ponto de origem*”. Hoje cada astrônomo defende uma teoria ou outra, ou parte de uma e parte de outra, portanto ainda não há um consenso quanto à origem do universo, mas todos estão de acordo que houve um começo e que este se fez sentir a partir de um ponto único, fora do espaço-tempo. Naquele ponto todos os elementos do universo estavam potencialmente contidos; a energia da qual derivaram as galáxias e tudo aquilo que veio a se constituir as expressões de existência, incluindo os seres biológicos, conseqüentemente todas as qualidades inerentes a estes, quer sejam as estruturas concretas, ou abstratas como sentimentos, emoções, etc. são apenas manifestações do desdobramento daquele ponto de origem única. Se tudo partiu de um ponto - e não houve um outro - mesmo que se admita que os sentimentos, e todos as

condições psicológicas surgiram depois, ainda assim não se pode dizer que eles não integravam o ponto de origem.

Diz o cosmólogo *Joseph Silk*: “A tese central da cosmologia do Big Bang é a de que, há cerca de 20 bilhões de anos, dois pontos quaisquer do universo observável estariam arbitrariamente juntos. A densidade da matéria, nesse momento, seria infinita”.

O Universo perceptível, segundo afirma a cosmologia, surgiu numa data entre 15 a 20 bilhões de anos a partir de um “*nada*” - de algo sobre o que a ciência não tem a menor idéia - quando teria havido uma inconcebível explosão de energia com uma temperatura extrema. Dali a energia começou a se expandir e a esfriar gerando as galáxias e em etapas sucessivas tudo o que nelas existe, incluindo o ser humano e, conseqüentemente, todas as qualidades que lhes são próprias. Assim, podemos ver que não só a estrutura física como também as qualidades dinâmicas do ser provém de algo unitário que se fragmentou a partir de uma explosão colossal. Em outras palavras, tanto o corpo quanto a mente humana são exteriorizações de um ponto de unicidade.

A ciência ao tentar explicar muito dos antigos enigmas da natureza, em vez de procurar entender o universo em profundidade, ela apenas chega apenas à conclusão que ele teve uma origem, mas deixa de indagar sobre o que existe, ou existia, fora desta origem. Não se detém em inquirir sobre o que está por detrás de tudo, o que motivou o começo, e o que ele era antes do início.

Já que esta estrutura que chamam de universo teve um começo, e tem uma expansão e um limite, por certo o próximo passo é saber o que existia antes, que leis ali imperavam. Isto é chegar ao mesmo tipo de indagações feitas pelas cosmogonias místicas, no que diz respeito a este mundo objetivo que nos cerca.

Na verdade o que a ciência procura descobrir pode ser considerado sob dois aspectos - mundos -. Um deles é este do qual nos damos conta - imanente - e o outro aquele que lhe deu origem - transcendente -, gênese primordial de tudo quanto concebemos. Admitir que a raiz deste universo se situa num outro nível sensorialmente imperceptível - transcendência - indica que todas as coisas, quer sejam elas físicas quer mentais, assim como a causa primordial de todos os eventos, estruturam-se no transcendente e não no imanente como normalmente se acredita.



A CONSCIÊNCIA NO UNIVERSO

"DEUS, SE REVELA TODOS OS DIAS
A TODOS OS SERES HUMANOS, MAS
NÓS FECHAMOS OS NOSSOS OUVI-
DOS..."
G A N D I



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1975 - 3328

TEMA 0.049



Na palestra anterior vimos que é indubitável a existência de alguma forma de consciência nas coisas materiais e até mesmo ao nível das "partículas" subatômicas. Atualmente a física de partículas está chegando a essa mesma conclusão por caminhos diferentes daqueles que levaram os místicos a essa afirmativa.

No Universo pode-se sentir em tudo um estado tanto ou quanto consciente, pois uma simples sucessão de reações químicas não justifica certas manifestações do desenvolvimento dos seres. Mesmo nas interações químicas, e especialmente ao nível da física de partículas, são evidenciados comportamentos que envolvem um sentido de escolha ou de decisão. Ora, escolha e decisão implicam em atos de consciência.

Durante centenas de anos pensava-se que somente os seres humanos eram dotados de Consciência. Os místicos e metafísicos sempre afirmavam que essa exclusividade não tinha razão de ser porque a consciência era algo que se espalhava por todo o Universo. Em oposição a esta afirmativa levantava-se a ciência, isto porque ela não dispunha de quaisquer meios para provar, ou mesmo para suspeitar, da existência de consciência fora do ser humano. Mesmo assim o próprio desenvolvimento da ciência permitiu a construção de instrumentos sensíveis, o suficiente para detectar níveis mais profundos de consciência e isto lentamente vem modificando o pensamento dos cientistas ortodoxos.

Certos instrumentos científicos de detecção e de registro permitiram uma série de experimentos com muitos seres vivos, especialmente com vegetais. Esses experimentos, em sua grande maioria, foram mantidos ocultos do conhecimento público, e mesmo negados pela maioria dos botânicos. Negados porque demonstravam certos fatos que lançam por terra tudo aquilo que a ciência oficial durante muitos anos decretou como verdades incontestáveis. Somente agora, quando parapsicólogos e biólogos mais independentes, assim como alguns pesquisadores de outras áreas, utilizaram vegetais em experimentos controlados é que parte daquelas experiências e seus resultados vazaram e assim se pôde saber o quanto já havia sido escrito anteriormente sem que se viesse a ser conhecido do público. Na verdade muito já havia sido dito e escrito sem que houvesse merecido uma necessária divulgação. Hoje, mesmo

causando uma celeuma imensa, vem sendo divulgada alguma experiência estranha envolvendo o reino vegetal.

Usando galvanômetros sensíveis diversos pesquisadores, entre estes o americano Backster, vêm abrindo aos "olhos do mundo" para um novo campo de pesquisa com vegetais e envolvendo a consciência. Backster já descobriu que os vegetais podem manter contato psíquico com os seres humanos e que aquele contato pode ser registrado com aparelhos de laboratório. As reações dos vegetais podem ser detectadas por aparelhos especiais. Isso foi o que permitiu a descoberta de uma quantidade grande de conhecimentos novos; da estreita relação existente entre níveis subconscientes tanto entre homem com animal, quanto entre o homem e os vegetais e vice-versa. Ficou demonstrado, com relativa precisão, que os vegetais apresentam certas reações idênticas às dos animais.

As experiências citadas revelaram uma grande quantidade de conhecimentos novos que permitiram se evidenciar uma estreita relação em níveis subconscientes entre os vegetais e os animais em geral, especialmente o homem, que vai muito além de tudo aquilo que se supunha antes.

Para mostrar o que estamos dizendo citaremos apenas duas experiências levadas a efeito por Backster. A primeira consta do seguinte. Aquele pesquisador montou um laboratório de pesquisa "sui generis". Nas experiências ali realizadas foram utilizados fundamentalmente vegetais ligados a galvanômetros que comandavam polígrafos (semelhantes aos usados nos detectores de mentira). Com aqueles instrumentos Backster começou a registrar reações das plantas e acabou descobrindo a existência de reações vegetais em nada diferentes de certas reações humanas.

Os gráficos obtidos apresentam uma gama imensa de variações, mas Backster pôde facilmente estabelecer uma série de padrões coerentes, partindo do seguinte: Uma planta desidratada quando recebia água determinava no polígrafo um traçado característico; quando era mutilada surgia um padrão gráfico diferentes e assim por diante. Qual não foi a surpresa daquele pesquisador ao constatar que nem mesmo era necessário o ato de lesar a planta para que ela reagisse reproduzindo o gráfico correspondente àquele que era obtido quando havia sido praticada uma mutilação. Era suficiente ameaçá-la e até mesmo pensar em mutilá-la para que surgisse o traçado específico. Foi assim que se tornaram conhecidos os traçados típicos de pânico, de alegria, de tristeza, etc., que as plantas demonstravam nas diferentes situações.

Posteriormente pesquisadores começaram simultaneamente a fazer experiências daquele tipo. Alguns para conhecerem melhor o fenômeno, e muitos outros para descobrirem o tipo de "trapaça" que certamente, supunham eles, deveria existir nas experiências de Backster. Mas o resultado foi que os descrentes das experiências, ao iniciarem as suas próprias observações, constataram a não existência de "trapaça" mas até chegaram a outras conclusões. Daí por diante uma grande quantidade de experiências foram feitas e coisas fantásticas têm sido descobertas.

A segunda citação dos trabalhos de Backster que faremos é a seguinte: Certa ocasião foi procedida o seguinte teste. Seis pessoas foram escolhidas entre elas uma foi sorteada para ao entrar isoladamente no laboratório destruir uma das plantas. As pessoas foram entrando e saindo do laboratório entres estas a que destruíra uma das plantas. Ninguém sabia qual q pessoa que havia destruído uma das plantas. As únicas testemunhas do acontecimento eram apenas as próprias plantas. Em seguida o grupo de pessoas, uma a uma, voltou a entrar no laboratório e

quando aquela pessoa que havia antes destruído a planta entrou todas as plantas efetivaram o traçado que correspondia ao padrão "pânico". Assim se concluiu que de alguma forma as plantas detectaram o "assassino" de uma delas. Ora, para que isto possa haver acontecido necessariamente alguma forma de percepção deve existir nas plantas, e, portanto no reino vegetal havia uma forma de consciência.

Backster deixava em sua residência uma série de galvanômetros ligados às plantas quando e ia para a cidade de Los Angeles, distante várias dezenas de quilômetros do seu laboratório. Sincronizava, então, dois cronômetros, um dos quais ficava ligado aos registradores gráficos das plantas e o outro ele levava consigo. Durante o dia inteiro Backster registrava a hora exata em que tinha alguma emoção forte como susto, raiva, alegria, surpresa, etc. Quando voltava para o laboratório ele ia verificar os registros. O incrível é que todas as plantas haviam registrado com extrema precisão os momentos e o tipo exato de reação que Backster tivera naquele dia. Por meio de experiência como essas é que lentamente vem ficando mais do que comprovado a existência de interações de consciência entre os seres humanos e os vegetais.

Desde remotíssima Antigüidade, místicos, "feiticeiros" e "santos", portanto pessoas dotadas de percepções para-normais, disseram ser possível a comunicação com os animais assim como com os vegetais. Isto era tido como tolice e loucura, mas atualmente a experiência levada a efeito com planta já indica que se deve ter mais cautela em afirmar que o homem está isolado dos demais seres da natureza pela consciência. Tudo indica que a comunicação com as outras linhagens da existência é possível e não apenas com o auxílio de instrumentos, mas também diretamente ao nível de consciência.

Há milênios os místicos utilizam-se de certos exercícios psíquicos para estabelecerem comunicação com os animais e com os vegetais. Basicamente isto consiste do seguinte: O indivíduo inicialmente faz cessar o seu diálogo interno, aquieta a sua mente, entra em "alfa", ou melhor, ainda, entra em "theta". Com os sentidos focados num vegetal a pessoa, na medida em que vai se aprofundando naqueles ritmos cerebrais, vem ocorrendo a comunicação. A pessoa envolvida neste processo, inicialmente, sente como se o vegetal fosse perdendo a sua forma, a sua imagem vai se esmaecendo e então a percepção da pessoa se expande e surgem as percepções. Algumas vezes a mente cria uma imagem, ilusória como forma, de uma pequena forma humana e a comunicação então se estabelece. Neste caso, em essência, o que ocorre é uma ligação através de *Kether*, pois através da Centelha de Consciência Cósmica comum a todos os seres podem se comunicar entre si, necessitando para isto apenas o estabelecimento da devida sintonia, ou seja, do estabelecimento de uma harmonização psíquica.

No campo dessa harmonização psíquica com seres de linhagens diferentes da humana alguns cientistas como Burbank e Carver merecem destaque especial.

Quem foi Burbank e o que ele fez deixamos para que o leitor leia em algum livro de botânica. Apenas vamos dizer aqui que os resultados das experiências daquele cientista foram tão evidentes que até o momento não conseguiram por em dúvidas os resultados obtidos por ele.

Também um outro botânico, Carver, fez coisas inacreditáveis. Ele foi o homem que conseguiu transformar a face da agricultura do Estado de Iowa nos E.E.U.U. com suas pesquisas sobre o amendoim. O trabalho daquele botânico é muito extenso para ser citado em

algumas páginas, por isto citaremos estes dois cientistas por haver algo em comum entre eles; a imensa quantidade de descobrimentos realizados, impossíveis de serem realizados por uma pessoa numa vida inteira. Ambos tinham uma resposta para os que indagavam como era possível a descoberta de tantas coisas sobre os vegetais, tantos segredos, tantas descobertas sensacionais num ritmo impossível até mesmo para uma centena de pesquisadores trabalhando em equipe no mesmo espaço de tempo que eles isoladamente trabalharam. A resposta de cada um dos dois pesquisadores era mais ou menos idêntica: "Converso com as plantas, as indago sobre aquilo que desejo saber delas e elas respondem orientando-me". Esse tipo de resposta era tido como "gozação", como uma forma de despistamento para os indagadores importunos. Mas as experiências atuais vieram demonstrar que havia verdade naquelas respostas. A coisa parece possível, pois com os registros galvanométricos pode-se "conversar" com as plantas.

Não somente reação simples tem sido registrada, mesmo processos mais complexos têm sido evidenciados em experiências com vegetais.

Resultados mais complexos têm sido obtidos por alguns outros pesquisadores, entre eles o Dr. Ken Hashimoto, engenheiro eletrônico de Kamakura (Japão). Ele, utilizando cactos demonstrou que um deles podia contar de 1 a 20 e fazer algumas adições elementares. Também indagações de mais alto nível podem ser respondidas de forma singela.

Diante de tudo isso que citamos vale a seguinte indagação: Por que se isto é possível através de registros instrumentais também não pode ser feito diretamente mente?

Um outro experimentador que queremos citar é o engenheiro L. George Lawrence que levou a efeito uma série de experiências visando detectar a comunicação entre algumas espécies de plantas do deserto. Aquele estudioso certo dia antes de dar início às experiências programadas evidenciou algo estranho. Certo dia deixara seu aparelhamento casualmente focado para o céu e, qual não foi a sua surpresa quando evidenciou uma seqüência de sinais. Prosseguiu escutando aquele tipo de sinais e a conclusão incontestável a que chegou foi de que alguém, ou alguma coisa estavam fazendo uma transmissão por via biológica, algo completamente novo para ele desde que aquele tipo de aparelhamento só registrava emissões entre vegetais. Ele chegou à conclusão de que o transmissor daqueles sinais estava fora da terra e, para eliminar as possíveis interferências locais, ele repetiu as suas experiências noutro lugar mais isolado. Então escolheu exatamente uma cratera vulcânica, a cratera de Pishg que fica a 700 metros de altitude em pleno deserto do Mojave. A região escolhida fica cercada por 48 km. de lava. Assim sendo o aparelhamento estava afastado de qualquer vegetal na vizinhança que fosse capaz de provocar interferências. Também se acerceu de outras precauções; adaptou o aparelho de forma tal que levasse à certeza de que os sinais provinham realmente do espaço. Esperou algum tempo e foi bem sucedido. Técnico altamente capacitado Lawrence concluiu que alguma forma de comunicação biológica fora detectado e que evidentemente ela procedia do espaço.

Lawrence fez um relatório para o Smithsonian Institutions a respeito das suas experiências. O Instituto coisa alguma lhe respondeu, pois na realidade experiências inusitadas como aquela nunca são divulgadas, mesmo quando feitas dentro dos mais rigorosos critérios, pois divulgá-las criaria uma situação deveras difícil para ser explicada pela ciência que teima em dizer que somente o homem tem consciência, quando na verdade consciência é algo que inunda todo o universo, pois ela faz parte do Poder Superior que está presente em todos os

pontos existentes.

Muitos pesquisadores já concluíram ser possível a existência de um tipo totalmente diverso de comunicação que chamaram “comunicação biológica” a qual não segue às leis da comunicação eletromagnética. Dizem que este será o tipo de comunicação do futuro entre distâncias astronômicas porque parece que independe da constante da velocidade da luz que limita em 300.000 km/s.

As experiências com esse tipo de comunicação entre os vegetais, e entre estes e o homem, levam a crer que tempo e espaço evidentemente não são significativos para a transmissão biológica. Se isto for verdade será fácil à comunicação a nível sideral.

Tudo o que citamos revoluciona tudo aquilo que a ciência conhecia, violenta o pensamento dos cientistas ortodoxos, por isto são informações mantidas fora do conhecimento do grande público, pois os cientistas não suportam a derrocada dos seus pedestais de arautos das verdades absolutas.

Os parapsicólogos que estudam essas interações de níveis muito profundos estão sem saber dar uma explicação adequada para os fenômenos citados, mas a resposta é fácil, é somente posicionar a consciência. Consciência é algo que está infundido em todas as coisas. É um atributo divino manifestando-se em toda criação. Tudo tem consciência e sempre é possível o estabelecimento de contatos psíquicos entre diferentes seres mesmo que filogeneticamente muito afastados, exatamente porque a *Consciência é Una*.

Tudo o que afirmamos e citamos são coisas difíceis de serem aceitas, mas no Universo muitas coisas são aparentemente inaceitáveis em decorrência da limitação da nossa mente.

Terminaremos esta palestra com as palavras do cientista Sir JAMES JEANS:

"O fluxo de conhecimento humano encaminha-se imparcialmente para uma realidade não mecânica; o Universo já começa a ser mais como uma grande idéia do que como uma grande máquina. A mente deixa de parecer um instrumento acidental no reino da matéria; Começamos a nos dar conta de que é preciso sacuda-la, com efeito, na realidade de criador e administrador desse reino".



UNIVERSOS RELATIVOS E ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA

*"O HOMEM DEVE DIZER SEMPRE A VERDADE,
MAS NEM TODAS AS VERDADES".*
CRISTINA DA SUÉCIA



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1984 - 3337

TEMA 0.070



Em determinados momentos a mente pode modificar a sua sintonia básica e passar a ter percepções anômalas, isto é o que ocorre geralmente no êxtase místico-religioso, em algumas crises alucinatórias da esquizofrenia, e muito especialmente em "viagens" induzidas por substâncias psicoativas.

Em tais situações a mente vibra³⁹ em frequências diferentes das que lhes são comuns e passa a sintonizar duas realidades diferentes simultaneamente; a realidade do mundo objetivo e uma outra. Esta dicotomia acarreta problemas para uma pessoa despreparada, o que normalmente pode gerar conflitos psicológicos graves.

O caminho mais fácil para se ter percepções de outros planos, mas nem por isto o menos danoso, é sem dúvida aqueles obtidos com o auxílio de certas substâncias alucinógenas. Elas são altamente eficientes para conduzir a percepção do indivíduo para outros planos de realidades, para universos fantásticos, embora seja preciso a pessoa ter conhecimento seguro quanto à substância a ser utilizada.

Pelas informações de pessoas que fizeram uso de substâncias alucinógenas, tipo LSD, Mescalina, Stramonium, Psilocibina, e outras, são fácil colher informações e analisá-las à luz do que estamos estudando quanto aos universos relativos paralelos.

Sob o efeito daquelas substâncias o indivíduo mergulha em outras realidades onde os conceitos e valores são profundamente modificados; as percepções são alteradas profundamente, o tempo e o espaço tem outro sentido, e onde nenhum conceito nosso se presta para as apreciações daquelas realidades.

Ao longo da faixa inteira das vibrações do eixo das frequências do Universo Absoluto é impossível se determinar quantos universos relativos podem existir. Teoricamente o número tende para o infinito, pois, como vimos, uma pequena variação de percepção é o bastante para tornar o universo diferente por isto podemos dizer que há como que um universo para cada ser.

³⁹ Em tema futuro teremos a oportunidade de estudar as percepções da mente em nível de posicionamento diante da Consciência.

É teoricamente viável a existência de universos relativos cujas faixas vibratórias o tornam totalmente diferentes do nosso. Ali as realidades são outras bem diferentes das nossas. Universos aparentemente absurdos, aberrantes, e completamente sem sentido para a nossa compreensão. Ali, coisas que para nós são verdadeiros despautérios, são eventos e coisas naturais e lógicas para as seres de lá.

Objetivamente há limitações para se penetrar em outros universos relativos, mas psiquicamente isto é bem fácil.

As drogas alucinógenas são veículos capazes de estabelecerem aquele tipo de contato, muito embora certas percepções possam também ser fantasias da própria mente.

Qualquer psiquiatra dirá que o alucinógeno "cria" aquela percepção, não sendo, portanto, uma realidade e sim uma distorção da percepção, apenas o fruto de um estado alterado de consciência. Segundo ele os alucinógenos determinariam alterações bioquímicas ao nível dos neurônios e com isto as percepções passariam a ser como que de natureza oníricas. Assim, todas as percepções do "drogado" seriam condições interiores, artifícios da própria mente, uma alucinação e nada mais. Nisto está um grande erro da ciência, pois a verdade é outra. É verdade que em muitos casos podem ocorrer simples alucinação, mas em muitas situações o universo vivenciado pela ação de certas drogas não é interior e por isto não se comporta como uma fantasia. Nestes casos ele se apresenta tão real quanto o que vivenciamos no dia a dia porque é um universo relativo exterior.

Não discutimos que certas drogas determinam alterações bioquímicas ao nível das células cerebrais, além de apresentarem vários outros efeitos colaterais, o que afirmamos é que independentemente da natureza da substância, o estado alucinógeno propriamente dito nada mais é do que um mergulho num universo relativo, numa outra realidade pertencente, porém, a esse mesmo universo absoluto. Em uma palestra muito mais avançada, quando tratarmos do Mundo Transcendental – *unismo* – então evidenciaremos outros aspectos da percepção.

Determinadas drogas fazem a mente vibrar em um padrão diferente fazendo com que ela sintonize outros níveis de consciência. Elas agem como disparadores e "ensinam" ao cérebro a alterar o seu padrão vibratório normal e assim entrar em sintonia com outras realidades. Isto que estamos afirmando pode ser checado com aquilo que dizem as pessoas que já efetivarem "viagens" sob a ação de determinadas substâncias alucinógenas.

As "alucinações" que ocorrem durante o período de ação da substância podem se repetir dias, meses, e mesmo anos depois, sem que a droga ainda esteja quimicamente presente no organismo. Em outros casos, é comum a pessoa dispensar completamente a presença daquela substância novamente quando deseja "fazer a viagem". Em certos casos não é necessária a presença de uma nova dose, não há necessidade de algo mais para a pessoa entrar no estado modificado de consciência. Numa situação assim já não existe, então, nenhum traço da substância nas células cerebrais. Agora perguntamos: Se as células já estão completamente livres da droga, como então podem ocorrer as tais alterações bioquímicas sugeridas pelos psiquiatras? Nasquelas percepções posteriores num padrão vibratório apenas um pouco desviado do padrão básico quais são, então as substâncias que estão agindo para provocarem a alucinação ou a distorções da realidade? É evidente que a substância provoca algum tipo de alteração bioquímica no cérebro, mas tais alterações não criam sempre fantasias, ela pode

apenas induzir as células a modificarem a sua vibração básica e com isso manter uma sintonia diferente ressonante com outras realidades.

É comum para uma pessoa que faz uma experiência com o LSD ter, durante o tempo em que a droga está atuando no cérebro, uma série imensa de alterações das percepções. Mas, o que é importante para se ter em consideração é que muito tempo depois da substância haver sido eliminada totalmente; mesmo dias, meses e até anos, quando tudo já está novamente em condições fisiológicas normais, ocorra, então, uma repetição, ou melhor, uma nova "experiência" espontânea venha a ocorrer, sem que haja sido usada substância alguma.

Isto comprova que a ação da droga alucinógena não se faz no sentido dela destorcer a própria realidade, mas no sentido de fazer com que o cérebro vibre em outras faixas de ondas e assim libere a mente para se projetar além do corpo físico penetrando noutras realidades. A mente após ser induzido a fazer isso fica habilitada para repetir o processo em determinados momentos. É por isto que a experiência pode se repetir casualmente sem droga alguma, e o que é melhor são possíveis que nova ocorrência se apresente apenas mediante a vontade da pessoa. Uma vez feito a primeiro "viagem" a pessoa pode posteriormente repeti-la sem a droga.

Se a ação fosse resultante de um efeito químico o fenômeno não se reproduzira sem a presença daquela substância, a não ser que a "viagem" fosse uma consequência de uma alteração definitiva. Neste caso a manifestação psicodélica seria permanente e sem controle algum, como acontece quando ocorrem lesões traumáticas, ou danos causados por lesões químicas determinadas por substâncias capazes de danificarem a integridade das células, como acontece no alcoolismo crônico, com o uso de cocaína e outras drogas terríveis que existem.

Tenha-se em mente que não se podem generalizar as drogas psicoativas, pois se existem aquelas capazes de danificar as células do cérebro, de alterar de forma definitiva o funcionamento celular, por outro lado também existem aquelas que apenas induzem alterações não lesionais, alterações passageiras e suaves, mesmo que profundas em natureza.

Os estados alucinatórios desencadeados pelas drogas psicoativas não danificadoras são plenamente controláveis. Se forem controláveis os efeitos que determinam não podem ser consequência de lesões definitivas e nem sequer de uma ação de presença da substância.

Com algumas delas é possível que, embora não causem danos à integridade celular, elas deixem impresso na memória um padrão mediante o qual a mente reproduz as distorções da realidade. Isto é importante porque podemos ter a certeza de que nem todo efeito psicoativo é danificador ou capaz de alterar a percepção um modo definitivo. Mas pode-se pensar que isto não é uma boa coisa, pois, de qualquer maneira, a mente fica um tanto alterada desde que inesperadamente ela fica sujeito a reproduzir um estado não desejado. Na verdade existem drogas que fazem isso de forma definitivo, e estas evidentemente são indesejáveis, mas nem todas são assim, como veremos. Normalmente não é isso o que acontece com todas as substâncias psicoativas. Há muitas que causam uma ação intensíssima no momento, mas que não marcam um padrão de repetição espontâneo. Outras, sim, marcam e destas existem as que marcam como um caráter incontrolável, o que é muito ruim, pois anulam o querer da pessoa. Outras são indutores precisos que não marcam padrão que fique fora do controle do querer individual. Para mostrar que a condição de ser psicoativa não é o que determina aquela capacidade de alterar definitivamente a mente, pensem no seguinte: Certas drogas psicoativas, mesmo tendo ação pronunciada ao nível das células nervosas, como os calmantes, os

barbitúricos, os derivados diazepínicos, os anestésicos, os ansiolíticos etc. cessam completamente de atuar quando são eliminados ou neutralizados sem marcarem a mente a ponto de não mais ser preciso uma nova dose para o efeito se reproduzir. Por que a mente não repete o suposto padrão memorizado com tais substâncias? Se aquele raciocínio feito contra o que afirmamos com referência a alguns alucinógenos fosse correto, alguém que tomasse uma vez uma droga anestésica, por exemplo, depois de muitas semanas ou dias, inesperadamente poderia sem mais nem menos entrar num plano de anestesia espontaneamente, como acontece com alguns alucinógenos.

Vale salientar que as substâncias seguras normalmente têm certa peculiaridade. Elas com o transcorrer do tempo podem ser tomadas cada vez em menor quantidade para a obtenção do efeito desejado. Deve-se temer aquelas outras que se faz necessário doses crescentes e em menor intervalo de tempo. Devem-se temer aquelas outras que se faz preciso doses cada vez doses maiores, como acontece com a morfina, a heroína, a cocaína, e tantas outras. Pelo que afirmamos vemos que o cérebro não repete o efeito de nenhuma daquelas drogas. No caso de algumas drogas alucinógenas, o que ocorre é que elas são capazes de alterar o padrão vibratório básico do cérebro e assim permitir à mente entrar em outros planos de realidades e, paralelamente, deixar gravado o como repetir aquela alteração de vibrações, sem causar dano anatômico ou fisiológico algum, diferindo, portanto, daquelas citadas acima que são passíveis de causarem daqueles problemas. As demais drogas psicoativas provocam um efeito químico sem modificar, porém o padrão vibratório do cérebro, por isto o efeito delas não só ocorre na presença da substância.

Para melhor esclarecimento vamos dividir as drogas psicoativas em dois grupos: Um deles é aquele em que estão incluídas substâncias que alteram o metabolismo celular do sistema nervoso central somente quando estão presentes, portanto, uma ação só química. Nestas, cessando a ação direta da substância cessam os seus efeitos. Mesmo essas podem ser separadas em dois grupos, as que viciam e as que não viciam, as que podem e as que não podem danificar o sistema nervoso, e ainda tem que ser levado em conta à quantidade, a dose prejudicial. No outro grupo incluem-se as substâncias que agem bioquimicamente, mas que levam o cérebro a uma modificação do seu padrão vibratório com o que se torna possível à penetração psíquica em outras realidades exteriores. Aquelas drogas geralmente não criam dependência porque quem as toma cada vez necessita de quantidades menores. (Evidentemente há casos em que são tomadas doses excessivas e então podem ocorrer danos, sendo assim em todos os casos o fator quantidade deve ser criteriosamente levado em conta).

Embora não crie dependência o segundo grupo de substâncias, indiretamente, também trazem perigos se certos critérios não forem obedecidos. Primeiramente, porque na maioria dos casos desconhecem-se as doses adequadas, mesmo porque ao serem ingeridas, elas não estão quimicamente puras. Assim sendo, tomadas tal como são extraídas dos vegetais, elas freqüentemente estão misturadas com substâncias tóxicas. Isto acontece com o Peiote (*Lophophora Williansii*), com o Stramonium (Datura), com a Maconha (*Cannabis sativa* ou *Indica*), com certos cogumelos, especialmente os do gênero *Psilocibe*, etc., em que freqüentemente há alguns outros alcalóides que nada têm a ver com a ação psicodélica e que são ingeridos conjuntamente, mas que causam efeitos colaterais indesejáveis. Na verdade não existem substâncias tóxicas, mas sim doses tóxicas.

Não são somente certas substâncias que podem conduzir a mente para universos relativos diferentes, muitas vezes um resultado igual pode ser conseguido por meio de práticas místicas. Muitas religiões provocam estados alterados de consciência mediante carência alimentar (jejuns), pela privação de certas substâncias normais ao organismo, portanto. Isto, no passado aconteceu com muitos "santos" que conseguiram através de jejuns, assim como pela autoflagelação, estados alterados de consciência em que tinham experiências inefáveis, visões transcendentais e coisas assim. Lesões provocadas por flagelação determinam liberação de certas substâncias endógenas, como a histamina e outros catabólitos capazes de levarem a idênticos resultados mentais.

Os dervixes conseguem o êxtase por meio do esgotamento físico e do sistema nervoso num ritmo alucinante de rodopios a guisa de dança. A fadiga física age tal como a flagelação determina a produção ou a liberação daquelas substâncias citadas. Existem outras práticas ensinadas por diferentes doutrinas, que visam provocar uma alteração da consciência para que certas vivências sejam atingidas.

Mesmo que o emprego de substâncias alucinógenas seja um meio eficiente de treinamento mental para se ter acesso a outras realidades, contudo é bom que se tenha em mente que essa via deve ser encarada com muita seriedade e cuidado, pelas possíveis conseqüências, a menos que orientada por um mestre experiente.

No passado, muitas iniciações envolviam o uso de determinadas substâncias o que ainda é feito atualmente nas cerimônias iniciáticas de algumas religiões nativas.

Mas, o perigo de natureza psicológica imposto pelas substâncias alucinógenas também pode ocorrer com práticas místicas mal conduzidas. Não é fácil para uma mente se ver mergulhada num mundo totalmente diferente daquele que lhe é comum. Se a pessoa não tiver conhecimento daquilo que vai encontrar, e da maneira como agir estará sujeito a danos psicológicos como decorrência do desconhecimento das leis que regem aqueles universos.

Os mundos que se apresentam diante da pessoa sob a ação de um alucinógeno, alguns podem ser frutos de fantasias da própria mente, mas outros podem ser tão reais quanto este. Em todas as situações a mente fica sujeito a ser vulnerar pelo desconhecimento de que tudo aquilo com que vai se defrontar.

Outro perigo é decorrente do retorno. Certas percepções levam a pessoa a mudar totalmente de comportamento em virtude de realidades capazes de provocarem uma negação dos valores deste mundo em que vivemos. Por isto, quem não tiver os conhecimentos necessários para uma experiência em outros planos é melhor se abster do uso de drogas, bem como se afastar de certas práticas místicas ensinadas por certos grupos, pois quantos iogues, quantos ascetas, quantos jovens, existem por aí que após certas experiências com realidades diferentes se tornaram um peso morto para o mundo que lhe é próprio e onde teriam uma missão a cumprir.

Uma pessoa prudente não se atreve a penetrar sequer numa floresta sem estar devidamente preparada para isto, pois ali ela se torna vulnerável porque até as coisas mais simples inerentes a floresta pode determinar perigos. Também, sabe-se que não se pode trazer para casa o padrão de ação que se mantém lá. Se aqui mesmo na terra, no nosso universo relativo comum, incursões por ambientes diferentes tais como mares, florestas e desertos,

encerram perigos, quanto mais uma excursão num outro universo em que as realidades e os valores podem ser totalmente diferentes, onde nenhum padrão, muitas vezes onde nem mesmo as leis físicas são idênticas e até mesmo o tempo pode nada ter em comum com o nosso.

Certas drogas alucinógenas fazendo a mente vibrar em outras frequências e estas vibrações dependem da natureza da substância e da dose. Conforme o tipo de substância, e especialmente conforme a dose ingerida, pode ocorrer um maior ou um menor perigo. Quando a aceleração ou do ritmo da frequência é muito acentuado pode ocorrer a sintonização com outros universos relativos afastados vibratoriamente e por isso muito diferentes do nosso. Porém, se o ritmo imposto não for muito diferente do nosso pode acontecer que apenas haja uma maior acuidade sensorial, uma percepção mais ampliada, uma abertura mais ampla da consciência. Por essa razão é que numa experiência mística tanto se podem ter percepções de realidades extremamente diferentes das nossas quanto de outras que apenas representam apenas uma ampliação das percepções.



A CERTEZA NO UNIVERSO

“ A NATUREZA É ENCONTRADA NA NATUREZA, A
NATUREZA VENCE A NATUREZA, A NATUREZA
DOMINA A NATUREZA.”
TÁBUA DAS ESMERALDAS
HERMES TRISMEGISTO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



1 9 9 5

TEMA 0.408



A *Certeza* é praticamente uma condição relativa; de uma maneira genérica podemos afirmar que a *certeza* exterior é única. Em todo cosmos somente existe uma certeza que é o PODER SUPERIOR; todas as demais condições são relativas. Quando se tem *certeza* de algo essa *certeza* nada mais é do que uma condição de atendimento às nossas percepções.

Quando temos a *certeza* que estamos num lugar na realidade isso só é uma *certeza* parcial. No momento dizemos *estou aqui*, mas ao terminar de dizer isto a terra já se deslocou em seu giro por milhares de quilômetros em vários sentidos. Assim aquilo é uma *certeza* apenas para determinados parâmetros não uma *certeza* absoluta.

A *certeza* só existe em relação ao alvo, a uma determinada meta, e qualquer meta é apenas um conjunto de condições preestabelecidas. Quando dizemos *quero ir a tal lugar* estamos limitando esse lugar à posição do lugar em relação á terra, mas não em relação ao espaço exterior. A *certeza* de que chegamos ao lugar é apenas à sua localização na superfície da terra, mas não no espaço, por exemplo, pois a terra se deslocou e nos conduziu no espaço para um outro lugar diferente daquele que tínhamos como meta inicial. O lugar, ou seja, a meta escolhida não incluía o parâmetro “lugar no espaço”, mas apenas “lugar na superfície da terra”, assim, quando se diz tenho *certeza* que cheguei se está dizendo que se tem *certeza* de que a condição lugar na terra foi atendida, mas não lugar no espaço.

Por tudo que expomos conclui-se que não se pode ter *certeza* da quase totalidade das coisas. Quando se diz: tenho *certeza* de que estou vendo tal objeto, por certo naquele objeto já ocorreram miríades de transformações ao nível atômico, já houve o giro de miríades de partículas constitutivas daquela estrutura, o arranjo interno das partículas já o modificou em nível sub-microscópico.

Quando se pretende conseguir algo, no momento em que isto é realizado, por certo a coisa a rigor não é mais a mesma. Num momento a pessoa, por exemplo, vê um objeto e diz eu vou consegui-lo. Peleja até que o consegue então ela diz consegui o objeto. Se for indagado: Será que você conseguiu aquele mesmo objeto do momento da decisão de consegui-lo? - A resposta evidentemente será afirmativa. - Consegui sim, tenho *certeza* que sim. - Trata-se de

uma certeza sim, mas na realidade é apenas uma certeza relativa porque se em um determinado nível ela conseguiu o objeto num outro nível as transformações íntimas ocorridas no objeto fazem com que a rigor ele não seja mais aquele mesmo pretendido inicialmente. Assim, embora a pessoa tenha a certeza que o objeto é o mesmo, por atender os parâmetros preestabelecidos para ele, na realidade a mutabilidade da natureza das coisas criadas os tornam um outro.

Por mais consistente que possa ser uma coisa qualquer ela já não é a mesma em momentos diferentes; por menor que seja o espaço de tempo considerado já ocorreram transformações por certo.

Do que afirmamos acima se pode ter certeza disto: coisa alguma se repete dentro da criação. A probabilidade de repetição dentro do universo criado é praticamente de zero. Somente num tempo infinito as coisas voltariam a ser absolutamente as mesmas num outro momento. Como no infinito inexistem momentos podemos então dizer que em nível de *infinito a coisa é o que é* e ao nível de finito *a coisa se apresenta como sendo*.

O tema *O QUE É REAL* mostramos alguns aspectos que nos levam à certeza de que não se pode ter *certeza* de coisa alguma a não ser da Essencial Cósmica. Só esta é imutável, tudo o mais são acomodações instantâneas dessa essência.

Quando a pessoa chega à meta estabelecida a fé transforma-se em *certeza* e então ela está diante da realização da esperança.

Toda a existência de um espírito no Universo é apenas uma longa caminhada em busca da única *certeza* que existe, em busca do imutável, que é Poder Absoluto. Para cada um de nós existem miríades de *certezas*, mas todas elas são tão somente *certezas* relativas.

O universo é altamente mutável, tanto no nível micro quanto no nível macro, tudo muda, tudo se transforma; é como o próprio pensamento que jamais está parado, que se transforma em rapidez incrível e das mais diversificadas maneiras. Comporta-se como algo fortuito e **em nada é o que apresenta ser.**

Quando se chega à *certeza* chega-se também ao *domínio*, mas como dentro da Criação as “certezas” são relativas assim todos os domínios são igualmente relativos. Só no Absoluto há a certeza absoluta, portanto somente ELE é o DOMÍNIO ABSOLUTO.



UNIVERSO UNIFICADO

“TUDO É FONTE DE SABEDORIA PARA O
SÁBIO. PARA AQUELE QUE NÃO É SÁBIO
A PRÓPRIA SABEDORIA É LOUCURA”
MIRDA

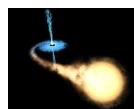


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998 - 3351

TEMA 0.835



Prossigamos no estudo do Hermetismo penetrando no desdobramento do Princípio Mental. Nas mais recentes palestras temos mostrado a visão monista do universo e acreditamos que os maiores enigmas existentes nesta área decorrem da visão dualística que predomina na cultura ocidental.

Basicamente o monismo preceitua que existe apenas uma “essência” que, não somente separam as coisas aparentemente, como também as constituem. Já vimos que a própria visão dualista termina por conduzir o pensador ao monismo. Se as coisas do universo fossem plenamente separadas em todos os níveis da sequência sétupla não poderia haver intercomunicação alguma entre elas por não existir um meio através do qual qualquer integração pudesse se fazer. Sem um meio intermediário nem mesmo uma coisa seria percebida por outra. Por mais próximo que uma coisa estivesse de uma outra ainda assim elas não poderiam ser vistas desde que “ver” requer um meio através do qual os raios, as vibrações, passem levando as informações de uma coisa à outra.

Se o dualismo existisse, não poderia haver interação entre a criação e o Creador⁴⁰, ou seja, nem mesmo Deus poderia se comunicar porque se assim fosse ele dependeria de algo fora de Si para efetivar qualquer comando no universo. Pela mesma razão as leis não poderiam atuar, fazerem-se sentir, pois uma lei só se manifesta através de algo que, se não existir, ela é imanifesta. Mas, é claro, se houvesse um meio do qual Deus dependesse dele para se comunicar ou se manifestar, então tratar-se-ia de um deus dependente, portanto limitado.

“O absoluto é uma fonte da qual tudo flui e à qual tudo reflui. Tal qual a fonte, assim é a correnteza”.

Nos recentes temas abordamos o assunto referente ao *limite* da divisibilidade e chegamos a dizer que tal *limite* só pode ser a própria “essência” do Absoluto. Isto pode ser

⁴⁰ Normalmente o místico faz uma distinção dentre as palavras criar e crear, entre criação e criação. Por exemplo, numa fazenda se cria gado mas não se creia gado. Uma vaca isto é, ela gera um bezerro, o fazendeiro o cria. Quando o místico fala a respeito do início do universo ele usa, então, a expressão crear, e Creador. Na realidade Deus criou o universo e cria tudo quando nele existe.

entendido a partir de uma racionalização simples. Nenhum poder, nem mesmo o de Deus, pode dividir o indivisível. Se Deus pudesse dividir o indivisível naturalmente que este não poderia ser considerado indivisível desde que podia ser dividido. Por outro lado, se Deus não pudesse dividir algo então Ele não seria absoluto, não teria poder ilimitado, desde que existia algo impossível para ele. Vemos que a única saída para esse impasse é a admissão de o indivisível ser o próprio Deus.

○ que acabamos de dizer é uma das razões do Monismo afirmar que Tudo é UM, que não existem limites plenos entre as coisas existentes, e que não existe *limite* fora da criação. Se as coisas parecem limitadas e divididas é por conta do nível de percepção apenas. Se as coisas parecem divisíveis é porque a percepção as aceita assim fazendo com que algo diferencie-se de outro, mesmo que essa diferenciação resulte apenas de desligamentos parciais na seqüência sétupla. Por exemplo, coisas que unidas em seis níveis parecem semelhantes e as que divergirem quanto ao número de elos de ligação parecem separadas embora na verdade não o sejam. O gelo parece diferente da água onde flutua porque ele é um aspecto sétuplo enquanto que a água líquida é um aspecto sêxtuplo.

Tudo o que parece constituir coisas de naturezas distintas são apenas decorrências preceptivas resultante do *limite* da percepção, pois se a pessoa tivesse condições de perceber todos os diferentes níveis simultaneamente ela compreenderia tratar-se de uma única coisa. Suponhamos uma das inúmeras pessoas simples que nunca viram gelo. Por certo ela não percebe tratar-se da própria água quando divisa os blocos flutuando. Ela acredita tratar-se de algo distinto da própria água na qual o gelo flutua. Mas, se aquela pessoa pudesse perceber o laço de união entre o os blocos e o líquido, por certo ela instantaneamente entenderia que ambas as coisas eram uma mesma coisa.

Assim também é o que acontece com relação entre o homem e o universo. Ele por não perceber diretamente os elos da seqüência sétupla julgam as coisas como independentes, ele trabalha como coisas separadas aquilo que em essência é uma única coisa, e que até mesmo os *limites* separativos são uma mesma coisa.

Do que foi dito deduz-se facilmente que o universo existe tal como o percebemos em decorrência dos *limites* que estabelecemos em decorrência apenas dos *limites* de percepção. Mas, temos que convir, *limite* são níveis, são “linhas” de mudança de níveis, pontos em que as coisas “passam” de um estado de maior, ou de menor número, de elos da cadeia sétupla. O limite entre a água sólida e a líquida estabelece-se no ponto em que ela perde o elo sete e permanece no elo seis. Vemos assim que qualquer diferença reside no *limite*, é somente uma decorrência de percepção de níveis.

Vimos, o que chamam *limite* trata-se de mudança de percepção decorrente de mudanças de níveis. Concluirmos dizendo que o limite da divisibilidade reside no elo UM. Trata-se de um nível além do qual está a essência do absoluto. O limite da divisibilidade, portanto é o Um, a essência, que é o próprio Deus

Podemos ainda indagar se o nível UM não tem *limite*. Podemos dizer que em se tratando da criação não pois a manifestação em si é o próprio nível UM. Contudo, considerando o Inefável, o Absoluto, então podemos dizer que o nível UM não é o primeiro mas mesmo assim Ele é o *limite* da criação.

○ Um é a primeira manifestação, o limite entre tudo que se manifesta. Mais além ainda

existe o nível da manifestação, da infalibilidade em que não há *limite* algum por isso é o Nada, é o Infinito ou mesmo “algo” que transcende a nossa compreensão de infinitude.

Dentro da criação não há nível algum além do UM e nenhuma coisa está dividida além de seis níveis, pois um deles é indivisível, é o *limite* que estabelece a condição de universo. Sem *limite* não haveria universo, as coisas seriam separadas em definitivo. Tratar-se-ia da criação dualística, seria o mundo dualístico.

Quando nossa compreensão chega a entender a unicidade das coisas, então torna-se muito fácil compreender o que são os “buracos negros”, as pontes Einstein-Rosen (buracos de minhoca), a possibilidade de viagem no tempo como a matemática demonstra ser possível. Mesmo sem que a ciência tenha resposta descritiva para isso ela diz ser algo teoricamente possível.

Temos falado diversas vezes que ao nível do limite, ou seja, ao nível da “essência” por ser ela *una*, não existe o efeito dominó, conseqüentemente tudo nela é instantâneo. Uma mensagem não leva tempo algum para ser transmitida de um ponto a outro nessa unicidade essencial.

Tudo é Uno, tudo é aspecto do Uno, o Uno não cria, o Uno apenas manifesta-se. Poderia alguém criar algo superior a si mesmo? - Certamente não pois de onde ou de que ele tiraria a superioridade? Do mesmo modo poderia alguém criar algo inferior a si mesmo? Certamente não pois de onde ou de que tiraria a inferioridade? - Poder criar algo inferior ou superior a si mesmo equívale a negação da condição de Absoluto. Um absoluto que tivesse que tirar de fora de si algo, quer seja inferior quer superior, não seria a totalidade.

Não há possibilidade de algo acima de Deus⁴¹, mas é possível a revelação de algum aspecto que a mente limitada considere inferior pois o inferior pode ser contido no superior, mas não o inverso. O menor pode estar contido no maior, mas o maior não pode estar contido no menor...

A nossa mente facilmente entende o espacial mas tem um tanto mais de dificuldade em entender o temporal e muito mais difícil de entender o espaço-temporal. É fácil se entender o que é estar um lugar e o estar num outro; também o que é estar um momento e o estar em outro momento, mas não é fácil entender estar num lugar e noutro ao mesmo tempo, ou num tempo e noutro num mesmo lugar.



⁴¹ Em todas estas palestra estamos usando o nome Deus no sentido geral, no sentido de Absoluto ou mesmo de Inefável.

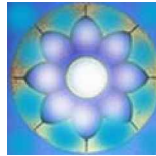
O MONISMO E A ISOTOPIA DO UNIVERSO

“ SÁBIO É O HOMEM QUE CONHECE ALGUMA
COISA SOBRE TUDO; E TUDO SOBRE ALGUMA
COISA ”.
ANÔNIMO



1 9 9 8 - 3 3 5 1

TEMA 0.825



O Monismo não apenas explica questionamentos relativos ao misticismo mas também pode elucidar os mais intrincados enigmas da ciência entre eles alguns constantes da astrofísica e da cosmologia atual, desde que eles dizem respeito à própria natureza da manifestação do Absoluto.

Esta palestra tem por objetivo mostrar que o Monismo pode ser aplicado à cosmologia, portanto que ele não é apenas algo relacionado no contexto místico-religioso. Vamos, pois estudá-lo segundo um enfoque astrofísico atual.

No dia em que a ciência incorporar a “natureza sétupla do universo” em seu campo de trabalho, aplicando-a ao estudo da física clássica, da astrofísica, e de outros ramos, por certo inúmeros enigmas serão facilmente elucidados.

Numa palestra anterior falamos sobre a “força de gravidade”⁴² quando dissemos que a ciência até o momento não sabe explicar o que vem a ser ela. Apenas afirma que “matéria atrai matéria na razão direta da massa e na inversa do quadrado da distância”. Apresenta como uma lei física devidamente equacionada, mas na realidade trata-se de uma equação que atende bem a aplicações práticas. A lei não está errada, o que não é verdade é a afirmativa de que é a matéria que atrai outra matéria. Na verdade não é a matéria que atrai matéria e sim o efeito daquele elo de união que existe unificando todas as coisas.

Nesta palestra vamos analisar um outro ponto que tem intrigado os cosmólogos. Trata-se da isotopia do universo. Segundo o que é atualmente aceito pela cosmologia o universo teve início a partir de uma singularidade, de um ponto adimensional. Surgiu aquele ponto, uma singularidade como denomina a ciência, a partir do qual teve início a criação, mencionado pelo nome de big-bang. Naquele ponto, ou além dele, de alguma forma estava contida toda massa do universo e que a partir de um dado momento ocorreu uma explosão de inconcebível intensidade gerando a partir dali tudo quanto há. Diz a hipótese do big-bang a partir da mega-explosão colossais fragmentos começaram a se afastar uns dos outros formando as galáxias.

Mas, analisando-se o modo como se processou aquele início surge uma primeira dificuldade que a ciência ainda não pode compreender. Trata-se do por que da expansão,

⁴² Tema 794

mesmo em se tratando de blocos de diferentes volumes, começaram a se distanciarem do centro da explosão com velocidade uniforme. Numa explosão desordenada isto não poderia ocorrer, basta que se tenha em conta uma explosão comum, de uma bomba, por exemplo. Numa explosão os fragmentos não se afastam com a mesma velocidade, consequentemente o campo onde se processa não se expande de forma harmônica, a velocidade de afastamento dos fragmentos não é a mesma para todos eles e, consequentemente o campo não se apresenta como uma bola regular. Havendo o universo se iniciado por uma explosão era de se esperar que o mesmo não fosse regularmente esférico, mas todas as observações e cálculos vêm demonstrando que sim.

Observando-se da terra, todas as galáxias vêm afastando afastando-se reciprocamente e tal afastamento, no todo⁴³, processa-se de modo uniforme, contrariando assim o que deveria acontecer numa explosão.

A astrofísica, baseada em observações criteriosa, afirma com segurança que o universo está se expandindo no mesmo ritmo em todas as direções com uma precisão superior a um por cem. Isso quer dizer que a expansão não tem sido desordenada como deveria ocorrer mas sim isotópica, ou seja, ela é a mesma em todas as direções. O universo comporta-se como se ele estivesse bem ordenado, e não de forma desordenada em que as galáxias se afastassem de forma aleatória como é de se esperar numa explosão. Mas não é isto o que acontece, a expansão segue no mesmo ritmo em todas as direções e com alta precisão.

Os cosmólogos há muito consideram a isotopia da expansão do universo um grande mistério. Estão chegando à conclusão de que a isotopia não ocorreu no transcurso dos bilhões de anos desde à origem, mas sim que o universo já começou a se expandir de forma isotópica desde o seu início.

A ciência não tem ainda conseguido explicar porque a expansão começou de forma uniforme não de forma irregular como era de se esperar. Se as massas que formam as galáxias houvessem tivessem um mesmo tamanho isto poderia justificar a isotopia, mas na verdade o que há é uma grande diversidade de tamanhos, logo a expansão deveria ocorrer de forma irregular o que na verdade não acontece. A ciência indaga que princípio entrou em ação na formação do universo para metodizar e uniformizar a expansão.

O estudo da isotopia do universo apresenta facetas muito curiosas. Por exemplo, visto de um ponto qualquer, da terra, por exemplo, deveria haver menor expansão no sentido em que houvesse maior massa, maior número de galáxias direcionadas pois naquela linha a gravidade frearia a expansão, mas não acontece assim. Os cálculos mostram que a expansão pode ser desacelerada como um todo mas não em pontos particulares. Isto decorreria do fato da gravidade ser maior no sentido em que existisse maior volume de massa. Acontece como se todas as galáxias estivesse grudadas em algo e fosse esse algo que estivesse expandindo. Na realidade não havendo um afastamento individual, próprio e sim um afastamento relativo à algo que se expande arrastando as galáxias. A cosmologia para expor este fenômeno diz que o universo é como se comporta como um balão de borracha inflável em que nele houvessem uma imensidade de pontinhos, cada um represando uma galáxia. Na medida em que o balão é

⁴³ Há casos isolados em que algumas galáxias aproximam-se mutualmente em vez de distanciarem-se mas isso é uma decorrência da gravidade, que em nível de universo é algo insignificante a um ponto de não contrariar o geral que é o afastamento uniforme.

inflado os pontinhos se afastam entre si, de uma forma uniforme. Eles não se afastam como se fossem unidades independentes. Os pontinhos não se afastam na superfície do balão as é a superfície que se expande distanciando-os. Este exemplo na realidade baseia-se em algo real. A ciência usa o exemplo como um meio de entendimento mas não afirma que existe um meio elástico correspondente à borracha do balão.

Esse exemplo usado pelos divulgadores popular de assuntos científicos é excelente porque ele reflete a verdade. As galáxias estão unidas a um meio comum, um dos níveis mais elevados da sequência séptupla. Elas não estão separadas, não se projetam independentemente no espaço. A força expansiva arrasta todas as galáxias que estão unidas ao elo.

Isto acontece porque no espaço sideral, mesmo nas regiões consideradas vazias do espaço, persiste pelo menos um dos elos da sequência séptupla. Duas galáxias próximas atraem-se porque nelas existe mais que um elo da sequência, exatamente porque a existência de matéria indica a existência de outros elos da sequência séptupla, o que condiciona um “puxão” mais intenso. A fim de se entender isso melhor, usemos o mesmo exemplo do balão inflável dizendo que entre as pintas representativas das galáxias muito afastadas entre si, apenas existe um dos elos de união, enquanto que dentro de cada uma delas praticamente se fazem sentir todos os elos. Isto faz com que a força unificadora seja ali muito mais intensa que no espaço distante. No exemplo em consideração é como se dentro de uma galáxia não existisse apenas uma camada de borracha do balão e sim varas condicionando um maior “puxão”. É como se a superfície do balão naqueles pontos fosse muito mais resistente, determinando um “puxão” bem mais forte. Isto é o que mantém os corpos unidos não permitindo com que os astros se dispersem aleatoriamente no espaço. Mas esse aquele puxão unificante não se faz sentir só dentro da galáxia ele estende-se por um campo em torno da galáxia, vai se dissipando, se atenuando progressivamente e se naquele campo existirem outros corpos é natural que exista uma atração.

Considerando-se galáxias muito afastadas entre si praticamente se faz sentir apenas a força elástica de um único elo, enquanto que, em se tratando de galáxias próximas a força “puxão” é naturalmente mais intensa por ser ela resultante de mais de um de um elo da sequência. Explica-se assim porque duas ou mais galáxias próximas atraem-se mutuamente, acontecendo como se a isotopia fosse quebrada, mas isto não é o que acontece porque mesmo que algumas se aproximem entre si o conjunto formado afasta-se isotopicamente como um bloco único. Quando distantes as galáxias atraem-se muito fracamente, o bastante para a força expansiva oriunda da explosão inicial supere a resistência oferecida por um elo apenas. No espaço intergaláxico, como já dissemos, existe apenas um dos elos atuante, enquanto que dentro das galáxias existem mais⁴⁴.

É natural que onde existem coisas densas, em que se fazem presentes maior número de elos de união da sequência séptupla, apresente-se uma força elástica mais intensa e conseqüentemente que o puxão seja maior. Por isto é que a força de gravidade é tanto maior quanto mais matéria houver, pois se tratam de pontos em que mais de um elo estão condicionando “puxões” mais fortes.

Nesta palestra vimos que tanto a gravidade quando a isotopia no universo é fruto da

⁴⁴ A matéria densa resulta de todos os sete níveis, enquanto que vão se desfazendo os elos a coisa torna-se menos densa. Lembramos o exemplo da água sob forma de gelo, água líquida, gás, vapor e assim por diante.

união que permanece entre tudo quanto há. Se não existisse algum elo unificador, se prevalecesse o Dualismo em vez do Monismo, então as coisas estariam se dissipando de forma caótica e desordenada pois cada uma seria independente das outras.



OS UNIVERSOS PARALELOS

" PARECE UM ABSURDO E, NO ENTANTO,
É EXATAMENTE CERTO QUE, SENDO O
REAL UM NADA, NADA EXISTE DE REAL
NO MUNDO QUE NÃO SEJAM AS ILUSÕES"
G. LEOPARDI

1984 - 3337

T E M A 0.0 7 1



No Cosmos há coisas que não temos ciência por várias razões e entre estas, basta ser citado o seu incomensurável tamanho. Nele a maioria das coisas ainda é ignorada até mesmo pelas mentes mais evoluídas do plano terráqueo. Mesmo os maiores pensadores, os mais aptos "iniciados" ignoram uma infinidade de qualidades inerentes ao Cosmos.

Entre os pontos obscuros que tem a respeito do Cosmos vamos fazer comentários quanto à existência ou não de outros universos absolutos. Nesta palestra abordaremos exatamente alguns tópicos referentes à possibilidade de existir ou não universos absolutos paralelos.

Até aqui temos considerado apenas um universo absoluto constituído por um número muito elevado de universos relativos. Atualmente os astrofísicos têm admitido a hipótese de que na gênese deste universo simultaneamente hajam sido formados outros, pelo menos mais um que eles chamam "antiuniverso". Falam também de um universo de antimatéria que, para muitos, especialistas não estaria fora do universo que conhecemos.

Se existem outros universos absolutos, eles devem necessariamente estar representado por outros "Teclados Cósmicos", por outros eixos de vibrações, ou até mesmo podem ser estruturados de um modo diferente do nosso, em que a base é a VIBRAÇÃO e conseqüentemente os demais Princípios Herméticos. Se assim for tudo neles é inconcebível à mente humana. Se existem ou não tais universos paralelos, não sabemos ainda, mas podemos dizer que não é possível concebermos absolutamente nada deles, por não pertencerem ao eixo das vibrações em que nos situamos. Não se pode conceber algo que não esteja no eixo do Teclado Cósmico de vibração porque o nosso intelecto é limitado o que faz com que só se perceba normalmente somente aquilo que se manifesta como vibração.

Muito se tem falado e escrito sobre universos paralelos, mas tudo aquilo que tem sido dito a respeito deles na realidade se refere tão somente a universos relativos. Também muito se tem escrito, tanto em ficção quanto em ensaios, a respeito de mundos em que as leis físicas são outras e onde até mesmo o fluir do tempo se faz de forma diferente. Para um bom entendimento deste assunto vale a pena comentar sobre o fator tempo nos universos relativos, para que erros não venham a ser aceitos como verdades. Um desses erros refere-se a citações de que em determinados planetas o tempo flui diferentemente. A própria ciência afirma que o tempo

apresenta um fluir inconstante. Segundo a velocidade da fonte em deslocamento ele flui mais rápido ou menos rápido. No tema **DISTORÇÕES NO TEMPO**, teceremos mais considerações sobre este assunto.

Suponhamos que estivéssemos num ponto estático no universo. Isto é importante porque a Teoria da Relatividade diz que à medida que a velocidade aumenta o tempo sofre um retardamento a tal ponto que na velocidade da luz ele para totalmente de fluir. Diante disso não consideremos a nossa velocidade de deslocamento no espaço, vamos supor se estivéssemos fixos num ponto do universo.

(Obs: Na realidade o termo fluir do tempo não é preciso porque não é o tempo que flui e sim os acontecimentos que podem ocorrer em maior ou menor velocidade)

A ciência ainda não fez indagações sobre a possibilidade da existência de mundos não materiais, mas as ciências herméticas já o fizeram. Os pensadores místicos sabem e muitos escreveram a respeito de mundos não imateriais. Falam de mundo astral, de mundo mental, de mundo espiritual, etc. Afirmam até mesmo que cada planeta material tem seus "duplos" perfazendo um total de 7. Assim sendo a terra, a lua e outros corpos celestes são sistemas sétuplos, tal como acontece com os corpos biológicos, formando um sistema mais amplo envolvendo nada menos que outros seis planetas não materiais. Dizem, por exemplo, que a terra tem mais 6 seis globos semelhantes perfazendo um total de "7 corpos". Os 6 corpos complementares não vibram na frequência da matéria, se assim fosse eles seriam materiais. Existe um nível de vibração para cada um dos sete corpos. Assim, o pulsar de alguns daqueles mundos pode ser mais lento e o de outros mais rápidos do que o nosso e isto traz implicações interessantes. Medido segundo o nosso padrão fixo o "passar" do tempo em cada um deles pode ser mais rápido ou mais lento.

Em verdade o tempo está diretamente relacionado com a resultante vibratória de cada mundo não material. Por exemplo, num universo de 5 ciclos por segundo e outro de 70 ciclos por segundo o tempo fluiria muito mais rapidamente no de 70 do que no de 5. Se transportássemos nossa consciência do de 5 ciclos para o de 70 ciclos não teríamos consciência de aquele fluir mais rápido, mas quando voltássemos sim, constataríamos o acontecimento. Isto é o que acontece nos sonhos. O tempo durante o qual uma pessoa sonha pode ser medido pelo encefalógrafo que mostra ser a sua duração de apenas alguns segundos, mas, ao acordar, a pessoa tem a impressão de que transcorreu muito tempo. Pode ter a sensação de que exerceu atividades que normalmente necessitariam de um tempo muito longo. Enquanto a pessoa está sonhando ela não se percebe o fluir mais rápido, mas quando acorda sente isto perfeitamente.

Se aumentássemos a frequência vibratória de tudo aquilo que constitui o nosso universo (suponha-se que as coisas não se alterassem como por certo aconteceria se isso fosse feito) segundo um determinado valor, a pessoa não se daria conta de haver ocorrido uma aceleração dos eventos, a não ser que fossem estabelecidas comparações com outro mundo de ritmo diferente. Na terra há pequenos mosquitos chamados efemérides que vivem apenas um dia. Se o nosso mundo aumentasse ou diminuísse de ritmo as efemérides continuariam vivendo somente um dia, por isto alteração alguma seria sentida quanto ao fluir do tempo, pois não apenas aqueles insetos, mas tudo teria se alterado no tempo na mesma proporção e sendo assim até mesmo os dispositivos de aferição não registrariam mudança alguma.

Incorrem em erro certos escritores quando escrevendo sobre hipotéticos planetas

afirmam sobre um fluir do tempo diferente. Isto não é verdade porque eles se referem a planetas materiais e desde que um planeta seja constituído de matéria, esteja ele onde estiver, ali o tempo não "fluirá" diferentemente daqui. Também as leis físicas dominantes também são exatamente iguais às nossas. Se virmos a estrela, se a detectamos, é prova de que aquele sistema se ali existir matéria ela é vibratoriamente igual ao nosso mundo aqui e tudo vibra dentro das mesmas faixas comuns à terra. Diferenças só seriam possíveis dentro de certos limites, mas as leis físicas são as mesmas e o tempo se apresenta tal como o registramos aqui.

A vida num hipotético planeta pode se apresentar com tremendas diferenciações quanto às características raciais, quanto às formas anatômicas dos seres, às constituições físicas; quanto às paisagens, quanto às espécies animais e vegetais; quanto à composição da atmosfera, ao volume das reservas de substâncias minerais, dos animais, dos vegetais. Assim sendo o meio ambiente pode ter grandes diferenças, mas uma coisa é certa, em qualquer sistema que possa ser detectado pelos sentidos físicos ali não devem existir leis físicas diferentes porque estas são sempre as mesmas onde quer que exista matéria. Não poderia haver um planeta em que o tempo estivesse fluindo em ritmo diferente. Por outro lado, essa variação acontece entre universos relativos e paralelos porque o ritmo do fluir do tempo se apresenta de acordo com a velocidade vibratória. Como o *Teclado Cósmico* é constituído exatamente por variações de frequências, e desde que um universo relativo não esteja ocupando o mesmo nível de um outro, eles obrigatoriamente terão diferenças vibratórias entre si e cada um terá um índice próprio, como tal o fluir do tempo também será próprio e de conformidade com o nível de vibração.

Teoricamente alguém que fosse levado para um hipotético planeta, seja lá qual fosse ele, teria problemas quanto à gravidade, quando ao tipo de atmosfera, quanto aos níveis de radiações, quanto à temperatura, à alimentação, à respiração; mas na realidade aquele mundo se apresentaria para ele como uma realidade normal, não haveria nenhuma distorção da realidade física, o tempo não estaria fluindo diferentemente e nem as leis naturais seriam outras. Contudo poderia haver percepções diferentes. Ora, isto acontece aqui mesmo na terra, não somente entre espécies diferentes como entre indivíduos. As percepções poderiam sofrer alterações significativas criando assim universos relativos diferentes. Vejamos o seguinte: Se por acaso toda a água da terra contivesse traços de determinadas substâncias, dessas que deformam a percepção, poderia acontecer que toda a humanidade tivesse percepções diferentes também. Coisas assim poderiam acontecer em outro planeta para onde fôssemos. Ali as percepções seriam outras em decorrência da presença ou da falta de determinados fatores, mas, corrigindo-se aqueles fatores, tudo poderia ser idêntico a terra.

Após todas as considerações que fizemos, podemos agora tirar uma ilação interessante. Há uma realidade subjetiva para cada planeta, e para um mesmo planeta, para cada ser segundo uma série imensa de fatores. O universo de um "drogado", como já vimos antes, é outro bem diferente de uma pessoa em condições "normais", mesmo estando ele na terra. Assim, cada realidade, cada conscientização está na dependência de fatores externos inerentes ao meio. Hipoteticamente em outros sistemas as estruturas poderiam ser as mesmas da terra, mas não necessariamente as percepções.

Os místicos citam outros planos de existência, como dissemos antes, e isto merece um bom esclarecimento para que o neófito não venha a cometer certos erros. A matéria constitutiva do nosso mundo denso ocupa uma determinada faixa do Teclado Cósmico de Vibrações. Para

que algo possa ser matéria ele tem que cobrir determinada faixa vibratória. Existem muitas lacunas no Teclado, faixas onde comumente nada é detectado⁴⁵. É exatamente lá que se situam aqueles planos citados pelos místicos; plano astral, plano mental, plano espiritual e outros, assim como os possíveis os duplos planetários (Os 7 corpos planetários complementares). Nestes planos sim, as leis podem ser diferentes, o tempo pode fluir em ritmo diferente pouco pode ser exatamente como aqui porque as vibrações de lá são diferentes e alterando-se as vibrações as coisas se diferenciam.

Em outras palestras citamos que em determinadas situações é possível a passagem material de um universo para um outro. Se isso ocorrer necessariamente temos que admitir que a matéria sofrerá alterações. Ao se efetivar a passagem haverá modificação vibratória e a matéria já será uma outra coisa. Naquele caso citado em que duas crianças apareceram na Espanha, por certo a estrutura física delas no mundo de onde vieram era uns tanto diferentes, a não ser que elas procedessem de um planeta qualquer do nosso universo material. Quando nos projetamos num universo diferente do nosso, se o fizermos materialmente, nossa estrutura física se alterará, o corpo não será este material daqui e sim aquilo que identifica as coisas de lá.

A matéria só poderá se transferir tal como ela é se existir outros “Teclados Cósmicos de Vibrações”, outros universos paralelos. Mesmo assim, se eles existirem, não podemos afirmar ser possível esse tipo de transferência. Nem mesmo sabemos se o tipo de intelecto vigente na terra pode penetrar outro universo paralelo.

Tudo o que dissemos é importante para o estudo do misticismo porque o místico trabalha com fenômenos psíquicos que envolvem dimensões e tempo, e se desconhecer certas fatores inerentes à natureza do universo ele pode sofrer prejuízos psíquicos em decorrência dos conflitos que estão sujeitos a ocorrerem. Conhecendo estas coisas o místico terá condições de compreender as suas percepções de forma harmoniosas.

Concluindo queremos frisar que são coisas totalmente independentes: Universo relativo e Universo Paralelo. *Universos relativos* estão contidos num mesmo *universo absoluto*. Cada universo absoluto tem um “Teclado Cósmico” que lhe é próprio. Universo paralelo seria um outro universo absoluto originário de uma criação independente no seio de MA. *Um universo relativo* apresenta diferenças apenas no tocante às manifestações vibratórias dentro de um mesmo Teclado, enquanto que *universo paralelo* deve ter cada um o seu Teclado próprio.



⁴⁵ Vide Fig 1 Tema 069

UNIVERSOS RELATIVOS

" A realidade nada mais é do que a forma com a qual vestimos a todo instante o sonho da existência".

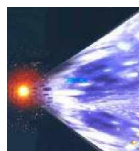


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1975 - 3378

TEMA 0.069



Para um místico e metafísico sério é imperativo o conhecimento de certas nuances da mente, bem como de certas características do universo, onde ele desempenha a sua missão cósmica, porque muitos fenômenos com que se defronta envolvem condições especiais ligadas à natureza daquelas duas coisas.

Na palestra anterior comentamos que os universos relativos podem ser inúmeros, tanto quanto forem as combinações possíveis de percepções.

O que é o universo para nós senão o resultado de todas as percepções que os sentidos enviam para o cérebro. Alterando-se tais percepções o universo de um ser se apresenta diverso da de um outro.

Suponhamos uma pessoa dotada de um órgão a mais. Por certo aquela pessoa tem uma conceituação, uma "visão" diferente do universo. Aqui mesmo na terra alguém que percebesse diretamente as ondas de rádio teria um universo bem diferente do nosso. O daltônico, já o dissemos em palestra anterior, vê tudo aquilo que para nós é verde como sendo avermelhado e assim sendo o universo dele já difere do nosso.

Baseado nas percepções dos seres podemos dizer que o universo que participamos não é o único, podem haver tantos outros quanto forem às percepções individuais.

Se considerarmos este universo como sendo comum para todos os seres que nele vivem, se ele parece UNO é tão somente porque há coincidência de detecções de ondas, há faixas de ondas detectadas simultaneamente pelas pessoas que nele vivem. Há faixas de ondas identicamente percebidas, há pontos (ilhas) comuns em grande quantidade, havendo somente pequenas diferenças de um a pessoa para outra. A "ilha" de percepção soa as mesmas para todos, e as discrepâncias são mínimas podendo ser consideradas desprezíveis, para uma mesma espécie de seres.

Por outro lado, o homem e um pardal, por exemplo, convivem num mesmo planeta, mas mesmo assim, embora compartilhando de um mesmo universo absoluto, o universo de um é totalmente diferente do outro. A diferença é tão grande que se alguém hipoteticamente se transformasse num pardal por certo não reconheceria praticamente qualquer das coisas que lhes

eram antes comuns, e vice-versa. Notem bem, entre o homem e o pardal ainda existe grande número de percepções similares, de "ilhas" comuns. Pensemos, então, entre dois animais bem diferentes em percepções.

Na medida em que as faixas vibratórias percebidas por cada ser ficam mais distanciadas, os pontos comuns de percepção vão ficando mais incomuns, os pontos de semelhanças vão diminuindo a tal ponto que surge um limite aquém ou além do qual não há detecção alguma e assim, embora eles vivam num universo absoluto comum, mesmo assim eles têm universos relativos diferentes. Essa situação pode chegar a um ponto tal em que um ser pode como que inexistir para um outro. Inexiste porque não ter pontos de percepção comuns.

Temos um exemplo disto bem perto de nós. Durante séculos o homem viveu com seres em número que lhe era muitíssimo superior, os micróbios. Embora aquele mundo, o dos micróbios, existisse realmente mesmo assim o homem nunca se apercebera dele. Ele só veio a tomar ciência disto casualmente após a descoberta do microscópio. Antes, no máximo nós poderíamos suspeitar da existência de algo estranho por ações que os microrganismos provocavam. Não era possível detectá-los com órgãos sensoriais, por isto o homem não os conscientizava. O tato, a visão, a audição, o olfato, eram insuficientes para captar diretamente qualquer informação sobre a existência dos micróbios, por isto praticamente eles não existiam para o homem. Vejam bem, um reino vivo, constituído por um número imensamente superior ao animal e o homem nem sequer suspeitava que existisse fora e mesmo dentro de si.

Mas os micróbios ainda não são o limiar, existem outros seres que convivem aqui e que ainda não foram detectados. São seres que têm as suas atividades em limites além ou aquém das percepções humanas. É possível que um dia sejam criados instrumentos que os detectem, mas até então é provável que convivamos com eles sem que ao menos suspeitemos.

Todas essas variações estão ainda dentro dos limites de frequências vibratórias em que existem algumas realidades semelhantes.

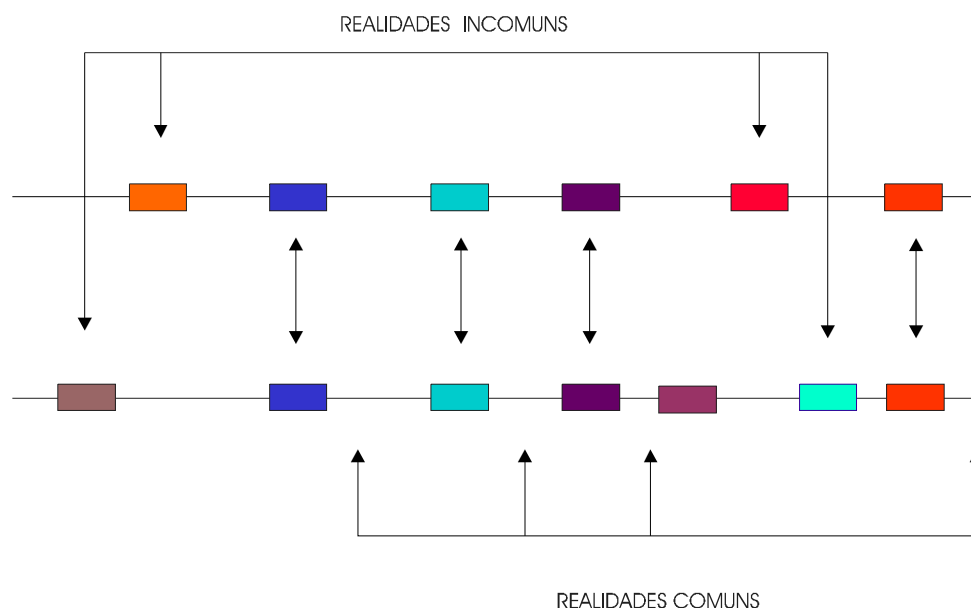


FIG. 1

Os seres que tivessem percepções como podem ser vistos no gráfico da fig. 1 teriam possibilidade de parcialmente se perceberem mutuamente, mas, se não houvesse "ilhas" comuns, neste caso seria totalmente impossível que um grupo de seres tivessem ciência da existência de outros. Seriam universos tão diferentes entre si que se tornaria impossível o estabelecimento de pontos de contato entre eles.

Em continuação, devemos tecer algumas considerações a respeito à capacidade que a mente possui para alterar os padrões vibratórios comuns. Qualquer fenômeno só pode ser detectado quando há batimento de ondas, ou quando há ressonância entre as suas vibrações. Disto resulta a sintonização através dos órgãos sensoriais e em certas situações diretamente graças a certas faculdades cerebrais pouco conhecidas. Para a detecção, os órgãos sensoriais têm estabelecem uma sintonização fixa para determinadas faixas que são percebidas de várias maneiras (som, luz, odor, etc.). Se algo não vibrar na frequência para a qual o órgão está sintonizado, então o evento deixa de ser detectado e conseqüentemente também deixa de ser conscientizado.

Existem outras faculdades da mente que torna isso muito mais efetivo, pois o cérebro é capaz de alterar a sua própria sintonia, tal como se ele fosse um receptor radiofônico.

Nos rádios receptores há a possibilidade de uma sintonização progressiva para inúmeras frequências (estações) graças a um dispositivo especial denominado condensador variável. Os primitivos receptores denominados "baixo falante" não sintonizavam mais do que uma estação (rádio galena). Sintonizavam só aquelas em que mantinham sintonização fixa. Posteriormente, graças ao circuito de condensador variável, surgiram os receptores que captavam várias frequências de radiodifusão mudando à vontade a sintonização.

Os órgãos sensoriais operam de forma idêntica aos receptores de frequência fixa (rádio de galena), enquanto que o cérebro pode operar com o receptor moderno que altera a sintonia própria e assim capta inúmeras frequências. Disto advém que o cérebro é o mais perfeito conversor de frequências que existe, tem capacidade muito superior a qualquer receptor mecânico que existe. Ele sintoniza muitas frequências diferentes diretamente mesmo fora das faixas comuns aos sentidos.

Graças à capacidade referida é que ao cérebro é possível sintonizar outros universos relativos e há a possibilidade, de que ele até mesmo possa entrar em sintonia com algum universo absoluto diferente deste, se é que eles existem realmente.

Quando o cérebro sintoniza a resultante de um outro universo ele se torna capaz de ter percepções daquele mundo. Esta captação, dependendo da frequência sintonizada, tanto pode ser de universos relativos que têm certas relações com o nosso (como o do pardal, que usamos como analogia), ou de outras vibratoriamente muito distantes de todas as nossas realidades físicas.

Dois pontos merecem ser assinalados agora. A transferência material entre dois universos, só é possível se eles tiverem resultantes vibratórias múltiplas entre si e só nos momentos e pontos em que ocorrem batimentos de ondas é que tal evento poderia ocorrer.

Em se tratando não de uma transferência material que só pode ocorrer em pontos de interseção de ondas, a mente pode penetrar também em universos relativos pela modificação da

sua sintonia própria.

Os estudiosos das "ciências herméticas" sabem que muitos planos, muitas realidades diferentes das nossas, ali podem ser detectadas pela mente. Eles sabem da existência de mundos diferentes deste e que cada um deles se comporta de uma forma peculiar. São aqueles mundos exatamente os que chamamos Universos Relativos.

Percebe-se que os universos relativos sintonizados pela mente podem ser totalmente diferentes deste, algumas leis físicas também podem ser diferentes e até o próprio tempo pode fluir em ritmo diferente.

Muito daqueles universos relativos são freqüentemente citados como *mundo dos elementais*, *mundo astral*, *mundo mental*, *mundo dos Djins*, *mundos dos Gênios*, *das Fadas*, etc. Seria cansativo enumerar muitos outros universos relativos aos quais podemos ter acesso mediante um treinamento místico adequado.

Em muitos casos não é nenhuma alucinação quando alguém refere vivências em mundos diferentes e mesmo estranhas, assim também pode não ser fantasia quando os adeptos de algumas doutrinas dizem coisas a respeito de coisas e situações vivenciadas.

Igualmente não é apenas fruto da "mente fértil das crianças" quando elas falam de fadas e de duendes.

Por fim temos que aceitar também que certos pacientes tidos como esquizofrênicos na realidade são apenas indivíduos cujas mentes são facilmente levadas à sintonização de realidades de universos relativos diferentes. Tentem entender algumas dessas pessoas sob esse aspecto, tentem escutá-las para sentir que nem todos eles são doentes. Visto sob este prisma se pode ver o quanto de coisas interessantes eles dizem.

Embora em torno de nós existam inúmeros universos relativos acessíveis, contudo, ainda muito pouco se sabe a respeito deles mesmo porque as pessoas que os vivenciam geralmente são cautelosos evitando falarem a respeito para não serem taxadas de malucas. Quando alguma pessoa fala a respeito deles, de coisas que vivenciou, logo aquilo que diz é posto em dúvida e ela está sujeito a ser catalogado como um.

É possível, mas não é muito fácil se ter percepções claras dos universos relativos, pois para se penetrar neles é necessário que a mente vibre no padrão característico de cada um deles. Este tipo de penetração não diz respeito a uma transposição física, a uma viagem física, mas sim uma projeção psíquica, pois o corpo fica aqui mesmo, enquanto a mente entra em sintonia estabelecendo a devida percepção.

Esse tipo de percepção igualmente pode acontecer nos sonhos. Muitos sonhos são devaneios da mente, mas inúmeros são percepções de outros planos. O mundo onírico que vivenciamos nem sempre é uma simples fantasia. Esta afirmação é algo que a ciência não aceita, mas nem por isto a deixa de ser verdadeira. Uma parte dos sonhos é interpretação consciente distorcida do nosso mundo material, mas há uma parcela deles que resulta da penetração psíquica em outros universos de realidades diferentes.

Há uma tendência muito grande de se misturar vivências reais com fantasias, mas existem treinos especiais para que isso seja evitado e não venha a causar imprecisões quanto ao que é percebido, para que a experiência real seja separada das. Tanto o consciente quanto o

inconsciente podem interferir nos mecanismos do sonho, por isto é preciso que se aprenda a separar as coisas para que se venha a ter uma visão válida das estranhas realidades, deixando apenas aflorar a nítida consciência daquilo que realmente pertence ao plano em que se penetrou durante o sonho.

Por certo muitos perguntarão se são também reais os mundos dos fantasmas, dos espíritos desencarnados, proposto por algumas religiões. Se também são reais o mundo Astral e as suas subdivisões. Respondemos afirmativamente. Eles são universos relativos, mundos de outras realidades, mas nem por isto são eles irreais, apenas que se situam em faixas de frequências diferentes daqueles que são próprias do mundo material mesmo que estejam dentro de um mesmo universo absoluto. (fig.1)

O mundo dos fantasmas existe sim, os espíritos desencarnados estão povoando o astral que, por sua vez, está em todos os lugares da terra. Existem ocupando outras faixas diferentes das do mundo material.

Quando uma pessoa penetra com temor num casarão velho, ou em um cemitério, ou em algum outro lugar que desperte temor, na mente dela começa a ocorrer modificações no padrão normal de vibração, e o resultado é que ela entra em sintonia com o astral próprio dos espíritos, é quando, então, os fantasmas surgem, pois o indivíduo não está vibrando no mundo que lhe é normal e sim num outro onde aqueles seres são bem reais. Para uma pessoa que não teme, que enfrenta qualquer ambiente sem medo, acontece que o seu padrão vibratório não se altera e conseqüentemente não sintoniza outros universos relativos, por isto ela nada percebe. **Não há fantasmas para quem não acredita neles, contudo eles existem realmente.**

Os universos relativos têm grande significação quando se quer estudar a magia, pois muito dos eventos ligados àquela arte encontram as suas justificativas em outros planos de existência. Os magos, bruxos, e feiticeiros, em sua grande maioria, são pessoas têm empiricamente certos conhecimentos do como operar em universos relativos. Aparentemente eles agem de forma contrária a todas as ciências conhecidas, podendo fazer coisas tanto ou quanto incríveis.

Na palestra sobre a psicometria falamos da maneira como a magia pode atuar. Agora examinaremos as ações ligadas aos universos relativos e que são operados através da magia. É claro que uma pessoa é tanto mais vulnerável à ação da magia quanto mais propenso ela for a aceitá-la. Nem toda ação da magia se prende à sugestão, embora esta tenha participação direta nos processos mágicos, especialmente na magia negra em que os malefícios estão sujeitos a serem tanto mais eficazes quanto mais influenciável for a pessoa. Graças a isto é fácil o estabelecimento de meios de defesa contra os fetiches e outros processos mágicos.

Basicamente os processos de magia só são eficazes em pessoas que os aceita ou em pessoas que vibram naqueles níveis, portanto, que sejam merecedores daquilo que lhes for endereçado. Isto acontece porque a condição básica para a eficiência de um processo de magia é a sintonia vibratória, que a pessoa se ligue mentalmente às faixas de vibrações de certas energias para que estas possam ser canalizadas para a efetivação do processo.

A ação da magia envolve normalmente forças, poderes oriundos de outros planos de existência. Aquelas forças são capazes de atuar eficientemente, contudo, só o fazem em quem as aceita ou as teme, pois, para tanto é condição básica vibrar em sintonia com elas. Se não se

acreditar nela não acontece coisa algumas porque pela falta de sintonia essa via de ação da magia praticamente deixa de funcionar.



DIVERSIDADES DE UNIVERSOS

“ O TEMPO É UM VÉU SUSPENSO
DIANTE DA ETERNIDADE”
TERTULIANO

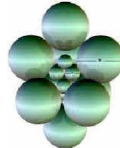


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998 - 3351

TEMA 0.829



Na palestra– 0.828 - abordamos alguns aspectos peculiares do universo falando dos “shunts” existentes que ligam diferentes pontos do espaço. Na ilustração 1 está representado como se fossem alças, que são chamadas popularmente de “buracos de minhoca”.

A ciência não afirma como tese, mas admite como hipótese que este universo não é único, que existem outros. Há algumas décadas o físico *Dirac* hipoteticamente comparou o Cosmos como se fosse um oceano na superfície do qual eclodissem bolhas. No exemplo, este nosso universo corresponderia a uma das bolhas. Concomitantemente haveria outras bolhas que seriam universos independentes. Afirmamos que essa imagem apresentada por Dirac peca ao dizer que a bolha surge e cresce até um determinado volume para depois explodir e o material voltar ao oceano. Na realidade a bolha universo não explode depois de certo tempo e sim ele se retrai progressivamente, tal como preconizam as doutrinas védicas; havendo um processo cíclico constando de um período de expansão seguido de um de retração até a origem, constituindo esse ciclo de manifestação o *mahamambantara*, ao qual se segue uma fase de não manifestação denominado *pralaya* ⁴⁶, em outras palavras, o dia e a noite de Brahmân.

A hipótese proposta por Dirac dá margem a algumas especulações, entre elas se existe apenas essa bolha universo em que vivemos, ou outras em diversos estágios. Nesse caso haveria múltiplos universos, e se assim for eles estariam separados ou unidos de alguma forma. Numa palestra bem anterior falamos sobre planos de existência e universos paralelos. Explicamos, então, que a intercomunicação entre universos, conforme mostra a “*Árvore da Vida*”, intercomunicação entre dois ou mais universos só é possível a partir de uma origem comum, isso é do *Um* (Ilustração 2).

Universos paralelos tal como descritos nos livros seriam apenas aspectos, outras dimensões deste nosso universo e isso no esquema da cabala estaria representado como a ilustração 1. Na realidade não se tratariam de distintos universos, mas sim de planos diferentes deste mesmo universo. A ilustração 3 mostra a representação na “*Árvore da Vida*” de universos totalmente independentes, sem persistência de qualquer elo de união. Neste caso ligação alguma existe entre eles e corresponde a visão dualística do universo. Seriam bolhas

⁴⁶ Alguns textos bramânicos denominam de mahamambantara a fase de manifestação construtiva e a de aniquilação de pralaya. Mas na verdade o mahamambantara é a fase de manifestação e o pralaya a de não manifestação. A fase de manifestação composta de dois hemisclis um de expansão, de criação e um de contração.

independentes, que mesmo tendo uma origem comum separam-se totalmente. Por outro lado, as Ilustrações 1 e 2 representam um modelo dos quais os universos formados intercomunicam-se e, nesse caso, pode haver retorno à origem. Considerando-se a seqüência sétupla, nesse modelo continua existindo um ponto de união que os mantêm integrados, o que não acontece no modelo 3.

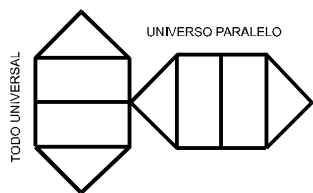


Ilustração 1

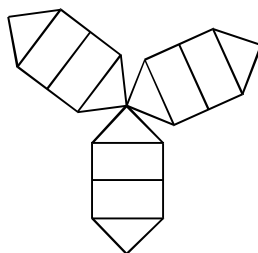


Ilustração 2

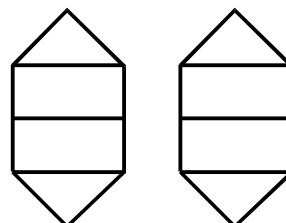


Ilustração Fig. 3

Partindo-se da representação em bolhas temos a existência de um elo comum entre uma bolha e outra que seria a superfície do “*oceano de Dirac*”.

O modelo 2 leva a cabe uma indagação: Cada universo expande-se e contrai-se independentemente ou em conjunto. Podemos dizer que, embora estejam unidos a uma origem única, eles expandem-se e contraem-se independentemente. Basta lembrar o que acontece com as bolhas de um líquido em ebulição, em que mesmo saindo e retornado ao líquido, ainda assim este continua sendo o elo de união entre as bolhas, mas cada bolha onde cada uma delas cresce e retrai-se independentemente. Num líquido em ebulição as bolhas não funcionam como um bloco único, apenas há um elo ao qual todas permanecem unidas e de onde todas saem e retornam.

Essa visão segundo um modelo cabalístico não difere dos modelos mais recentes da física. Ela fala da existência de um único universo e de múltiplos universos. Fala que existem pontes de união entre os diferentes pontos, alças e tubos unindo uma parte da superfície à outra. Essas conexões tubulares são chamadas de “buracos de minhoca” (*wormholes*).

Os “*wormholes*” são conexões entre regiões de espaço-tempo que de outra forma seriam inacessíveis.



Ilustração 4

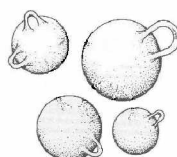


Ilustração 5

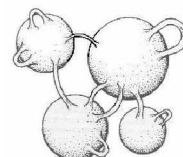


Ilustração 6

Os cosmólogos também indagam quanto à existência de mais de um universo, e nesse caso estariam eles separados – Ilustração 5 - ou unidos entre si por “wormholes” – Ilustração 6.

Queremos dizer que existe plena similitude entre os dois esquemas cabalístico (Figs. 1 - 2 - 3). No desenho cabalístico os universos estão representados pela esquema da “Árvore da Vida” em que os “buracos de minhoca” seriam as interligações entre árvores, ou entre partes de uma mesma árvore, conforme as ilustrações 1, 2, e 3.

A ciência especula atualmente se a união é como está representada na ilustração 6, ou se há alguma ligação como na ilustração 7. No esquema da Ilustração 6 só haveria um elo unindo diferentes universos, enquanto que na 7 haveria diversas pontes, algumas delas unindo

universos entre si, ou mesmo pontes com bifurcações. Em atendimento a essa indagação afirmamos que ela não tem sentido segundo a visão monística desde que nessa o elo não é algo diferente, é a própria essência única e comum a todos. É exatamente o elo da seqüência sétupla que persiste em todos os universos.

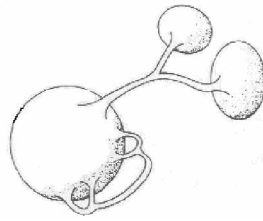


Ilustração 7

As alças (*wormholes*) que une os universos na realidade é o próprio elo comum existente entre eles, portanto a ponte de união não é independente da natureza dos universos. As separações, as características próprias são estabelecidas por outros elos da seqüência sétupla. Na realidade o *wormholes* na verdade é o elo persistente, exatamente o que persiste e é comum a todas as coisas existentes, quer existam dentro do universo ou em universos diferentes, compondo assim um só conjunto.

○ que dissemos no parágrafo anterior pode melhor ser entendido pelo exemplo do líquido em ebulição. Cada uma das bolhas pode ter tamanho próprio, uma temperatura interna própria e outras características que as individualize, mas ao mesmo tempo todas estão unidas pelo líquido que lhes deu origem, líquido seria o *wormholes*. Atenção nisso que acabamos de afirmar porque será de grande importância no sentido do entendimento do que falaremos na próxima palestra.

Todos os universos, se existirem, têm algo em comum, ou seja, as alças unificadoras têm a mesma natureza, não havendo, portanto, separação de universos nesse nível. A visão dualística é que faz se pensar na existência de universos separados por algo diferente de uma essência básica. Os cosmólogos falam como se os universos fossem separados por algo que não é a sua própria essência. Na realidade um universo difere de outro pela diversidade nas discontinuidades e não pela continuidade.



ANÁLISE DOS UNIVERSOS

" COBRE COM O SANTO SILÊNCIO
AS COISAS AS COISAS DIGNAS DE
SEGREDO "
FRANCISCO ARIAS



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1975 - 3378

TEMA 0.068



Para darmos continuação a este estudo vamos agora precisar alguns termos que usaremos nesta palestra.

T*eclado Cósmico*: Graficamente representado por um eixo ao longo do qual se localizam todas as vibrações possíveis, conseqüentemente todas as manifestações cósmicas têm sua representação ao longo do eixo das vibrações.

U*niverso Relativo*: Como não é possível serem detectadas todas as vibrações do Teclado Cósmico a conceituação que podemos ter do universo é restrito. Por aquilo que detectamos é que estabelecemos um modelo limitado e relativo para chamar universo a aquilo que as percepções de cada um mostra.

U*niverso Absoluto*: Aquele que contém todas as vibrações possíveis.

O Universo Absoluto contém todas as manifestações de um universo e é composto por um número indefinido de universos relativos. Neste universo estão contidos todos os universos relativos criados segundo as percepções dos seres.

Utilizando-se os conceitos da física para definir podemos dizer que o *universo absoluto* é a somatória de todas as vibrações constantes no "*Teclado Cósmico*" e o *relativo* é apenas a somatória de certo número de faixas vibrações.

C*osmos*: Compreende a totalidade de todos os universos absolutos que estão sujeitos a existirem, o *manifesto* (Existência Positiva), e o *imanifesto* (Existência Negativa).

Vamos analisar então um outro aspecto da natureza para que certos fenômenos que são verdadeiros enigmas para as pessoas e até mesmo para a própria ciência possam ser compreendidos.

Pelos conceitos da Mecânica Ondulatória podemos dizer que as vibrações em determinadas situações podem sofrer interferências recíprocas e disto resultar um somatório de ondas, de tal forma que originam uma outra onda correspondente à soma algébrica de todas as componentes. Assim, o universo absoluto pode ser representado por uma onda resultante modulada.

Em palestra anterior vimos que as ondas vibratórias em determinadas situações podem interagir entre si. Esse tipo de situação ocorre quando uma onda é múltipla de uma outra, ou quando são múltiplos comuns.

A representação gráfica de uma vibração é uma curva senoidal (Vide tema Manifestações Vibratórias). Traçando-se as curvas das duas ondas de frequências diferentes, mas que tenham múltiplos comuns, em determinados pontos elas se cruzam. Este fenômeno é chamado batimento de ondas.

Suponhamos uma onda que seja vibrando com uma frequência de 3 ciclos por segundo e uma outra com 8 ciclos por segundo. Veremos que no 24º ciclo haverá interseção das duas ondas. Uma delas quando completar 8 ciclos ($3 \times 8 = 24$) entrará na mesma fase (cruzarão com a outra onda num mesmo ponto) com a outra de 8 ciclos por segundo quando vibrar 3 vezes ($8 \times 3 = 24$).

Dissemos que um universo pode ser representado pela resultante vibratória de todas as vibrações que o constituem. Assim, cada universo relativo tem a sua própria resultante vibratória. No caso acima, de dois universos com resultante 3 e 8 respectivamente, eles entrariam em fase, isto é, teriam pontos de contato em determinado momento. No exemplo acima isto ocorreria no 24º ciclo e em vários outros. Por exemplo, quando o universo de 3 vibrações vibrar 16 vezes e o de 8 duas vezes ($3 \times 8 = 48$ e $3 \times 16 = 48$) eles entrarão em fase. Se desenhar isto graficamente se verá que haverá um ponto em que as duas linhas senoidais se cruzarão. Naquele ponto as duas curvas se misturam, se mesclam, pelo menos naquele ponto as duas serão apenas uma.

Para que possamos entender certos fenômenos intrigantes é preciso que tomemos conhecimento desta possibilidade. Se estivermos analisando certas peculiaridades do universo, para que possamos estar conscientes de muitos fenômenos aparentemente sensacionais, temos que nos deter um pouco na análise das causas físicas daqueles fenômenos. Não há milagres no universo, apenas há efeitos de leis desconhecidas.

A ciência vive intrigada com alguns fenômenos aparentemente misteriosos que têm ocorrido ao longo da história e que por se constituírem verdadeiros enigmas a ciência prefere não divulgá-los.

Um caso clássico citado é aquele ocorrido na Espanha e que foi relativamente bem documentado. Em fim do século passado houve o aparecimento brusco, diante de vários camponeses, de um casal de crianças verdes. Elas apareceram saindo de uma gruta. Não falavam nenhuma língua conhecida. Uma delas morreu alguns meses depois e a outra sobreviveu por bastante tempo. Posteriormente tiveram condições de dizer que vieram, sem saberem como, de um mundo totalmente diferente deste. Se isto realmente aconteceu evidentemente pode se tratar um batimento de onda entre este universo e um outro, portanto entre dois universos absolutos.

Existem registros de desaparecimento de exércitos inteiros, como aquele citado no livro *Os Grandes Enigmas da Humanidade*. Em 1958, na Indochina nada menos do que 650 soldados do exército colonial francês que marchavam em direção Saigon sumiram com num passe de mágica. Os inquiridos que se sucederam nada esclareceram. Nenhum combate ocorreu naquele local e nem naquela data, assim como não havia inimigos por perto. Não foi registrado

qualquer caso de fuga ou insubordinação militar, e o que é definitivo, nenhum daqueles soldados reapareceu em seus lugares de origem. Enfim, esse é um dos casos intrigantes registrado, e até hoje não se sabe precisamente o que aconteceu. Mesmo numa missão de guerra, onde seria possível acontecer destruição em massa de pessoas, mesmo assim um resquício por menor que seja nunca foi descoberto. Isto não indica, evidentemente, que houve transposição entre mundos. Um caso isolado, mesmo que insólito, por si só não permite que se afirme haver ocorrido uma transposição, mas, quando casos assim vão se somando, a probabilidade de que haja ocorrido algum outro tipo de calamidade de tipo conhecido começa a diminuir, e aumentar a probabilidade para o lado de um fenômeno inusitado.

Existem outros casos altamente intrigantes. Na própria Europa já aconteceu algo mais intrigante ainda. Uma tropa penetrou numa neblina no sopé de uma colina sob a vista de centenas de pessoas e nunca mais nenhum daqueles soldados foi visto.

Seria fastidioso citar mais casos, basta dizer que há registros de desaparecimento de navios, aviões, esquadrilhas de aviões, etc. de difícil explicação admitindo-se causas comuns. Muitos desses casos são arquivados e catalogados como "Top secret". Existem lugares famosos onde coisas assim já ocorreram. O mais famoso, sem dúvidas é o Triângulo das Bermudas onde se citam dezenas de casos de desaparecimento absurdos e citados em muitos livros.

Alguns autores comentam sobre esse tipo de fenômeno e usam expressões como "nó no tempo", "interseção de universos paralelos" e outras denominações assim. Os exemplos podem ser encontrados aos milhares e detalhadamente descritos nos livros de realismo fantástico. São muitos casos bizarros de pessoas que desapareceram diante da vista de inúmeras outras; objetos que bruscamente desaparecem e não mais são encontrados, e coisas assim. É natural que pessoas desapareçam por inúmeras razões, mas o número de casos é tão elevado que a probabilidade, mais uma vez, passa a pender para o lado de casos inusitados.

Tudo isto pode ter explicações normais, contudo, também é possível que sejam conseqüências de intercessão entre universos. Evidentemente devem existir universos relativos dos quais não temos percepções e em que as realidades são muito semelhantes às nossas.

Quando as combinações de faixas de freqüências dão uma resultante múltipla das que existem aqui há então certos pontos com coincidência de fase (= batimento de ondas) em que seria possível a transposição de um para outro universo, assim como também podem existir universos com resultantes vibratórias que nunca entram em fase com o nosso, e se assim for jamais será possível uma transposição material. Mas, mesmo assim ainda é possível à mente explorá-los, pois ela é passível de sintonizar uma freqüência adequada para isso, embora que seja isto uma probabilidade extremamente rara.

Como dissemos antes, o universo para nós é o conjunto de faixas de vibrações perceptíveis. Aceitando-se esta premissa, fica-se diante de algo espetacular, de algo que poucas criaturas pressentem; há um meio vibrátil que é a única realidade absoluta, como citamos no tema *O QUE É REAL?*

Uma variação mínima na capacidade perceptível de uma pessoa gera um universo pessoal. Disto advém: O UNIVERSO É ALGO PESSOAL, SUBJETIVO, ALGO SEM QUALQUER REALIDADE OBJETIVA."

Não é sem razão que algumas doutrinas afirmam que tudo isso que aceitamos como

realidade não passa de um pensamento da Mente Cósmica. Os pensadores ligados ao MENTALISMO SUPERIOR sugerem que o mundo seja uma ilusão dos sentidos, que nada realmente existe. É difícil se aceitar isso, vamos esclarecer alguma coisa a respeito. O nosso universo não é uma forma de pensamento abstrato, não é apenas um pensamento imaterial como sugerem alguns daqueles mentalistas. Em essência ele existe, há algo sobre o que a mente dos seres estabelecem as suas percepções. Estas são apreciações de algo e não uma idealização ou simples reação mental. Naquela afirmativa o que é verdade é que o universo não existe como uma só forma para todos os seres. Ele é inconstante, é mutável e é em certos pontos individual. É o modelo próprio de cada um, segundo as percepções pessoais.

Antes de terminar esta palestra vale a pena indagar se os N universos relativos já existem "em atividade", "funcionando", ou se eles apenas existem em potencial, como probabilidades. Em outras palavras, será que eles já foram, ou já estão concretizados como coisas, ou se vão sendo estabelecidos à medida que a consciência os vai elaborando. Será que aquele meio básico vibrátil, do qual todas as coisas derivam e que constitui o universo absoluto, já está vibrando em todas as frequências possíveis? - Se ele já estiver vibrando em todas as frequências possíveis, em todas as combinações de faixas exequíveis, então os N universos relativos já existem de fato, em caso contrário eles são universos potenciais que surgem e desaparecem conforme as alterações do meio básico vão se apresentando e gerando as frequências características.

Se nossa mente fosse capaz de fazer vibrar o meio básico numa determinada frequência ao longo do eixo de vibrações e só tivéssemos condições de percepção daquela frequência. Neste caso o nosso universo, aquilo que tomamos como nossa realidade, seria somente aquela percepção e nada mais. Aquele universo existiria somente enquanto houvesse aquela mente para fazer vibrar o meio básico e para detectar o evento (Vide tema *ATRIBUTOS DA DIVINDADE*).

Por outro lado, suponhamos agora que a vibração do meio básico independa da mente dos seres. Neste caso todas as realidades subjetivas, em número inconcebivelmente elevado, já existem, todos os possíveis universos relativos já existem e para penetrarmos neles é só vibrarmos na frequência adequada (que não é fácil), ou estarmos presentes num dos pontos de batimento num momento adequado, onde e quando eles ocorrerem.

Os mentalistas afirmam que o universo é uma ilusão, que ele não existe como coisa. Naturalmente até certo ponto eles estão certos desde que se com esta afirmação quiserem dizer que cada ser tem um universo segundo suas recepções. Contudo eles não estão totalmente certos se estenderem isto para o conceito de "UNIVERSO ABSOLUTO"

O Universo Absoluto é fruto da Mente Cósmica e por isto existe independentemente das frações individuais daquela mesma mente presente em todos os seres.

"O UNIVERSO NÃO É UM LUGAR, E UM ESTADO SUBJETIVO".



O DESTINO DOS UNIVERSOS

"A META DE TODAS AS VIDAS
É A MORTE"
FREUD



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1984 - 3337

TEMA 0.066



O Universo é o resultado da ação da Consciência Cósmica sobre a Essência Cósmica numa transformação reversível. É o resultado da transformação de algo, por isto ele não é eterno e nem infinito. Eterno e infinito é apenas a *consciência*.

Em palestra anterior e comentamos sobre a origem do universo e da matéria nele contida. Vimos que aquilo que chamamos de universo compreende a soma das coisas detectáveis pela nossa consciência, tudo aquilo que é ordenado a partir das percepções. Vimos também que ele é apenas um fenômeno local a nível cósmico. Dissemos que um universo se sucede "ad infinitum" e comentamos a respeito de como "nasce" um universo e como se forma a matéria. Nesta palestra veremos como ele "morre", segundo o conhecimento místico e científico.

A ciência fica entre três hipóteses para explicar o destino do universo. Visando explicar como o universo nasceu, existem três maneiras distintas. Uma delas diz que o universo pode ter nascido de uma só vez numa grande explosão de energia e sem que antes algo haja existido. Surgimento a partir de um grande "ovo cósmico" em que estava contida toda a energia existente. A ciência, porém ela não diz nada a respeito do que existia antes. Uma variante da hipótese do "ovo cósmico" é a do "Big Bang" que diz haver ocorrido uma explosão que vem se sucedendo por toda a eternidade. O universo se expande, se contrai e volta a explodir novamente num eterno movimento tipo ping-pong. Esta hipótese é a que mais se aproxima da "Cosmogonia Brahmanista" da Índia. A terceira hipótese (Fred Hoyle) diz que o universo está constantemente se formando, que a matéria está sendo formada nos espaços siderais. Esta teoria é chamada de Criação Perene.

As três teorias são evidentemente incompletas. A primeira não é verdadeira, pois não existiu apenas o "ovo" citado. A segunda hipótese é parcialmente verdadeira, mas incompleta. Evidentemente um universo pode se expandir e contrair para novamente se expandir (big bang), mas o mais comum é ele se contrair voltando, porém, ao estado de manifestabilidade, voltando a ser aquilo que foi antes da grande eclosão.

A terceira é verdadeira, porém não como causa primeira da gênese de um universo, e sim como um processo de complementação e de renovação deste.

Assim sendo, nenhuma das três teorias pode ser considerada exata porque esse universo não é o primeiro e nem o único, muitos outros já pode haver existido e desaparecido. Além do mais ele não é uma realidade, e sim uma condição da mente.

Sabemos que eles nascem de uma eclosão de energia, se expandem e depois se contraem voltando ao estado inicial de antes da eclosão, voltando aos seus elementos primordiais RA e MA. Não seria uma "bolha" única, na verdade é apenas uma entre outras que emanam do seio da Existência Negativa, que nasce e se completa pela criação perene. Na realidade a criação perene não deixa de ser um processo de micro eclosão, apenas ela é uma eclosão tal imensamente menor do que a grande eclosão. A diferença, portanto, reside apenas no que diz respeito à quantidade de energia manifestada.

A ciência oficial ainda não sabe se a expansão do universo em algum momento no futuro se deterá para dar início à contração. Isto depende da quantidade de massa existente nele. Se não houver uma quantidade precisa de massa a expansão continuará eternamente (Universo aberto) porque neste caso não haveria força de gravidade suficientemente para deter a força centrífuga de expansão. Para saber isso é que a ciência está tentando determinar a massa total do universo. O resultado a que chegou até o momento indica que a massa mínima ainda não foi detetada. A quantidade está muitíssimo abaixo do limite mínimo capaz de deter a expansão, contudo a determinação da massa do universo ainda não é suficientemente conhecida. A cada dia descobrem-se novas formas de estruturação da massa e da forma como ela está distribuída no universo. Por isto é que a quantidade de massa detectada pela ciência cresce rapidamente o que fará com certeza que aquele limite necessário para deter o deslocamento da matéria do nosso universo seja atingido e assim este universo seja do tipo fechado.

A ciência, por desconhecer aquilo que originou a matéria, por desconhecer as afirmativas místicas sobre a Essência Cósmica que tudo origina, não considerou a possibilidade do aumento progressivo de massa no universo. Ela já descobriu os "Quasar", as Galáxias de Núcleos ativos (Galáxias de Seyfert) e outros que segundo a afirmação da teoria da Criação Perene de Fred Hoyle, são pontos de criação perene através dos quais está sendo constantemente injetada mais massa ao universo, onde a criação esta sendo continuada. Assim, se aquele limite ainda não foi atingido por certo no futuro o será e então o universo deixará de ser do tipo aberto para ser do tipo fechado. Aqueles núcleos ativos são nascedouros de energia a partir da Essência, e não o resultado de transformações de energia já integrante do universo. Se fossem apenas fontes de energia de transformação, neste caso não estaria havendo incremento de massa no universo.

A teoria da Criação Perene que diz que a energia está se transformando se ampliando a cada momento não está muito de acordo com o que diz o misticismo. Segundo a Teoria da Criação Perene nem toda a energia que hoje existe neste universo surgiu a partir da grande eclosão, pois há uma grande quantidade que antes não era parte integrante dele. Uma parte veio e ainda está surgindo depois do "Fiat Lux". Desta forma o universo está sendo constantemente "alimentado" de energia a partir da Essência Cósmica, portanto, com energia que está vindo de fora. Por outro lado o processo inverso também está ocorrendo, energia sob a forma de matéria está sendo retirada e canalizada para o outro lado da existência. Assim, mesmo que se considere a saída de matéria, mesmo que aquele limite de massa necessário para que o universo possa se contrair não haja sido ainda atingido, com certeza o será depois porque o volume de

massa introduzido pela criação perene é muito superior ao que é retirado dele.

Pela analogia que fizemos na palestra anterior, em que dissemos que o universo se assemelha a uma bolha numa superfície efervescente, podemos esclarecer melhor dizendo que a aquela bolha está sendo acrescenta de mais material vindo de fora dela, vindo da superfície do meio básico onde ela está situada.

Vamos mostrar de uma maneira menos técnica, de uma maneira mais simples, para um melhor entendimento por parte das pessoas que têm menos conhecimentos de física e de astronomia. Quando um objeto explode os estilhaços são lançados em todos os sentidos com uma intensidade que depende da força da explosão. Estilhaços são atirados para cima com grande velocidade, mas progressivamente eles vão desacelerando até que param e começam a cair. Isso acontece porque a força de gravidade é suficiente para segurar a força da explosão. Em outras palavras; a massa da terra é suficiente para deter a expansão dos estilhaços. Suponhamos agora que a terra fosse muito pequena, ou melhor, que tivesse uma massa diminuta. Neste caso a gravidade não seria suficiente para deter os estilhaços, e então eles não cairiam na terra e sim escapariam para o espaço. Por outro lado, se após a explosão ainda não houvesse massa suficiente para deter o deslocamento dos estilhaços, mas se dentro de um tempo hábil uma quantidade suficiente fosse somado à massa da terra, então a gravidade aumentaria pelo incremento da massa oriunda dos estilhaços que seriam detidos e cairiam. Isto é exatamente um dos motivos que faz com que um universo formado, mais cedo ou mais tarde, volte ao seu ponto inicial.

É possível um universo já seja criado com massa suficiente para que ocorra o processo de contração, assim como também é possível que outro seja criado com massa insuficiente, mas que progressivamente ele venha a adquirir a quantidade necessária pela criação perene, pelos “Quasares”, pelas “Galáxias de Seyfert”, pelos “Buracos Brancos”, etc.

Após essas considerações vamos iniciar o estudo do destino dos universos propriamente. Inicialmente vamos descrever alguns dos conhecimentos da Astronomia e da Física atual no que dizem respeito à massa, à gravidade, e à contração da matéria. Voltemos, pois ao exemplo de uma explosão, em que normalmente os estilhaços de uma explosão caem na terra porque esta tem massa suficiente para deter a velocidade de afastamento deles.

O afastamento dos estilhaços será tanto maior quanto mais intensa for a explosão. Será tanto maior quanto maior for a velocidade com que os estilhaços partiram do centro da explosão. Por outro lado, aquele afastamento será tanto menor quanto maior for a pressão da gravidade que o segura. Como a gravidade é diretamente proporcional à massa, então podemos dizer que quanto maior for a massa onde ocorreu à explosão, tanto menor será o afastamento, e conseqüentemente tanto mais rapidamente ocorrerá o retrocesso dos fragmentos. Em decorrência disto, para cada corpo celeste existe uma velocidade de escape, ou seja, há uma velocidade de deslocamento além da qual a pressão da gravidade do corpo considerado não conseguirá “segurar” o corpo que se desloca.

Exemplos:

Terra 11.23 km/seg.

Lua		2,4	"	"
Marte		5,0	"	"
Júpiter		60,5	"	"

Assim, tudo aquilo que partir com velocidade superior a esses limites não serão detidos respectivamente por aqueles corpos. Outro ponto que queremos fixar é que os valores citados necessariamente não são decorrentes do volume do corpo considerado e sim da sua massa. (Quantidade de matéria). Um astro pode ser muito pequeno, mas conter muita massa, dependendo disso do seu estado de "compactação".

Um corpo com massa superior a 2,5 vezes a do sol tem uma pressão gravitacional tão fantástica que determina duas condições a serem consideradas. Primeiro, é que a pressão de gravidade é tão fantástica que alguma coisa para se afastar deve deverá ter uma velocidade de escape superior a 300.000 km/seg. Ora, este limite é o da velocidade da luz, portanto num corpo cuja massa seja superior em mais de 2,5 vezes a do sol, e que haja sofrido uma compressão que o torne menor que um determinado limite (volume aquém do limite do raio de Schwarzschild) nem mesmo a luz é capaz de escapar dele, constituindo-se assim um Buraco Negro. Nada pode escapar dali porque nenhuma coisa material é capaz de se deslocar além de 300.000 km/seg. (Opinião da Física atual).

Naquelas condições o que ocorre com a matéria constitutiva daquele corpo? A gravidade é tão tremenda que desfaz a própria estrutura atômica. Numa primeira fase restam somente os núcleos atômicos (estrela tipo "anã branca"), depois os núcleos atômicos se desfazem, restando os prótons e elétrons que se combinam formando nêutrons (estrela de neutrons), para depois os próprios prótons e elétrons se desfazerem em algo que a ciência desconhece. A ciência apenas sabe que ali é o fim da matéria, que nada pode surgir nem ser emitido de lá. O corpo se reduz a um ponto que é chamado singularidade. O espaço ali está altamente deformado e a gravidade se faz sentir com tamanha intensidade que qualquer estrutura, dentro de certo limite, será inexoravelmente atraída para aquele ponto e ali absorvida, incorporado ao Buraco Negro a aquele sumidouro de matéria fenomenal.

Segundo o que a ciência afirma, num "buraco negro" a pressão da gravidade é tão grande que as partículas são destruídos, esmagadas, e totalmente aniquiladas pela força da gravidade. A ciência cita "partícula" como elemento o elemento constitutivo da matéria enquanto o preferível é mencionar a expressão "campo vibratório".

Segundo a cosmologia mística, num "buraco negro" há uma abolição progressiva da vibração e assim obviamente tudo aquilo que faz parte da Existência Positiva volta ao seu estado primitivo, ou seja, volta à "Existência Negativa", à energia, à Essência Cósmica, aos Atributos Essenciais do Poder Superior.

Segundo a Teoria do Universo Aberto a expansão não terminaria, ela continuaria infinitamente, porém afirmamos que isto jamais aconteceu e jamais acontecerá porque após uma eclosão, após a explosão criadora inicial segue-se a criação perene de partículas, quer individualmente no espaço sideral, quer nos "vazios" que existem dentro da matéria, quer em quantidade bastante elevada em nascedouros maiores de energia como os "quasares", os núcleos das Galáxias de Seyfert, etc. Isto é o que faz com que, mais cedo ou mais tarde, o

universo venha a ter a quantidade necessária de matéria para promover o retrocesso das galáxias, se é que já não contenha.

Mesmo que o universo fosse do tipo "aberto", e mesmo que nele não houvesse criação perene em quantidade suficiente para efetivar a reversão da expansão, ainda assim os "buracos negros" nele existentes, com o tempo, acabariam consumindo tudo. Neste caso apenas não haveria a retração total, mas as partes dele iria sendo aniquilado progressivamente. Assim sendo, quer num universo aberto, quer num fechado, há sempre um aniquilamento, há sempre a volta à Essência Cósmica, quer pela contração, quer pelos buracos negros isoladamente.

Agora vemos a razão pela qual o "Ovo Cósmico" jamais poderia ter sido constituído pelas formas de energia manifestável na Existência Positiva. Queremos salientar que a teoria do Big Bang não tem veracidade absoluta, pois conforme alguns cosmólogos, jamais a energia se concentraria numa estrutura capaz de reproduzir o "Ovo Cósmico", pois antes disto os Buracos Negros se formariam em número crescente e absorveriam tudo, nada sobraria, apenas restaria aquilo que em matemática e física é chamado de "singularidades", ou seja, uma deformação infinita do espaço. Não é, portanto, possível à formação de um "ovo cósmico" a partir da união das massas do universo, por esta razão a cosmologia mística afirma que isto somente é possível a partir da Essência Cósmica e não da junção da matéria constitutiva de um universo".

A parte da Essência que compõe um universo posteriormente pode voltar a constituir um outro, porém não aquele mesmo bloco de Essência como uma totalidade do material que antes esteve junto.

Quando ocorre o colapso de um universo tudo nele desaparece. Nada, absolutamente nada que o compõe subsiste. Tudo desaparece, exceto aquilo que for parte da Trindade **Consciência + RA + MA**. Toda a criação desaparece, todos os registros também. O que não desaparece embora fiquem manifestos são os **atributos** desta primeira Trindade, entre estes Consciência e os elementos UM e DOIS.

Claro que o registro no tempo, também chamado por algumas doutrinas de Registros "Akásicos", é apagado, mas não o Registro no Tempo⁴⁷ por se tratar de um registro em nível dos atributos da Primeira Trindade.



⁴⁷ Em tema avançado desta série estudaremos a diferença entre Registro Akásico e Registro no Tempo.

UNIVERSO - ESTADO ALUCINATÓRIO

“ASSIM ORDENOU A NATUREZA: QUE
TUDO SEJA VÃO E QUE TUDO PAREÇA
REAL”
U. FROSCOLO



2003 - 3356

TEMA 1.438



Como temos citado em diversas palestras, algumas doutrinas, especialmente aquelas resultantes dos ensinamentos védicos e herméticos, enfatizam que o universo em que vivemos nada mais é do que uma ilusão mental. Este é o primeiro dos Princípios Herméticos. Em decorrência da dificuldade da pessoa intelectualizar tal conceito é preciso que este princípio seja assimilado lentamente. Por isto a V O H recomenda não tentar descrevê-lo em uma só palestra e mesmo em uma única câmara. Assim sendo, preferimos ir seguidamente mostrando situações que inexoravelmente levam o discípulo à aceitação de que o Universo é mental.

Os místicos a fim de dirimir a dificuldade que as pessoas sentem em entender, e especialmente em aceitar que este mundo que se nos apresenta de forma tão estruturada seja apenas uma condição mental. No passado a argumentação era indefinida nem sempre convincente, mas atualmente vem se tornando cada vez mais fácil porque o mundo da informática, conceitos de ciberespaço dão força à possibilidade de mundos virtuais que, embora irreais, ainda assim, podem ser vivenciados como se o fossem reais. Já mostramos a possibilidade do nosso mundo ser algo semelhante a um programa de “realidade virtual”.

Certos pensadores místicos tentam atenuar a dificuldade de intelectualização do Primeiro Princípio lembrando aquele exemplo dado pelo filósofo vedanta Sankara em que é feita uma comparação entre uma corda e uma cobra. Uma pessoa num ambiente pouco iluminado está sujeito a ver uma corda e perceber ser uma cobra. Na verdade a cobra não existe, mas a corda sim. Isto é uma decorrência da precariedade da percepção dos seres. Baseados nisto, alguns tentam explicar que existiria um universo real correspondente à corda e uma imagem dele, diferente correspondendo à cobra.

Em algumas palestras preliminares afirmamos ser o universo uma *ilusão*, que seria a percepção quem o geraria a partir de alguma coisa preexistente. Uma coisa tomada como sendo outra, algo como diz o ditado popular: “Comer gato por lebre”. Que existiria algo que a mente interpretaria como sendo o que a pessoa considera o universo.

Agora que o discípulo já tem uma boa base de conhecimentos metafísicos básicos, então podemos nos aprofundar um tanto mais mostrando qual o conceito expresso em nível de

hermetismo superior, que dita que o universo não é uma ilusão, mas sim uma alucinação⁴⁸. A alucinação constitui um erro de percepção. A alucinação é uma percepção destituída de base física objetiva. Quando não há fisicamente presente qualquer base que seja a causa da percepção.

Em se tratando do Universo, não existe qualquer base para justificar a condição de ilusão, portanto ele é algo gerado ao nível da mente, o que o coloca na condição de alucinação. Em outras palavras, coisa alguma existe no mais elevado nível transcendental que possa ser percebida e interpretada como uma ilusão da existência.

Em uma palestra nível um tanto mais baixo dos ensinamentos herméticos dissemos que o universo não era uma *alucinação*, mas sim uma *ilusão* desde que haveria objeto a ser percebido, associado com outra coisa, algo que ao ser “visto” seria tomado com sendo o universo. Mas, agora já podemos dizer que não se trata precisamente de *ilusão*, pois não há coisa alguma que possa servir de base para uma deformação perceptiva. Todas as imagens, todas as formas, incluindo até mesmo o tempo linear, o espaço e a energia não são ilusões, mas sim alucinações, desde que não existe coisa alguma que possa servir de base para uma ilusão. Uma *ilusão* sugere a presença de algo externo, mas quando a percepção ocorre na ausência disto então se tem uma *alucinação*, e é isto precisamente o que acontece com referência ao Universo, pois no plano transcendental não existe algo mais para ser confundido com ele e gerar o mundo. No Transcendente, que é o tudo, só existe a *Consciência*, nada mais fora dela e sendo assim ou ela é o percebido ou o perceptor. Vê-se que falta uma das condições básicas para atestar uma ilusão. Se só existe a consciência, então ou ela é aquilo que percebe, ou o que é percebido.

Já comentamos a incerteza do universo perceptível em vários temas, especialmente em “O QUE É REAL?”. Na penumbra do anoitecer, se for olhada a paisagem em torno se vê poucas coisas, mas se for usado apenas um óculo de infravermelho, então, muitas coisas se tornam perceptíveis. Coisa alguma mudou no mundo, apenas mudou o nível de percepção, mas que permitiria serem considerados dois mundos. Onde a certeza? Será que aquele mundo constituído pelo que é visto através o óculo infravermelho pode ser considerado o verdadeiro mundo, ou será aquele outro ligado à visão comum? – Certamente nem um e nem o outro, pois ambos são resultantes de um pequeno aumento do nível de detecção. Se ampliarmos progressivamente o nível de percepção, outros aspectos do universo surgirão, e qual será o aspecto primeiro?.

Já falamos do limite como elo separador intermediário entre duas coisas ou condições. Assim é óbvio que coisas separam coisas, mas onde se situa o limite entre uma coisa e outra? Nos temas 1.416 e 1.417 mostramos que não existe aquilo que chamam de coisas. Coisas são frutos da ilusão da descontinuidade que é tão somente uma ilusão. Existe algo básico – MA – mediante o que a mente percebe limitadamente condicionando aquilo que consideram coisas distintas e separadas. Estudando o limite também se vê que para a existência de duas ou mais coisas se faz preciso um limite estabelecido pela presença de coisas distintas, mas levando-se a percepção ao extremo, a própria idéia de limite desmorona totalmente restando apenas algo único, conforme discutimos na palestra “Deus é o Limite”.

⁴⁸ Ilusão é percepção com objeto, algo é aceito como sendo outra coisa. Alucinação é percepção sem objeto, algo totalmente gerado pela mente.

No tema 1.427 – “O que são as coisas?” – chegamos à possibilidade de que coisa alguma existe a não ser a Consciência Cósmica. Se só existe a consciência, tudo o que se considere existir tem que se manifestar a partir dela. Não se trata de se ver algo nela, porque isto implicaria no observador estar de fora, e coisa alguma se situa fora. Mesmo no nível da Consciência, para haver *ilusão*, seria necessário a existência de coisas a serem tomadas – confundidas – por outras distintas. Mas, se não existem coisas, então não há como algo possa ser aceito como sendo outro.

A mente sendo um aspecto da própria consciência, sendo algo que não está fora dela, então não tem como perceber gerando uma ilusão. Para isto a percepção teria que estar fora da consciência. Somente se a mente fosse uma coisa separada desta, é que poderia haver equívoco de uma coisa ser aceita como sendo uma outra – a corda confundida com a cobra a corda. A ilusão da cobra não seria causada pela corda, por não existir a corda. Tudo estando contido na corda, é essa que percebe em si a presença da cobra. A mente não estando fora da consciência, ela, sendo apenas uma “polaridade” dela, ela não há o que ser percebido, ela não percebe, ela é cega, como dizem os orientais.

A mente é a própria ilusão de si mesma, assim sendo, tudo o que ela produz é *alucinação*, por não haver objeto para justificar o enquadramento na categoria de *ilusão*. Não havendo objeto para ser confundido pela mente, resta a única possibilidade de que o universo seja apenas uma *alucinação*, ela não confunde coisa alguma por inexistir coisas mas gera uma existência alucinatória.

Do que dissemos, podemos afirmar que no nível mais baixo, no nível da percepção sensorial o universo é real; em um nível um tanto mais elevado em que coisas podem ser consideradas existentes, então o nível é ilusório, mas considerando-se nível ainda mais elevado, onde só existe a *consciência*, então ele é uma *alucinação*, onde a mente percebe a partir da inexistência de uma coisa distinta para poder caracterizar uma *ilusão*.

O mundo como ilusão ocorre apenas em nível de dualidade, pois a única maneira de percebê-lo no nível da unicidade é o da *alucinação*.



O UNIVERSO - UM ESTADO MENTAL ALUCINATÓRIO

“ASSIM ORDENOU A NATUREZA: QUE
TUDO SEJA VÃO E QUE TUDO PAREÇA
REAL”
U. FROSCOLO



2003 - 3356

TEMA 1.487



Os místicos a fim de dirimir a dificuldade que as pessoas sentem em entender, e especialmente em aceitar, que este mundo que se nos apresenta de forma tão estruturada é apenas uma condição mental precisa usar várias metáforas que mostram a natureza mental de muitas condições do nosso dia a dia. No passado a argumentação era indefinida nem sempre convincente, mas atualmente vem se tornando cada vez mais fácil porque o mundo da informática, oferece conceitos de ciberespaço que dão força à possibilidade de mundos virtuais que, embora irreais, ainda assim, podem ser vivenciados como se o fossem reais. É lógico que o nosso mundo ser algo semelhante a um programa de “realidade virtual”.

Como temos citado em diversas palestras, algumas doutrinas, especialmente aquelas resultantes dos ensinamentos védicos e herméticos, enfatizam que o universo em que vivemos nada mais é do que uma ilusão mental. Este é o primeiro dos Princípios Herméticos. Em decorrência da dificuldade da pessoa intelectualizar tal conceito é preciso que ele seja assimilado lentamente e por isto Hermetismo recomenda não tentar descrevê-lo em uma só palestra e nem mesmo em uma única câmara. Assim sendo, preferimos ir seguidamente mostrando situações que inexoravelmente levam o discípulo à aceitação de que o Universo é mental.

Certos pensadores místicos tentam atenuar a dificuldade de intelectualização do Primeiro Princípio lembrando aquele exemplo dado pelo filósofo vedanta Sankara em que é feita uma comparação entre uma corda e uma cobra. Uma pessoa num ambiente pouco iluminado está sujeito a ver uma corda e perceber ser uma cobra. Na verdade a cobra não existe, mas a corda sim. Isto é uma decorrência da precariedade da percepção dos seres. Baseados nisto, alguns tentam explicar que existiria um universo real correspondente à corda e uma imagem dele, diferente correspondendo à cobra.

Em algumas palestras preliminares afirmamos ser o universo uma *ilusão*, que seria a percepção quem o geraria a partir de alguma coisa preexistente. Uma coisa tomada como sendo outra, algo como diz o ditado popular, “*Comer gato por lebre*”. Que existiria algo que a mente interpretaria como sendo o que a pessoa considera o universo.

Agora que o discípulo já tem uma boa base de conhecimentos metafísicos básicos, então podemos nos aprofundar um tanto mais mostrando qual o conceito expresso em nível de

hermetismo superior, que dita que o universo até pode ser considerado como uma alucinação⁴⁹. Em outras palavras, coisa alguma existe no mais elevado nível transcendental que possa ser percebida e interpretada como uma ilusão da existência. Em nível um tanto mais baixo dos ensinamentos herméticos dissemos que o universo não era uma alucinação, mas sim uma ilusão desde que haveria objeto a ser percebido – MA ou mesmo a energia – associado com outra coisa, algo que ao ser “visto” seria tomado com sendo o universo. Mas agora já podemos dizer que não se trata precisamente de ilusão, pois não há coisa alguma que sirva de base para uma deformação perceptiva. Há o Nada, o Vazio Quântico e não se pode dizer que isso seja uma base para o efeito da ilusão. Todas as imagens, todas as formas, incluindo até mesmo o tempo linear e o espaço e energia não são ilusões, mas sim alucinações, desde que não existe coisa alguma a que possa servir de base para uma alucinação. Alucinação é uma imagem mental oriunda de nada, e sabemos que o Universo tem como base exatamente o Nada no sentido quântico e não no nihilista.

Na alucinação a mente percebe algo que é tomado como sendo outra coisa, no caso do Cosmos não existe algo que a mente possa perceber para associá-lo a um outro algo – o universo. O que chamamos “Nada” não é a inexistência, mas a indetectabilidade, e assim sendo seja o que for que exista além do limite do cosmos e inacessível à mente, assim sendo não tem o que possa ser associado a algo.

Já comentamos sobre a incerteza do universo perceptível em vários temas, especialmente em “O QUE É REAL?”. Na penumbra do anoitecer, se for olhada a paisagem em torno se vê poucas coisas, mas se for usado apenas um óculo de infravermelho, então, muitas coisas se tornam perceptíveis. Coisa alguma mudou no mundo, apenas mudou o nível de percepção, mas que permitiria serem considerados dois mundos. Onde a certeza? Será que aquele mundo constituído pelo que é visto através o óculo infravermelho pode ser considerado o verdadeiro mundo, ou será aquele outro ligado à visão comum? – Certamente nem um e nem o outro, pois ambos são resultantes de um pequeno aumento do nível de detecção. Se ampliarmos progressivamente o nível de percepção, outros aspectos do universo surgirão, e qual será o aspecto primeiro?.

Já falamos do limite como elo separador intermediário entre duas coisas ou condições. Assim é óbvio que coisas separam coisas, mas onde se situa o limite entre uma coisa e outra? Nos temas 1.416 e 1.417 mostramos que não existe aquilo que chamam de coisas. Coisas são frutos da ilusão da descontinuidade que é tão somente uma ilusão. Existe algo básico – MA – mediante o que a mente percebe limitadamente condicionando aquilo que consideram coisas distintas e separadas. Estudando o limite também se vê que para a existência de duas ou mais coisas se faz preciso um limite estabelecido pela presença de coisas distintas, mas levando-se a percepção ao extremo, a própria idéia de limite desmorona totalmente restando apenas algo único, conforme discutimos na palestra “Deus é o Limite”.

No tema 1.427 – “O que são as coisas?” – chegamos à possibilidade de que coisa alguma existe a não ser a Consciência Cósmica. O que existir acima dela é o “Nada” exatamente porque não pode ser percebida de forma alguma. Se só existe a consciência, tudo o que se considere existir tem que se manifestar a partir dela. Não se trata de se ver algo nela,

⁴⁹ Ilusão é percepção com objeto, algo é aceito como sendo outra coisa. Alucinação é percepção sem objeto, algo totalmente gerado pela mente.

porque isto implicaria no observador estar de fora, e coisa alguma se situa fora por não existir isso em nível de infinito. Mesmo no nível da Consciência, para haver *ilusão*, seria necessário a existência de coisas – incluindo-se a energia - para serem tomadas – confundidas – por outras distintas. Mas, se não existem coisas, então não há como algo possa ser aceito como sendo outro.

A mente, sendo um aspecto da própria consciência, sendo algo que não está fora dela, então não tem como perceber gerando uma ilusão. Para isto a percepção teria que estar fora da consciência. Somente se a mente fosse uma coisa separada desta, é que poderia haver equívoco de uma coisa ser aceita como sendo uma outra – a corda confundia com a cobra. A ilusão da cobra não seria causada pela corda, por não existir a corda. Tudo estando contido na corda, é essa que percebe em si a presença da cobra. A mente não estando fora da consciência, ela, sendo apenas uma “polaridade” dela, ela não há o que ser percebido, ela não percebe, ela é cega, como dizem os orientais.

A mente é a própria ilusão de si mesma, assim sendo, tudo o que ela produz é *alucinação*, por não haver objeto para justificar o enquadramento na categoria de *ilusão*. Não havendo objeto para ser confundido pela mente, resta a única possibilidade de que o universo seja apenas uma *alucinação*, ela não confunde coisa alguma por inexistir coisas, mas gera uma existência alucinatória.

Do que dissemos, podemos afirmar que no nível mais baixo, no nível da percepção sensorial, o universo é real; em um nível um tanto mais elevado em que coisas podem ser consideradas existentes, então o nível é ilusório. Mesmo no nível em que só existe a *consciência*, então o universo é uma *alucinação*, onde a Mente percebe a partir da inexistência de uma coisa distinta para poder caracterizar uma *ilusão*. Não existe algo para ser aceito como sendo outro e sim uma gênese a partir de um nada,

O mundo como ilusão ocorre apenas em nível de dualidade, pois a única maneira de percebê-lo no nível da unicidade é o da *alucinação*.



O UNIVERSO - ESTADO ALUCINATÓRIO

“ASSIM ORDENOU A NATUREZA: QUE
TUDO SEJA VÃO E QUE TUDO PAREÇA
REAL”
U. FROSCOLO



2003 - 3356

TEMA 1.621



s místicos a fim de dirimir a dificuldade que as pessoas sentem em entender, e especialmente em aceitar que este mundo que se nos apresenta de forma tão estruturada, que seja apenas uma condição mental. No passado a argumentação era indefinida e nem sempre convincente, mas atualmente vem se tornando cada vez mais fácil porque o mundo da informática; conceitos de ciberespaço dão força à possibilidade de mundos virtuais que, embora irreais, ainda assim, podem ser vivenciados como se o fossem reais. Já mostramos a possibilidade do nosso mundo ser algo semelhante a um programa de “realidade virtual”.

Como temos citado em diversas palestras, algumas doutrinas, especialmente aquelas resultantes dos ensinamentos védicos e herméticos, enfatizam que o universo em que vivemos nada mais é do que uma ilusão mental. Este é o Primeiro dos Princípios Herméticos. Em decorrência da dificuldade da pessoa intelectualizar tal conceito é preciso que este princípio seja assimilado lentamente e por isto Hermetismo recomenda não tentar descrevê-lo em uma só palestra e nem mesmo em uma única câmara. Assim sendo, preferimos ir seguidamente mostrando situações que inexoravelmente levam o discípulo à aceitação de que o Universo é mental.

Certos pensadores místicos tentam atenuar a dificuldade de intelectualização do Primeiro Princípio lembrando aquele exemplo dado pelo filósofo vedanta Sankara em que é feita uma comparação entre uma corda e uma cobra. Uma pessoa num ambiente pouco iluminado está sujeito a ver uma corda e perceber ser uma cobra. Na verdade a cobra não existe, mas a corda sim. Isto é uma decorrência da precariedade da percepção dos seres. Baseados nisto, alguns tentam explicar que existiria um universo real correspondente à corda e uma imagem dele, diferente correspondendo à cobra.

Em algumas palestras preliminares afirmamos ser o universo uma *ilusão*, que seria a percepção quem o geraria a partir de alguma coisa preexistente. Uma coisa tomada como sendo outra, algo como diz o ditado popular, “Comer gato por lebre”. Que existiria algo que a mente interpretaria como sendo o que a pessoa considera o universo.

Agora que o discípulo já tem uma boa base de conhecimentos metafísicos básicos, então podemos nos aprofundar um tanto mais mostrando qual o conceito expresso em nível de

hermetismo superior, que dita que o universo não é uma ilusão, mas sim uma alucinação⁵⁰. Em outras palavras, coisa alguma existe no mais elevado nível transcendental que possa ser percebida e interpretada como uma ilusão da existência. Em nível um tanto mais baixo dos ensinamentos herméticos dissemos que o universo não era uma alucinação, mas sim uma ilusão desde que haveria objeto a ser percebido, associado com outra coisa, algo que ao ser “visto” seria tomado com sendo o universo. Mas agora já podemos dizer que não se trata precisamente de ilusão, pois não há coisa alguma que sirva de base para uma deformação perceptiva. Todas as imagens, todas as formas, incluindo até mesmo o tempo linear e o espaço e energia não são ilusões, mas sim alucinações, desde que não existe coisa alguma a que possa servir de base para uma alucinação.

Já comentamos a incerteza do universo perceptível em vários temas, especialmente em “O QUE É REAL?”. Na penumbra do anoitecer, se for olhada a paisagem em torno se vê poucas coisas, mas se for usado apenas um óculo de infravermelho, então, muitas coisas se tornam perceptíveis. Coisa alguma mudou no mundo, apenas mudou o nível de percepção, mas que permitiria serem considerados dois mundos. Onde a certeza? Será que aquele mundo constituído pelo que é visto através o óculo infravermelho pode ser considerado o verdadeiro mundo, ou será aquele outro ligado à visão comum? – Certamente nem um e nem o outro, pois ambos são resultantes de um pequeno aumento do nível de detecção. Se ampliarmos progressivamente o nível de percepção, outros aspectos do universo surgirão, e qual será o aspecto primeiro?.

Já falamos do limite como elo separador intermediário entre duas coisas ou condições. Assim é óbvio que coisas separam coisas, mas onde se situa o limite entre uma coisa e outra? Nos temas 1.416 e 1.417 mostramos que não existe aquilo que chamam de coisas. Coisas são frutos da ilusão da descontinuidade que é tão somente uma ilusão. Existe algo básico – MA – mediante o que a mente percebe limitadamente condicionando aquilo que consideram coisas distintas e separadas. Estudando o limite também se vê que para a existência de duas ou mais coisas se faz preciso um limite estabelecido pela presença de coisas distintas, mas levando-se a percepção ao extremo, a própria idéia de limite desmorona totalmente restando apenas algo único, conforme discutimos na palestra “Deus é o Limite”.

No tema 1.427 – “O que são as coisas?” – chegamos à possibilidade de que coisa alguma existe a não ser a Consciência Cósmica. Se só existe a consciência, tudo o que se considere existir tem que se manifestar a partir dela. Não se trata de se ver algo nela, porque isto implicaria no observador estar de fora, e coisa alguma se situa fora. Mesmo no nível da Consciência, para haver *ilusão*, seria necessário a existência de coisas a serem tomadas – confundidas – por outras distintas. Mas, se não existem coisas, então não há como algo possa ser aceito como sendo outro.

A mente, sendo um aspecto da própria consciência, sendo algo que não está fora dela, então não tem como perceber gerando uma ilusão. Para isto a percepção teria que estar fora da consciência. Somente se a mente fosse uma coisa separada desta, é que poderia haver equívoco de uma coisa ser aceita como sendo uma outra – a corda confundia com a cobra a corda. A ilusão da cobra não seria causada pela corda, por não existir a corda. Tudo estando contido na

⁵⁰ Ilusão é percepção com objeto, algo é aceito como sendo outra coisa. Alucinação é percepção sem objeto, algo totalmente gerado pela mente.

corda, é essa que percebe em si a presença da cobra. A mente não estando fora da consciência, ela, sendo apenas uma “polaridade” dela, ela não há o que ser percebido, ela não percebe, ela é cega, como dizem os orientais.

A mente é a própria ilusão de si mesma, assim sendo, tudo o que ela produz é *alucinação*, por não haver objeto para justificar o enquadramento na categoria de *ilusão*. Não havendo objeto para ser confundido pela mente, resta a única possibilidade de que o universo seja apenas uma *alucinação*, ela não confunde coisa alguma por inexistir coisas mas gera uma existência alucinatória.

Do que dissemos, podemos afirmar que no nível mais baixo, no nível da percepção sensorial o universo é real; em um nível um tanto mais elevado em que coisas podem ser consideradas existentes, então o nível é ilusório, mas considerando-se nível ainda mais elevado, onde só existe a *consciência*, então ele é uma *alucinação*, onde a mente percebe a partir da inexistência de uma coisa distinta para poder caracterizar uma *ilusão*.

O mundo como ilusão ocorre apenas em nível de dualidade, pois a única maneira de percebê-lo no nível da unicidade é o da *alucinação*.



O PARADIGMA HOLOGRÁFICO DO UNIVERSO

“AO TÉRMINO DO JOGO O REI E O PEÃO
VOLTAM PARA A MESMA CAIXA”
PROVÉRBO ITALIANO.


José Laércio do Egito - F.R.C.


2005 - 3358

TEMA 1.546



Este tema foi desenvolvido mais com o intuito de justificar tudo o que temos dito em palestras recentes, em especial na palestra anterior em que escrevemos baseado no que afirma a V.O.H. e em ilações tiradas do princípio Hermético do Mentalismo. Necessitamos dessas citações de cientistas para dar embasamento sério às afirmativas que temos feito e que para muitos ultrapassam as raias da razão, por violar todo o sentido de lógica e dos mais arraigados preceitos da Ciência Ordotoxa.

Nesta palestra transcreveremos trechos de trabalhos científicos atuais, especialmente do artigo “The Universe as a Hologram” que dá apoio às afirmativas feitas por nós. São conclusões a que têm chegado alguns dos mais elevados expoentes da física atual em seu mais elevado nível.

Durante muitas décadas nos meios científicos jamais alguém ousou contestar a afirmativa, baseada na Teoria da Relatividade de Einstein, de que nada pode se deslocar mais rápido do que a Luz. Diz ser a velocidade da luz (300.000 km/seg.) a maior possível no universo, contudo isto atualmente vem sendo posto em questionamento desde que há alguns anos foi efetivada uma experiência por uma equipe de físicos membros da Universidade de Paris e liderada pelo renomado Prof. *Allain Aspect*.

A experiência foi efetivada há algumas décadas e posteriormente foi repetida por outras respeitáveis equipes de renomadas universidades, entre elas a Universidade de Londres que chegaram a conclusões idênticas às do Prof. *Aspect*. Trata-se de uma descoberta que vem mudando muitos conceitos tidos até então como irrefutáveis.

A mencionada experiência leva à conclusão de que partículas subatômicas, como os elétrons, são capazes de instantaneamente se “comunicarem” com outras a despeito da distância que as separem, seja ela qual for. De alguma forma uma partícula sempre “sabe” o que qualquer outra em qualquer ponto do universo “está fazendo”.

Sendo verdadeiro o resultado da experiência de *Aspect*, algumas deduções podem ser tiradas. Uma delas é a de que a constante da velocidade da luz não é a maior velocidade possível, pois que a velocidade de interação entre partículas se processa em velocidade maior, podendo até mesmo ser considerada instantânea. Mas isto implica na violação da afirmação relativística de que nada pode se deslocar em velocidade superior à da luz.

Pelas conclusões da experiência de *Allain Aspect* chega-se à admissão de que distância não é empecilho para a interação instantânea, pois que não constitui barreira alguma para a “comunicação” entre partículas.

Uma dedução, contrariando a afirmativa da Teoria da Relatividade de Einstein, não seria a velocidade da luz a maior possível.

Outra possibilidade é a de o espaço (distância) seja uma ilusão, que tudo está centrado em um único ponto, portanto não havendo distância a ser vencida pela interação entre partículas. Essa possibilidade é precisamente a que o Hermetismo ensina - Espaço é uma ilusão da mente – O Universo é Mental. Mais ainda é que sem espaço nem ao menos pode existir mais que uma partícula. Isto pode ser ilustrado com uma das propriedades do holograma.

Á guisa de explicação para o resultado da experiência de *Allain Aspect*, o renomado físico quântico da Universidade de Londres, *Davi Bohm* afirma que a descoberta de *Allain Aspect* implica no fato da realidade objetiva não existir. Que a única forma de justificá-la é de que a despeito da aparente solidez o Universo ele não é mais que uma condição virtual contida em um *holograma* fantástico, gigantesco e extremamente detalhado.

Para facilitar o entendimento dos discípulos vamos transcrever parte de um artigo Intitulado: *The Universe as a Hologram*. “Um holograma é uma fotografia tridimensional feita com a ajuda de um laser e que permite que uma imagem seja vista tridimensionalmente. A tridimensionalidade da imagem não é a única característica dos hologramas. Se o holograma de uma rosa é cortado na metade e então iluminado por um laser, em cada metade ainda será encontrada uma imagem da rosa inteira. E mesmo que seja novamente dividida ainda assim cada parte sempre apresentará uma menor, mas ainda intacta, uma versão da imagem original. Diferentemente das fotografias normais, cada parte de um holograma contém toda a informação possuída pelo todo”.

Isso endossa o que afirma o Hermetismo: O Todo contém a parte, e a parte contém o todo. Mostra a razão pela qual *David Bohm* considera que a experiência de *Aspect* pode ser justificada sem ferir a constante da velocidade da luz desde que a percepção que se tem das partículas não seja mais que um efeito holográfico. Por essa razão o holograma é sugerido por *Bohm* como outra forma de se justificar a descoberta de *Aspect*. Segundo *Bohm*, a razão que habilita as subpartículas a permanecerem em contacto uma com as outras a despeito da distância que a separa não é porque elas estejam enviando algum tipo de sinal, mas porque esta separação é uma ilusão”. Diz o Hermetismo: Espaço é ilusão. “*Bohm* argúi que em um nível mais profundo de realidade estas partículas não são entidades individuais, mas sim extensões da mesma coisa fundamental”. O Hermetismo afirma Tudo é UM.

Para capacitar as pessoas a melhor entenderem uma das propriedades de um holograma. *Bohm* mostra como o possível efeito ilusório da interação de partículas à distância pode ser explicado: “Imagine um aquário que contém um peixe. Imagine também que você não é capaz de ver este aquário diretamente e conseqüentemente o seu conhecimento dele se dá por meio de duas câmeras de televisão, uma dirigida ao lado da frente e outra à parte lateral. Quando você fica observando atentamente os dois monitores, você acaba presumindo que o peixe de cada uma das telas é uma entidade individual, isto porque como as câmeras foram colocadas em ângulos diferentes, cada uma delas reflete uma imagem também ligeiramente diferente da outra. Mas, se você continua a olhar para as duas imagens, você acaba se dando conta de que

há uma relação entre eles. Quando a imagem de um peixe se vira, o outro faz uma volta correspondente apenas ligeiramente diferente. Quando um se coloca de frente para frente, o outro se coloca de frente para o lado. Se você não estiver sabendo das angulações das câmeras você pode ser levado a concluir que os peixes estão se comunicando, apesar de claramente este não ser o caso”.

Isto, diz Bohm, é precisamente o que acontece com as partículas na experiência de Aspect. Segundo ele a aparente ligação mais-rápido-do-que a luz entre as partículas subatômicas está nos dizendo realmente que existe um nível de realidade – percepção – mais profundo da qual nós estamos privados, uma dimensão mais complexa além da nossa própria que é análoga ao aquário. E ele acrescenta: “Vemos estas partículas subatômicas como se estivessem separadas uma das outras porque estamos vendo apenas uma porção da realidade delas”. “Estas partículas não são partes separadas, mas sim facetas de uma unidade mais profunda e mais subliminar que é holográfica e indivisível, como a rosa previamente mencionada”. “Como tudo na realidade física está compreendido dentro destes ‘eidolons’, o próprio universo é uma projeção, um holograma”.

Diz o articulista do “The Universe as a Hologram” Bohm diz: “Em adição a esta natureza fantástica, este universo possuiria outras características surpreendentes. Se a aparente separação das partículas subatômicas é uma ilusão, isto significa que, em nível mais profundo de realidade, todas as coisas do universo estão infinitamente interconectadas. Dentro deste conceito se pode dizer que os elétrons num átomo de carbono do cérebro humano estão conectados com as partículas subatômicas que compreendem cada salmão que nada, cada coração que bate, e cada estrela que brilha no céu”.



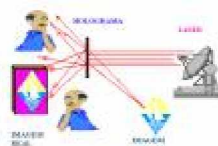
A NATUREZA HOLOGRÁFICA DO UNIVERSO

“O CAMPO DA CONSCIÊNCIA SE ORGANIZA
AO REDOR DAS NOSSAS INTENÇÕES”
DEEPAK CHOPRA



2005 - 3358

TEMA 1.547



O resultado obtido na Universidade de Paris pela equipe de físicos dirigida por *Allain Aspect* mostrando que as partículas subatômicas se “comunicam” entre si de forma instantânea independentemente da distância, é muito sensacional, pois sugere a possibilidade de velocidade superior à da luz, ou mesmo ilimitada. Isto só seria possível se a constante máxima da velocidade da luz estipulada em 300.000 k/s estivesse errada, ou a não existência de distância real, tudo estando contido em um ponto (espaço zero).

O renomado físico quântico inglês *David Bohm* fala de uma terceira possibilidade que consiste em ser o universo apenas uma imagem holográfica. Esta condição pode explicar a discrepância entre a Teoria da Relatividade no tocante à velocidade da luz e os resultados das experiências de *Allain Aspect*.

Bohm não é o único pesquisador que encontrou evidências de que o universo é um holograma e que o mesmo acontece com uma pessoa. O que condiciona essa suposição tem como base um trabalho no campo da pesquisa cerebral efetivado pelo neurofisiologista *Karl Pribram*, de Stanford. Muitas informações registradas no cérebro têm localizações específicas, mas outras, tais como a memória, se situam integralmente em qualquer das células. Já na década de 20 o neurofisiologista *Karl Lashley* observou que a mínima porção do tecido cerebral de um rato guardava a memória completa. Ele concluiu que não importava que porção do cérebro do rato fosse removida, ele era incapaz de erradicar a memória e de como remover certas atividades complexas que haviam sido aprendidas antes da cirurgia.

O grande problema envolvido na observação de *Lashley* foi que ninguém foi capaz de explicar como em cada célula estava contido o todo. Ninguém pôde explicar a natureza do “inteiro em cada parte”, ou seja, da estocagem da memória. Somente na década de 60 o neurofisiologista *Karl Pribram*, de Stanford, descobriu um modelo para solucionar o problema da memória. A única forma possível foi considerar o cérebro como sendo um holograma. Essa seria a única forma de explicar o “inteiro na parte”. *Pribram* se inteirou do conceito de holografia e entendeu que isto lhe dava uma forma de explicar o que os cientistas cerebrais estavam buscando descobrir.

Ora isto vem corroborar a afirmação milenar do Hermetismo, que O TODO ESTÁ NA PARTE, considerando na verdade todo fracionamento, toda descontinuidade existe somente

como ilusão do mundo imanente. – Tudo é Um.

O artigo já citado diz: *“Tudo interpenetra tudo e embora a natureza humana possa buscar categorizar e subdividir os vários fenômenos do universo, todos os aportes toda esta necessidade é de fato artificial e na verdade finalmente uma malha sem sentido”*.

“Em um universo holográfico”, até mesmo o tempo e o espaço não podem mais serem vistos como fundamentais porque conceito como localização se quebra diante de um universo em que nada está verdadeiramente separado de nada, tempo de espaço, como as imagens dos peixes nos monitores também podem ser vistos como projeções de ordem mais profunda.

“Seja o que for que o super-holograma do Universo contenha ainda é uma questão em aberto”. Pode-se até admitir, só como argumentação, que o superholograma é a matriz que deu nascimento a tudo em nosso universo no mínimo contém cada partícula subatômica que existe ou existirá. Cada configuração da matéria e energia que é possível, desde flocos de neve a quasars, desde baleias azues aos raios gama, devem ser vistos como um tipo de depósito de ‘Tudo que é’.

Mas o mais envolvente aspecto do modelo holográfico cerebral de Pribram é o que acontece quando ele é conjugado à Teoria de Bohm. *“Se a ‘concretividade’ do mundo nada mais é do que uma realidade secundária, o que está ‘lá’ é um emaranhado de frequências vibratória compondo imagens holográficas e se o cérebro é também um holograma então apenas ele apenas seleciona algumas das frequências daquele emaranhado e naturalmente as transforma em percepções sensoriais. Indaga-se, então o que vem a ser a realidade objetiva? - Colocando de forma simples, ela deixa de existir. Como as religiões orientais a muito vem afirmando, o mundo material é Maya, uma ilusão, e embora pensemos que somos seres físicos que se movem em um mundo físico, isto também é uma ilusão”*.

Somos realmente “receptores” flutuando num mar caleidoscópico de frequências, e o que extraímos desse mar e transformamos em realidade física não é mais que um canal entre muitos outros canais presentes no superholograma.

Extrato do artigo – Os Pilares de Hermes: *“Esta intrigante imagem da realidade, síntese das abordagens de Bohm e Pribram tem sido chamado de ‘Paradigma Holográfico’, que embora muitos cientistas tenham recebido isto com ceticismo, este paradigma tem galvanizado outros, assim é que um crescente grupo de pesquisadores acredita que este possa ser o modelo mais apurado da realidade científica que chegou mais longe. Mais do que isto, muitos acreditam que ele pode solucionar muitos mistérios que nunca foram antes explicados pela ciência e mesmo estabelecer o para normal como parte da natureza”*.

Outro cientista, Grof um dos pais da Psicologia Transpessoal pesquisando com LSD cita uma paciente que em estado modificado de percepção sentiu-se como sendo um dinossauro, que sua mente se integrava a de um dinossauro com características totalmente desconhecidas dela. Isto poderia ser uma memória relacionada com o DNA, mas o fato da paciente conhecer detalhes daquele animal fez com que essa hipótese não bastasse para justificar aquele tipo de percepção. Assim, por outra via, Grof chegou à conclusão de que a mente é parte de um continuum, parte de um labirinto que é conectado não somente as outras mentes que existem ou existiram, mas a cada átomo, cada organismo e região na vastidão do espaço / tempo. Ser possível uma pessoa ser capaz de ocasionalmente fazer entradas no labirinto e ter experiências transpessoais que podem parecer muito estranhas.

Muitas doutrinas, especialmente aquelas que praticam a meditação ou que usam indutores psíquicos de natureza vegetal (Ayusca, Peiote, San Pedro) em muitos momentos se sentem como parte de uma única coisa que compreende todo o universo. Sente que tudo é Um.

Keith Floyd, um psicólogo do Virginia Intermont College, baseado em tudo isso, afirma que a concretividade da realidade é apenas uma ilusão holográfica. Mais ainda, é a consciência quem cria a aparência do cérebro, bem como do corpo e de tudo mais que nós interpretamos como físico.

Percepções experienciais que envolvem realidades “não ordinárias” só são explicáveis pelo paradigma holográfico, tais como as descritas pelo biólogo Lyall Watson em um livro intitulado “Gifts of Unknowing Things”. Nele o autor descreve seu encontro com uma xamã da Indonésia que, realizando uma dança ritual foi capaz de fazer um ramo inteiro de uma árvore desaparecer no ar. Watson relata que ele e outro atônito expectador continuaram a olhar para a mulher, e ela fez o ramo reaparecer, desaparecer novamente e assim por várias vezes. Se isto é verdade, a mais profunda implicação do paradigma holográfico é que as experiências do tipo das de Watson, só não são lugar comum somente porque nós não temos programado nossas mentes com as crenças que fazem com que sejam.

Veja-se que as afirmações de Watson reforçam o que temos estudado sobre o Primeiro Princípio Hermético – O Universo é Mental – em que todas as realidades consideradas concretas não vão além do processo de criação de mundos por ação da mente. São palavras de Watson: *“No universo holográfico não há limites para a extensão do quanto podemos alterar a trama da realidade. O que percebemos como realidade é apenas uma forma – matriz – na qual desenhamos qualquer imagem que queiramos”*.

Atualmente por uma pedra retirada da ruína de um monumento antigo é possível holograficamente se ter a imagem da totalidade daquela edificação. Isto, diante da lógica do que postula a física clássica é uma aberração, mas na verdade é o que está começando a ser mostrado inequivocamente por experiências recentes. Não se sabe ainda como isto ocorre em nível de intimidade física. Acontece tal qual no exemplo da rosa seccionada em que qualquer parte restante, ou retirada, continua mostrando a rosa por inteiro quando examinada holograficamente. Coincide com o todo está na parte e a parte está no todo. Isto se encaixa perfeitamente na afirmação unística: Tudo é Um. Toda a existência não é mais que uma mesma coisa – Consciência – tudo o mais são ilusões impostas pela percepção mental.

Conclui o autor do artigo “The Universe as a Hologram”: *“Quer o paradigma holográfico de Bohm e Pribram seja aceito pela ciência, ou morra de morte ignóbil, é seguro dizer que ele já tem influenciado a mente de muitos cientistas. Mesmo se que descoberto que o modelo holográfico não oferece a melhor explicação para justificar as comunicações instantâneas que vimos ocorrer entre as partículas subatômicas, no mínimo, como observou Basil Hiley um físico do Birbeck College de Londres, os achados de Aspect indicam que devemos estar preparados para considerar radicalmente novos pontos de vista sobre o que é ou não é realidade”*.

